

NAZARETE DE SOUZA

UM ESTUDO DA ORTOGRAFIA DA OBRA *OS LUSÍADAS* (1572) DE  
LUÍS DE CAMÕES

Tese apresentada ao Programa de Lingüística do  
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientador: Professor Doutor Luiz Carlos Cagliari

CAMPINAS  
2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

So89u	Souza, Nazarete de. Um estudo da ortografia da obra <i>Os Lusíadas</i> (1572) de Luís de Camões / Nazarete de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.
	Orientador : Luiz Carlos Cagliari. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
	1. Camões, Luis de, 1524?-1580 – Lingüística Histórica. 2. Língua Portuguesa. 3. Ortografia. I. Cagliari, Luiz Carlos. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
	tjj/iel

Título em inglês: A study of the orthography of the works *The Lusíadas* (1572) of Luiz of Camões.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Portuguese Language; Orthography; Camões.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari (orientador), Profa. Dra. Patrícia Prata, Profa. Dra. Vera Pacheco, Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, Profa. Dra. Tânia Alkmim (suplente), Profa. Dra. Vandersí Sant'Ana Castro (suplente), Cristina Fargetti (suplente).

Data da defesa: 26/08/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.



BANCA EXAMINADORA:

Luiz Carlos Cagliari

Luiz Carlos Cagliari

Maria Bernadete Marques Abauure

Maria Bernadete Marques Abauure

Patrícia Prata

Patrícia Prata

Vera Pacheco

Vera Pacheco

Antônio Suárez Abreu

Antônio Suárez Abreu

Tânia Maria Alkmim

\_\_\_\_\_

Vandersi Sant'Ana Castro

\_\_\_\_\_

Cristina Martins Fargetti

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2009

*Não há como deixar de dedicar este trabalho especialmente a minha mãe, pelo empenho, persistência, dedicação e amor que me dispensou quando adoeci, ainda em fase de desenvolvimento desta pesquisa. Se não fossem os seus cuidados, provavelmente, hoje, este trabalho não estaria concluído.*

## Agradecimentos

A realização deste trabalho teve muitos “co-autores”! Tais co-autores me ajudaram em todo o percurso (nada fácil, sabem os que o acompanharam bem de perto) estando presente sempre, em todos os momentos! Momentos de alegria, de realizações... de descrença, de desespero (os quais não foram poucos), momentos de superação e de esperanças renovadas. Não posso deixar de mencioná-los, aqui, neste espaço! Assim, agradeço:

A minha mãe, Luzia, meu grande exemplo de pessoa corajosa, forte e batalhadora! Na sua simplicidade demorou a entender o que era um Mestrado e depois um Doutorado, mas quando isso se deu, quantas vezes e a quantas pessoas e com quanto orgulho falou de sua filha “que estudava na Unicamp”! Esteve presente e se alegrou com cada pequena conquista minha... esteve atenta e me deu seu colo no momento em que o meu chão tremeu sob meus pés... Mãe, você me fez nascer, e depois renascer, e só eu sei o que isso significa! Eu não teria terminado este Doutorado se não contasse com a sua determinação!

A meu pai que, mesmo sem nunca ter freqüentado uma escola, é um leitor assíduo e curioso; sem dúvida, sua sabedoria acrescentou muito ao meu conhecimento sobre o mundo.

A meus irmãos, que souberam aceitar o fato da irmã fugir do ninho em busca do que havia para além do morro.

A todos os meus sobrinhos, meus tesouros, pelo amor incondicional que me dispensam!

Aos meus amigos queridos, cada um tão especial a seu modo, me doando sem limites uma amizade verdadeira, um apoio incondicional. Não vou dizer “dividimos”, vou dizer “compartilhamos”, toda uma vida que, sem dúvida, nos fez amigos eternos, não importa a direção que seguiremos! Cito:

Luis Otávio... amigo desde os velhos tempos da nossa graduação na UEM, em Maringá! Obrigada por sua amizade, apoio e presença sempre!

Manu... fez por mim, com amor, tudo o que esteve ao seu alcance. Não terei nunca como lhe agradecer, a não ser ser-lhe uma amiga leal por toda a vida!

André Murari... a pessoa mais humana que conheci neste lugar. Descrevê-lo é impossível, porque é a soma de tudo o que um ser humano pode trazer de melhor em si! Privilégio imenso tê-lo em minha vida!

Paulinha... pessoinha indescritível que Deus me deu o privilégio de conhecer! Compartilhamos tudo: a mesma casa, as fotografias, os amigos, os segredos, os medos, os

sonhos, o passado, o presente e os projetos futuros. Com sua juventude e força trouxe muita mudança a minha vida! Obrigada!

Minhas amigas Letícia Fraga e Aurecy Costa, amigas de doutorado, mulheres fortes, determinadas, batalhadoras! Exemplos de superação! Obrigada pelos momentos compartilhados!

Meus amigos Pablo y Castro, Renato Andrade, Roberto, Alexandre Hans, Rodrigo Eisinger, Flávio, Fábio, André Ribeiro e João Paulo.

Minhas amigas Amanda, Hebe, Dani, Regiane, Renata e Sonia Aparecida.

Rafael Moraes, pela amizade, paciência e companhia divertida durante o tempo em que convivemos na ME.

Minha amiga Sandra Mayumi, que se manteve presente em minha vida durante todos esses anos, por meio de e-mails, mensagens e telefonemas, sempre compreensiva com a minha demora em lhe responder.

Ainda agradeço:

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IEL, especialmente ao Claudio e a Rose, pela gentileza sempre e pelas informações precisas.

A Bel, da Biblioteca do IEL, atenciosa e querida.

As pessoas que a mim confiaram suas teses e dissertações para revisão de texto, especialmente a Sayonara Pereira (IA/UNICAMP), hoje uma amiga.

Aos professores com os quais tive aula aqui na Unicamp, pela contribuição ímpar para a ampliação do meu conhecimento: Rodolfo Ilari, Suzy Lagazzi, Sírio Possenti, Tânia Alkmin, Anna Bentes, Wilmar D'Angelis, Raquel Salek, Angel Corberi, Maria Augusta.

Aos professores Wilmar da Rocha D'Angelis, Tânia Alkmim, Vandarsi Sant'Ana Castro e Patrícia Prata, por me aceitarem como PED em suas disciplinas.

Mais uma vez, a professora Maria Augusta Bastos de Mattos, e também à professora Denise Bertioli Braga, responsáveis pelo exame de minha qualificação fora de área em cumprimento do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do IEL.

A professora Gladis Massini-Cagliari pela gentileza com que me recebeu em sua casa nas vezes em que lá estive por conta da minha orientação com o professor Cagliari.

As professoras Maria Bernadete M. Abaurre e Vera Pacheco por comporem a Banca de Qualificação desta Tese e pelas valiosas sugestões.

As professoras Maria Bernadete M. Abaurre (UNICAMP), Patrícia Prata (UNICAMP), Vera Pacheco (UESB) e ao professor António Suárez Abreu (UNESP), por aceitarem participar da Banca de Defesa desta Tese, como membros titulares. Também as professoras Tânia Alkmin (UNICAMP), Vandarsi Sant'Ana Castro e Cristina Fargetti (UNESP) pela gentileza em participarem da Banca como membros suplentes.

Por fim, eu escreveria 'infinitamente' para agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Luiz Carlos Cagliari, o melhor orientador do mundo, o único que eu poderia ter!! Se não fosse por você, professor Cagliari, eu teria descreditado em mim quando tive o meu projeto de doutorado desconsiderado pela Fapesp. Foi difícil! Mas você estava ali, me incentivando sempre, revertendo a situação, destacando o meu potencial e a importância do nosso trabalho, apontando sempre o doutorado como uma mudança radical e certa na minha vida. Respeitou o tempo em que precisei ficar "quietinha no meu canto" e, depois, no momento exato, me cobrou o retorno à vida acadêmica, sem nunca me falar de outra maneira que não fosse gentil, fraternal. Até mesmo as broncas (bem) merecidas sempre foram paternas. Todas as vezes em que nos falávamos, fosse pessoalmente, por telefone ou por e-mail, eu me enchia de coragem, de energia e de vontade de dar o melhor de mim ao nosso trabalho! Queria te agradecer fazendo deste um trabalho a altura do seu mérito! Não foi possível, me perdoa! Para ti, a minha gratidão e a minha admiração serão eternas.

A Deus: agradeço pela vida, pela família, pelos amigos, pelos mestres, pelas pessoas especiais com que me presenteou e pelas tantas oportunidades e experiências que me concedeu vivenciar!!

*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças (...).*

*(Livro de Eclesiastes, cap. 9, verso 10, Bíblia Sagrada)*

---

*A Linguística conduz ao mais belo resultado de toda ciência, que é o de ligar ao grande todo as partes aparentemente mais fragmentárias (Gaston Paris).*

## Resumo

Esta Tese apresenta um estudo da ortografia de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, em sua primeira edição (1572). O principal objetivo é revelar a situação da ortografia portuguesa no século XVI. Este estudo, portanto, representa uma importante contribuição para um melhor entendimento da história da ortografia portuguesa bem como para a história da própria língua. A obra-prima de Camões é um dos trabalhos mais importantes na história da literatura portuguesa e tem um valor histórico relevante porque foi vista como um modelo, não somente pelos seus propósitos literários, mas também pela sua ortografia. O clássico camoniano influenciou de maneira muito significativa os rumos da ortografia da Língua Portuguesa, uma vez que representou uma clara divisão entre a antiga ortografia e os novos sistemas introduzidos pelos estudiosos do século XVI. Para cumprir o objetivo da Tese é apresentada, em resumo, a situação da ortografia antes e imediatamente após a publicação da obra de Camões, com a finalidade de estabelecer qual era o sistema ou a tradição no uso da língua escrita. Para tanto, os dois primeiros gramáticos portugueses, Fernão de Oliveira e João de Barros, são referências importantes para mostrar a pronúncia e a descrição dos segmentos fonéticos que eles associavam às letras. Por outro lado, os ortógrafos, Pero Magalhães de Gândavo, Duarte Nunes de Leão e Álvaro Ferreira de Vera, apontavam o melhor modo para escrever a língua, de acordo com a interpretação deles, indicando como a ortografia deveria ser. Em seus trabalhos há também descrição da pronúncia e de como as letras deveriam ser usadas para representar os segmentos fonéticos. Os trabalhos desses estudiosos foram usados aqui com o propósito de extrair as informações necessárias para entender como a língua era pronunciada e como deveria ser escrita no tempo de Camões. As gramáticas apareceram antes da publicação d'*Os Lusíadas* e os trabalhos dos ortógrafos depois. Neste estudo, os elementos gráficos das palavras foram analisados e interpretados de acordo com uma metodologia especial que foi utilizada pela autora quando escreveu uma dissertação de mestrado sobre a ortografia da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil. Finalmente, a presente Tese pretende contribuir para o estudo do sistema escrito e para o melhor entendimento dos fenômenos linguísticos relacionados à língua oral e escrita.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa 2. Ortografia 3. Camões

## Abstract

This thesis presents an orthographic study of Luiz Vaz de Camões' *Os Lusíadas* in its first edition (1572). The main objective is to reveal the situation of the Portuguese spelling at that time in the XVI century. This study, therefore, represents an important contribution to a better understanding of the history of the Portuguese orthography as well as to the history of the language. Camões' masterpiece is one of the most important works in the history of Portuguese literature. Given its importance since its first edition, *Os Lusíadas* has been seen as a model not only for literary purpose, but also for spelling, since it represented a clear cut between the old spelling and the new systems introduced by the first grammarians and orthographers in the XVI century. To accomplish the goals of the thesis, it is presented in short the situation of the spelling just before and immediately after the publication of Camões' book, in order to set up what was the system or the tradition in use to write down the language. To do so, the two first grammars of the language, one by Fernão de Oliveira and the other by João de Barros are important references to show the pronunciation and the description of the phonetic segments they associated to the letters. On the other hand, the orthographers pointed out the best way to write the language in their interpretation, indicating how the spelling should be. In their works we have also phonetic descriptions of the pronunciation and the description on how the letters were used to represent phonetic segments. The works by Pero de Magalhães de Gândavo, Duarte Nunes de Leão e Álvaro Ferreira de Vera were used for the purpose of extracting the necessary information to understand how the language were pronounced and should be written at Camões' time. The grammars appeared before the publication of *Os Lusíadas* and the orthographers' works appeared after it. The graphic elements of the words were analysed and interpreted according to a special methodology that was used by the author of this work when she wrote a MA Dissertation about the spelling of the famous letter by Pero Vaz de Caminha, about the discovery of Brazil. Finally, the present thesis intends to contribute to the study of the history of Portuguese language, to language teaching, to the study of writing systems and to a better understanding of linguistic phenomena relating oral and written language.

**Key words:** 1. Portuguese Language 2. Orthography 3. Camões

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo I – Panorama histórico-ortográfico da Língua Portuguesa no século XVI.....</b>	<b>27</b>
1.1 Portugal no Renascimento.....	27
1.2 O Renascimento e a “Questão da Língua”.....	29
1.3 Primeiros gramáticos e ortógrafos da Língua Portuguesa.....	33
1.3.1 Os gramáticos: Fernão de Oliveira e João de Barros.....	33
1.3.2 Os ortógrafos: Pero de Magalhães de Gândavo, Duarte Nunes de Leão e Álvaro Ferreira de Vera.....	37
1.4 Ortografia da Língua Portuguesa.....	41
1.4.1 Periodização histórica da ortografia da Língua Portuguesa.....	41
1.5 Ortografia.....	44
1.5.1 A formação de um sistema ortográfico.....	44
1.5.2 A ortografia da Língua Portuguesa.....	48
1.5.3 Camões como um clássico da Língua Portuguesa.....	51
1.5.4 Reformas e reformistas da Língua Portuguesa.....	53
<b>Capítulo II – Biografia de Camões: vida e obra.....</b>	<b>61</b>
2.1 Vida.....	61
2.2 Obra.....	69
<b>Capítulo III – Análise dos dados ortográficos d’<i>Os Lusíadas</i>.....</b>	<b>65</b>
3.1 Os sistemas ortográficos propostos pelos primeiros gramáticos e ortógrafos portugueses.....	65
3.2 Sistema ortográfico d’ <i>Os Lusíadas</i> .....	124
3.2.1 Aspectos gerais da obra.....	125
3.2.2 O alfabeto, diacríticos e outras marcas.....	127

3.3 Estudo das Vogais.....	135
3.3.1 A definição de vogal pelos gramáticos e ortógrafos e o emprego delas n'Os <i>Lusíadas</i> .....	135
3.3.2 A letra A.....	139
3.3.3 A letra E.....	144
3.3.4 A letra I.....	148
3.3.5 A letra O.....	154
3.3.6 A letra U.....	160
3.3.7 A letra Y.....	164
3.3.8 Vogais duplas.....	168
3.3.9 Variação das vogais.....	177
3.3.10 Encontros vocálicos.....	186
3.3.10.1 Ditongos.....	186
3.3.10.2 Hiatos.....	196
3.4 Estudo das Consoantes.....	198
3.4.1 A definição de consoantes pelos gramáticos e ortógrafos e o emprego delas n'Os <i>Lusíadas</i> .....	198
3.4.1.1 A letra B.....	201
3.4.1.2 As letras C e Ç.....	203
3.4.1.3 A letra D.....	211
3.4.1.4 A letra F.....	213
3.4.1.5 As letras G.....	216
3.4.1.6 A letra H.....	223
3.4.1.7 A letra J.....	235
3.4.1.8 A letra L.....	238
3.4.1.9 A letra M.....	243
3.4.1.10 A letra N.....	250
3.4.1.11 O til (~).....	254
3.4.1.12 A letra P.....	260
3.4.1.13 A letra Q.....	263

3.4.1.14 A letra R.....	266
3.4.1.15 A letra S.....	272
3.4.1.16 A letra T.....	278
3.4.1.17 A letra V.....	281
3.4.1.18 A letra X.....	285
3.4.1.19 A letra Z.....	288
3.5 Segmentação de palavras.....	292
3.5.1 Palavras aglutinadas.....	292
3.5.2 Palavras separadas.....	294
<b>Conclusão.....</b>	<b>297</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>301</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>311</b>
Anexo I – Retratos de Luis Vaz de Camões.....	312
Anexo II – Folha de rosto d’ <i>Os Lusíadas</i> , primeira edição de 1572.....	314
Anexo III – Lista de palavras retiradas dos cinco Cantos iniciais d’ <i>Os Lusíadas</i> .....	315
Anexo IV – Fac-símile do Primeiro Canto d’ <i>Os Lusíadas</i> .....	392
Anexo V – Folha de Rosto da Gramática de Fernão de Oliveira.....	427
Anexo VI – Folha de Rosto da Gramática de João de Barros.....	428
Anexo VII – Folha de Rosto da obra de Pero Magalhães de Gândavo.....	429
Anexo VIII - Folha de Rosto da obra de Duarte Nunes de Leão.....	430
Anexo IX - Folha de Rosto da obra Álvaro Ferreira de Vera.....	431

## Introdução

Em Portugal, há uma longa tradição de estudos de questões ortográficas, tratadas do ponto de vista histórico. Esses trabalhos foram feitos tradicionalmente por gramáticos e por filólogos e, atualmente, também por alguns lingüistas. Em 2003, foi publicado o volumoso trabalho (1050 páginas) de Maria Filomena Gonçalves, oriundo de sua Tese de Doutorado, intitulado *As Idéias Ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Nesta obra, há uma grande lista de autores portugueses que estudaram a ortografia e que será de grande utilidade no desenvolvimento da presente pesquisa.

No Brasil, a situação é bastante diferente, uma vez que encontramos apenas obras voltadas para aspectos didáticos da ortografia e, muito raramente, alguns trabalhos apresentados em congressos, voltados para questões que incluem reflexões sobre a história da ortografia.

Quer em Portugal, quer no Brasil, pode-se dizer que não existem trabalhos detalhados e completos voltados para a definição do sistema ortográfico de diferentes épocas e autores. A própria classificação da história da ortografia em épocas ou movimentos é muito questionável e apresenta uma visão muito simplista da realidade, embora mostre tendências mais ou menos salientes, devido à influência literária de certas obras, como o trabalho de Garrett e de Herculano, que batalhavam por modelos ortográficos próprios, em Portugal, ou do Movimento Modernista, no Brasil, e a famosa briga de Carlos de Laet contra a reforma ortográfica<sup>1</sup>.

Nesse quadro, o projeto de pesquisa de Luiz Carlos Cagliariari tem contribuído para um estudo histórico da ortografia da Língua Portuguesa, analisando ‘sistemas ortográficos’ encontrados em obras. Dentro dessa perspectiva, a Dissertação de Mestrado da autora desta Tese, analisando a Carta de Pero Vaz de Caminha é um exemplo.

Com esta pesquisa que empreendemos e que tem como corpus a primeira edição (1572) d’*Os Lusíadas*, do poeta português Luís Vaz de Camões, pretendemos

---

<sup>1</sup> Para esclarecimentos quanto a esse assunto, consulte a obra: FIGUEIREDO, Cândido (1921).

contribuir com mais um trabalho voltado para o estudo da ortografia da Língua Portuguesa, a fim de fornecer mais dados para a história da ortografia da nossa língua.

Empreender um estudo ortográfico em uma obra alçada à condição de marco histórico no registro da escrita da língua em que foi produzida, como *Os Lusíadas* para a Língua Portuguesa, exige, antes de qualquer coisa, um estudo retrospectivo, um retorno às questões ortográficas da época em que tal obra veio a público. Deste modo, o presente trabalho pretende contextualizar a ortografia da obra num momento histórico anterior e posterior a sua publicação. Num momento anterior, além da produção literária que vem desde os Cancioneiros, há, ainda, os gramáticos Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540). Num momento posterior, apareceram vários ortógrafos, como Pero de Magalhães de Gândavo (1574), Duarte Nunes de Leão (1576) e Álvaro Ferreira de Vera (1631), dos quais o mais importante foi Duarte Nunes de Leão. A escolha desses estudiosos para contextualizar a situação ortográfica do português neste período se justifica pelo fato de seus trabalhos possuírem grande valor como fontes de estudos para a descrição do português do século XVI.

Sobre a obra *Os Lusíadas*, embora sua primeira publicação tenha sido em 1572, Camões teria levado 16 ou 17 anos para escrevê-la, segundo estudiosos do autor. Por narrar em versos os grandes feitos portugueses no início dos Descobrimentos, tornou-se parte importante e inseparável do registro histórico de Portugal. Desde então, a obra e a vida de Camões despertaram o interesse ao longo do tempo e sob diferentes perspectivas. O épico, principalmente, foi reproduzido em centenas de versões portuguesas, traduzido em mais de cem línguas, como para o francês, o italiano, o inglês, o alemão, o grego, o russo. Nos estudos sobre a obra, o enfoque varia do literário ao ideológico, do estrutural ao geográfico, do político ao religioso. Todavia, ela permite ainda novos trabalhos, como esse que pretendemos realizar, por exemplo.

A análise dos aspectos ortográficos do poema *Os Lusíadas* é interessante levando-se em conta que Camões ao escrevê-lo, já tinha em vista (se não a obrigação) dedicá-lo ao rei, portanto, deve tê-lo produzido preocupado com o “escrever bem”. Temos de considerar também o fato de Camões ser um indivíduo escolarizado e de escrever num período de intensa preocupação com a sistematização ortográfica da Língua Portuguesa.

Estudar a ortografia propriamente dita d’*Os Lusíadas*, dentro de uma visão da Lingüística Moderna, é interessante, sobretudo, porque nos parece não haver ainda nenhuma contribuição a esse respeito, com a preocupação voltada ao que ocorria com a Língua Portuguesa no século XVI. Os estudos existentes a respeito da linguagem camoniana, quase sempre, fixam-se nas questões filológicas, sintáticas ou lexicais, preocupados em ‘traduzir’ o vocabulário da época para o português atual. Uma exceção é o estudo do Visconde de Juromenha que, na edição de 1880, computou as diferenças ortográficas e de pontuação existentes entre as duas primeiras edições.

Nosso estudo será realizado com base na primeira impressão da primeira edição d’*Os Lusíadas* (1572), que se encontra na Biblioteca Nacional do Brasil<sup>2</sup> (a segunda impressão de mesma edição encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal). Essas duas impressões ocorreram muito próximas e o que as distinguem são exatamente as diferenças ortográficas que se apresentam de uma edição para a outra (detalhe menor é a posição do bico do pelicano da portada da obra, uma o traz para a esquerda do leitor - a tida como edição príncipe ou primeira - outra para a direita). Não encontramos uma resposta definida para justificar a segunda impressão tão logo depois da primeira, mas alguns fatores são apresentados por estudiosos da obra de Camões. Um desses fatores, conforme o autor Rolando Monteiro (1973) diz respeito à correção dos erros encontrados na primeira. No entanto, ainda é considerada a mais correta a primeira impressão, a que provavelmente tenha sido revista por Camões. É isso que justifica a nossa opção em trabalhar com esta edição e não com a segunda. Como o acesso pessoal ao original é difícil, nosso contato com a obra será através de *downloads* de arquivos digitais disponibilizados pelas Bibliotecas.

A pesquisa que pretendemos desenvolver será de cunho teórico e descritivo. A metodologia que será utilizada consiste em: 1) fazer um levantamento de todas as ocorrências ortográficas que apresentam uma grafia interessante para caracterizar a ortografia da obra; 2) organizar os casos em tipos e comentá-los, quando necessário para a contextualização do fenômeno; 3) promover, também quando necessário, um paralelo entre as ocorrências encontradas na obra *Os Lusíadas* e as propostas dos gramáticos e ortógrafos

---

<sup>2</sup> A obra veio para o Brasil trazida pela Família Real, em 1808.

(citados acima) que foram aqui selecionados para contextualizar a situação ortográfica da Língua Portuguesa na época de Camões. Essa metodologia é similar à que foi usada pela autora em Dissertação de Mestrado<sup>3</sup>, quando fez estudo semelhante com a grafia da Carta de Pero Vaz de Caminha.

Ao realizar o presente trabalho, todavia, algumas decisões tiveram de ser tomadas. Como se pode observar mais uma vez, determinadas obras tendem a ter um padrão constante de ortografia. Por causa disto, não foi preciso fazer um levantamento completo n’*Os Lusíadas*, palavra por palavra. À medida que a pesquisa avançava, com os dados extraídos nos primeiros cinco cantos, foi possível constatar que já se tinha um sistema estabelecido e que começava a se repetir nas palavras. Por essa razão, a partir do quinto canto, somente casos especiais de grafia foram contemplados.

Uma vez feita a pesquisa e os levantamentos das informações ortográficas dos gramáticos e dos ortógrafos selecionados, a redação da Tese pôde ser organizada conforme apresentada: no Capítulo I, apresenta-se um panorama histórico-ortográfico da Língua Portuguesa no século XVI. O Capítulo II traz uma breve biografia de Camões, com especial destaque para sua vida e obra. O Capítulo III é o das análises dos dados ortográficos retirados d’*Os Lusíadas*. Toda descrição começa com uma apresentação dos sistemas ortográficos propostos pelos primeiros gramáticos e ortógrafos portugueses, passando, em seguida, para um levantamento de dados tirados da obra de Camões, partindo do alfabeto, diacríticos e outras marcas, para, em seguida, apresentar um estudo detalhado das letras que representam as vogais e as consoantes da língua. A Bibliografia mostra as referências usadas na Tese. Há obras dos ortógrafos antigos e de trabalhos recentes que dão suporte às análises e interpretações feitas, não somente quanto a aspectos históricos, mas também com relação a aspectos teóricos dos sistemas de escrita e, em particular, da ortografia. Uma Tese como esta precisa trazer anexos para mostrar os originais consultados e alguns arranjos de dados de forma mais completa e ilustrações complementares. Por isso, juntamos ao final, o facsímile do Canto I d’*Os Lusíadas*, os dados selecionados nos

---

<sup>3</sup> Souza, Nazarete de. **Estudos de alguns aspectos da ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha** (2002, pp. 127). Campinas: IEL/UNICAMP, 2002.

primeiros cinco cantos; e figuras do Poeta e das folhas de rosto das obras de Oliveira, Barros, Gândavo, Leão e Vera.

# CAPÍTULO I - Panorama histórico-ortográfico da Língua Portuguesa no século XVI

## 1. 1 Portugal no Renascimento

A história fixa os séculos XV e XVI como séculos de grandes empreendimentos na Europa e dá a Portugal<sup>4</sup> um lugar de destaque nos acontecimentos, pelo menos nos que tiveram como propulsor os descobrimentos marítimos. Isto se deveu à posição estratégica que Portugal ocupa no Ocidente da Península Ibérica (ponto privilegiado para as trajetórias comerciais marítimas), bem como pela sua tradição mercantil e náutica<sup>5</sup>. Assim declara Reis (1990):

(...) verifica-se um conjunto de condições novas que permitem à Europa sair da prolongada crise em que se havia encontrado. É uma saída no sentido da Expansão Econômica que vai acontecer pela descoberta de rotas marítimas atlânticas para os mercados internacionais afro-asiáticos. Portugal seria, por força das circunstâncias, o país pioneiro dessa aventura gigante e bem-sucedida (REIS: 1990, 57).

Se o século XV e a primeira metade do século XVI foram, todavia, períodos de descobrimentos, conquistas e formação de um grande império<sup>6</sup>, a segunda metade do

---

<sup>4</sup>“A expansão marítima é um amplo empreendimento coletivo que mobiliza as forças vivas da Europa inteira no objetivo de ultrapassar a grave crise resultante de todas as perturbações do século XVI, chamado justamente a época dos tempos difíceis” (REIS: 1990, 58). O século XVI foi o ‘século de ouro’ para Portugal. Neste século, Portugal tornou-se numa das maiores potências da Europa In site: [www.wikipedia.org.pt](http://www.wikipedia.org.pt).

<sup>5</sup> O Infante D. Henrique, filho de D. João I, dedicou toda a sua vida ao aperfeiçoamento dos projetos marítimos. Ao seu redor reuniram-se matemáticos, físicos, astrônomos e outros grandes especialistas em navegação de sua época. Juntos, os profissionais construíram naus e caravelas dentro do que havia de mais moderno na arte de navegar. Também aperfeiçoaram aparelhos árabes como a bússola, o quadrante e o astrolábio e desenvolveram o método dos “roteiros”, onde escreviam cuidadosamente as linhas de costa e as águas adjacentes (MARQUES: 1973, 367).

<sup>6</sup>O Império Português foi o primeiro e o mais duradouro dos impérios coloniais. Segundo historiadores, a expansão portuguesa começou com a conquista de Ceuta, em 1415, numa expedição organizada por D. João I.

século XVI anunciava o declínio do império português que segue até Portugal cair sob o poder da Espanha de Filipe II<sup>7</sup>.

Resumidamente, o fator principal que levou Portugal ao seu declínio foi o agigantamento do seu próprio império sobre o qual não conseguiu manter o domínio. Ou seja, Portugal conquistou um vasto império mundo afora, mas, ao longo do tempo, faltou-lhe condições para mantê-lo em termos de recursos humanos, despesas bélicas e administrativas. Desse fator maior, tem-se que: transformado em estado mercantil voltado para o comércio, Portugal relegou a segundo plano a agricultura e o artesanato, o que provocou desequilíbrios econômicos e financeiros, obrigando o país a importar gêneros essenciais. E, também, a intolerância religiosa que acabou expulsando do país famílias de judeus comerciantes e capitalistas. Os judeus eram donos de fortunas e talentos e sua retirada fez-se notar de forma negativa no desenvolvimento de Portugal<sup>8</sup>. Por fim, a “liberdade dos mares” permitiu a outros países o acesso ao caminho marítimo, aumentando a concorrência pelas riquezas exploradas pelos portugueses.

Por essa época, a Europa passava também por uma revolução cultural a qual foi denominada Renascimento. Em Portugal, favorecido pela expansão ultramarina e pela intensidade dos contatos internacionais, o Renascimento não tardou a se manifestar. Isso porque Portugal teve os olhos de toda a Europa voltados para si, o que veio a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento cultural. Em sua primeira fase, no entanto, o Renascimento português foi marcadamente originário da Itália, e não poderia ser diferente, uma vez que Portugal e Itália mantinham estreitos laços econômicos, religiosos e culturais.

Além dessas fortes conexões econômicas, os laços religiosos e culturais faziam da Itália o país mais freqüentemente visitado pelos portugueses no século XV, mais ainda que a própria Castela:

---

Mas foi o Infante D. Henrique a figura mais importante do início da ‘Era das Descobertas’. Dentro do grande império português estiveram territórios da África, da Ásia, da Índia e da América.

<sup>7</sup>Foi rei de Portugal a partir de 1580 e lá conhecido como Filipe I. Este rei possuía poderosos inimigos na Europa, como a Holanda, a França e a Inglaterra. O conflito com esses países prejudicou os interesses comerciais de Portugal e abalou fortemente o seu império (REIS: 1990, 91).

<sup>8</sup>“Socialmente, os judeus compunham pelo menos três grandes classes: os banqueiros ricos, mercadores, financeiros e detentores de cargos públicos, grupo pequeno mas economicamente importante; os artesãos, sobretudo alfaiates, ourives, ferreiros e sapateiros; e os pobres e indigentes, acaso uma minoria (...)” (MARQUES: 1973, 237).

(...) Para a Itália viajavam ainda príncipes da família real e suas comitivas, a fim de adquirirem cultura e conhecimento direto do cerne da Cristandade. (...) O prestígio das universidades itálicas e dos seus mestres chamavam estudantes a Bolonha, Siena, Florença, Pádua e outros centros afamados. Para Portugal vinham professores italianos ensinar os jovens aristocratas e o próprio rei. Eram bem acolhidos, bem tratados e bem pagos (MARQUES: 1973, 270-271).

Logo mais, as influências renascentistas chegaram a Portugal via França, Holanda, Inglaterra e Espanha. O crescimento econômico português propiciou um fluxo intenso de letrados e estudantes que iam atuar ou estudar nos melhores centros universitários fora do país, como em Paris, Lovaina, Oxford, Salamanca. Nesses centros, tais estudiosos entravam em contato com professores renomados e com formas diferentes e superiores de vida e de pensamento, levando-as a Portugal quando para lá retornavam.

## **1.2 O Renascimento e a "Questão da Língua"**

O Renascimento foi uma manifestação que se difundiu pela Europa durante os séculos XV e XVI, afetando praticamente todas as áreas sociais, significando uma oposição à concepção da mentalidade da Idade Média. Caracterizou-se pela passagem de uma visão teocêntrica de mundo (na qual a Igreja controlava as manifestações culturais e dava uma interpretação religiosa para os fenômenos da natureza, da sociedade e da economia, justificando a miséria, as tempestades, as pragas, as enchentes, as doenças e as más colheitas como castigos de Deus e, como bênçãos divinas, a riqueza, a saúde, as boas colheitas, o tempo bom) para uma visão antropocêntrica (na qual se reivindicou a valorização do homem como ser racional, portador de capacidade criadora e de explicar os fenômenos a sua volta) e a sociedade que até então era submetida aos dogmas religiosos,

libertou-se. As concepções renascentistas se refletiram em todos os setores do saber humano: economia, política, cultura, religião. Nas palavras de Reis (1990):

Os séculos XV e XVI são um tempo de renovação da Civilização Européia. Sucodem-se as transformações econômicas decisivas, a Burguesia triunfa em prestígio e riqueza por toda parte, as Monarquias solidificam-se com o poder da soberania real reforçado, a Cultura retoma um conhecimento profundo do Saber Clássico, a mentalidade humanista do Individualismo manifesta-se em novas maneiras de pensar e de sentir na vida social, nas Letras, nas Artes, nas Ciências, na Política e na religião (REIS: 1990, 77).

Foi na cultura, na arte e na filosofia, porém, que os efeitos do Renascimento ficaram mais evidentes. Como afirmou Ferreira (1939):

A Renascença tudo mudou: a mente da Europa ficou liberta. O contato com as belas obras da antiguidade clássica abriu-lhes as mais amplas clareiras. Filósofos, oradores, poetas, historiadores que fizeram da Grécia e de Roma o lar da graça e da sabedoria, trouxeram aos humanistas a firmeza nos raciocínios, a harmonia nas imagens, a virilidade na inspiração. (...) Foram abandonados os dogmas da teologia, trocados pelos problemas da humanidade (...) A razão fixou-se nos escaninhos da consciência, num exame incessante, ou percorreu a vida na infinita e dramática multiplicidade dos fenômenos para o desnudar dos seus enigmas. E a literatura refletiu esta orientação antimística, sedenta de episódios terrenos (...) As obras helênicas e latinas que os humanistas sabiam de cor e difundiam nos seus livros, ou às turmas escolares frementes de os ouvir, foram o veículo deste espírito poliforme, ansioso de se cultivar, insaciável de saber, que nos dá a essência do humanismo (FERREIRA: 1939, 184-185).

Nesse período, muitas invenções foram aperfeiçoadas, dentre elas, talvez a mais significativa tenha sido a da Imprensa, na segunda metade do século XV, já que ela revolucionou a produção de material impresso e possibilitou o acesso a obras que até então estavam restritas aos mosteiros e às abadias. O acesso a tais obras trouxe a público os

grandes clássicos greco-romanos que foram tomados como referência para os escritores renascentistas produzirem seus trabalhos. Entre os gêneros literários cultivados, a epopéia foi profundamente influenciada pelos clássicos. Diz Ferreira (1939):

Os poetas épicos gizavam os seus poemas com a mente fixa na recordação dos heróis homéricos e mantuanos. Iam-lhe todos no encaço. Virgílio pretendeu rivalizar com Homero, e por isso compôs a Eneida; Ariosto no Orlando Furioso, Tasso na Jerusalém Libertada e Camões n'Os Lusíadas, socorreram-se de Virgílio (FERREIRA: 1939, 188).

Em meio à efervescência renascentista, é levantada também a "questão da língua". Por "questão da língua" entende-se a tomada de consciência da legitimidade das línguas vernáculas em relação ao latim. As línguas vernáculas vão progressiva e definitivamente substituindo o latim nos níveis literário, científico e administrativo.

Com a maioria das línguas românicas e o seu uso nos diversos setores sociais, conseqüentemente, impôs-se o problema da escrita, que seguia submissa ao sistema latino. Os usuários da escrita, conscientes de que falavam uma língua, mas tinham de escrever em outra, dispuseram-se a representar graficamente a sua própria língua materna. Entretanto, a difusão de textos promovida pela imprensa e o número crescente de leitores exigiam que os textos veiculados apresentassem uma uniformidade na escrita, até então entregue à imaginação de cada escritor. Afirma Buescu (1984):

Com efeito, a introdução da imprensa apresenta-se como um instrumento novo que vai proporcionar ao próprio ato comunicativo uma força até então insuspeitada, perante a qual a primeira reação é quase a dum temor reverente. (...) À anarquia ortográfica do escritor, sujeito à sua imaginação e até a projetos e iniciativas individuais, por vezes caprichosos e discordantes ou mesmo dependentes da fantasia ornamental e simbólica do espírito medieval, sucede a supremacia da vaga tipográfica avassaladora e tão capaz de recusar propostas como de impor costumes. Sempre, porém, no sentido duma regularização (...) (BUESCU: 1984, 28).

É nesse contexto que se desencadeia o esforço no sentido de codificar as línguas vernáculas, fazendo delas objeto de reflexão e de estudos. Essas reflexões iniciais aconteceram na Itália, a partir da obra de Dante Alighieri, *De Vulgari Eloquentia*<sup>9</sup>. Daí por diante, proliferaram obras desse caráter, elevando as línguas românicas ao nível do latim.

Por sua vez, a realidade lingüística das línguas vernáculas se apresentava diferente da do latim e, portanto, fazia-se necessário a tais línguas criarem suas próprias regras ortográficas. Portanto, a gramática na românia, sob a visão do Renascimento, perdeu a função de ciência erudita, de estudo e crítica de textos e passou a exercer uma função normativa, ditando regras para o “bem escrever e o bem dizer”. Fávero (1996) afirma:

As gramáticas vulgares são normativo-pedagógicas (...) e têm a preocupação de mostrar que as línguas vulgares, capazes de serem postas em regras, têm direito a posição de destaque. Ao mesmo tempo em que adotam o modelo da gramática latina, modificam-no em função ou de seu ponto de vista descritivo ou dos materiais de que dispõem (as línguas vernáculas); trata-se de codificar seu uso (...) (FÁVERO: 1996, 34).

As primeiras tentativas de sistematização das línguas românicas, embora apresentassem lacunas ou até mesmo incoerências, não consistiram em uma tarefa fácil para seus autores, constituindo-se em propostas muitas vezes revolucionárias. Ao buscarem sistematizar uma língua vulgar, eles se viram no dilema de, por um lado, romper com a tradição - personificada na gramática latina - e, por outro lado, tê-la como único modelo.

Como resultado, ainda que de certa forma permanecessem ligados etimologicamente ao latim, assumiram uma atitude presencialista no sentido de projetar o uso sistemático da língua vernácula. Assim, no âmbito da língua, os gramáticos renascentistas deixaram de lado a especulação a respeito da origem e da motivação do vocábulo; sua preocupação foi, nesse momento, estabelecer o que o uso definiu e consagrou em relação às línguas românicas.

---

<sup>9</sup> Publicada entre 1303-4.

## 1.3 Primeiros gramáticos e ortógrafos da Língua Portuguesa

### 1.3.1 Os gramáticos: Fernão de Oliveira e João de Barros

Em Portugal, a “questão da língua” também se impunha, mas, aí, apresentou via dupla. Primeiro, pelo binômio ‘latim/vulgar’, depois, numa transferência, pelo binômio ‘português/castelhano’. O primeiro - latim/vulgar - estabelecia uma relação de proximidade do vulgar com o latim, ainda que esta proximidade não realçasse apenas as semelhanças. Isso porque, ao exaltarem as semelhanças da língua vernácula com o latim, os intelectuais portugueses queriam, com isso, também explicitar as diferenças entre as duas línguas.

Já o segundo binômio - português/castelhano - caracterizava-se como uma oposição também de cunho político, pois o castelhano era a língua de uma nação forte com a qual Portugal tinha rivalidade tanto na política interna como na política externa (expansionista). Fazia-se necessário, então, anular a oposição entre as duas línguas vulgares, até mesmo como afirmação da autonomia de Portugal frente a sua rival. Para isso, enfatizar o binômio latim/vulgar tornava-se viável, na medida em que, ao se estreitarem os laços com a língua-mãe, enfraquecia-se, ou neutralizava-se, o confronto português/castelhano.

Conseqüentemente, são muitas as receitas para o bem escrever a língua materna. Surgem decretos, tratados ortográficos, cartinhas e gramáticas. Dentre os primeiros teóricos da Língua Portuguesa destacam-se Fernão de Oliveira<sup>10</sup> e João de Barros<sup>11</sup>. O primeiro é responsável pela Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) e o

---

<sup>10</sup>Nasceu em Aveiro, em 1507. Entrou como noviço no Convento dos Dominicanos aos 13 anos, mas aos 25 abandonou o convento. Crítico da situação política e religiosa de Portugal, em sua época, foi perseguido como herege e se refugiou na Espanha. Depois, retornou a Portugal e lecionou para jovens fidalgos, dentre eles, os filhos de João de Barros. Entre 1545 e 1547, esteve em Londres e freqüentou a corte de Henrique VIII, defendendo suas posições heréticas. Esteve preso durante anos, regressando à liberdade já bastante doente. Faleceu em 1581. Destacam-se nas suas publicações (além da Gramática) o *Livro da Fábrica das Naus* e também a *Arte de Navegar* e a *Arte da Guerra e do Mar*.

<sup>11</sup>Descendente de família fidalga, nasceu por volta de 1496, em Viseu. Freqüentou desde muito jovem o Paços da Ribeira, onde desempenhou a função de moço do guarda-roupa do futuro rei D. João III, por quem foi incentivado à literatura. De 1525 a 1528 exerceu o cargo de Tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta. O exercício dessa função o pôs em contato com os problemas e com a documentação relativa à presença dos

segundo é autor da Gramática da Língua Portuguesa, Seguida de Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem (1540).

Embora Fernão de Oliveira tenha publicado quatro anos antes de João de Barros, muito já se discutiu a que obra, a de Oliveira ou a de Barros, se aplica definitivamente o título de primeira gramática portuguesa. Isso se deve exatamente ao fato de o próprio Fernão de Oliveira considerar a sua obra, não uma “gramática”, mas uma “primeira anotação” da Língua Portuguesa:

Esta é a primeira anotação que Fernão de Oliveira fez da Língua Portuguesa. Dirigida ao mui magnífico senhor nobre fidalgo, o senhor Dom Fernando Dalmada, filho herdeiro do mui prudente e animoso Senhor Dom Antão, Capitão Geral de Portugal, etc. (OLIVEIRA: 1536, 1v)<sup>12</sup>.

João de Barros, por sua vez, não só intitulou sua obra como gramática, mas também deu a sua definição de gramática:

Gramática é vocábulo grego: quer dizer ciência de letras. E segundo a definição que os gramáticos deram é um modo certo e justo de falar e escrever, colheito do uso e autoridade dos barões doutos. Nós podemos lhe chamar artifício de palavras postas em seus naturais lugares, para que mediante elas, assim na fala como na escritura, venhamos em conhecimento das tenções alheias (BARROS: 1971 [1540], 1).

---

portugueses na Índia, o que muito contribuiu para sua atividade de historiador. Em 1535, recebeu de D. João uma das capitânicas no Brasil, mas a expedição que empreendeu para ocupá-la foi a pique, fato que o empobreceu, além de tirar a vida de dois dos seus filhos. Faleceu em 1570. Entre as suas publicações constam uma novela de cavalaria com o título *Crónica do Imperador Clarimundo* (1530); uma cartilha conhecida como *Cartinha de João de Barros* (1439); *Diálogo da Viciosa Vergonha e Diálogo sobre os preceitos morais*; a *Grammatica da língua portuguesa*, obra acompanhada do *Diálogo em louvor da Nossa Linguagem* (1540) e *As Décadas*, tornadas públicas em 1552.

<sup>12</sup> As citações retiradas das obras dos gramáticos e ortógrafos aqui estudados são feitas a partir dos originais de tais obras. No entanto, para facilitar a leitura, fizemos transcrição dos textos para o português atual.

Discussões à parte, fato é que essas obras significaram um marco na história da escrita do português, pela audaciosa iniciativa que tiveram seus autores ao oficializarem as reflexões sobre a Língua Portuguesa, ainda que tivessem de conscientemente trabalhar com a preocupação dupla de fazer o novo partindo do já existente.

Quanto à “questão da língua” em Portugal, os dois estudiosos, embora unidos no ideal da legitimação da Língua Portuguesa, assumiram posições e adotaram práticas diferentes. Conforme Buescu:

(...) Se Oliveira é muito mais severo em relação ao binômio latino/português, é mais atenuada a sua consciência do desenvolvimento do castelhano como língua literária. Barros anula qualquer oposição quanto ao primeiro binômio (...). Para ele, o latim é sempre o modelo exemplar e a razão de prestígio. E, quanto ao castelhano, a oposição implícita toma uma forma discreta (ou não fosse ele o escritor palaciano sempre elegante e atento à contenção do seu discurso) (...) (BUESCU: 1983, 233-234).

Nesse contexto, no decorrer de sua gramática, Oliveira define a linguagem, discute a formação de palavras e se propõe a definir “gramática”. A parte mais original da obra, contudo, segundo a autora, em obra anterior, “é o pormenorizado estudo da pronúncia, articulação e grafia dos sons portugueses” (BUESCU: 1978, 52). Outro aspecto que ela considera curioso é a utilização de uma nomenclatura original, expressiva e inovadora. Oliveira utiliza, para denominar a origem ou a formação das palavras da língua portuguesa, os seguintes termos: “nossas”, “alheias”, “comuns”, “apartadas”, “juntas”, “velhas”, “novas”, “usadas”, “próprias”, “mudadas”, “primeiras”, “tiradas”. Nenhum gramático posterior a Oliveira utilizou-se dessas denominações.

Quanto a João de Barros, sua gramática apresenta um cunho estritamente didático. O latim é sua língua de referência e também modelo gramatical, mas o autor reconhece, todavia, a individualidade da Língua Portuguesa em relação à Latina. Contudo, a latinização em João de Barros é mais formal que essencial, pois se preocupa ele mais em demonstrar diferenças que relacionar identidades. Essa preocupação em individualizar a Língua Portuguesa da Latina fica clara a todo o momento com a utilização, pelo gramático,

de *nós* (os portugueses) em oposição a *eles* (os latinos). Ainda, segundo a mesma autora, um dos aspectos mais interessantes na obra de João de Barros consiste em que ele tenha discernido as principais inovações que as línguas românicas apresentariam em relação a sua independência do latim. A preocupação em contrastar o português e o latim também se revela em Fernão de Oliveira embora não tão evidente como em João de Barros.

Junto à preocupação em sistematizar gramaticalmente as línguas vernáculas, impunha-se também a preocupação em uniformizar a ortografia. Se a escrita já se constituía complexa estando subordinada ao sistema latino, ao romper com este os usuários da escrita se viram sem um sistema estabelecido para seguirem:

Efetivamente, as realidades lingüísticas da România, apresentavam-se completamente diferentes da latina e era, por conseguinte, necessário encontrar novos símbolos e representações gráficas que correspondessem e pudessem representar o novo sistema fonético (LEÃO: 1576, 19).

Ainda que não se deve desprezar as demais tentativas de uniformização da época, os trabalhos de Fernão de Oliveira e João de Barros merecem destaque pelo fato de que os seus projetos ortográficos procuraram singularizar as peculiaridades do português em relação ao sistema ortográfico latino. Isso não isenta, todavia, tais obras de apresentarem muitas contradições. Pereira (1999) argumenta: “Vale a pena observar que a doutrina dos primeiros gramáticos a respeito da questão ortográfica nem sempre se apresenta de modo uniforme, e as soluções por eles encontradas não foram, certamente, difundidas e aceitas de imediato” (PEREIRA: 1999, 160).

Fernão de Oliveira, por exemplo, preconizou um sistema ortográfico regular e simplificado, mas nem ele próprio seguiu as suas regras. Em sua obra encontram-se os mesmos vocábulos escritos de diversas maneiras, bem como o emprego irregular de maiúsculas. Em João de Barros, é notável a irregularidade na grafia de vogais.

Importa salientar, porém, que os problemas encontrados nessas obras resultam de tentativas iniciais e não da ignorância de seus autores. O trabalho com a língua é uma tarefa extremamente complexa, pois os dados disponíveis não são objetos estáticos no

tempo e no espaço. A língua é dinâmica. Fernão de Oliveira e João de Barros foram os primeiros a se debruçarem sobre a Língua Portuguesa como objeto passível de codificação e regras, de forma científica. Os seus trabalhos possuem grande valor como fontes de estudos para a descrição do português do século XVI. O papel que esses gramáticos exerceram no cenário português nada deixa a desejar aos demais gramáticos renascentistas das línguas vernáculas. Eles foram audaciosos ao tomarem para si a responsabilidade de projetar a Língua Portuguesa ao nível do latim, língua veicular da tradição e da cultura.

### **1.3.2 Os ortógrafos: Pero Magalhães de Gândavo, Duarte Nunes de Leão e Álvaro Ferreira de Vera**

Como já dito, a preocupação com a uniformização ortográfica da Língua Portuguesa veio concomitante à questão gramatical. Ao romperem com a tradição latina, as línguas vernáculas não possuíam o seu sistema próprio de escrita, o que resultou num período de “grande caos ortográfico”<sup>13</sup>. Com a imprensa facilitando/ampliando a circulação de textos, as diferentes grafias tornavam-se um grave inconveniente.

Ao lado dos gramáticos surgiram estudiosos preocupados em regularizar uma ortografia para as línguas neolatinas. Em relação ao português, segundo Monteiro (s/d)<sup>14</sup>, o sistema ortográfico durante o século XVI esteve submetido a uma tensão entre duas forças de difícil conciliação: de um lado, as propostas revolucionárias dos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros; e, de outro, os projetos de sistematização dos ortógrafos, dos quais merecem destaque Pero Magalhães de Gandavo<sup>15</sup>, Duarte Nunes de Leão<sup>16</sup> e Álvaro

---

<sup>13</sup> Expressão utilizada por Cagliari (1994a: 103).

<sup>14</sup> In site: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm)

<sup>15</sup> Filho de pai flamengo, Gândavo nasceu em Braga em data ignorada, assim como é incerta a data de sua morte. Historiador e cronista português é o autor da primeira história do Brasil (*Tratado da província do Brasil e Historia da Terra de Santa Cruz*), onde esteve por volta de 1569. Foi professor de Latim e escreveu o primeiro manual ortográfico da língua portuguesa.

Ferreira De Vera<sup>17</sup>. Dos gramáticos, a preocupação era “com uma escrita que correspondesse às exigências e características fonológicas da língua; os ortógrafos, por sua vez, pautavam-se pela adoção do princípio etimológico, com o intuito de respeitar a tradição greco-latina” (MONTEIRO: s/d)<sup>18</sup>. Isso quer dizer que enquanto os gramáticos procuraram interpretar as peculiaridades e diferenças do português frente ao latim, os ortógrafos preferiram um modelo conservador que valorizasse tanto quanto possível à origem das palavras.

A obra de Gândavo, *Regras Que Ensinam a Maneira de Escrever e a Ortografia da Língua Portuguesa, Com um Diálogo Que Adiante se Segue em Defesa da Mesma Língua* (1574), tem uma dimensão modesta e possui duas partes, as quais apresentam objetivos diferenciados. A respeito dessa divisão, afirma Buescu (1978):

A primeira [parte] é um pequeno tratado ortográfico que confronta o autor, muito claramente, com uma experiência didática. Pretende não fazer doutrina, mas ensinar a escrever bem e pronunciar corretamente, restaurando o prestígio da língua, para que os portugueses deixem de cometer erros que a deslustram e os deslustram. Dirige-se especialmente aos que “não são latinos”, porque os erros mais comuns provêm da ignorância dessa língua. (...) No Diálogo [segunda parte], (...) Gândavo pretende mostrar a ilustração da língua portuguesa, a sua apropriação para os gêneros heróico e cômico, bem como a sua adaptação aos ritmos do lirismo. (...) (BUESCU: 1978, 46).

A autora, comparando a obra de Gândavo com a de Barros, aponta igualdades e diferenças entre elas. De igual, a princípio, como a de Barros, a obra de Gândavo é dividida em partes independentes: a parte em que trata da língua e a parte em que faz exaltação à língua. De diferente, em relação à exaltação ou defesa da língua, enquanto Barros procura mostrar a “conformidade” do português com o latim e confrontá-lo com outras línguas,

---

<sup>16</sup>De origem judaica, nasceu em Évora, por volta de 1530, filho de João Nunes, médico hebreu. Foi jurista, lingüista e historiador. Dentre as suas obras (de número considerável) consta *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa* (1606) (inicialmente duas obras separadas). Faleceu em Lisboa, em 1608.

<sup>17</sup> Conhece-se pouco sobre a vida de Álvaro Ferreira de Vera. Sabe-se que morreu em 1667.

<sup>18</sup> In site: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm)

Gândavo observa apenas a competição entre o português e o castelhano, uma vez que para o ortógrafo era o castelhano, e não outra língua, que poderia abalar o prestígio da Língua Portuguesa. Interessante é apontar que as personagens utilizadas por Barros, no *Diálogo*, são pai e filho portugueses (o Pai e o filho Antônio), numa interlocução educada e elegante, enquanto as personagens do *Diálogo* de Gândavo são um Português e um Castelhana envolvidos numa discussão de rivalidades (BUESCU: 1978, 46-47).

Definir os gramáticos e os ortógrafos do século XVI como de tendência fonética ou etimológica com relação à ortografia é uma tarefa difícil, porque não fica claro em suas obras o que eles entendiam por aproximar a escrita da fala (tendência fonética, ou do latim, tendência etimológica). Contudo, por uma avaliação mais geral, os dois rótulos podem ser atribuídos, com alguns descontos.

Por fim, Buescu (1978: 46) comparando as obras de Gândavo e de Duarte Nunes de Leão, afirma que este último tem como interlocutores de sua obra “os conhecedores do Latim” e apresenta uma “notável erudição”. Em obra posterior, a autora diz:

Acrescentaríamos que o trabalho de Gândavo, por seu caráter conciso, é completado pelo de Duarte Nunes de Leão, que em linhas gerais advoga a mesma vinculação ao princípio etimológico, revivendo grafias já bastante distanciadas da pronúncia portuguesa (BUESCU: 1983, 194).

A obra de Duarte Nunes de Leão, *Ortografia da Língua Portuguesa* (1576), é, sem dúvida, um dos mais famosos tratados de ortografia da Língua Portuguesa e uma obra exemplar para outras línguas. Sua influência foi muito grande, o que se pode ver nos tratados posteriores que costumam citar essa obra como modelo, principalmente, para resolver dúvidas teóricas ou casos particulares de grafia de certas palavras<sup>19</sup>.

Da obra de Vera, *Ortografia ou Modo de Escrever Certo na Língua Portuguesa* (1631), Monteiro (s/d) aponta a semelhança com a obra de Leão e afirma que as duas obras

---

<sup>19</sup> Na Língua Portuguesa, a obra de Álvaro Ferreira de Vera, publicada em 1631, é praticamente uma cópia da de Leão, como mostramos nos parágrafos seguintes.

seguem o mesmo plano e apresentam poucas divergências na exposição do conteúdo, como, por exemplo, o tratamento de alguns aspectos ortográficos que são mais pormenorizados em Leão do que em Vera. O autor destaca, ainda, três características que tornam a obra de Vera uma cópia da de Leão, acrescentando, no entanto que, na época, copiar um autor, além de ser muito comum, era mais uma questão de homenagem do que uma apropriação de suas idéias:

(...) é flagrante a apropriação, sem qualquer referência, das definições, exemplos e trechos inteiros da obra de Duarte Nunes de Leão. É possível que este fato não deva ser considerado um indício de leviandade ou despreparo, senão que um desejo de imitação, quase uma homenagem ao autor plagiado. Se a justificativa é válida, não será mais do que uma repercussão da atitude dos escritores renascentistas que, a exemplo de Camões, repetiam os mais antigos em testemunho do valor que lhes atribuíam e do conhecimento que deles queriam demonstrar.

De qualquer modo, seja por submissão ao prestígio de Duarte Nunes de Leão, seja por outros motivos inimagináveis, o livro de Álvaro Ferreira de Vera veio contribuir para sedimentar o conservadorismo ortográfico, sem o radicalismo do seu antecessor (MONTEIRO: s/d)<sup>20</sup>.

Mais adiante, todavia, o autor se refere às singularidades da obra de Vera, destacando a sua simplicidade ou intuito pedagógico e a ausência de dogmatismo:

A simplicidade se manifesta no uso da linguagem, em que os torneios sintáticos e a própria seleção vocabular fogem ao eruditismo. Além disso, a preocupação pedagógica elimina pormenores desnecessários, reduzindo sensivelmente a extensão da obra em relação à de Duarte Nunes de Leão. Tudo em consonância com o objetivo primordial de disciplinar a ortografia portuguesa, através de um manual prático e acessível (MONTEIRO: s/d)<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> In site: Monteiro: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm)

<sup>21</sup> In site: Monteiro: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm)

O conjunto de obras citado acima, entretanto, não foi suficiente para firmar uma ortografia definida para a Língua Portuguesa. Ainda nos três séculos posteriores, o português continuou sendo escrito conforme o entendimento particular de cada escritor que adotava, ou seguia, o critério que considerava mais apropriado, como diz Sousa (1999):

(...) Tanto o português oral como o escrito fugiram a uma padronização rigorosa até o século passado. Os escritores, quando escreviam, seguiam critérios e orientações ora fonéticas, ora etimológicas, ou até estéticas, deixando na grafia do português atual as marcas desta babel (SOUSA: 1999, 34).

## **1.4 Ortografia da Língua Portuguesa**

### **1.4.1 Periodização histórica da ortografia da Língua Portuguesa**

Estabelecer rigorosamente uma data na qual a Língua Portuguesa apareceu documentada pela escrita é questão contraditória entre historiadores e filólogos. Huber (1933) e Said Ali (1964) estipulam o século XII como início da escrita portuguesa, mas reconhecem que já no século IX apareceram, nos textos de Portugal escritos em latim, os primeiros vestígios de uma escrita em Língua Portuguesa. Haury (1989) assinala o século XIII como época em que os primeiros vestígios do português escrito se afiguram, porém delimita, como marco inicial de uma escrita portuguesa, o século XIV. Mattos e Silva (1996), por sua vez, diz que é no século XIII que se inicia o português arcaico, ou seja, é o momento em que a história da escrita da Língua Portuguesa se principia, já que, nessa época, surgiram os primeiros textos escritos em português, os quais são, para ela, o *Testamento de Afonso II*, de 1214, e a *Notícia do Torto*, de 1214-1216. Esta autora, retomando um trabalho organizado por Castro (1988) afirma, ainda, que é comum entre alguns estudiosos (Pilar V. Cuesta, Lindley Cintra) a denominação de período *pré-literário*, de maneira geral, à fase em que ainda não se encontrava na produção escrita em latim

vestígios do que viria a ser uma futura língua românica em Portugal. Essa fase, para outros estudiosos (Leite de Vasconcelos, Silva Neto), estaria dividida em dois momentos: *pré-histórico* ou *proto-histórico*<sup>22</sup>. No primeiro não haveria vestígios de uma escrita portuguesa e, no segundo, tais vestígios já seriam notáveis em documentos tabeliônicos, escritos em latim bárbaro<sup>23</sup>.

Mas, se o início do português arcaico pode ser mais ou menos delimitado pelo aparecimento de documentos escritos, o término desse período ainda necessita de dados mais precisos. Mattos e Silva (1996), por exemplo, mesmo considerando o século XVI como marco final, afirma que “a fase arcaica da língua, com base em fatos lingüísticos, está à espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características lingüísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno” (MATTOS e SILVA: 1996, 16). Para esta autora, certo é não admitir um ponto final, mas estabelecer uma fase de transição do arcaico para o português tido como moderno. Segundo ela, por enquanto, são fatores extralingüísticos que marcam o fim do período arcaico e uma nova fase histórica da Língua Portuguesa<sup>24</sup>, por exemplo, a invenção da imprensa no final do século XV; a expansão portuguesa que propiciou o contato com diferentes povos e culturas, influenciando não só os hábitos sociais, mas também a língua. Outro fator relevante teria sido o surgimento das gramáticas normativas de Fernão de Oliveira, em 1536, e a de João de Barros, em 1540. Tais gramáticas, aliadas a um número de cartilhas que foram surgindo, abriram caminho para a normatização da Língua Portuguesa, elevando-a a língua de ensino ao lado do latim. Para muitos estudiosos, o que veio estabelecer uma fronteira entre esses dois períodos da Língua Portuguesa foi a publicação d’*Os Lusíadas*, de Camões, em 1572. É o que considera Rolim de Freitas (2000): “É com Camões que se data o início do Português moderno, embora seu vocabulário compreenda termos populares, arcaísmos e latinismos” (ROLIM de FREITAS: 2000, 77).

---

<sup>22</sup>Para maiores informações ver o quadro organizado por Castro (1988) e apresentado por Mattos e Silva na obra desta autora: *O português arcaico – Fonologia* (1996: 19).

<sup>23</sup> Latim bárbaro: (...) um latim sem regra, também misturado com o léxico de outras línguas, empregado pelos tabeliães; foi o latim bárbaro que os cartórios documentaram em contratos, testamentos, doações e outros escritos de ordem jurídica (HAUY: 1989, 12).

<sup>24</sup> Carolina Michaelis de Vasconcelos (1959: 19-20) cita fatores lingüísticos que marcaram essa transição.

Na periodização que faz da ortografia portuguesa, Williams (1975) a subdivide em três fases: a primeira, da “ortografia fonética”, teria prevalecido no período do português arcaico; a segunda, da “ortografia etimológica”, corresponderia ao período renascentista até o século XX; a terceira, o “período reformado”, teria se iniciado com a vigoração da nova ortografia, adotada pelo governo português, em 1911. Todavia, mesmo aceitando que houve um sistema fonético de escrita, Williams não defende que este tenha sido um sistema simplificado como outros quiseram fazer crer. Conforme ele, “muitas inconsistências se desenvolveram e um dos problemas era que os escribas representaram freqüentes vezes o mesmo som de diferentes maneiras e diferentes sons da mesma maneira” (WILLIAMS: 1975, 33). Por sua vez, Melo (1981) endossa as vantagens de uma ortografia fonética, pois a ortografia de qualquer sistema lingüístico, de acordo com ele, “será tanto melhor quanto mais precisamente corresponder à realidade falada” (MELO: 1981, 160). Mas a experiência o leva a acrescentar que esse ideal é irrealizável, “em primeiro lugar por causa da multiplicidade de caracteres que isso exigiria; em segundo lugar, por causa das variedades regionais e até individuais da pronúncia” (MELO: 1981,160).

Atualmente, começam a surgir estudos referentes à ortografia do português arcaico que são uma tentativa de esclarecimento a respeito do sistema de escrita que verdadeiramente vigorava naquele período. Cagliari (1994a) delimita como período arcaico do português os séculos XII a XIV e afirma que a falta de uma tradição ortográfica comum a todos os usuários da escrita em Portugal, fez com que esse período fosse marcado por um “grande caos ortográfico”<sup>25</sup>. Entretanto, o autor discorda da existência de uma ortografia fonética para a escrita do português antigo. Ele enfatiza que escrever como se fala é inviável para os usuários comuns da escrita, porque eles se deparam com o problema da variação lingüística. Para ele, então, não se deve ressaltar um período de ortografia fonética para o português antigo, mas salientar que o que ocorria, como já afirmado, era uma escrita baseada no modelo latino, sim, mas em grande parte intuitiva por parte dos escribas, o que ocasionava muitas confusões ortográficas devido à variação dialetal e ao uso individual que as pessoas faziam das grafias das palavras. Somente com o estabelecimento de uma

---

<sup>25</sup> (CAGLIARI: 1994a, 103).

ortografia oficial e fixa, as palavras já não poderiam ser grafadas de acordo com as decisões pessoais, pois as regras ortográficas neutralizam a variação linguística na escrita.

## **1.5 Ortografia**

### **1.5.1 A formação de um sistema ortográfico**

A princípio, a invenção do alfabeto pareceu ter suprido todas as necessidades que os sistemas de escrita anteriores não supriram, mas logo problemas relativos à grafia (forma gráfica) das palavras se apresentaram. A questão fundamental era o fato de uma mesma palavra poder ser grafada de modo diferente por falantes de dialetos diferentes. Por causa dessa restrição, o sistema alfabético precisou desde o começo encontrar formas mais gerais, criando uma ortografia. Certamente, o critério fonético absoluto nunca foi usado, porque seria apenas uma transcrição fonética e não um sistema de escrita útil a uma língua. De acordo com Cagliari (1986):

Foi por causa dessa flutuação nos sistemas alfabéticos de escrita, devido a pronúncias diferentes de uma mesma palavra, causadas pela variação dialetal, que se originou a idéia de se ter uma ortografia. Quando era raro escrever e ler, as diferenças nas grafias das palavras eram poucas e facilmente superadas pelos leitores. Porém, quando a sociedade começou a produzir e a usar muito a escrita, logo se percebeu que era preciso “fixar” a forma de se escreverem as palavras, para que falantes de dialetos diferentes encontrassem, na escrita, uma maneira fácil e “neutra” de ler (CAGLIARI: 1986, 67).

Deste modo, as regras ortográficas fixaram uma forma única de grafia para as palavras, neutralizando as diferenças de pronúncias que recebiam na fala.

Estabelecer um sistema ortográfico, todavia, não é um processo rápido e aleatório. Ao contrário, até que uma determinada sociedade chegue a um consenso, muitas são as divergências entre aqueles que detêm o poder da decisão e, mesmo depois de um conjunto de regras imposto, muitas contradições vão surgindo em consequência das reformas ortográficas que costumam aparecer ao longo do tempo, modernizando os sistemas de escrita, tal como ocorreu com a Língua Portuguesa<sup>26</sup>.

Impor um sistema ortográfico exige, portanto, a formação de uma tradição de usos, a começar pelo óbvio, que é a existência, na sociedade, de um sistema de escrita da língua. Além disso, requer um acordo quanto à correspondência entre letras e sons, ou seja, quais letras representarão este ou aquele som na escrita. Para isso, conforme Cagliari (1994b: 553), faz-se necessário considerar previamente questões de segmentação, pronúncia e forma lexical das palavras. Um dos problemas que surgem, segundo o autor, é escolher dentre as diferentes formas de pronúncia, qual deverá ser fixada pela ortografia. São geralmente favorecidas as formas consideradas cultas, faladas pelas pessoas de classes mais abastadas da sociedade, em virtude de essas pessoas terem acesso a um nível escolar privilegiado e, portanto, exercerem um domínio maior sobre a variedade padrão da língua<sup>27</sup>.

Dentre os estudiosos atuais da ortografia, Cagliari tem orientado e produzido trabalhos. Entre os trabalhos do autor, há *Aspectos Teóricos Lingüísticos da Ortografia* (2006)<sup>28</sup>, no qual faz um levantamento amplo a respeito de questões ortográficas, partindo de idéias e conceitos gerais vinculados ao termo “ortografia”. Conforme ele, as idéias mais

---

<sup>26</sup>Em 1911, em Portugal, foi realizada a primeira grande reforma ortográfica da Língua Portuguesa. Depois, em 1931, a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa propuseram um acordo ortográfico entre Brasil e Portugal. Tal acordo não prevaleceu e outros foram estabelecidos (1943 e 1945 e 1971 no Brasil) e 1973 em Portugal), mas as divergências persistiram. Em 1975, as respectivas Academias elaboraram um novo projeto de acordo, mas este não chegou a ser aprovado por motivos políticos. Por fim, em 1986, representantes de sete países de Língua Portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe) se reuniram para elaborar um projeto para a unificação da Língua Portuguesa nesses países, porém, embora tenha norteados modernos dicionários como o de Aurélio, de Houaiss e da Academia de Ciências de Lisboa, desde então, este projeto só veio a ser aprovado recentemente e a ortografia unificada, nele proposta, passou a vigorar no dia 1º de Janeiro do presente ano, 2009.

<sup>27</sup>A esse respeito Massini-Cagliari (1993: 31) afirma que, por ser uma escolha arbitrária, nem sempre a forma ortográfica escolhida para uma determinada palavra corresponde a uma das suas possíveis pronúncias. A autora cita como exemplo a palavra portuguesa ‘muito’ em que ‘ui’ é nasalizado por todos os falantes da língua, independentemente de sua classe social ou região.

<sup>28</sup>Trabalho ainda não publicado.

populares a respeito da ortografia estão relacionadas à correção ortográfica, ou seja, ao “como” se escrevem as palavras.

Foi na Gramática de João de Barros, de 1540, que a palavra ortografia apareceu registrada pela primeira vez, grafada “orthografia”:

Esta palavra, Orthografia, é grega: quer dizer ciência de escrever diretamente (BARROS: 1971 [1540], 40).

Ao longo do tempo e de acordo com as concepções lingüísticas subjacentes às idéias ortográficas da época, a grafia da palavra sofreu variações, tais como “orthographia” e “ortographia” no século XIX, e, finalmente, fixando-se “ortografia” nas reformas ocorridas no século XX.

A definição de “ortografia”, de forma geral, enfatiza apenas o seu caráter normativo, e o seu estudo encontra-se na ciência que dita o “certo” e o “errado” em linguagem, a Gramática. Assim, encontramos em Leão:

Ortografia é ciência de bem escrever qualquer linguagem, porque nela sabemos com que letras se hão de escrever as palavras. E diz-se de ‘orthos’ que quer dizer ‘direito e ‘grapho’, ‘escrevo’, como se disséssemos ciência de diretamente escrever (LEÃO: 1576, 1).

Em Vera (1631: 1):

Ortografia é a arte de escrever as vozes com as letras devidas à direita pronúnciação e segundo sua origem, porque orthos (em Grego) quer dizer direito; e graphos, escrevo: como se disséssemos escrevo como pronuncio.

Gramáticos atuais afirmam: “Ortografia (do grego orthographia, escrita correta) é a parte da gramática que trata do emprego correto das letras e dos sinais gráficos, na língua escrita” (CEGALLA: 1992, 31). “Ortografia é a parte da gramática que trata da

escrita correta das palavras” (FARACO e MOURA: 1999, 79). “[A ortografia] é parte da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras de uma língua” (GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA: s/d, 692. vol. 19).

As citações acima se referem explicitamente à ortografia como tratamento correto da escrita e fazem da ortografia apenas parte da gramática normativa, “lugar” em que a língua – e também a ortografia – é tratada simplesmente como uma variedade única, a variedade padrão. De acordo com Cagliari (2006):

As razões pelas quais se cria uma ortografia e as implicações que um sistema ortográfico tem sobre o sistema de escrita são, em geral, deixadas de lado ou consideradas secundárias, quando, na verdade, são as noções mais importantes. Porque a sociedade escolar dá pouca importância para esses aspectos básicos da ortografia e dá muita importância para o modo como as palavras devem ser grafadas, cria-se uma tradição cultural que vê a ortografia apenas como uma questão de acerto ou de erro (CAGLIARI: 2006, 3).

Com respeito aos sistemas de escrita, Cagliari (2006) cita alguns estudiosos que ao estudá-los – os sistemas de escrita – o fizeram voltados para a Linguística Moderna e não propriamente preocupados com a história de tais sistemas. Entre os nomes citados, Cagliari dá destaque aos trabalhos de Nina Catach:

Deixando de lado os reformistas da ortografia e atendo-se mais aos que procuraram uma explicação para sua natureza, função e usos, vamos encontrar, na tradição francesa de estudos mais recentes sobre a questão ortográfica, as contribuições mais específicas e que tiveram maior influência entre os estudiosos das questões ortográficas. No centro desses estudos, devem-se destacar os trabalhos de Nina Catach (CAGLIARI: 2006, 11).

Nina Catach é uma renomada estudiosa da ortografia, principalmente da ortografia francesa. Todavia, suas idéias como lingüista inserem-se dentro do estruturalismo francês, o que a leva a considerar a escrita como um espelho do sistema

fonológico da língua. Desse modo, a autora busca na escrita todos os elementos da fonologia, agora transformados em elementos do sistema de escrita. Apoiada inicialmente nos trabalhos de Hjelmslev, a autora adota o rótulo de grafema para as unidades básicas da escrita (ortográfica ou não). A partir daí e por analogia com as teorias fonológicas estruturalistas, vai acrescentando outros rótulos para descrever os diferentes fenômenos de variação e de classificação das letras (ou grafemas). Como o sistema assim constituído não dava conta de certas peculiaridades, acabou tendo que entrar no mundo mais geral e abrangente dos sistemas de escrita, propondo uma teoria específica para escrita, com um sistema próprio, chamado Língua L. Embora Nina Catach e seus colaboradores tenham produzido muitos trabalhos sobre a ortografia da Língua Francesa, indo da história da escrita do francês para teorias sobre a ortografia e mesmo sobre os sistemas de escrita, neste trabalho suas idéias não serão apresentadas nem discutidas, porque têm mais a ver com uma discussão teórica do que com a descrição da ortografia da obra analisada aqui.

### **1.5.2 A ortografia da Língua Portuguesa**

Se, em Portugal, a língua falada já se encontrava bastante distanciada do latim, o mesmo não acontecia com a escrita. Esta seguia submissa ao modelo latino. Com o passar do tempo, o latim deixou de ser língua familiar aos portugueses e, conseqüentemente, os usuários da escrita, conscientes de que falavam uma língua, mas tinham de escrever em outra, se dispuseram a tentar representar graficamente a sua própria língua materna.

A questão da uniformização da escrita em Língua Portuguesa preocupou os antigos escribas portugueses tão logo os seus textos circularam, uma vez que suas hipóteses sobre a grafia dos vocábulos, na maioria das vezes, não coincidiam e a leitura era, portanto, uma tarefa que se tornava um tanto complexa diante da variação gráfica. A circulação de textos permitida pela imprensa e o conseqüente aumento do público leitor exigiam, então, que os textos veiculados apresentassem uma escrita com as mesmas características, que facilitasse a leitura entre falantes de dialetos diferentes.

As primeiras tentativas de escrita em língua portuguesa ocorreram no registro de nomes em cartórios e só depois passaram aos textos<sup>29</sup>. Era um processo conveniente, utilizando o princípio acrofônico de escrita<sup>30</sup> e as letras do alfabeto latino: este “era usado como uma espécie de alfabeto fonético, porém com fortes restrições oriundas da ortografia das palavras latinas já tradicionalmente estabelecidas” (CAGLIARI: 1994 a, 106). Algumas dificuldades surgiram logo, uma vez que a Língua Portuguesa, a essa altura já bem distante da latina, apresentava alguns sons que não existiam no latim, por exemplo, os sons [ʒ], [ʃ], [ʎ], [ɲ] e os ditongos nasais. Conforme Leite de Vasconcelos (1966):

Os primeiros que tentaram representar graficamente o português viram-se em fortes embaraços: de um lado o modelo tirânico do latim, a qual mal podiam subtrair-se (como entre nós ainda hoje se sucede), e do outro precisavam de representar os sons da língua viva com suficiente exatidão, sons que por vezes eram absolutamente estranhos ao latim (...) (LEITE de VASCONCELOS: 166, 204).

A ausência de uma ortografia definida levava os escribas a conjecturar quais seriam as formas mais prováveis de grafias para as palavras. Por isso, nos textos desse período, encontramos grafias diferentes para a representação da nasalidade, por exemplo. Formas como ‘coraçõ’, ‘coraçam’, ‘coraçom’ e ‘nõ’, ‘nom’, ‘nam’, não querem dizer uma escrita baseada na fala de seus escritores, mas denunciam hipóteses que eles faziam sobre a escrita do português. Exemplificando com Cagliari (1994a):

Uma pessoa escrevia **ñ** para “não”; depois via escrito **nam** (como nas terminações verbais) e passava a fazer assim ou, se preferia o

---

<sup>29</sup> “Dada a sua natureza legal, documentos cartoriais precisam ser preservados e é nesse tipo de material que se encontram as mais antigas escritas de palavras portuguesas, sobretudo de nomes próprios. Certamente, havia também anotações comerciais que se perderam, dado o seu valor efêmero. Obras literárias demoram a aparecer e somente surgem quando a língua já tem um certo prestígio (...). Documentos oficiais e o ensino, principalmente escolar, continuaram ainda, por certo tempo, dependendo em grande parte do Latim” (CAGLIARI: 2006, 94-95).

<sup>30</sup>“(…) o fato de as letras terem nomes cujo primeiro som representa o elemento fonético associado à letra” (CAGLIARI: 1994a, 107).

til, podia grafar apenas **nã**. Porém, se via escrito **coraçom** para o que escrevia **coraçam**, começa a escrever também **nom**. Mais forte do que revelar uma escrita fonética, exemplos desse tipo mostram as hipóteses que esses escritores arcaicos tinham sobre como “criar” uma ortografia para o português (CAGLIARI: 1994a, 104).

Apesar disso, um sistema ortográfico ia se estabelecendo com base no que os escritores escreviam e copiavam. Algumas características desse sistema<sup>31</sup>:

- o uso de vogais duplas para indicar a qualidade vocálica em certos contextos, como em **avoo** (avó);
- o uso de til (antigo símbolo de abreviação) para indicar a nasalidade de vogais sem a presença de uma consoante nasal na seqüência: **derũ**, **quebrãtado**;
- aversão ao uso de consoantes duplas (com exceção de “rr” e “ss”, até mesmo em início de palavras);
- uso do ‘j’ para indicar a fricativa: **monja** (ainda que nos manuscritos continuou a aparecer o ‘j’ seguindo ‘i’ e ‘u’, para facilitar a leitura);
- abandonou-se o uso de letras “sobrando” na grafia das palavras, embora alguns exemplos ainda surgiam : **thirar**, **hũa**;
- o uso de “lh” para indicar a lateral palatal: **olhos**. O uso de “ll” representava apenas a lateral alveolar: **castello**, **ella**;
- o uso de “nh” para indicar a nasal palatal ocorreu desde o começo: **senhor**, **farjnha**, **vezinho**; porém, conviveu com formas como: **vïho** e **vïo** (vinho);
- o uso de “ch” para indicar a fricativa palatal/alveolopalatal [ʃ], também desde o começo: **Sancho**, **chegou**;
- pronomes oblíquos proclíticos eram escritos separados dos verbos: **a vyo**, **os vyo**, **a amava**; mas quando enclíticos, eram escritos ligados aos verbos: **mandouha**, **temeos**, **mandoulhe**;
- o uso de “ç” com valor de [s] em palavras como: **naçiam**, **çidade**, **doços**, **çeo**;
- o uso cada vez menos comum de abreviaturas;

---

<sup>31</sup>Retirado de Cagliari (1994a: 107-108) com algumas adaptações.

- uma escrita mais simplificada, procurando uma correspondência entre letras e sons a partir de um valor fonético atribuído às letras do alfabeto. Esta regra não encontra concordância entre os escritores, o que acabará obrigando os gramáticos, a partir do século XVI, a propor regras ortográficas para a língua.

Conforme Melo (1981), em seu início, a ortografia portuguesa foi “razoavelmente simples e bastante ajeitada à prosódia”, se comparada às do inglês e francês. O termo "prosódia" significa de acordo com a pronúncia geral das pessoas. A complicação que veio depois se deve à influência erudita trazida pelo Renascimento:

Nossa grafia começou razoavelmente simples e bastante ajeitada à prosódia. Depois, com a influência erudita, principalmente no Renascimento, entrou-se a complicar e a se multiplicar em variantes, e assim chegamos ao fim do século XIX num estado de balbúrdia tamanha que bem se podia dizer que cada alfabetizado tinha o *seu* sistema de escrita (MELO: 1981, 161).

Diante disso, as reformas ortográficas da Língua Portuguesa começaram já no século XVI, sem sucesso, considerando que somente no século XX foi fixada a ortografia tal como a encontramos hoje.

### **1.5.3. Camões como um clássico da Língua Portuguesa**

Como já foi dito, nos primeiros trezentos anos de escrita da língua portuguesa não havia uniformidade ortográfica, até mesmo por falta de uma tradição, de um modelo a ser seguido. Uma reformulação ortográfica, entretanto, nem sempre é desencadeada pelas tentativas formais de instrumentalização da língua. O aparecimento de uma obra clássica poderá favorecer essa reformulação na língua em que foi escrita. No século XVI, mesmo com as gramáticas, a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540), e alguns

tratados de ortografia<sup>32</sup>, na época, isso só veio a acontecer com a publicação d' *Os Lusíadas*, de Camões, em 1572, que apresentou um modelo ortográfico simples, propiciando uma reforma na escrita do português.

Sobre a renovação que *Os Lusíadas* trouxeram ao cenário lingüístico, Martins (1981) afirma que “a língua portuguesa, a seu turno, alçou-se a nível idêntico ao dos outros idiomas em que se vazaram as grandes obras-primas do pensamento da humanidade (...)” (MARTINS: 1981,18). Por sua vez, Cagliari (2006) diz:

(...) Uma grande reforma apareceu com a obra *Os Lusíadas* (1572), trazendo para a língua um modelo simplificado e elegante em que foram eliminadas muitas letras que não indicavam sons e não constituíam dígrafos. Houve a redução de letras duplas e uma certa normatização morfológica, de tal modo que as terminações das palavras tivessem uma representação padronizada. O uso do til foi reduzido, desaparecendo sempre que era possível representar a nasalidade vocálica através de uma consoante nasal em posição contígua (CAGLIARI: 2006, 97).

O impacto da obra de Camões sobre a ortografia da Língua Portuguesa, na época, pode ser avaliado quando comparamos as propostas de Fernão de Oliveira, de João de Barros e de documentos da primeira metade do século XVI, com o sistema da obra de Camões. Em alguns casos, a diferença é muito grande, como, por exemplo, comparamos a ortografia da carta de Pero Vaz de Caminha com a d' *Os Lusíadas*. Todavia, a obra de Camões não veio com uma ortografia chocante para as demais em uso, mas baseia-se, em geral, em usos vigentes. Sua característica principal com relação às demais é a tendência à simplificação da escrita. Trezentos anos depois, após muitas grafias cheias de dígrafos e de ‘y’, Gonçalves Viana lembra a ortografia de Camões como uma contribuição importante para a Língua Portuguesa ter um sistema ortográfico mais simplificado do que vinha sendo usado na segunda metade do século XIX.

---

<sup>32</sup> Os dicionaristas só aparecem no século XVIII.

Isso não significa que o modelo de Camões tenha sido o único ou até mesmo acatado por todos, na época. Como sabemos, ainda outros três séculos se passaram sem que a língua portuguesa oficializasse uma ortografia e deixasse para trás antigos hábitos.

#### **1.5.4 Reformas e reformistas da Língua Portuguesa**

Ainda que uma uniformidade ortográfica se fizesse necessária desde o princípio da escrita em Língua Portuguesa, e os trezentos anos iniciais tenham representado um grande esforço em prol de uma sistematização com o aparecimento de muitas obras a ela dedicadas, a grande reforma ortográfica da Língua Portuguesa só veio a acontecer no final do século XIX.

A preocupação com uma unificação ortográfica para a escrita portuguesa, como já dito, ocorreu desde que a Língua Portuguesa, já bem distinta do Latim, passou a ser registrada em textos. Nessa época, a ortografia, sem um modelo definido, seguia mais ou menos conforme o que cada escritor considerava mais conveniente. Com o aumento da produção e da circulação de textos que a imprensa permitiu, os escritores viam o que os demais escreviam e iam ajustando a grafia das palavras, de forma que uma tradição ia se estabelecendo. Assim, como afirma Cagliari (2000): “Embora houvesse muita flutuação na escrita de certos sons em certos contextos, as possibilidades de variação acabavam se restringindo a um certo conjunto de elementos, não permitindo inovações muito ousadas” (CAGLIARI: 2000, 1).

Os primeiros projetos ortográficos, entretanto, só surgiram no século XVI com a publicação das obras de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540). Essas obras, embora muito significativas, apresentaram uma sistematização ortográfica que não teve muita repercussão na escrita da língua. Foi a obra *Os Lusíadas* que apresentou um modelo simplificado que acabou influenciando a ortografia, de forma que a sua publicação marcou uma transição do português arcaico para o moderno. Não foi, todavia, o sistema ortográfico da obra de Camões que se fixou para o português na época. Mais uma vez, diz

Cagliari (2000: 6): “O modelo camoniano conviveu com outros e nem sempre foi o mais prestigiado e difundido. De lá para cá, a ortografia andou por muitos caminhos”. Até chegar ao sistema que usamos hoje muitas propostas e reformas foram promovidas. Ainda no século XVI, quase simultaneamente à publicação d’*Os Lusíadas* surgiram os primeiros tratados ortográficos, respectivamente, dos autores: Pero Magalhães de Gandavo (1574), Duarte Nunes de Leão (1576) e Álvaro Ferreira de Vera (1631), um pouco mais tarde. Estas obras, assim como as gramáticas, embora apresentassem propostas coerentes não foram tomadas como base para fixação de uma ortografia portuguesa.

Depois dessas, ao longo do tempo, outras obras importantes foram surgindo. Já no século XVII, podemos citar o *Methodo grammatical para todas as línguas* (1619), de Amaro de Roboredo; as *Regras geraes e breves da melhor orthografia* (1666), de Bento Pereira; *Ortographia da língua portugueza* (1671), de João Franco Barreto. No século XVIII, *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portugueza* (1734), de Madureira Feijó, a *Arte de grammatica da língua portugueza* (1770) de Antônio José dos Reis Lobato, a *Gramática Filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa (publicada somente em 1822); os tratados ortográficos de Madureira Feijó (1734), Luís Antonio Verney (1746), Frei Luis do Monte Carmelo (1767) e de Francisco Nunes Cardoso (1790); além dos primeiros dicionários, os de Rafael Bluteau (1712), Antônio de Moraes Silva (1789), da Academia Real das Sciencias (1793) e de Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo (1798)<sup>33</sup>.

Papel fundamental no processo de uniformização ortográfica apresentam as gramáticas e os dicionários, já que:

Um fator unificador das grafias das palavras está ligado ao caráter normativo que as gramáticas e os dicionários sempre tiveram. Além de mostrar como a língua funciona, as gramáticas e os dicionários costumam passar também a idéia de como a língua deve ser. Desse modo, agem de maneira impositiva e forte contra a variação lingüística. Nesse sentido, contribuem de modo muito importante para a padronização de uso principalmente da linguagem escrita e, portanto, da ortografia (CALIARI: 2000, 7).

---

<sup>33</sup> Detalhes sobre essas obras são encontrados em Fávero (1996) e Gonçalves (2003).

Todos estes trabalhos e tantos outros publicados nestes dois séculos<sup>34</sup>, XVII e XVIII, mais confundiram que esclareceram a situação ortográfica da época, como salienta Cagliari (2000):

De um lado e de outros, todos queriam melhorar a situação do sistema ortográfico vigente e, no geral, todos acabaram piorando ainda mais o que já existia. O que sobrou dessa experiência foi o reconhecimento de que a ortografia para ser um sistema operante deveria ter ou critérios lingüísticos ou critérios históricos, mas não ambos ao mesmo tempo (CAGLIARI: 2000, 8).

No século XIX, dessa maneira, o cenário ortográfico apresenta ainda uma grande imprecisão, com muitos modelos circulando. O sistema adotado sempre podia ser justificado pela autoridade de alguma obra ou autor. Porém, já no final desse século, na Europa, havia um grande movimento em prol de reformas ortográficas, tais reformas apresentavam-se influenciadas pelo avanço dos estudos lingüísticos, sobretudo dialetológicos, e propunham uma ortografia de base mais fonológica e menos etimológica (CAGLIARI: 2000).

Em Portugal, com o advento da República, em 1910, foi nomeado Chefe do Governo provisório Teófilo Braga que, além de um grande escritor, era folclorista e historiador, portanto, um grande conhecedor da língua. Dentre as reformas empreendidas pelo Governo português – Constituição, Lei da Família e outras - constava a reforma ortográfica. Da Comissão composta para promover esta última participaram renomados filólogos, gramáticos e conhecedores da língua do país: Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Carolina Michaelis, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Borges Grainha, Gonçalves Guimarães, Júlio Moreira e Ribeiro Vasconcelos.

Serviram de base, e foram adotadas, para essa reforma, quase que inteiramente, as propostas ortográficas de Gonçalves Viana<sup>35</sup>, que já haviam sido publicadas em seu livro

---

<sup>34</sup> Os trabalhos citados são apenas alguns exemplos. Gonçalves (2003), em sua obra volumosa, traz uma extensa lista de trabalhos e autores que apareceram na época.

básico intitulado Ortografia Nacional (1904) e, mais tarde, complementadas no Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Nacional (1909), no qual cada palavra vinha com explicações.

Essas reformas simplificaram a ortografia vigente<sup>36</sup>, todavia, principalmente no início do século XX, as mudanças ortográficas não foram imediatamente aceitas e muitos autores continuaram a escrever sob o modelo ortográfico anterior<sup>37</sup>. Ao longo do tempo, portanto, a reforma ortográfica continuou preocupando intelectuais e passou também a ser uma questão política, como mostra a extensa discussão sobre o assunto, (exposta no cronograma de reformas ortográficas propostas para a Língua Portuguesa, apresentado logo abaixo<sup>38</sup>) até chegar no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (em vigor desde janeiro de 2009), que unificou a ortografia do português nos oito países cuja língua oficial é o português :

1885 – Gonçalves Viana começa um projeto de reforma ortográfica da Língua Portuguesa;

1904 – Gonçalves Viana publica Ortografia Nacional. O dicionarista Cândido de Figueiredo simplifica a ortografia em suas obras.

1907 – A ABL<sup>39</sup> aprova o projeto de reforma ortográfica de Medeiros e Albuquerque. A regulamentação com algumas emendas sai em 1912.

1909 – Gonçalves Viana publica o Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa, com base na Ortografia Nacional.

---

<sup>35</sup> Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914), foi funcionário da Alfândega portuguesa e também um intelectual dedicado ao estudo de línguas. Falava fluentemente seis línguas: espanhol, italiano, inglês, francês, alemão e russo; e conhecia intimamente outras tantas, entre elas, a árabe.

<sup>36</sup> Wanke (1987: 14) afirma, ainda, essa ter sido uma decisão “unilateral”, ou seja, adotada em Portugal e também no Brasil sem que intelectuais brasileiros participassem da Comissão da Reforma.

<sup>37</sup> No Brasil, a publicação de livros cujos autores usavam o modelo ortográfico antigo perdurou até a metade do século XX. Segundo Cagliari (2006: 100), na prática, o Brasil aceitou uma reforma só em 1945, quando Brasil e Portugal fizeram um acordo. Mesmo assim, esse acordo foi rompido logo e no Brasil voltou-se a escrever conforme o acordo de 1943.

<sup>38</sup> Este cronograma traz informações retiradas de Cagliari (2000) com ligeiras adaptações. Também foi consultado o site: <http://pt.wikipedia.org>

<sup>39</sup> Academia Brasileira de Letras

1911 – Portugal aceita oficialmente uma ortografia baseada nos trabalhos de Gonçalves Viana e de uma comissão que elaborou a Nova Ortografia. É a primeira reforma ortográfica oficial em Portugal, publicada no Diário do Governo, n.º 213, no dia 12 de Setembro de 1911. A proposta portuguesa era unilateral e não coincidia com a proposta da ABL.

1915 – A ABL aceita a reforma portuguesa e adota a Nova Ortografia.

1919 – A ABL revoga a decisão de 1915.

1923 – Inicia-se um esforço diplomático para um acordo entre Portugal e Brasil em questão de ortografia.

1929 – A ABL propõe um novo acordo ortográfico.

1931 – ABL e ACL<sup>40</sup> assinam um acordo para reformar e unificar as ortografias. O acordo é reconhecido pelos Governos dos dois países. É o primeiro Acordo Ortográfico por iniciativa da Academia Brasileira de Letras e aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, em Portugal publicado no Diário do Governo, n.º 120, I Série, 25 de Maio de 1931.

1938 – O Governo brasileiro inclui algumas regras de acento e manda a ABL fazer um Vocabulário Ortográfico. José Nunes integra a comissão.

1940 – AACL divulga o Vocabulário Ortográfico, com modificações do Acordo feitas pelo Governo português.

1943 – A ABL publica o Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa, modelo ortográfico, um pouco diferente da proposta portuguesa. O Governo Brasileiro exige que todos os documentos oficiais sejam escritos na ortografia do Acordo de 1931. Em 29 de dezembro, a Convenção Luso-Brasileira, reunida em Lisboa, faz o acordo de unificação das ortografias.

1945 – A ABL e a ACL fazem um novo Acordo para unificar as ortografias do Vocabulário Ortográfico e do Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa. Começa a luta pela unificação, uma vez que a reforma ortográfica mais profunda e geral já tinha sido implantada. O Decreto-Lei n.º 8.286 de 5 de dezembro aprova o acordo, no Brasil. O Decreto n.º 35.228 ratificou as decisões do acordo, em Portugal. É publicado o

---

<sup>40</sup> Academia de Ciências de Lisboa

vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa, pela ACL e pela ABL, em 1947.

1955 – O Brasil achou que o Acordo baseava-se demais na pronúncia portuguesa, e a Lei 2623, de 21 de outubro, revoga o Decreto-Lei n.º 8.286 e volta à ortografia de 1943. Portugal ficou com a reforma de 1945 e o Brasil com a de 1943 do Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa.

1967 – Um grupo de estudiosos portugueses e de brasileiros reúne-se para propor uma unificação das ortografias, mas sem resultados.

1971 – O Brasil, com a Lei n.º 5765, altera a ortografia, suprimindo o acento circunflexo na distinção dos homógrafos, responsável por 70% das divergências ortográficas com Portugal, e os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo -mente ou iniciados por -z-.

1973 – Portugal também altera a ortografia, pelo Decreto-Lei n.º 32/73 suprimindo os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo -mente ou iniciados por -z-, como já se havia feito no Brasil.

1975 - A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras apresentaram uma nova proposta de unificação que não foi aprovada oficialmente. Os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALPO) também passam a discutir a questão da unificação das ortografias.

1986 – A ABL promove encontro dos países, cuja língua oficial é o português, para discutir e propor um novo acordo de unificação ortográfica. Da reunião de representantes dos oito países de língua portuguesa, no Rio de Janeiro, resultaram as Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa de 1945, Renegociadas em 1975 e Consolidadas em 1986 – também conhecido como o Acordo de Unificação Ortográfica, que nunca chegaram a ser implementadas. Portugal achou que o novo documento baseava-se demais nas peculiaridades fonéticas do português do Brasil.

1988 – A ACL produz um novo documento como base para o Acordo de Unificação, revendo o projeto de 1986. O Governo português criou a CNALP (Comissão Nacional da Língua Portuguesa) que, em junho, divulgou um documento analisando e

revido a proposta do Governo com novas sugestões. O Governo português não gostou dos resultados apresentados pela comissão e desfez o CNALP.

1990 - De nova reunião, desta vez em Lisboa, resulta um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, revendo o documento inicial e levando em conta o documento de 1988 e as sugestões de 1988.

1991 – Em 4 de junho, o Governo português aprova o Acordo de 1990.

1995 – No Brasil, em 18 de abril, o Senado aprova esse acordo, que já havia sido aprovado pela Câmara dos Deputados.

1998 - Na cidade da Praia, Cabo Verde, foi assinado um Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que retirou do texto original a data para a sua entrada em vigor.

2004 - Em São Tomé e Príncipe, foi aprovado um Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico prevendo que, em lugar da ratificação por todos os países, fosse suficiente que três membros ratificassem o Acordo Ortográfico de 1990 para que este entrasse em vigor nesses países.

2008 – No Brasil, em 29 de setembro, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva assina as mudanças da ortografia da Língua Portuguesa no Brasil, que passaram a valer a partir de 1 de janeiro de 2009.

2009 – Em 1 de janeiro, entra em vigor o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que unifica a ortografia de oito países de Língua Portuguesa: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor Leste e São Tomé e Príncipe. A partir de 2012, a ortografia anterior já não será mais aceita na escrita da língua nestes países.

Em relação ao Acordo, já em vigor, Cagliari (1994c), que participou das discussões científicas a respeito, afirma que o acordo ortográfico é um grande equívoco, principalmente pelas razões apresentadas para que fosse implantado. Diz ele:

Algumas pessoas se deixam seduzir por idéias banais como a de fazer reforma ortográfica achando que irão prestar grandes serviços à Nação. Uns acham que acabarão com as dificuldades

do analfabetismo, outros que tornarão a língua mais bela e mais elegante graficamente; finalmente, outros acham que os povos se unem porque escrevem com a mesma ortografia, que seus países vão ficar melhor representados perante as demais nações (CAGLIARI: 1994c, 1).

Ainda, para o autor:

A educação e a cultura precisam ser vistas com outros olhos e merecem outro tipo de atenção (...) [e] a ortografia é um bem cultural e, como tal, não pode se tornar objeto de leis e decretos. Cabe à ciência revelar sua natureza, funções e usos. Cabe à sociedade, através do uso, estabelecer o valor deste bem cultural. (...) o acordo ortográfico revela grande ignorância da natureza da ortografia e dos sistemas de escrita, em geral. (...) Como se vê, sob muitos aspectos, o Acordo Ortográfico, que nada mais é do que uma pequena reforma ortográfica é uma desgraça cultural, porque mexe com o conhecimento comum compartilhado da sociedade, desfazendo-o no momento de sua implantação e, depois de estabelecido, deixando tudo como era antes. Mudam-se algumas formas, permanecem os problemas, porque estes não se resolvem com reformas ortográficas, mas com Educação (CAGLIARI: 1994c, 1-2).

Em relação às reformas ortográficas, Cagliari, que há mais de 20 anos vem se dedicando ao estudo da ortografia de um ponto de vista lingüístico e histórico, dando ênfase, particularmente, à ortografia relacionada à alfabetização, afirma: “(...) As reformas ortográficas precisam ser discutidas dentro de um quadro teórico que, infelizmente, não tem sido levado em conta nas reformas do século XX e XXI. Falta um pouco de teoria sobre o que é a ortografia e não informações históricas” (CAGLIARI: In: JU: 09/2009, 7).

## CAPÍTULO II - Biografia de Camões: vida e obra

### 2.1 Vida

A respeito da biografia de Luís Vaz de Camões há muita controvérsia. De sua vida, tudo o que se sabe é muito incerto, dizem os que estudaram o poeta e sua obra. Nas palavras de Gotlib (1980):

Dúvidas, incertezas, hipóteses cercam até hoje a vida de Luís Vaz de Camões: no seu tempo, só os reis tinham biógrafos, (...) Camões não foi rei. E, portanto, não houve registro sistemático de sua vida, nem por estudiosos contemporâneos, nem por parentes seus (GOTLIB: 1980, 3)<sup>41</sup>.

Segundo a autora, os dados biográficos do poeta, conhecidos, foram extraídos de observações registradas em documentos oficiais tais como registros de armadas, cartas de perdão e de pagamento, ou em confissões feitas pelo próprio Camões. A esse respeito, já havia afirmado Carvalho (1977):

Contribui para isso o fato da personalidade de Camões ter sido cercada de certa aura de mistério, ou melhor, de indefinição. Não deixaram os coevos nenhum documento histórico válido sobre a pessoa do imenso Poeta. (...) Tem sido atribuída essa falha a um certo grau de emulação ou mesmo ciúme, azedado de inveja, com que sempre foi brindado Camões em sua vida em Lisboa (CARVALHO: 1977, 13).

---

<sup>41</sup> “A primeira biografia de Luís de Camões foi escrita em 1613, no Prefácio da edição de Domingos Fernandes, por Pedro de Mariz (1550-1615), filho de Antônio de Mariz, livreiro em Coimbra no tempo em que Camões ali vivia, e ele mesmo presbítero secular, bacharel em Cânones e guarda-mor da Livraria da Universidade, e assim em condições morais e cronológicas para da vida do Poeta conhecer dados essenciais”. In site: <http://www.revista.agulha.nom.br/camoes00html>

Em obra anterior, o mesmo estudioso diz:

Na realidade, a ânsia de penetrar nos vários aspectos de uma personalidade multiface e rica de adereços em cada ângulo de sua apreciação, fez perder a síntese do íntimo ser de Camões, criando em torno de sua pessoa e da sua obra um caudaloso afluxo de esplêndidos trabalhos interpretativos; (...) Tem-se redigido páginas mil sobre o estudante, o moço palaciano, o poeta lírico, o incomensurável e opulento vate épico, o boêmio, o soldado, o sofrido enamorado – mas a síntese que deve existir como substrato de todas essas facetas que compõem a sua personalidade, essa essência íntima de um ente aparentemente tão complexo e díspar fica esfumada em seus contornos (...) (CARVALHO: 1976, 11-12).

Assim, pelo que consta<sup>42</sup>, teria sido ele neto de um trovador galeziano, Vasco Perez de Camões<sup>43</sup>, e filho único de Simão Vaz de Camões<sup>44</sup> e de Ana de Sá Macedo<sup>45</sup>, o seu nascimento teria sido entre os anos de 1524 e 1525, provavelmente na cidade de Lisboa<sup>46</sup>. Ainda criança foi com a família para Coimbra, fugindo da peste que assolava a cidade<sup>47</sup>. Lá ficou também sob a tutela de seu tio paterno, o Cônego Bento de Camões<sup>48</sup>.

Fisicamente, o poeta é descrito por autores da seguinte forma: “(...) é virilmente gentil, a estatura mediana, os cabelos louros, vivos os olhos, nariz aquilino, a fronte carregada bastante a provar talento, o parecer alegre e afável mostrando a superioridade jovial e amiga” (OLIVEIRA MARTINS: 1872 apud CARVALHO: 1976, 36). “(...) Descendente por seu pai de uma nobre família galega, de sangue algarvio por sua mãe, ele

---

<sup>42</sup> “Das poesias de Camões nada se depreende quanto aos seus progenitores. Em toda obra poética e variadíssima do grande cantor não transluz frouxo sentimento filial, nem um verso referente ao pai. Em todos os seus poemas escritos na África e Ásia, na juventude ou na velhice, não há uma nota maviosa de saudade da mãe”. In site: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/camilo02.htm>

<sup>43</sup> Sena (1980a: 21) afirma que Vasco Perez de Camões, na verdade, é trisavô do poeta e teria ido de Galiza a Portugal na época de Dom Fernando I. O avô é Antonio Vaz de Camões, bisneto de Vasco Perez.

<sup>44</sup> Foi à Índia no comando de um navio. Lá teria morrido, em Goa, depois de ter sobrevivido a um naufrágio (CARVALHO: 1976).

<sup>45</sup> Descendia de família algarvia, com laços de parentesco à família de Vasco da Gama (Carvalho: 1976).

<sup>46</sup> São citados Coimbra, Santarém e Alenquer como outros possíveis locais de nascimento de Camões (MARTINS: 1981).

<sup>47</sup> Carvalho (1976) afirma que Camões teria ido a Coimbra por volta dos doze anos quando se iniciara sua vida escolar.

<sup>48</sup> Conforme Carvalho (1976), esse tio Bento é apenas lenda para alguns, mas como a sua inexistência não foi comprovada, fica sendo a sua existência historicamente aceitável.

tem hereditariamente, do tipo paterno o vigor dos músculos e a grossura dos ossos, do tipo materno a graça das linhas e o garbo das formas” (AQUINO: 1943 apud CARVALHO: 1976, 37). “(...) A boca um tanto grossa, ligeiramente sarcástica, contorna-se-lhe vigorosamente e com uma expressão de firmeza e de comando debaixo de um bigode arqueado e fulvo. Os seus olhos garços, úmidos, de uma profundidade meiga, revêem a penetração educada no hábito do estudo e na prática da esgrima” (RAMALHO ORTIGÃO: 1880 apud CARVALHO: 1976, 37).

Quanto à formação cultural de Camões, sua família, apesar de fidalga, era pobre e sem recursos, portanto, sem possibilidade de oferecer uma educação esmerada ao poeta. Alguns, como Saraiva e Lopes (1982: 323) afirmam que, sob a tutela do tio Bento, o jovem Camões pôde efetivar seus estudos num dos colégios de propriedade do Mosteiro de Santa Cruz, do qual o tio era prior e Chanceler da Universidade. O curso seguido por Camões teria sido “porventura o curso de artes”. No colégio estudou grego, latim, mitologia greco-latina e filosofia clássica. Por influência do tio, teria entrado para o curso de Teologia, mas a sua índole irrequieta e a sua vocação para “requestador de damas” o distanciavam da vida religiosa. Para Carvalho (1976: 31), não existe certeza quanto ao curso seguido por Camões. Ele afirma que o fato de o graduarem nesse ou noutro curso superior é mais por força de acreditarem que “ninguém pode ser sábio se não for *doutor*”. Mas,

se uma posição se pode tomar em relação a essa dúvida, certamente será a de que não padece de incerteza o fato da imensa, incomensurável cultura adquirida pelo jovem Camões em Coimbra, independentemente de a circunscrever a algum título universitário. (...) Que importa, afinal, haver Luís Vaz ter recebido um título, ou não – se ele excedia desmarcadamente o âmbito de todos os que lhe pudessem ser concedidos? (CARVALHO: 1976, 31).

É esse grau de cultura que faz Freyre (1984) questionar a origem do saber em Camões:

(...) Mas tem-se discutido o seu saber: a origem desse saber ou do seu conjunto espantoso de saberes. Saber no plural. De onde teria

vindo? Como se teria sistematizado numa sua lusologia, isto é, numa adaptação de saberes a uma antropologia parafilosófica tendo por centro o homem lusitano, a relação desse homem com ancestrais e com contemporâneos de outras etnias e de outras formações sociais, o contato desse homem não só com mares nunca dantes navegados, porém com terras, paisagens, climas, de aspectos e característicos físicos até então desconhecidos? (FREYRE: 1984, 25).

A convivência com o tio Bento teria possibilitado a Camões um contato precoce com obras não só de escritores clássicos, mas também de escritores modernos e renascentistas<sup>49</sup>, além de cronistas portugueses. Por outro lado, vivendo em Coimbra, na época centro cultural do país e onde o nível de ensino era elevado, Camões absorveu a universalidade da cultura renascentista que lá se propagava. Aliás, Carvalho (1976) resume o perfil cultural do poeta como sendo o resultado do encontro “perfeitamente unido” de dois espíritos:

(...) entre o espírito escolar de Coimbra – todo cioso da sua liberdade crítica e da sua coragem irreverente e verrimeira, de que os estudantes sempre se revestiram dele, fizeram o broquel da sua autenticidade varonil e irrequieta – e o próprio espírito de Luís Vaz, pleno de hombridade, de independência, de culto à verdade inteira e de destemerosa capacidade de a proclamar; e do que deu ele magnífica demonstração em todas as atitudes que assumiu em sua venturosa existência (CARVALHO: 1976, 31).

Concluída a sua formação, Camões volta para Lisboa, onde ainda residiam seus pais. Jovem, fidalgo, brilhante e culto ingressa na corte cheio de ideais. Como assinala Oliveira Martins (1872 apud CARVALHO: 1976): “(...) De fato, a esse tempo a vida lhe sorri, ferve-lhe a imaginação na cabeça, confia em si, no seu talento, no seu saber; (...) a

---

<sup>49</sup>O século XVI “foi um dos grandes períodos da história da civilização e um período de grandes mudanças culturais, no qual a cultura clássica volta a ser moderna”. In site: [www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes](http://www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes)

corte abre-lhe as portas, as mulheres acariciam-no; os homens ainda não o temem” (OLIVEIRA MARTINS: 1872 apud CARVALHO: 1976, 36).

Na Corte, Camões conquistou a amizade e a simpatia da Infanta D. Maria<sup>50</sup>, bem como espaço amplo no seu círculo acadêmico. Para ele, era o ambiente propício para aprimorar a sua veia lírica e alimentar sua inspiração. Conforme Carvalho (1976):

Era o ambiente mais refinado, de espiritualidade mais diferenciada, onde as letras e as artes faziam gala em assumir as mais ricas expressões: a alegria, a troca constante dos mais delicados jogos de inteligência e da cultura, as galanterias mais acrisoladas em sua expressão filigranada de fino conteúdo intelectual e o aroma inebriante da aura trovadoresca (...) (CARVALHO: 1976, 44).

E, ainda:

Os jogos de inteligência, a música suave e espiritualizada daquela época de maravilha, em que Paula Vicente e Angela Sigéia tangiam os maviolos instrumentos de então, ou em que, à espineta, interpretavam as canções provençais ou acompanhavam as baladas medievais, a poesia recitada com primor (...) deu a Camões o ambiente de que carecia a sua alma de artista sensível e de aguda e penetrante visão (...) (CARVALHO: 1977, 17).

No setor amoroso, Camões encontrava-se sempre cercado pelas damas palacianas. Entre tais damas encontravam-se sua prima Isabel Tavares, pelo menos três Catarina<sup>51</sup>, D. Francisca de Aragão e D. Guiomar de Blasfé<sup>52</sup>, Dinamene<sup>53</sup> e a escrava

---

<sup>50</sup>A Infanta D. Maria, última filha de D. Manuel, era uma mulher espirituosa e de muita cultura. Sendo ela mesma escritora, juntava a sua volta artistas e “homens de letras”. A sua sala particular de recepção fora transformada num cenário acadêmico onde se reuniam os “homens de espírito” e os ilustres fidalgos que conservavam a tradição trovadoresca. Agregou, ainda, um grupo de mulheres intelectuais denominado “latinas”. Faziam parte desse grupo Paula Vicente (filha de Gil Vicente), Leonor de Noronha (filha de D. Fernando de Noronha) e outras moças, todas damas muito cultas, eruditas e gentis (CARVALHO: 1976).

<sup>51</sup> Uma das quais seria a Natércia do famoso anagrama.

<sup>52</sup> Filha do Conde de Redondo, D. Francisco de Sousa Coutinho.

<sup>53</sup> Uma moça chinesa, de Macau, que morreu no naufrágio do Rio Mecon, do qual Camões se salvou a nado carregando com ele Os Lusíadas.

Bárbara. Todavia, os seus relacionamentos não passavam de “amores de ocasião”, como salienta Carvalho (1976):

Não seriam esses amores, se assim o fossem, mais que momentos de puro deleite espiritual, sem maior profundidade nem seqüência. Eram amores borboleteantes de um jovem bem-sucedido na poesia e no traquejo apenas amável com as gentis damas (...) (CARVALHO: 1976, 41).

O grande amor do poeta teria sido, na verdade, a própria Infanta D. Maria. Conforme Carvalho (1976):

(...) A personalidade de Camões não se podia compadecer com amores menos ricos de conteúdo emocional e espiritual, de par com a necessidade integradora da mente do Poeta, de entronizar, junto da mulher amada, a imagem da própria Pátria, de que D. Maria era Princesa. E em que se demonstrava a mais rica essência do sentido apurado da beleza, conjugado à erudição, inteligência e fidalguia (CARVALHO: 1976, 47).

Entretanto, este amor não teria sido correspondido, ainda que pudesse agradar a Infanta tê-lo despertado:

É possível, seria mesmo quase inevitável, que a Infanta recebesse com agrado o convívio de Luís Vaz; mas só até à medida em que (...) com graça e cortesia, se conformassem com as “diferenças de estado”. Não é de se crer, assim, que se permitisse a Infanta acolher sentimentos amorosos de outra jaez; ou, se alguma vez, pudessem eles haver assaltado o seu nobre coração, certamente seriam talhados cerce, pelo próprio resguardo que deveria necessariamente impor à sua elevada e intransponível condição. (...) Seguramente, nunca se permitiria, a Infanta, a menor concessão nesse terreno, ínvio ao seu mesmo estado (...) (CARVALHO: 1976, 48).

Mas nem só amores, música e poesia preenchiam a vida do poeta. Justamente pelo seu sucesso na Corte, muitos dissabores lhe sobrevieram. Apesar de contar com amizades importantes, tais como a do filho do Conde de Linhares e a de D. Francisco de Aragão, por outro lado, colecionava inimigos que invejavam seu sucesso fosse como poeta talentoso, fosse como homem bem-relacionado. Por conta dessa inveja, Camões foi cruelmente perseguido e as confusões em que se via envolvido eram uma constante, muitas delas arquitetadas pelos poetas da corte - Pedro de Andrade Caminha e Diogo Bernardes - que o queriam afastado:

Sentindo eles a presença de Camões, que lhes era uma ameaça à vacuidade de gênio, que não possuíam, e à solene preservação dos seus postos, que lhes ditava uma alvoroçada defesa – logo lhe criaram um ambiente torvo e pejado de despeito (CARVALHO: 1976, 14).

Muito moço ainda, por conta dessas confusões, o poeta foi preso e desterrado diversas vezes<sup>54</sup>. Até que, em 1550, por vontade própria, ou pela necessidade financeira, Camões alistou-se para militar nas Índias, tornando-se “cavaleiro fidalgo da Casa Real”. Numa das batalhas perdeu o olho direito, detalhe que marcou para sempre a sua imagem na História. Por 16 ou 17 anos, Camões perambulou pela Índia, África e Ásia. Em relação a esse tempo, afirma Queiroz:

Ao fim de 16 anos, aproximadamente, de uma vida que ele pôde chamar sem grande exagero a mais desgraçada que jamais se viu, regressa a Portugal. Regressa sem recursos, nem para o pagamento da viagem, nem para, na ilha de Moçambique, poder esperar pela nau em que embarcasse. Diz Diogo de Couto que ali o viu vivendo de amigos, compondo o seu Parnaso, livro que o qualifica de muita

---

<sup>54</sup>Conforme Martins (1981), Camões teria sido exilado no Ribatejo, Ceuta, Índia, Macau. E, por trás das confusões que o mandaram ao exílio estaria sempre uma figura feminina. Porém, Saraiva e Lopes (1996) afirmam que a inclusão de uma mulher nos motivos das rixas do poeta não passa de romance biográfico sem fundamento.

erudição, doutrina e filosofia, e lhe roubaram, e dando a última demão às suas *Lusíadas* (QUEIROZ: s/d)<sup>55</sup>.

Ao retornar a Portugal, em 1570, trouxe consigo *Os Lusíadas* que só foi publicado, por causa de burocracias com a Igreja, dois anos depois. Pelo trabalho realizado como servidor da Pátria e pela produção de *Os Lusíadas*, recebeu do rei português uma tença de 15 mil réis<sup>56</sup> (que foi paga com irregularidade e por apenas três anos) o que não foi o bastante para tirá-lo das dívidas e da pobreza. Como salienta Carvalho (1977):

Camões, porque fidalgo, e porque sempre muito cioso de si mesmo, teve que manter muitas vezes as aparências. E sofreu consigo mesmo muitos amargores. A sua pobreza, tão ofensiva e deprimente para a sua qualificação de titular de nobreza, foi, certa vez, suprida pelo seu gênio, sempre desperto e presente (CARVALHO: 1977, 91).

Assim, quando morreu, em 1580, foi sepultado em campa rasa, à porta do Mosteiro de Sant'Anna, às custas de uma companhia beneficente, a Companhia dos Cortesãos<sup>57</sup>. Há referências de que atualmente seus restos mortais encontram-se no Mosteiro dos Jeronimos<sup>58</sup>. Morreu sem ter tido, talvez, noção do quanto havia legado com a sua obra a Portugal e ao mundo.

---

<sup>55</sup> In site: [http://www.vidaslusofonas.pt/luis\\_de\\_camoes.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/luis_de_camoes.htm)

<sup>56</sup> Tença: “Pensão vitalícia que os reis davam aos cavaleiros, por serviços prestados (...)” (MICHAELIS: 1998, 2039). Esse valor pago a Camões divide opiniões quanto a sua suficiência. Há quem alega, por exemplo, Gotlibb (1980: 5), que a remuneração de Camões foi menor do que recebiam outros letrados da corte. Monteiro J. G. (s/d) (apud ROLANDO MONTEIRO: 1973, 15) a considerou “esmola aviltante”, “pensão irrisória”. Outros como Lima G. F. de (introdutor) (apud ROLANDO MONTEIRO: 1973, 4), a considerou “nos usos de então”.

<sup>57</sup>Sua sepultura perdeu-se no terremoto de 1775. Foram feitas várias tentativas para encontrar seus restos mortais. Juromenha conduziu uma comissão a qual encontrou “muitos ossos”. Entre esses, crente que estariam os de Camões, guardou-os num caixão que foi depositado no coro das freiras de Santa Ana (SILVEIRA BUENO: 1943 apud CARVALHO: 1976).

<sup>58</sup> Santos, J. dos (s/d). In site:

[http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos\\_completos/pdf/Cam%C3%B5es,%20Renascimento%20e%20Os%20Lusíadas%2005%20de%20novembro%20-%20JULIANA.pdf](http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/Cam%C3%B5es,%20Renascimento%20e%20Os%20Lusíadas%2005%20de%20novembro%20-%20JULIANA.pdf)

## 2.2 Obra

A obra camoniana compreende, além d'*Os Lusíadas*, poesias líricas<sup>59</sup> e poucas peças teatrais. A poesia lírica é constituída por redondilhas, sonetos, canções, odes, oitavas, tercetos, sextinas, elegias e éclogas. Nela, poesia lírica, a temática amorosa segue, às vezes, uma concepção platônica em que o que ama identifica-se com o objeto do amor e/ou também com a anulação do desejo físico, outras vezes, assume uma concepção petrarquista, como fonte de contradições, porém, fundamental à vida humana.

A concepção feminina, intimamente relacionada à temática amorosa e ao tratamento dado à natureza<sup>60</sup>, oscila igualmente entre o modelo platônico (ideal de beleza física e espelho da beleza interior) e o modelo renascentista de Vênus. É freqüente também na lírica camoniana temas mais abstratos como o desconcerto do mundo e a passagem inexorável do tempo, assim como considerações de ordem autobiográfica.

As peças teatrais são: *Comédia dos Anfitriões*, *Comédia de Filodemo* - publicadas em 1587 - e *Comédia de El-Rei Seleuco* - publicada em 1645 - integrando o Volume das Rimas de Luís de Camões. A respeito desse gênero em Camões, afirmam Saraiva e Lopes (1996):

O teatro de Camões (...) ocupa um lugar à parte no teatro português quinhentista. É difícil enquadrá-lo na evolução entre nós da comédia clássica, visto que tanto *El-Rei Seleuco* como o *Filodemo* ainda lembram a estrutura clássica vicentina. Mas os *Anfitriões*, decalcados sobre Plauto, parecem integrados dentro do teatro escolar de imitação clássica. Por outro lado, mesmo nos autos de tradição vicentina, Camões aparece-nos principalmente interessado, não por tipos e instituições sociais, como Gil Vicente, mas por problemas psicomorais, pela filosofia do amor. As peças de Camões, no que têm de mais significativo, são a transposição para a cena de alguns temas da Lírica, sem que possam pôr-se ao par da força dramática vicentina (SARAIVA e LOPES: 1996, 338).

---

<sup>59</sup> Consta que uma coletânea intitulada *Parnaso lhe foi roubada*.

<sup>60</sup> A natureza é vista como harmoniosa e amena, e fonte de imagens e metáforas e, assim como nas cantigas de amigo, o cenário é o confidente do drama amoroso. In site: <http://www.universal.pt>

A obra de Camões representou um marco para a literatura e para a história de Portugal. Nas palavras de Martins (1981):

Certas obras, no domínio da criação intelectual, adquirem entre as demais construções do pensamento e da arte relevo que as singulariza e isola soberanamente (...), [e acrescenta:] ainda que transcorram as décadas e a data de sua realização se encontre cada vez mais distanciada, elas são sempre novas, sempre atuais, nunca passam ou envelhecem. Todas as gerações que surgem na perspectiva histórica as buscam (...) (MARTINS: 1981,15-16).

O que caracteriza tais obras, de acordo com o autor, é a “genialidade” e “a genialidade é inexplicável” (MARTINS: 1981,17). O que dizer de Camões? Viveu e produziu há quase cinco séculos e, no entanto, sua obra apresenta a atualidade mencionada acima. Transcende escolas literárias e continua prestigiada pelas gerações que despontam.

Quanto à obra *Os Lusíadas*, unanimemente reconhecida como uma criação primorosa, nasceu “sob encomenda” como se uma biografia fosse de um Portugal ainda deslumbrado com as suas conquistas ultramarinas. A idéia de uma epopéia portuguesa, imitando a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio, não partiu, todavia, de seu criador. Na verdade, conforme Rolando Monteiro (1973) e Saraiva e Lopes (1996), essa era uma idéia nascida já no século XV e um italiano, Ângelo Policiano, é apontado como o primeiro a oferecer-se como candidato, ao rei D. João II, para registrar literariamente os feitos portugueses nas Grandes Navegações. Também os cronistas Castanheda e João de Barros “já tinham apregoado a necessidade da criação de uma epopéia sobre os feitos portugueses” (ROLANDO MONTEIRO: 1973, 5). Por que coube a Camões a execução desse projeto? No material consultado para este trabalho, nenhuma justificativa definitiva foi encontrada. Teria sido uma ambição alimentada por Camões? Teria sido ele escolhido pelo rei português devido ao seu talento como poeta? Ou teria sido uma tarefa a ele imposta? Amaral (2002) nos leva a entender que Camões teria feito *Os Lusíadas* numa tentativa de “mea culpa”. Conforme este autor, para Camões, seria um poema que lhe resgataria talvez as culpas de que o acusavam e lhe abriria novamente as portas do Paço.

Qualquer que tenha sido a razão para que a Camões fosse designada a autoria da obra, “evidente é que ‘Os Lusíadas’ não nasceram de um jato: foram obra sucessiva e paciente de muitos anos, de muita experiência, de muita observação, de muito ansiar e padecer também” (ROLANDO MONTEIRO: 1973, 20). Publicado em 1572, em Lisboa, por Antônio Gonçalves, não há certeza quanto ao início de sua composição. Carvalho (1976: 75), sustenta: “(...) é de se crer que o primeiro canto dOs Lusíadas foi escrito em Lisboa, em 1552, quando Camões regressara da África, e procurava reentrar no paço, pela predileção que o príncipe D. João consagrava aos poetas (...)”. Daí por diante, foram sucessivas as edições, como atesta Rolando Monteiro (1973). Este autor coletou 219 edições em língua portuguesa e 103 em língua estrangeira, publicadas num período de quatro séculos (1572 a 1972). Conforme ele, há divergências nessas edições, principalmente nas traduções, o que é compreensível levando-se em conta “o conhecimento imperfeito da língua do poema” (ROLANDO MONTEIRO: 1973, 8). Em 1572, foram duas as edições e também elas apresentam divergências entre si. A tida como a edição príncipe, ou primeira, distingue-se da segunda “(...) por ter o bico do pelicano da portada voltado para a esquerda do observador e por, no 7º. verso da 1ª. estância do Canto I, ter as palavras ‘E entre’ em vez de “entre” simplesmente (...)” (ROLANDO MONTEIRO: 1973, 10).

São várias as explicações dadas para essas duas edições de 1572, mas as três principais, conforme Rolando Monteiro (1973), são: “1) o rápido esgotamento da 1ª. edição (...); 2) a necessidade de corrigir por uma nova edição os erros da primeira; 3) uma reimpressão clandestina para se esquivar à censura”. Das três explicações dadas, diz o autor: “A primeira explicação é a mais simples e possível, provavelmente a verdadeira e a impressão revista por Camões” (ROLANDO MONTEIRO: 1973, 12-13). Segundo o autor, as edições de 1572 apresentam erros tipográficos e de métrica, sendo a que tem o bico do pelicano voltado para a esquerda do leitor a mais “correta” e, portanto, a que deve ter sido revista por Camões, e a primeira. O Visconde de Juromenha, em edição de 1880, fez um balanço das diferenças ortográficas e de pontuação entre essas duas edições de 1572, anotando 2 217 casos.

*Os Lusíadas* têm como assunto as aventuras de Vasco da Gama em sua viagem à Índia e os feitos dos navegadores portugueses são igualados às façanhas de heróis da

antiguidade greco-latina<sup>61</sup>. Nesse período, os autores buscavam sua inspiração na cultura da antiguidade greco-latina. A *Eneida*, de Virgílio, que narra a fundação de Roma e outros feitos heróicos de Enéias, e a *Odisséia*, de Homero, que conta as aventuras do astucioso Ulisses, foram certamente as maiores influências de Camões para escrever *Os Lusíadas*.

(...) Mas na viagem de Vasco da Gama, o Poeta não encontrou um enredo e sim uma seqüência cronológica e isso não bastava para escrever uma epopéia. Por isso utilizou um enredo mitológico que lhe forneceu protótipos de uma intriga entre deuses apaixonados; portanto, em paralelo à viagem de Vasco da Gama, decorre um outro plano de narrativa que corresponde à intervenção dos Deuses no Olimpo<sup>62</sup>.

Na composição do poema, Camões buscou na antiguidade clássica a forma adequada: utilizou o gênero épico, que se caracteriza como uma “narrativa em forma de versos” e cujo tema é geralmente um episódio heróico da história de um povo. Quanto à estrutura, *Os Lusíadas* podem ser divididos em três partes: 1) Estrutura interna – composta pela Proposição, onde o poeta expõe os seus objetivos em relação ao poema; pela Invocação, onde o poeta invoca Tágides ou Ninfas do Tejo; pela Dedicatória, onde dedica o poema a El-Rei D. Sebastião; e pela Narração que se inicia a partir da estância 19, no canto I, até o final do Canto X. 2) Estrutura externa - o épico camoniano possui dez cantos, com 1102 estrofes de oito versos decassílabos, apresentando rimas abababcc. 3) Planos de narrativa – são constituídos por: narração histórica (história de Portugal); narração da viagem de Vasco da Gama; e narração mitológica (intervenção dos deuses).

Conforme Saraiva e Lopes (1996), Camões, em sua obra multifacetada conseguiu reunir diversas correntes artísticas e ideológicas que vigoravam em Portugal, no século XVI. Os autores afirmam que:

---

<sup>61</sup> “No século XVI, o sonho de todo poeta era criar uma epopéia à imitação de Vergílio e Homero. Para isso, o tema mais escolhido neste século foi, logicamente, os Descobrimientos, que naquela altura era um assunto nacional e até internacional, o que despertou vários escritores para este tema”. In site: [www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes](http://www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes)

<sup>62</sup> In site: [www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes](http://www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes)

Quase tudo o que se manifestou na literatura de Quinhentos, através de autores tão diferentes como Bernardim Ribeiro, Antonio Ferreira, Fernão Mendes Pinto, João de Barros, e até Garcia da Orta ou Duarte Pacheco Pereira, encontra eco na lírica ou na épica de Camões (SARAIVA e LOPES: 1996, 312).

Carvalho, em obra bastante anterior a dos autores acima, assegurou:

Em realidade, a obra de Luís Vaz de Camões transcende a era seiscentista e se projeta para uma dimensão que vence todos os tempos, graças à universalidade da cultura que contém e que faz, da sua lírica, da épica, dos autos e de toda a sua produção literária, um manancial inesgotável e até hoje excitante de contínuas pesquisas e de indagações infundáveis (CARVALHO: 1977, 13).

Não só para a história e para a literatura, a obra camoniana significou um marco importante também para a Língua Portuguesa. Sobre a renovação que *Os Lusíadas* trouxeram ao cenário lingüístico, Martins (1981) afirma que:

a língua portuguesa, a seu turno, alçou-se a nível idêntico ao dos outros idiomas em que se vazaram as grandes obras-primas do pensamento da humanidade, pois coube-lhe – expressão camoniana – traduzir acentos dos mais eloqüentes que já se formularam para definir a natureza da experiência humana em face da beleza fugaz e transitória das coisas aparentes (MARTINS: 1981, 18).

Segundo este autor, dentre as contribuições da obra camoniana para a escrita da Língua Portuguesa, as maiores inovações foram de cunho etimológico e lexical: “(...) é no vocabulário erudito, através de latinismos, que Camões enriquece o léxico português. A ele devemos a introdução de, aproximadamente, duas centenas de palavras, como lanífero, mortífero, áureo, fulgente, etc” (ROLIM de FREITAS: 2000, 77).

Para alguns estudiosos, ainda, a publicação d’*Os Lusíadas* estabeleceu uma fronteira entre os períodos arcaico e moderno da ortografia da Língua Portuguesa,

introduzindo um modelo ortográfico a ser seguido. De acordo com Cagliari (1994a): “(...) Foi preciso Os Lusíadas, no século XVI, com um modelo ortográfico simples e elegante, para dar início a um período da ortografia em que havia um modelo a ser seguido, deixando-se de lado velhos hábitos” (CAGLIARI: 1994a, 103).

## CAPÍTULO III – Análise dos dados ortográficos d’*Os Lusíadas*

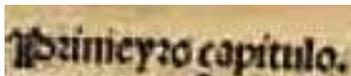
Neste capítulo será feito um levantamento das ocorrências ortográficas encontradas n’*Os Lusíadas* que, de alguma forma, merecem um destaque neste trabalho. Antes da discussão dos dados do *corpus* propriamente dito, serão retomadas as propostas ortográficas dos autores da época (anterior e posterior) de Camões que embasam este estudo: Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Pero de Magalhães de Gândavo (1574), Duarte Nunes Leão (1576) e Álvaro Ferreira de Vera (1631).

### 3.1 Os sistemas ortográficos propostos pelos primeiros gramáticos e ortógrafos portugueses

#### 1) Fernão de Oliveira:

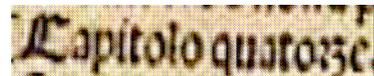
A Gramática da Linguagem Portuguesa, de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, foi impressa com letras góticas pretas maiúsculas e minúsculas. A enumeração que o texto traz, na paginação apresenta números arábicos; nos capítulos da obra, é feita por extenso até certa altura (capítulo 14), depois o autor usou números romanos:

Primeyro capitulo.  
(OLIVEIRA: 1536, 2v)



(OLIVEIRA: 1536, 2v)

Capitulo quatorze.  
OLIVEIRA: 1536, 10)



OLIVEIRA: 1536, 10)

Capitolo XV  
(OLIVEIRA: 1536, 11)



(OLIVEIRA: 1536, 11)

Capitolo XVIII  
(OLIVEIRA: 1536, 13)



(OLIVEIRA: 1536, 13)

Oliveira (1536) não assinala os sinais de pontuação a serem usados na escrita, mas em sua obra encontramos alguns sinais e outras marcas, como: . ponto; , vírgula; : dois pontos; ¶ caldeirão; \* asterisco; / barra de separação de palavras; ∴ (semelhante ao sinal “portanto” na matemática); - hífen de separação de sílabas:

**i) . ponto:**

os melhores juízos que todas as terras nossas vizinhas.

(OLIVEIRA: 1536, 5)

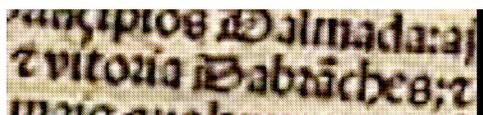


(OLIVEIRA: 1536, 5)

**ii) ; ponto e vírgula:**

e vitória Dabanches;

(OLIVEIRA: 1536, 1v)



(OLIVEIRA: 1536, 1v)

**iii) : dois pontos:**

as vogais têm em si voz:

(OLIVEIRA: 1536, 5v)



(OLIVEIRA: 1536, 5v)

**iv) ¶ caldeirão:**

¶ Isto nunca fez a nossa terra:

(OLIVEIRA: 1536, 5)

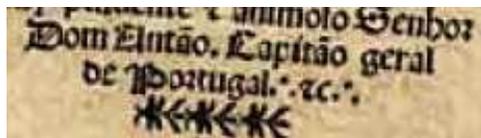


(OLIVEIRA: 1536, 5)

**v) \* asterisco:**

Dom Antão, Capitão Geral de Portugal .:\*\*\*\*\*

(OLIVEIRA: 1536, 1v)

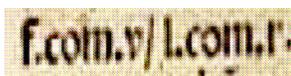


(OLIVEIRA: 1536, 1v)

**vi) / barra de separação de palavras:**

.f. com v/ l. com .r.

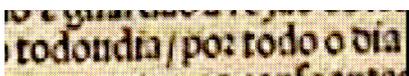
(OLIVEIRA: 1536, 13)



(OLIVEIRA: 1536, 13)

todoudia / por todo o dia

(OLIVEIRA: 1536, 13)

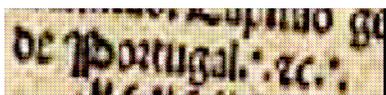


(OLIVEIRA: 1536, 13)

**vii) ∴ :**

de Portugal ∴.

(OLIVEIRA: 1536, 1v)

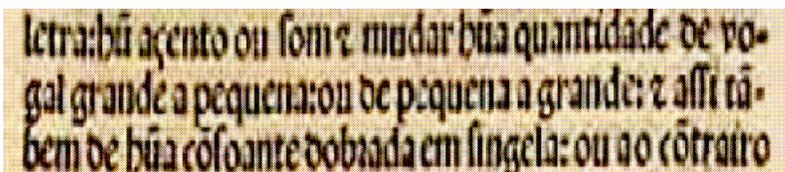


(OLIVEIRA: 1536, 1v)

**ix) hífen de separação de sílabas:**

(...) letra: hum acento ou som e mudar uma quantidade de vogal grande a pequena: ou de pequena a grande: e assim também de uma consoante dobrada em singela: ou ao contrario (...).

(OLIVEIRA: 1536, 8)



(OLIVEIRA: 1536, 8)

Quanto aos ‘acentos’, Oliveira (1536: 17v) diz: “Acento quer dizer principal voz ou tom da dicção, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dicções de qualquer língua (...)”. O gramático, no entanto, não propõe sinais gráficos (nem os usa) para marcar as palavras, a sua preocupação é esclarecer a tonicidade das palavras portuguesas, evidenciando a diferença prosódica do português da do grego e do latim:

(...) Esta forma das dicções a que chamamos acento, sem a qual se mal conhecem uns vocábulos dos outros, é necessária em cada parte ou dicção e em cada uma não mais que só um acento, ainda que aos Gregos pareceu outra coisa, os quais deram em uma dicção dois acentos e, ao contrário, a duas dicções um acento. E nisto derradeiro os seguiram também os Latinos, nas partes onde se misturam as dicções que eles chamam enclíticas, as quais pronunciam debaixo de um acento com a dicção precedente. (...) Mas, a mim o contrário me parece, e é verdade na nossa língua que não há dois acentos senão onde há duas dicções e não compostas ou juntas em uma.

Os lugares deste acento de que falamos são, entre nós, a última sílaba ou penúltima ou antepenúltima. Daqui para trás, o nosso espírito nem orelhas consentem haver acento e a nação ou gente que outra coisa pode sentir e consentir não se conforma conosco, nem na música do nosso ouvido (...) (OLIVEIRA: 1536, 17v-18).

Fernão de Oliveira (1536) usava o termo *figura* para se referir ao aspecto gráfico das letras do alfabeto. O termo *letra* referia-se ao som que as figuras tinham. No texto da gramática nem sempre fica clara a distinção, o que se percebe pelo contexto. O autor usa o termo *letra* referindo-se à figura da letra, mas não usa o termo *figura* para representar o som que a letra tem. Com relação às figuras, ele apenas as nomeia como

elementos do alfabeto. Por outro lado, as letras com seus respectivos sons são descritas detalhadamente com grande precisão, como já apontou Eugênio Coseriu em um trabalho de 1936, traduzido e reproduzido na introdução da edição da gramática de Fernão de Oliveira, publicada em 2000, por Torres e Assunção. Entre outros fatos marcantes das observações fonéticas de Oliveira com relação às vogais, podemos destacar os seguintes: “A perda da noção de quantidade vocálica, substituída pela de qualidade e, em consequência, necessidade de representar graficamente os graus de abertura vocálica. (...) Distinção de *i* e *u* semivogais e consoantes; persistência da utilização de *y*” (BUESCU: 1975 [1536], 24).

O alfabeto, que Oliveira (1536) chama de “nosso a b c”, aparece com os seguintes elementos:

vogais grandes:  $\alpha$ ,  $\varepsilon$ ,  $\omega$ ,

vogais pequenas: a, e, o

outras vogais (nem pequenas, nem grandes): i, u

semivogais: y

consoantes: b, c, ç, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, rr, s, ss, t, v, x, z, ch, lh, nh

til: serve como letra e sinal de abreviatura

As vogais grandes, na verdade, são as vogais abertas<sup>63</sup> e, na prática, o autor usa raramente as letras  $\alpha$ ,  $\varepsilon$ ,  $\omega$ , em sua obra, porque ao escrever as palavras, já fica claro ao leitor se se trata de uma vogal grande (aberta) ou pequena (fechada). Na gramática, ele usa normalmente apenas a e i o u (e y); as outras notações de vogais são usadas apenas para indicar a pronúncia, não para compor a ortografia comum. A letra ‘y’ é considerada semivogal como segundo elemento de um ditongo, em palavras como: *meyo*, *feyo*, *moyo*, *joyo* (OLIVEIRA: 1536, 10).

Quanto às consoantes, Oliveira propõe a grafia da letra ‘c’, e não ‘k’ ou ‘q’ (embora aceite o uso destas na língua), para representar o som de /k/, por considerar estas letras ‘k’ e ‘q’ desnecessárias para a escrita de palavras portuguesas:

---

<sup>63</sup> No próximo item deste capítulo voltaremos a falar a respeito do assunto em cada autor.

(...) Tiramos de entre as nossas letras *k* porque, sem dúvida, ele entre nós não faz nada, nem eu vi nunca em escritura de Portugal esta letra *k* escrita. Ora, pois, as dicções gregas, quando vem entre nós, tão longe de sua terra, já não lhes lembra a sua ortografia, e nós as fazemos conformar com a melodia das nossas vozes, e com as nossas letras lhes podemos servir (...). Porque nós já dissemos que entre nós e os Latinos também era sobeja esta letra *k*, agora o queremos repetir, porque, de feito, desta letra e do uso dela duvidam a maior parte dos gramáticos latinos, (...) e muito mais a experiência da nossa língua, onde ela não serve, da qual nós aqui falamos. (...) Diz Diomedes que a pronúncia do *q* se faz de *c* e *u* e ele quer que ou seja sobeja ou sempre tenha *u* líquido depois de si. Verdade é que já Quintiliano quase deu a entender que esta letra era sobeja porque não faz mais do que pode fazer *c* e, os mais antigos, todos os lugares que agora se escrevem com *q* eles escreviam com *c*, (...). Mas, como quer que seja, nós a havemos mister na nossa língua para algumas dicções que de necessidade tem *u* líquido, como quase, quando, quanto, qual e outros semelhantes, como também para quando se seguem *i* ou *e*, e para tirar a dúvida que pode haver entre *c* e *ç*. (OLIVEIRA: 1536, 7v-12v).

A letra ‘h’, não é considerada letra propriamente dita, mas sinal de aspiração, e só “existe” de fato ajuntando-se a outras letras para formar interjeições ou dígrafos, como será visto adiante em seção dedicada a esta letra.

O ‘til’ também não entra “em conto de letras perfeitas”, todavia, é considerado ‘letra’ na nasalização de vogais e sinal de abreviatura nas palavras. Do til como letra, Oliveira diz:

(...) também no meio de dicções em cabo de muitas sílabas soa uma letra muito branda que nem é *m* nem *n*, como nós escrevemos, ora uma delas, ora imitando os Latinos.. Mas, a meu ver, de necessidade, escrevamos nos tais lugares esta letra que chamamos til, ainda que a alguns pareça sobeja (...). Aos quais eu pergunto se nas dicções que acabam em *ão* e *ães* e *ões* e *ãos* escrevemos *m* ou *n* e o pusermos entre aquelas duas vogais, que soará? Ou se o pusermos no cabo, que parecerá? Por onde me parece termos necessidade de uma letra que esteja sobre aquelas duas vogais juntamente: a qual seja til (OLIVEIRA: 1536, 7v).

E do til como sinal de abreviatura: “(...) esta letra til serve em lugar de outras algumas letras em muitas abreviaturas, o que mostra não ter ela virtude própria, mas, todavia, é necessária” (OLIVEIRA: 1536, 8). Exemplificamos com as figuras:

**i) til como nasalização de vogais:**

ajũtamêto

(OLIVEIRA: 1536, 8)



(OLIVEIRA: 1536, 8)

tãbê

(OLIVEIRA: 1536, 8)



(OLIVEIRA: 1536, 8)

**ii) til como sinal de abreviatura:**

porq̃

(OLIVEIRA: 1536, 7)



(OLIVEIRA: 1536, 7)

õ já fazemos

(OLIVEIRA: 1536, 8)



(OLIVEIRA: 1536, 8)

A inclusão dos dígrafos ‘ch’, ‘lh’ e ‘nh’ no alfabeto faz sentido para o gramático porque ele está interessado em relacionar cada som da língua com uma letra, ou dígrafo. Além disso, algumas palavras precisam ser representadas pela etimologia e, desse modo, os dígrafos aparecem apenas com valor ortográfico. O mesmo valor (ortográfico) aparece nas consoantes dobradas, que o autor faz questão de dizer que não precisam ser escritas assim, dobradas, mas com apenas uma letra.

Comum na grafia de textos antigos era a variação gráfica da letra ‘s’. São encontrados vários tipos: ‘s’ simples, ‘ſ’ alongado e ‘ß’ duplo. Na obra de Oliveira há a forma simples ( s ) e a forma alongada ( ſ ):

sempre

(OLIVEIRA: 1536, 3)



(OLIVEIRA: 1536, 3)

somēte

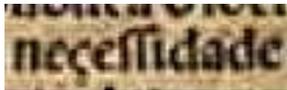
(OLIVEIRA: 1536, 3)



(OLIVEIRA: 1536, 3)

necessidade

(OLIVEIRA: 1536, 5)



(OLIVEIRA: 1536, 5)

nossas

(OLIVEIRA: 1536, 7)



(OLIVEIRA: 1536, 7)

escreviam

(OLIVEIRA: 1536, 9)



(OLIVEIRA: 1536, 9)

costume

(OLIVEIRA: 1536, 10)



(OLIVEIRA: 1536, 10)

capitulos

(OLIVEIRA: 1536, 3)



(OLIVEIRA: 1536, 3)

gentes

(OLIVEIRA: 1536, 4)



(OLIVEIRA: 1536, 4)

## 2) João de Barros:

O segundo gramático, João de Barros, publicou sua Gramática da Língua Portuguesa em 1540. Seus filhos foram educados por Fernão de Oliveira o que faz supor que, certamente, os dois estudiosos discutiram muitas questões gramaticais. No entanto, as suas obras são muito diferentes. Esteticamente, a gramática de Barros é apresentada com letras itálicas maiúsculas nos títulos e minúsculas nos subtítulos e no corpo do texto:

Da Ortografia

(BARROS: 1971 [1540], 40v)



(BARROS: 1971 [1540], 40v)

Das letras consoantes  
(BARROS: 1971 [1540], 40v)

*Das letras consoantes.*

(BARROS: 1971 [1540], 40v)

O autor chama os algarismos de “letras numerais” (BARROS: 1971 [1540], 41)  
e usa algarismos arábicos na marcação de páginas e algarismos romanos em exemplos:

Da Ortografia 41  
(BARROS: 1971 [1540], 43)

*DA ORTHOGRAPHIA. 41*

(BARROS: 1971 [1540], 43)

ij. iiij.  
(BARROS: 1971 [1540], 41v)

*ij. iiij.*

(BARROS: 1971 [1540], 41v)

Barros (1971 [1540], 49) considera os sinais de pontuação muito importantes para a escrita e toma dos latinos um conjunto de sinais “que podemos usar se quisermos doutamente escrever”. Este conjunto é composto por:

, vírgula  
: dois pontos  
. ponto final  
; ponto e vírgula  
( ) parênteses  
? interrogação

Na Gramática, encontramos os seguintes pontos:

**i) , vírgula:**

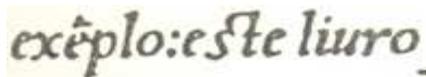
mudas, e meias vogais, e líquidas. As mudas são, b, c,  
(BARROS: 1971 [1540], 40v)



(BARROS: 1971 [1540], 40v)

**ii) : dois pontos:**

exemplo: este livro  
(BARROS: 1971 [1540], 45)

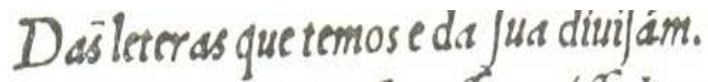


(BARROS: 1971 [1540], 45)

**iii) . ponto final:**

Das letras que temos e da sua divisão

(BARROS: 1971 [1540], 40v)



(BARROS: 1971 [1540], 40v)

**iv) ( ) parênteses:**

Nós (como já vimos) temos oito

(BARROS: 1971 [1540], 42v)



(BARROS: 1971 [1540], 42v)

**v) ? interrogação:**

(...) estas palavras não serem heréticas?

(BARROS: 1971 [1540], 50)

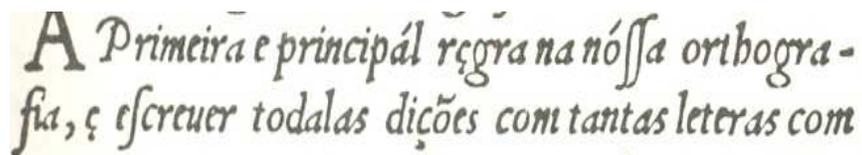


(BARROS: 1971 [1540], 50)

**vi) hífen de separação de palavras:**

A primeira e principal regra na nossa ortografia, é escrever todas as dições com tantas letras com (...)

(BARROS: 1971 [1540], 42v)



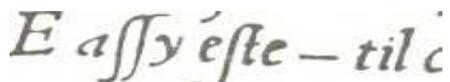
A Primeira e principal regra na nossa ortografia, é escrever todas as dições com tantas letras com

(BARROS: 1971 [1540], 42v)

**vii) travessão:**

E assy este – til

(BARROS: 1971 [1540], 48v)



E assy este – til

(BARROS: 1971 [1540], 48v)

O autor não expôs uma definição de acentos, nem regras para usá-los na escrita, mas em seu texto aparecem os acentos circunflexo e agudo:

**i) acento circunflexo:**

que â sintamos

(BARROS: 1971 [1540], 43)

*que â sintamos*

(BARROS: 1971 [1540], 43)

conformemo-nôs

(BARROS: 1971 [1540], 45)

*conformemonôs*

(BARROS: 1971 [1540], 45)

**ii) acento agudo:**

trabálhos

(BARROS: 1971 [1540], 46)

*trabálhos*

(BARROS: 1971 [1540], 46)

çeçeádas

(BARROS: 1971 [1540], 46)

*çeçeádas*

(BARROS: 1971 [1540], 46)

O alfabeto que o gramático apresenta para o português é o seguinte:

á a b c ç d e f g h I i y l m n ó o p q R r ſ s t V u x z ch, lh, nh

Apesar de apresentar a lista acima, Barros (1971 [1540], 40v) diz que o alfabeto tem 33 “figuras”, mas em “poder” apenas 26. O que o gramático chama *figura* é a letra gráfica, o desenho da letra, e *poder* o que a letra representa, o som das letras.

Destas letras oito são vogais, as quais ele divide em vogais grandes: ‘á’, ‘é’, ‘ó’; vogais pequenas: ‘a’, ‘e’, ‘o’; e vogais comuns: ‘i’, ‘u’. A letra ‘y’ é tratada como semivogal, mas, diferentemente de Oliveira que se refere ao seu uso apenas no interior de palavras, Barros (1971 [1540]: 44v) diz que esta letra ‘y’ serve no meio das dicções, como em: “mayor” e “veyo”; e no final das dicções, como em “pay”, “ay” e “tomay”.

Em relação às consoantes, Barros também considera desnecessárias as letras ‘k’ e ‘q’ e recomenda o uso de ‘c’ para a escrita portuguesa. O ‘k’ servirá somente para a escrita de palavras gregas.

Os dígrafos ‘ch’, ‘lh’ e ‘nh’ estão presentes porque são “prolações próprias da nossa língua”, embora não tenham letras correspondentes (BARROS: 1971 [1540], 3v). Já as consoantes dobradas, para o gramático, são: I, i, y, R, r, S, s, V, u, das quais ele diz: “E assim temos algumas letras dobradas à maneira dos Hebreus: umas para o princípio de qualquer dicção, outras para o meio, e outras para o fim” (BARROS: 1971 [1540], 3v). Mais adiante, na gramática (BARROS: 1971 [1540], 41), Barros volta ao assunto e diz, quando se trata das letras dobradas, que são assim porque aparecem duas juntas, por exemplo ‘iiló’ (jiló) ‘uulto’ (vulto), etc. Nestes exemplos, embora apareçam duas letras de igual figura, não são duas letras com a mesma função.

A letra ‘h’ é tratada da mesma forma que Oliveira, ou seja, é um sinal de aspiração e só tem função quando se junta a outras letras para formar interjeições ou dígrafos.

O ‘til’, Barros (1971 [1540]: 47v-48v) o chama de “soprimento ou abreviatura” de letras. Como sinal de abreviatura o til substitui as letras ‘ue’ da palavra ‘que’, assim: ã.

**i) til como sinal de abreviatura:**

que temos

(BARROS: 1971 [1540], 42v)



(BARROS: 1971 [1540], 42v)

muitos que

(BARROS: 1971 [1540], 42v)



(BARROS: 1971 [1540], 42v)

**ii) til como marca de nasalidade:**

Como suprimento de letras, o til substitui o ‘m’ e o ‘n’ quando nasalizam vogais no final de sílabas

comũ

(BARROS: 1971 [1540], 41)



(BARROS: 1971 [1540], 41)

cõsiste

(BARROS: 1971 [1540], 43)



(BARROS: 1971 [1540], 43)

Na obra de Barros (1971 [1540]) há três tipos de ‘s’: ( s ) simples, ( ꞑ ) alongado e ‘ß’ duplo :

ambos

(BARROS: 1971 [1540], 45)



(BARROS: 1971 [1540], 45)

trabálhos

(BARROS: 1971 [1540], 46)



(BARROS: 1971 [1540], 46)

segunda

(BARROS: 1971 [1540], 45)

*segunda*

(BARROS: 1971 [1540], 45)

sómente

(BARROS: 1971 [1540], 45)

*sómente*

(BARROS: 1971 [1540], 45)

assy

(BARROS: 1971 [1540], 42)

*assy*

(BARROS: 1971 [1540], 42)

nóssa

(BARROS: 1971 [1540], 45)

*nóssa*

(BARROS: 1971 [1540], 45)

nóssa

(BARROS: 1971 [1540], 40)



(BARROS: 1971 [1540], 40)

Assy

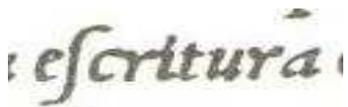
(BARROS: 1971 [1540], 41)



(BARROS: 1971 [1540], 41)

escritura

(BARROS: 1971 [1540], 41)



(BARROS: 1971 [1540], 41)

esta

(BARROS: 1971 [1540], 41)



(BARROS: 1971 [1540], 41)

Esta

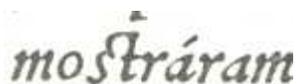
(BARROS: 1971 [1540], 45)



(BARROS: 1971 [1540], 45)

mostráram

(BARROS: 1971 [1540], 49)



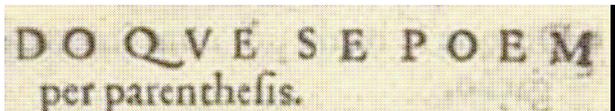
(BARROS: 1971 [1540], 49)

### **3) Pero Magalhães de Gândavo:**

O ortógrafo Pero Magalhães de Gândavo escreveu as Regras que Ensinam a Maneira de Escrever e a Ortografia da Língua Portuguesa, com um Diálogo que Adiante se Segue em Defesa da Mesma Língua, obra publicada em 1574. O texto é composto com letras do tipo roman e itálico nos títulos dos capítulos e no corpo em letras itálicas:

Do que se põe por parênteses

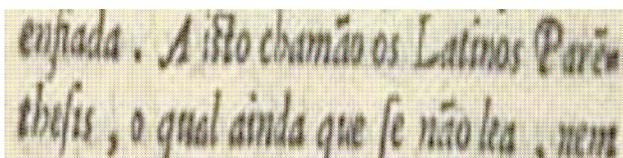
(GÂNDAVO: 1574, 19)



(GÂNDAVO: 1574, 19)

(...) A isto chamam os Latinos paren-  
Tesis, o qual ainda que se não leia (...)

(GÂNDAVO: 1574, 19)



(GÂNDAVO: 1574, 19)

Os números vêm escritos com algarismos arábicos:

A 3

(GÂNDAVO: 1574, 5)



(GÂNDAVO: 1574, 5)

O autor propõe o uso dos seguintes de sinais de pontuação:

, vírgula  
: dois pontos  
. ponto  
( ) parênteses  
? interrogação  
= sinal de separação de sílabas em final de linha

**i) , vírgula:**

como, alcaçaram, louvarão, (...)

(GÂNDAVO: 1574, 27)

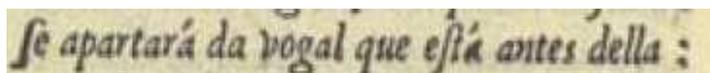


(GÂNDAVO: 1574, 27)

**ii) : dois pontos:**

se apartará da vogal que esta antes dela:

(GÂNDAVO: 1574, 24)



(GÂNDAVO: 1574, 24)

**iii) . ponto:**

para perfeitamente se haver de escrever

(GÂNDAVO: 1574, 24)



(GÂNDAVO: 1574, 24)

**iv) ( )parênteses:**

(salvo melhor indício)

(GÂNDAVO: 1574, 34)



(GÂNDAVO: 1574, 34)

**v) ? interrogação:**

indústria não alcance?

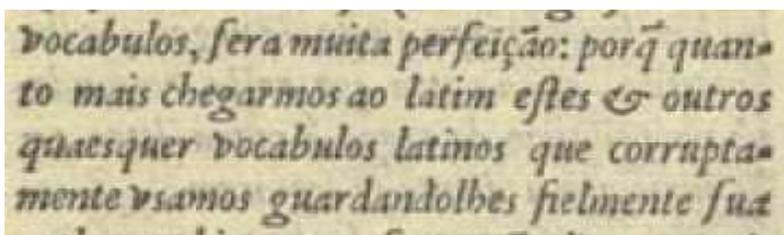
(GÂNDAVO: 1574, 20)



(GÂNDAVO: 1574, 20)

**vi) = sinal de separação de sílabas:**

(...) vocábulos, será muita perfeição: porque quanto mais chegarmos ao latim estes e outros quaisquer vocábulos latinos que corruptamente usamos guardando-lhes fielmente sua (...)  
(GÂNDAVO: 1574, 23)



(GÂNDAVO: 1574, 23)

Em sua obra, todavia, encontramos outros sinais, semelhantes aos encontrados na Gramática de Fernão de Oliveira: ¶ caldeirão; \* asterisco; / barra de separação de palavras; ∴

Com relação aos acentos, para o autor o acento tem função distintiva nas palavras homônimas e marca a tonicidade das sílabas tônicas. Ele propõe o uso de três acentos: grave, circunflexo e agudo, os quais aparecem na obra:

**i) ` acento grave** (para crasear o artigo 'a' tal como no português atual):

à vossa geração  
(GÂNDAVO: 1574, 23)



(GÂNDAVO: 1574, 23)

**ii) ^ acento circunflexo:**

pôr-se-ha

(GÂNDAVO: 1574, 25)



(GÂNDAVO: 1574, 25)

**iii) ´ acento agudo:**

louvará

(GÂNDAVO: 1574, 27)



(GÂNDAVO: 1574, 27)

Dos autores aqui estudados, o autor é o único que estabelece regras para o uso de letras maiúsculas:

Em princípio de regra quando se começa a escrever alguma coisa, sempre se usará de uma letra destas maiúsculas (...) E assim todos os nomes próprios, e sobrenomes de homens ou de mulheres, e nomes de cidades, de vilas, ou de lugares, de reinos, províncias, nações, e rios, e de nomes esquisitos de animais, ou bichos ferozes, e os doze meses do ano, também se escreverão com letras maiúsculas (GÂNDAVO: 1574, 17-18).

Gândavo (1574) diz que na escrita portuguesa há 20 letras, 21 com o y (i grego) e sem o ‘h’ que era considerado ‘sinal de aspiração’ (pelos latinos):

Nesta arte do escrever há vinte letras, ou vinte e uma com este y grego, afora h, que não lhe chamam os Latinos letra, senão aspiração. Destas vinte e uma, são seis vogais e quinze consoantes. As vogais são estas, a, e, i, o, u, y. As consoantes as mais que restam (...) (GÂNDAVO: 1574, 15).

Portanto, o alfabeto para ele era o seguinte:

a, b, c, ç, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, x, z, y, ch, lh, nh

Em relação às vogais, da letra ‘y’, Gândavo também diz que esta só será usada sempre com valor de semivogal no meio e no final de palavras, ou quando para denotar a etimologia.

No conjunto das consoantes, diferentemente dos outros autores, Gândavo (1574: 34-35) orienta o uso do ‘h’ para as formas do verbo ‘haver’ (embora ele mesmo não faça uso) e para o verbo ‘ser’ na terceira pessoa singular, assim: “he” – a fim de distinguir ‘é’ verbo e ‘e’ conjunção, ainda que já haja o uso do acento agudo (muito pouco conhecido, conforme o autor) para marcar a abertura do verbo. O ‘h’ também será usado com os artigos indefinidos: “hum”, “hũa”; com as formas verbais “hia” e “hi”; com a interjeição “ah”; e por razões etimológicas como em “homem”, “honra”, honestidade”, “história”. Gândavo usa os dígrafos como os demais de sua época, mas não dá nomes a eles.

A letra ‘k’ aparece, não por necessidade do português, pois o autor não a usa, mas por causa dos nomes estrangeiros que aparecem, às vezes, nas leituras. O til é usado pelo ortógrafo como sinal de nasalidade ou de abreviatura:

**i) sinal de abreviatura:**

prezasse de si, ã  
(GÂNDAVO: 1574, 8)



(GÂNDAVO: 1574, 8)

porã  
(GÂNDAVO: 1574, 23)



(GÂNDAVO: 1574, 23)

**ii) til como sinal de nasalidade:**

pronunçiação  
(GÂNDAVO: 1574, 9)



(GÂNDAVO: 1574, 9)

Na obra de Gândavo (1574) aparecem os três tipos de 's': ( s ) simples, ( ſ ) alongado e ( ß ) duplo:

saber

(GÂNDAVO, 1574, 5)

A small rectangular snippet of a manuscript page, showing the word "saber" written in a dark, historical script. The word is followed by a vertical line.

(GÂNDAVO, 1574, 5)

pessoa

(GÂNDAVO, 1574, 5)

A small rectangular snippet of a manuscript page, showing the word "pessoa" written in a dark, historical script. The word is followed by a vertical line.

(GÂNDAVO, 1574, 5)

são

(GÂNDAVO, 1574, 6)

A small rectangular snippet of a manuscript page, showing the word "são" written in a dark, historical script. The word is followed by a vertical line.

(GÂNDAVO, 1574, 6)

assim

(GÂNDAVO, 1574, 6)

A small rectangular snippet of a manuscript page, showing the word "assim" written in a dark, historical script. The word is followed by a vertical line.

(GÂNDAVO, 1574, 6)

nossa

(GÂNDAVO, 1574, 12)



(GÂNDAVO, 1574, 12)

remissão

(GÂNDAVO, 1574, 10)



(GÂNDAVO, 1574, 10)

palavras

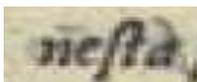
(GÂNDAVO, 1574, 5)



(GÂNDAVO, 1574, 5)

nesta

(GÂNDAVO, 1574, 13)



(GÂNDAVO, 1574, 13)

escrever

(GÂNDAVO, 1574, 7)



(GÂNDAVO, 1574, 7)

escreverem

(GÂNDAVO, 1574, 12)



(GÂNDAVO, 1574, 12)

escrever

(GÂNDAVO, 1574, 10)



(GÂNDAVO, 1574, 10)

estas

(GÂNDAVO, 1574, 15)



(GÂNDAVO, 1574, 15)

#### 4) Duarte Nunes de Leão:

A obra de Duarte Nunes de Leão, *Ortografia da Língua Portuguesa* (1576), apresenta as seguintes características: o texto é escrito com letras do tipo roman e itálico.

Leão (1576) compara a escrita à fala e diz que, como na fala:

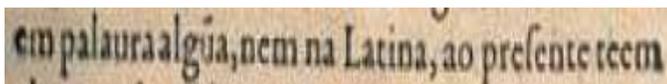
No processo da oração, ou prática, que fazemos, naturalmente usamos de umas distinções de pausas e silêncio, assim para o que ouve entender e conceber o que se diz, como para o que fala tomar espírito e vigor para pronunciar. E é assim da mesma maneira quando escrevemos. Porque como a escritura é uma representação do que falamos, para se tirar a confusão do que queremos dar a entender, e para saber onde começamos e acabamos as cláusulas, usamos de pontos como de umas balizas e marcos que dividam as sentenças e os membros de cada cláusula (LEÃO: 1576, 74-75).

O ortógrafo propõe um conjunto de sinais de pontuação, dos quais, os três primeiros sinais (vírgula, coma, cólon) são para demarcar as cláusulas (orações) e os demais são “para outros efeitos”: , vírgula, : coma, . cólon, ? interrogativo, ! admirativo, ∇ parágrafo, ( ) parênteses, ) meio círculo, “” ápices, - hífen, \* asterisco, – obelisco, ã brachia, - divisão, √ ângulo. No texto de Leão (1576) encontramos os seguintes sinais:

##### i) , vírgula:

em palavra alguma, nem latina, ao presente têm

(LEÃO: 1576, 10)

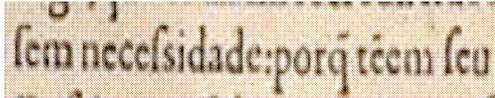


(LEÃO: 1576, 10)

**ii) : coma:**

sem necessidade: porque têm seu

(LEÃO: 1576, 10)



(LEÃO: 1576, 10)

**iii) . cólon:**

não é letra, mais que na figura.

(LEÃO: 1576, 7v)



(LEÃO: 1576, 7v)

**iv) ( ) parênteses:**

(como diz Quintiliano)

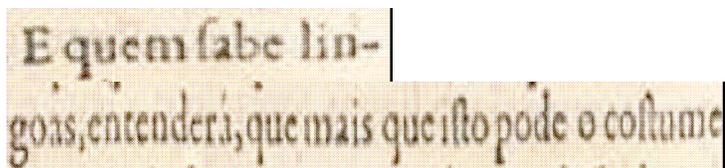
(LEÃO: 1576, 8)



(LEÃO: 1576, 8)

v) - **divisão** (hífen de separação de sílabas):

E quem sabe lin-  
goas, entenderá, que mais que isto pode o costume.  
(LEÃO: 1576, 13v)



(LEÃO: 1576, 13v)

Em relação aos acentos, Leão diz que na Língua Portuguesa são três: ‘agudo’, ‘grave’ e ‘circunflexo’, e enfatiza a importância deles para a escrita, detalhando, inclusive, a necessidade de seu uso para distinguir a significação de palavras homônimas. Ele deixa claro também que a vogal tônica não deve ser duplicada, como alguns o fazem, mas acentuadas. O acento agudo é usado para marcar o timbre aberto de ‘e’ e de ‘o’. Esse é um recurso antigo, mas não se aplica a todos os casos, somente quando pode facilitar a leitura, evitar ambiguidade, etc:

Como as palavras constam de vozes, naturalmente as não podemos pronunciar senão com diferença de acentos, e uns altos e predominantes, e outros graves e baixos. E acento chamamos o tom que damos a cada sílaba, que em cada dicção levantamos ou abaixamos (...). E os acentos são três: agudo, grave, circunflexo. (...) E porque muitas dicções se parecem com outras, por terem as mesmas letras, e todavia por serem diferentes na significação, têm diferença no acento, releva usar destes acentos para demonstração da diferença. (...) Mas alguns há que, por não terem notícia dos acentos, em lugar deles dobram as vogais do acento predominante (...) Mas o melhor será notar a diferença com os acentos, por não pôr letras ociosas que na verdade não se pronunciam (LEÃO: 1576, 66-67).

O ortógrafo, seguindo os gregos, inclui o apóstrofo entre os acentos, mesmo sem considerá-lo um acento: “Apóstrofo é uma figura que os gregos contam entre seus acentos, sem ser acento. Porque só denota a vogal que se tira do fim da dicção” (LEÃO: 1576, 67). Acentos encontrados na obra:

**i) ^ acento circunflexo:**

amarâ

(LEÃO: 1576, 66v)



(LEÃO: 1576, 66v)

côr

(LEÃO: 1576, 66v)



(LEÃO: 1576, 66v)

**ii) ´ acento agudo:**

será

(LEÃO: 1576, 67)



(LEÃO: 1576, 67)

já

(LEÃO: 1576, 67)



(LEÃO: 1576, 67)

**iii) ‘ apóstrofo:**

Fernand’ Alvarez

(LEÃO: 1576, 68)



(LEÃO: 1576, 68)

Font’arcada

(LEÃO: 1576, 68)



(LEÃO: 1576, 68)

Leão (1576) apresenta o seguinte conjunto alfabético:

vogais: a, e, i, o, u, y

consoantes: b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z

No grupo das vogais, o ‘y’ não deve substituir o ‘i’ vogal em palavras portuguesas e é recomendado para escrever apenas palavras vindas do grego, como “synagoga”, “hydra”, “hyperbole”, “hypotheca” e muitas outras.

Quanto às consoantes, o autor segue a postura de Oliveira e de João de Barros em relação à letra ‘h’ dizendo que “(...) somente parece que a sentimos na pronúncia de duas interjeições: de há-há (...) e de ah (...)” (LEÃO: 1576, 8). Porém, ele acrescenta que a letra é necessária no português por razões etimológicas e para formar os dígrafos ‘ch’, ‘lh’, ‘nh’, ‘ph’ e ‘th’, para os quais a língua portuguesa não tem letras próprias para representá-los. Diferentemente dos outros autores, Leão admite a necessidade dos dígrafos ‘ph’, ‘th’ (sem, todavia, incluí-los no alfabeto português) para a escrita de certos vocábulos gregos que vieram pela ortografia do latim:

Tem também os portugueses o .th. dos Gregos aspirado em as dicções Gregas, de que usamos, como theologia, theorica, Thomas. A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os Latinos ao seu. Porque não temos figura que a denote como os Gregos, que lhe dão uma só figura assim .θ. mas figuramo-la com o .t. e .h. com a qual aspiração se afrouxa a pronúncia do .t. (LEÃO: 1576, 8).

Leão (1576:10) justifica a presença da letra ‘k’, no alfabeto da Língua Portuguesa, afirmando que ela, apesar de ser “sobeja e ociosa” - uma vez que a escrita portuguesa tem o ‘c’ - é necessária apenas para ler algumas palavras latinas (em geral, trazidas do grego) e sua presença – do ‘k’ – as deixariam familiar ao leitor de português e de latim.

Para o ortógrafo, o til não é letra, mas sinal de abreviatura, e substitui letras nas palavras em geral (como vimos em Oliveira (1536)) não somente em ‘que’ e ‘porque’ como em Barros (1540). Também nasaliza vogais suprimindo as letras ‘m’ e ‘n’:

Til não é letra, mas uma linha e abreviatura que se põe sobre as dicções com que suprimos muitas letras (...) como se vê nesta palavra ‘misericordia’, que abreviando-a com o til, escusamos todas estas letras: ‘isericord’, escrevendo assim: ‘mã’, e assim muitas

outras palavras como ‘bispo’, ‘apóstolo’, ‘tempo’: b̃po, apl̃o, t̃po.  
(...) Mas o mais freqüente uso desta abreviatura é servir de m e n  
(...) (LEÃO: 1576, 14).

Das consoantes dobradas, o ortógrafo diz que “umas letras se dobram nas dicções por natureza das palavras, outras por derivação, outras por significação, outras por corrupção, outras por variação, outras por composição” (LEÃO: 1576, 38v), sendo necessárias para conservar a origem das palavras e que o latim é modelo de onde a Língua Portuguesa deve tirar o seu uso ou não: “E ainda que na verdade as nossas orelhas não compreenderão a diferença das letras dobradas, para conservação da origem e etimologia dos vocábulos, era necessário dobrarem-se, tomando-os nos do latinos ou gregos, assim como eles nos dão (...)” (LEÃO: 1576, 41).

Tipos de ‘s’ encontrados na obra: ( ꝛ ) alongado, ( s ) simples:

sciencia

(LEÃO: 1576, 1)



(LEÃO: 1576, 1)

palauras

(LEÃO: 1576, 1)



(LEÃO: 1576, 1)

percussão  
(LEÃO: 1576, 1)



(LEÃO: 1576, 1)

assi  
(LEÃO: 1576, 1v)

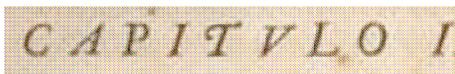


(LEÃO: 1576, 1)

## 5) Álvaro Ferreira de Vera

Finalmente, a obra *Ortografia ou modo para escrever certo na Língua Portuguesa*, de Álvaro Ferreira de Vera, publicada em 1631, vem escrita com letras itálicas nos títulos e letras itálicas no corpo do texto. Os números são românicos na enumeração de capítulos e arábicos na enumeração das páginas:

CAPITVLO I  
(VERA: 1631, 2)



(VERA: 1631, 2)

2

(VERA: 1631, 2)



(VERA: 1631, 2)

Vera (1631) estabelece o seguinte alfabeto para a Língua Portuguesa:

vogais: a, e, i, o, u, y

consoantes: b, c, ç, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z, ch, lh, nh

til: sinal de abreviatura e de nasalizaçãp de vogais

que segue o latino, de 23 letras, reconhecendo, todavia, a necessidade do uso, em português, dos dígrafos ‘ch’, ‘lh’ e ‘nh’ por representarem sons diferentes e necessários à língua.

A letra ‘y’ consta junto às vogais e deve ser usado, por razões etimológicas, somente em vocábulos gregos, como em: “hymno”, “mysterio”, ‘nympha’.

Como Leão (1576) Vera afirma a necessidade do uso dos dígrafos ‘ph’ e ‘th’ para a escrita de palavras gregas, já o ‘ch’ grego, por apresentar as mesmas letras que o dígrafo português, não deve ser usado na escrita da língua, mas ser reconhecido quando encontrado em leituras, e a sua pronuncia deve ser a de ‘qui’. A letra ‘k’, da mesma forma, servirá apenas para reconhecimento de palavras latinas.

O til está no alfabeto, mas não é letra e sim sinal de nasalização de vogais e de abreviatura de palavras:

#### **i) til como sinal de abreviatura:**

Porç

(VERA: 1631, 2)



(VERA: 1631, 2)

q̃ a modo

(VERA: 1631, 6v)



(VERA: 1631, 6v)

**ii) til nasalizando vogais:**

convẽ

(VERA: 1631, 7)



(VERA: 1631, 7)

sómẽte

(VERA: 1631, 7v)



(VERA: 1631, 7v)

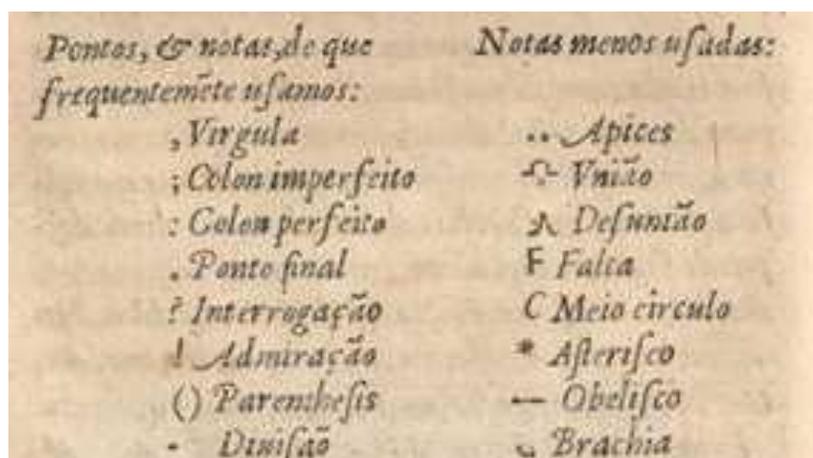
Vera (1631) propõe, em seu tratado, os seguintes sinais de pontuação e outras marcas:

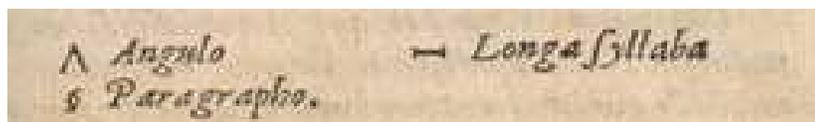
“Pontos e notas de que frequentemente usamos:

, vírgula  
; cólon imperfeito  
: cólon perfeito  
. ponto final  
? interrogação  
! admiração  
) parênteses  
- divisão  
Λ ângulo  
§ parágrafo

Notas menos usadas:

.. ápices  
Ω união (valor gráfico aproximado do original)  
λ desunião (valor gráfico aproximado do original)  
F falta  
C meio círculo  
\* asterisco  
— obelisco  
˘ brachia  
- longa sílaba” (VERA: 1631, 4v-5).





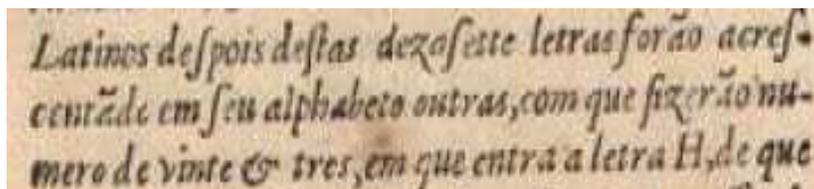
(VERA: 1631, 4v-5)

Sinais de pontuação encontrados na obra:

**i) - divisão (hífen de separação de sílabas:**

(...) Latinos depois destas dezassete letras forão acrescentado em seu alphabeto outras, com que fizerão numero de vinte e três, em que entra a letra H, de que (...).

(VERA: 1631, 3v)



(VERA: 1631, 3v)

**ii) ( ) parênteses:**

(ferindo outra vogal)

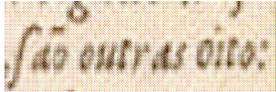
(VERA: 1631, 3v)



(VERA: 1631, 3v)

**iii) : cólon perfeito:**

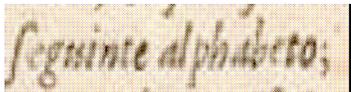
são outras oito  
(VERA: 1631, 4)



(VERA: 1631, 4)

**iv) ; cólon imperfeito:**

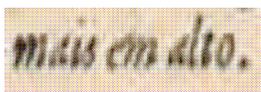
seguinte alphabeto  
(VERA: 1631, 4)



(VERA: 1631, 4)

**v) . ponto final:**

mais em alto  
(VERA: 1631, 6v)



(VERA: 1631, 6v)

**vi) , vírgula:**

i, porque junta a qualquer dellas, não tem outro

(VERA: 1631, 7)



(VERA: 1631, 7)

Vera (1631: 41v) afirma que o “acento é o tom de cada sílaba” e a função deles é marcar a tonicidade vocálica e a diferença de significação em palavras homônimas. Dos acentos latinos - agudo, grave e circunflexo - a escrita portuguesa usará somente dois: o agudo e o circunflexo; e, dos gregos, o apóstrofo:

Acento é o tom de cada sílaba. Os Latinos usavam de três, a saber: Agudo, grave e circunflexo, que é composto de ambos. Do primeiro e terceiro usamos os Portugueses (...) Além destes três acentos, usam os Gregos de outro mais a que chamam Apóstrofo (...). Também na prosa da necessidade havemos de usar deste apóstrofo (...) (VERA: 1631, 41v-42v).

O ortógrafo utiliza em sua obra os seguintes sinais:

**i) ` acento grave:**

sòmente

(VERA: 1631, 6v)



(VERA: 1631, 6v)

**ii) ´ acento agudo:**

inventário

(VERA: 1631, 6v)



(VERA: 1631, 6v)

**iii) ^ acento circunflexo:**

Portuguesas

(VERA: 1631, 22)



(VERA: 1631, 22)

**iii) ´ apóstrofo:**

d'outro

(VERA: 1631, 22)



(VERA: 1631, 22)

Os tipos de 's' usados por Vera: 'j' alongado e 's' simples:

segundo

(VERA: 1631, 3)



(VERA: 1631, 3)

buscava

(VERA: 1631, 3)



(VERA: 1631, 3)

estiuesssem

(VERA: 1631, 2v)



(VERA: 1631, 2v)

Assi

(VERA: 1631, 3)



(VERA: 1631, 3)

sou

(VERA: 1631, 2v)



(VERA: 1631, 2v)

antigos

(VERA: 1631, 2v)



(VERA: 1631, 2v)

Estas

(VERA: 1631, 3)



(VERA: 1631, 3)

Concluindo, a exposição acima mostra quais eram as letras que compunham a ortografia da Língua Portuguesa, na voz de alguns gramáticos e ortógrafos. Mesmo sendo publicada antes de alguns desses trabalhos, a obra *Os Lusíadas*, certamente foi composta e impressa por pessoas que conheciam o que se ensinava e se publicava com relação ao uso

da ortografia naquela época<sup>64</sup>. Provavelmente, as grandes tipografias contavam com especialistas que analisavam e, eventualmente, corrigiam ou simplesmente alteravam a ortografia dos originais. Neste caso, aparecia não apenas a autoria do texto, mas também a autoria da grafia que o documento trazia. Esse processo de revisão ou alteração ortográfica também ocorreu n’*Os Lusíadas* conforme estudiosos que analisaram as diferenças ortográficas presentes nas duas edições de 1572<sup>65</sup>.

Analisando a obra de Camões, encontramos as letras de uso comum no final do século XVI, bem como os sinais de pontuação, os estilos de letras e as marcas tipográficas comuns daquele tempo. Neste sentido, sua obra não foge do modelo alfabético de sua época. A contribuição maior que *Os Lusíadas* trouxeram encontra-se no modo como os itens lexicais foram escritos, ou seja, na ortografia das palavras. A esse respeito, continuaremos a analisar a obra, agora com um certo grau de detalhamento.

### **3.2. Sistema ortográfico d’*Os Lusíadas***

Os dados apresentados a seguir constituem os elementos do sistema ortográfico usado na obra de Camões. O levantamento das letras e de suas ocorrências nas palavras permite que a grafia usada seja comparada com a escrita de outros autores e, principalmente, que seja cotejada com o que os gramáticos e ortógrafos da época sugeriam para a escrita da Língua Portuguesa.

---

<sup>64</sup> Sabemos que Fernão de Oliveira, por exemplo, no fim da vida, acabou sendo revisor da tipografia da Universidade de Coimbra. Tal cargo representava uma ação direta sobre os manuscritos que chegavam para ser publicados.

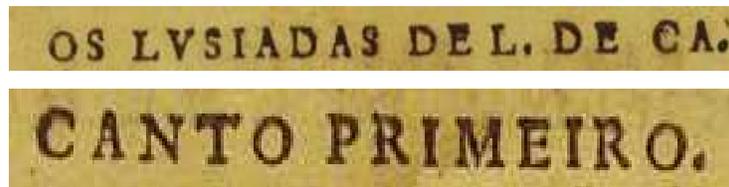
<sup>65</sup> Na edição d’*Os Lusíadas* publicada em 1880, sob responsabilidade do Visconde de Juromenha, foram computadas 2.217 diferenças ortográficas e de pontuação existentes entre as duas primeiras edições. Rolando Monteiro (1973: 55) diz, dessas divergências, que na 1ª edição, a maior parte dos erros são tipográficos e, na 2ª edição, são poéticos. Este autor apresenta uma lista comparativa dos erros apresentados nas duas edições de 1572 da obra de Camões.

### 3.2.1 Aspectos gerais da obra

*Os Lusíadas* (1572) foi impresso com letras itálicas e letras normal. No cabeçalho de cada página aparecem letras maiúsculas:

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

CANTO PRIMEIRO.



A metade do primeiro verso, que inicia cada Canto, é escrito com letras normais minúsculas e o restante do verso com letras itálicas minúsculas:

As armas, & os ba-  
rões assinalados,  
(C1, 1e, v1)



(C1, 1e, v1)<sup>66</sup>

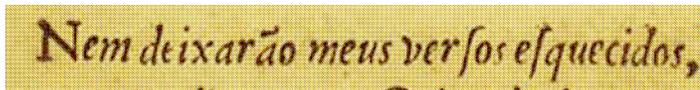
---

<sup>66</sup> Leia-se Canto 1, estrofe 1, verso 1. Este procedimento será utilizado para indicar todas as citações retiradas d'*Os Lusíadas*.

Todos os demais versos são escritos com letras itálicas minúsculas, sendo iniciados, no entanto, por letras maiúsculas:

Nem deixarão meus versos esquecidos

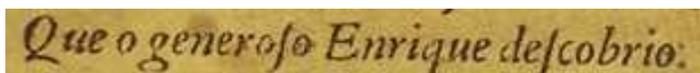
(C1, e14, v1)



(C1, e14, v1)

Que o generoso Enrique descobrio:

(C5, 4e, v4)



(C5, 4e, v4)

A enumeração dos Cantos é feita por extenso, já os números que marcam as páginas da obra apresentam a forma arábica:

CANTO TERCEIRO. 45



É muito comum o símbolo & para 'e' conjunção:

Fiado na promessa, e consciencia

(C3, 36e, v6)

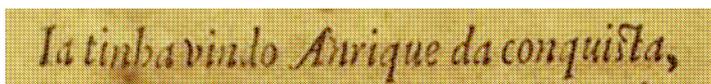


(C3, 36e, v6)

O 'j' maiúsculo é substituído pela letra 'i' maiúscula quando em início de palavras:

Ia tinha vindo Anrique da conquista

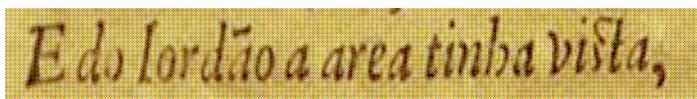
(C3, 27e, v1)



(C3, 27e, v1)

E do Iordão a área tinha vista

(C3, 27e, v3)



(C3, 27e, v3)

### 3.2.2 O alfabeto, diacríticos e outras marcas

O conjunto de letras de um sistema de escrita alfabética constitui o alfabeto. Na obra de Camões, encontramos as seguintes letras:

vogais: a, e, i, o, u, y

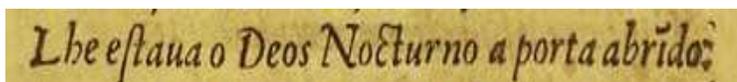
consoantes: b, c, ç d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, ſ, ß (duplo ss), t, v, x, z, ch, lh,  
nh

O til aparece como marca de nasalidade e como sinal de abreviatura:

**i) til como marca de nasalidade vocálica:**

Lhe estava o Deos Noturno a porta abrído

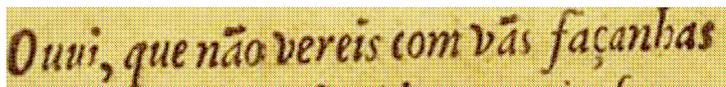
(C2, 1e, v6)



(C2, 1e, v6)

Ouui, que não vereis com vãs façanhas

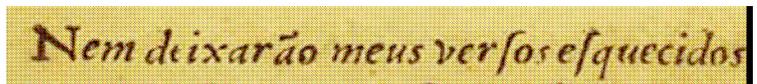
(C1, 11e, v1)



(C1, 11e, v1)

Nem deixarão meus versos esquecidos

(C1, 14e, v1)

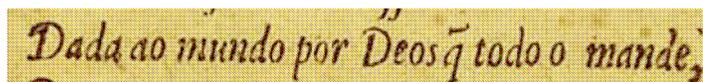


(C1, 14e, v1)

**ii) til como marca de abreviatura:**

Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande

(C1, 6e, v7)

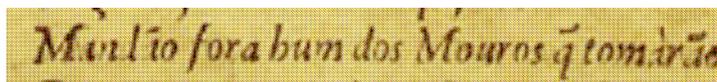


Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,

(C1, 6e, v7)

Mandão fora hum dos Mouros q̃ tomárão

(C2, 74e, v7)



Mandão fora hum dos Mouros q̃ tomárão

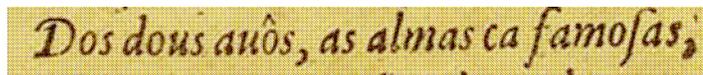
(C2, 74e, v7)

Foram encontrados os seguintes acentos:

**i) acento circunflexo:**

Dos dous auôs, as almas ca famosas

(C1, 17e, v2)



Dos dous auôs, as almas ca famosas,

(C1, 17e, v2)

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão

(C2, 15e, v1)



(C2, 15e, v1)

**ii) acento grave:**

Gente que de tam longe à Índia vinha.

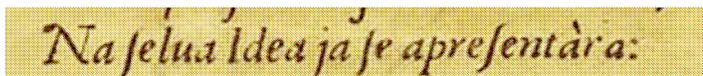
(C2, 101e, v8)



(C2, 101e, v8)

Na selua Idea já se apresentàra:

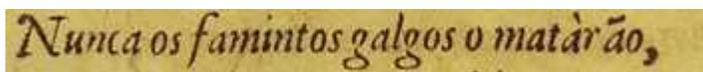
(C2, 35e, v4)



(C2, 35e, v4)

Nunca os famintos galgos o matarão,

(C2, 35e, v7)



(C2, 35e, v7)

### iii) acento agudo:

Há uma grande tendência em acentuar as palavras, em contextos de acento agudo, com acento grave. Tais contextos representam as sílabas tônicas das palavras, como nas formas verbais: *està* (C1, 20e, v2) e *terà* (C1, 106, v6); no substantivo *almádias* (C2, 88e, v2) e no adjetivo *àuidas* (C2, 108e, v4). Entretanto, a maioria das ocorrências são em palavras que, por regra, não são acentuadas, como as formas verbais: ‘tornara’, ‘achara’, ‘gerara’, ‘informara’, ‘apresentaram’, ‘agasalharam’, que, na obra, encontramos assim: *tornàra* (C1, 22e, v6), *achàra* (C2, 42, v7), *geràra* (C2, 42e, v8), *informàra* (C3, 9e, v7), *apresentarão* (C2, 9e, v1), *agasálharão* (C2, 15, v3). Foram encontradas, todavia, as seguintes ocorrências de acento agudo:

Hūs vão nas almádias carregadas,

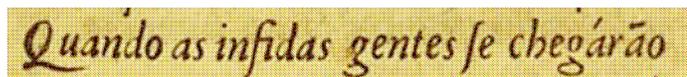
(C1, 92, v1)



(C1, 92, v1)

Quando as infidas gentes se chegarão

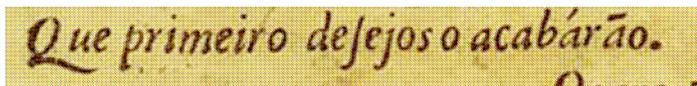
(C2, 1e, v7)



(C2, 1e, v7)

Que primeiro desejos o acabarão.

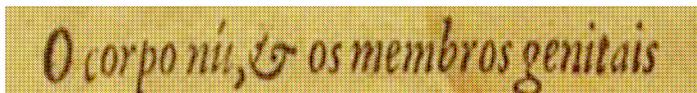
(C2, 35e, v8)



(C2, 35e, v8)

O corpo nú, e os membros genitais

(C6, 18e, v1)



(C6, 18e, v1)

O hífen aparece como sinal de separação de sílaba no final da linha:

Que as horas vay do dia distin-  
guindo,

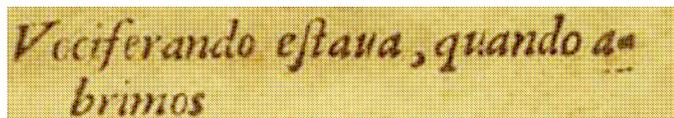
(C2, 1e, v1)



(C2, 1e, v1)

Vociferando estaua, quando a-  
brimos

(C5, 1e, v2)



*Vcciferando estava, quando a  
brimos*

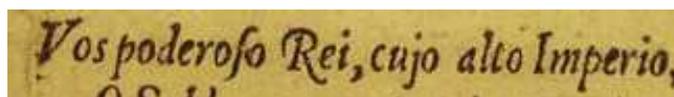
(C5, 1e, v2)

Mesmo sendo um poema, gênero mais livre, há um amplo uso de sinais de pontuação, entre os quais:

**i) , vírgula:**

Vos poderoso Rei, cujo alto Império,

(C1, 8e, v1)



*Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,*

(C1, 8e, v1)

**ii) . ponto final:**

Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

(C1, 2e, v8)



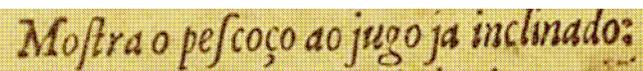
*Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

(C1, 2e, v8)

**iii) : dois pontos:**

Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:

(C1, 16e, v4)



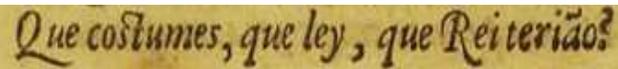
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado.

(C1, v16, e4)

**iv) ? ponto de interrogação:**

Que costumes, que ley, que Rei terião?

(CI, 45e, v8)



Que costumes, que ley, que Rei terião?

(CI, 45e, v8)

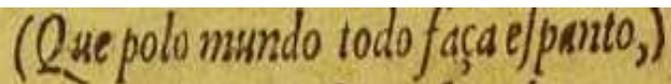
**v) ! ponto de exclamação:**

Não há ocorrência de ponto de exclamação n'*Os Lusíadas*.

**vi) ( ) parênteses:**

(Que polo mundo todo faça espanto, )

(C1, 15e, v6)

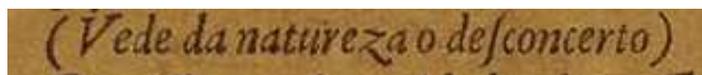


(Que polo mundo todo faça espanto,)

(C1, 15e, v6)

(Vede da natureza o desconcerto)

(C3, 138e, v2)



(C3, 138e, v2)

### 3.3 Estudo das Vogais

#### 3.3.1 A definição de vogais pelos gramáticos e ortógrafos e o emprego delas n'Os Lusíadas

A definição dada às vogais é distinta de autor para autor (Fernão de Oliveira, João de Barros, Gândavo, Duarte Nunes de Leão, Vera), embora haja pontos semelhantes em suas análises.

Fernão de Oliveira oferece uma definição simples de vogais: “As vogais têm em si voz (...)”. Mais adiante, o autor continua: “(...) havemos de confessar que temos oito vogais na nossa língua, mas não temos mais de cinco figuras (...)” (OLIVEIRA: 1536, 5-6v)<sup>67</sup>. Conjunto das vogais em Oliveira:  $\alpha$ , a,  $\varepsilon$ , e, i,  $\omega$ , o, u, y.

Na definição de João de Barros (1971) [1540], as vogais também são oito e constituem letras independentes:

(...) as vogais são á a é e i ó o u. Chamam-se estas letras vogais porque cada uma por si, sem ajuntamento de outra, faz perfeita voz (...) (BARROS: 1971 [1540], 40v).

Gândavo (1574), por sua vez, propõe um quadro de seis vogais: *a, e, i, o, u, y*, porém não as define, apenas diz que a arte de escrever é composta de vinte ou vinte e uma letras (se incluído o ‘y’), das quais seis são vogais e as demais consoantes:

---

<sup>67</sup> Figura, para Oliveira e Barros, é a forma gráfica das letras.

Nesta arte de escrever há vinte letras, ou vinte e uma com este y grego, afora h, que não lhe chamam os latinos letra, senão aspiração. Destas vinte e uma, seis são vogais e quinze consoantes. As vogais são estas: a, e, i, o, u, y. As consoantes as mais que restam (GÂNDAVO: 1574, 55).

Leão (1576), como Gândavo, apresenta um quadro de seis vogais: *a, e, i, o, u, y* e as define dessa forma: “(...) Chamam-se vogais por excelência, porque por si se podem pronunciar, e formar sílaba, sem ajuda das consoantes” (LEÃO: 1576, 2)

Vera (1631), como os últimos autores, apresenta um quadro de seis vogais e a sua definição repete as anteriores:

(...) Destas são seis vogais: a, e, i, o, u, y. Chamam-se assim porque elas por si mesmas enchem a voz, como se vê quando a pronunciamos, sendo mais interiores umas que as outras, começando da primeira (VERA: 1631, 3v).

Com relação às vogais, observam-se pontos comuns e divergentes na análise desses autores. Em comum, o que se verifica é a diferenciação das letras vogais das letras consoantes, levando em conta a independência das vogais para formar sílabas sozinhas; quais letras são vogais e o número delas. O ponto divergente, e muito importante, é a noção de ‘vogais grandes’ e ‘vogais pequenas’. Dos autores, Oliveira (1536), Barros (1971 [1540]) e Leão (1576) discutem a questão, mas, cada um deles sob uma visão própria.

De acordo com Buescu (1975), Oliveira e Barros tomaram posturas de autores estrangeiros que também discutiram o assunto. Oliveira se manteve mais próximo a uma influência italiana e, em Barros, verifica-se uma dupla influência: italiana e francesa.

Verificamos, efetivamente, uma conformidade entre a designação de grande, pequeno e uma disparidade entre a representação gráfica preconizada por cada um dos ortografistas. A designação corresponde à posição mais generalizada entre os Italianos, enquanto a representação gráfica aproxima Fernão de Oliveira da

posição de Salviati para o caso de *o* e de Trissino para o de *e* (BUESCU: 1975, 26).

Os quadros que seguem ajudam a compreender melhor o que foi dito:

**Quadro 1: As vogais *e* e *o* em gramáticos italianos e franceses do século XVI<sup>68</sup>:**

	E		O	
	Aberto	Fechado	Aberto	Fechado
Trissino .....	ɛ	e	o	ω
Salviati .....	e	ɛ	ω	o
Tolomei .....	E	e	O	o
Giglio .....	E	e	O	o
Varchi .....	e	E	o	O
Peletier .....	ɛ	e	-	-

(BUESCU: 1975, 25)

<sup>68</sup> Como bem afirma Buescu (1978: 33) e pode ser visto no quadro 1, apresentado, os gramáticos italianos e franceses se referiram apenas ao ‘e’ e ao ‘o’ na questão de abertura e fechamento de vogais. Os gramáticos portugueses, por sua vez, percebendo claramente a realidade fonológica da língua portuguesa, se referiram também ao ‘a’ aberto e ao ‘a’ fechado.

**Quadro 2: As vogais *a, e, o* em Fernão de Oliveira e João de Barros:**

	a				e				o			
	Aberto		Fechado		Aberto		Fechado		Aberto		Fechado	
	Design.	Repres.										
Fernão de Oliveira .....	grande	a	pequeno	α	grande	ε	pequeno	e	grande	ω	pequeno	o
João de Barros .....	grande	á	pequeno	â	grande	ê	pequeno	e	grande	ó	pequeno	ô

(BUESCU: 1975, 27)

Comparando os dois quadros, nota-se que a solução gráfica para a escrita das vogais médias abertas e fechadas, que aparece anotada nas gramáticas e nos tratados de ortografia da língua no século XVI, é resultado da influência dos autores franceses e italianos, quando os sons são distinguidos por letras diferentes. A solução de usar acento agudo e circunflexo para indicar o timbre da vogal é típica da Língua Portuguesa. A distinção de timbre vocálico no português era uma distinção fonológica e por isso as marcas da escrita facilitavam a leitura.

Leão (1576) discorda das posturas adotadas pelos gramáticos. O ortógrafo não concorda com a distinção entre vogais grandes e pequenas. O que distingue as vogais, segundo ele, é a diferença na pronúncia determinada pelo acento que elas recebem. Com a posição de Leão, as marcas gráficas de acento servem para marcar as sílabas tônicas abertas com acento agudo. Ele junta a tonicidade da sílaba com a qualidade vocálica ou timbre vocálico - característica ortográfica típica da Língua Portuguesa até hoje:

O que se não há de admitir acerca de nós, que nas vogais nenhuma diferença temos dos Latinos, de quem tem origem nossa língua. E a razão que faz parecer que são dois .aa. hum grande e outro pequeno, é a pronunçiação vária, que se causa dos acentos, ou das letras a que se ajunta esta vogal. Porque quando tem o acento agudo parece grande, como em prato, e quando grave, parece pequeno, como em prateleiro. E todas as vezes que depois do .a. segue .m.ou .n. como nestas palavras: fama, cano, pronuncia-se com menos hiato e abertura da boca, e fica parecendo pequeno, não sendo assim. Porque o ser grande ou pequeno, consiste na longura e espaço da pronunçiação, e não na maneira dela (LEÃO: 1576, 2v-3).

A seguir será exposta a definição das vogais dada pelos gramáticos e ortógrafos<sup>69</sup>, bem como elas ocorrem n' *Os Lusíadas*:

### 3.3.2 A letra A:

Oliveira (1536), em sua gramática, apresenta a seguinte descrição para a vogal 'a':

Esta letra a pequena tem figura de ovo com um escudete diante e a ponta do escudo embaixo, cambada para cima. A sua pronunçiação é com a boca mais aberta que das outras vogais e toda a boca igual. *a* grande tem figura de dois ovos ou duas figuras de ovo, uma pegada com a outra, com um só escudo diante. A pronunçiação é com a mesma forma da boca, senão quando traz mais espírito (OLIVEIRA: 1536, 11).

Como se verifica, o gramático propõe representações gráficas diferentes para o que ele considera 'a' grande e 'a' pequeno: *a* grande; a pequeno.

Barros (1971 [1540]) escreve:

---

<sup>69</sup> Gândavo não trata de todas as letras separadamente, por isso, em alguns casos não aparecerá registro de sua opinião.

A, que é a nossa primeira letra do a, b, c, tem duas figuras: uma deste á que chamamos grande e outra do pequeno. Ambos servem em composição de dicções e cada um tem seu officio em que o outro não atende, porque, não escrevendo as dicções onde cada um serve, ficariam anfibológicas e duvidosas, dado que o modo da construção as mais das vezes nos ensine a tirar esta anfibologia, como nestas e outras dicções: *más* e *mas* (...). (BARROS: [1540] 1971, 43).

Leão (1576) é, todavia, quem mais se estende na apresentação da vogal ‘a’:

A é a letra vogal simples e pura e acerca de nós duvidosa na quantidade, como acerca dos Gregos e Latinos, porque pode ser breve e ser longa, segundo as letras a que se ajunta ou lugar onde cai. E não há mais que um a, porque ser longo e ser breve é acidentalmente, cá ele por si não é longo nem breve e pode ser um e outro. E, se por uma parte vemos a longo e em outra parte breve, ou em uma parte com acento agudo e em outra grave, ou circunflexo, dissermos que são diversas espécies de a, também dessa maneira o diremos de todas as outras vogais, e assim cada uma seria de muitas maneiras. O que se não há de admitir acerca de nós, que nas vogais nenhuma diferença temos dos Latinos, de quem tem origem nossa língua.

E a razão que faz parecer que são dois aa, um grande e um pequeno, é a pronúnciação vária, que se causa dos acentos, ou das letras, a que se ajunta esta vogal. Porque, quando tem o acento agudo parece grande, como em prato, e quando grave, parece pequeno, como em prateleiro. E todas as vezes que depois do a se segue m ou n, como nestas palavras: fama, cano, pronuncia-se com menos hiato e abertura da boca e fica parecendo pequeno, não sendo assim. Porque o ser grande e ser pequeno, consiste na longura e espaço da pronúnciação, e não na maneira dela. E a causa de soar assim, a, é que a formação da dita letra se faz com abertura da boca e o m e n se formam por contrária maneira, fechando-a. E não se pode em tão pequeno espaço, como se consome em uma sílaba, servir perfeitamente a dois officios contrários, de abrir e cerrar a boca. Portanto, ficamos pronúnciando o a com aquela diferença de pronúnciação, não menos longo em tempo. Porém, junto a outras letras não soa o a assim obtuso, como quando se ajunta a a. m. n., como vemos por todas as maneiras letras do a. b. c. a que se pode ajuntar, como nestas palavras, aba, labança, adaga, cáfila, praia, calça, sapo, atabaque, arca, casa, prata, cava, taxa, azo. Nos quais lugares, ainda que quiséssemos dar-lhe som de a pequeno, não

poderíamos, porque na verdade não o há mais que de uma maneira, quer seja longo, quer seja breve.

Assim que todas as vezes que vimos variar a pronúnciação do a causa-se do acento ser diferente, ou de se ajuntar a tais letras que o apagam e não de esta letra ser de outra espécie. Porque o a em abstracto (como dizem) e enquanto letra elementar, não tem acento nem medida, senão depois que é feito dicção (LEÃO: 1576, 2v-4).

O que se entende da citação acima é a necessidade que o ortógrafo vê de explicar melhor a afirmação existente na época de que havia um ‘a’ grande e um ‘a’ pequeno (Fernão de Oliveira, João de Barros). Sua explicação mostra que, pelo menos para o dialeto que ele retrata em sua obra, não havia diferença de timbre ou de qualidade entre dois ‘aas’. A pronúncia era sempre a mesma. Mas, como o próprio Leão reconhece, em diferentes contextos, todas as letras do ‘abc’ variam. Essa variação tem a ver com a tonicidade da sílaba e esta tem a ver com a duração. Sílabas tônicas são longas e, portanto, dão a impressão de que são mais fortes ou mais claras. Sílabas átonas são, em geral, mais breves e essa breve duração dá a impressão de que a vogal tem outra qualidade, quando, na verdade, tem apenas uma duração menor. Essa descrição fonética é muito importante para a história da Língua Portuguesa, porque, mais adiante, e até hoje sabemos que o Brasil mantém a mesma qualidade fonética (timbre) para as ocorrências de [a] tônico ou átono, embora a duração varie, como descrita por Leão.

Em Portugal, todavia, o [a] átono tem se transformado em chuá [ə] em muitos contextos, apresentando, portanto, uma qualidade diferente do timbre do ‘a’ tônico. Estas considerações nos levam a admitir que no século XVI começou essa diferenciação. Não confundir essa diferença entre vogais orais, com as vogais nasalizadas. Leão mostra claramente em sua descrição que as vogais nasalizadas têm uma qualidade ou timbre reconhecidamente diferente pelos falantes, o que acontece até hoje, quando encontramos a vogal nasalizada com qualidade centralizada. A distinção que aparece em alguns autores (antigos e modernos) da variação de timbre em verbos (presente e passado) é uma distinção controlada pela nasalidade e conseqüentemente também pelo timbre, razão pela qual a

forma de presente aparece, às vezes, marcada com acento agudo (cf. cantamos – presente; cantamos – pretérito). Vera, por sua vez, (1631) afirma:

Esta letra A é vogal simples e pura, e na quantidade duvidosa, assim para nós como para os Gregos e Latinos: porque é breve; e pode ser longa, segundo o lugar onde cair: para o que servem os acentos agudo e circunflexo de que havemos de tratar. Os Hebreus, Gregos e Latinos (a que nós imitamos, por a Língua Portuguesa ter origem da Latina) começaram seus alfabetos nesta letra A. Os Hebreus lhe chamam Aleph: os Gregos Alpha: os Latinos A, na forma que a pronunciamos.

Dão várias razões os que escreveram sobre esta matéria. Uns dizem que os Gregos e Latinos começaram por esta letra, por imitarem o alfabeto Hebreu, reconhecendo esta língua por origem e inventadora das letras. Outros dizem que a razão de se pôr no princípio de todas as letras, foi por ser a mais próxima ao coração; que como ele é princípio da vida, assim o é de todas as letras que parece sai do interior do nosso peito, quando pronunciamos esta letra A. Finalmente dizem outros que é posta no princípio de todas as mais por ser a primeira a que pronunciamos quando nascemos.

De uma maneira ou de outra, quer breve, quer longa, não é mais que uma só letra e, enquanto letra elemental, não tem acento, nem medida; senão depois que é feita dicção: porque por si só não é breve nem longa, que a sê-lo, é acidentalmente (VERA: 1631, 5-5 v).

Podemos dizer, no caso d'*Os Lusíadas*, que havia um timbre oral oposto a um timbre nasal para a vogal 'a'. O timbre nasal aparece quando a vogal 'a' é tônica ou aparece com a marca de til, indicando sua nasalidade. Estes timbres são atestados pelos gramáticos e ortógrafos da época e, de certo modo, chegaram até nós hoje. Ainda seguindo estes estudiosos, havia um timbre fechado do 'a' em sílabas átonas, em casos especiais, como nas primeiras pessoas do plural dos verbos de primeira conjugação, que opunham a vogal aberta do pretérito perfeito à vogal fechada (nasalizada) do presente do indicativo. Essa diferença, contudo, não pode ser verificada vendo apenas os versos camonianos<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> No português europeu ocorre também um chuá (vogal central) como alofone de /a/ em sílabas átonas. No português do Brasil pode ocorrer um chuá apenas em final de palavra, em sílaba átona, principalmente, quando ocorre uma fala mais rápida.

Todavia, a presença de ‘aa’ pode indicar, às vezes, a presença de uma vogal tônica (longa), como em *vaa* (vâ) (C4, 76e, v7)<sup>71</sup>. Na obra, a letra ‘a’ aparece em vários contextos, conforme apresentado a seguir.

**i) no início de palavras em sílabas átonas:**

aqueles (C1, 2e, v2)

ajuda (C1, 5e, v6)

acharem (C1, 57e, v3)

arrombão (C1, 92e, v5)

açoute (C4, 1e, v2)

apacentauão (C5, 62e, v8)

**ii) no interior de palavras em sílabas tônicas e átonas:**

assinalados (C1, 1e, v1)

nauegações (C1, 3e, v2)

celebrado (C1, 4e, v3)

magestade (C1, 9e, v1)

julgareis (C1, 10e, v7)

implacabil (C5, 45e, v4)

**iii) no final de palavras em sílabas átonas:**

musa (C1, 3e, v7)

segurança (C1, 13e, v5)

cousa (C2, 3e, v2)

nimfa (C3, 2e, v1)

desonra (C4, 43e, v7)

sospeita (C5, 4e, v8)

---

<sup>71</sup> Mais adiante, as vogais duplas serão tratadas em detalhes.

### 3.3.3 A letra E:

A descrição que Oliveira (1536) apresenta para a letra ‘e’ é a seguinte:

Esta letra e pequeno tem figura de arco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada, ainda que não amassada. A sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais os dentes. A figura do  $\epsilon$  grande parece uma boca bem aberta com sua língua no meio e tampouco não tem outra diferença da força de e pequeno, senão quanto enforma mais seu espírito (OLIVEIRA: 1536, 11).

Como Oliveira (1536), Barros (1971 [1540]) também distingue a letra ‘e’ em ‘e’ grande (com timbre aberto [E]) e ‘e’ pequeno (com timbre fechado [e]). Como se usa a mesma letra, a distinção de timbre fica por conta do falante que sabe quando usar um e quando usar o outro. Barros lembra tal fato mostrando que o verbo *é* pronuncia-se com timbre aberto e a conjunção *e* pronuncia-se com timbre fechado. O autor transcrevia os dois tipos de vogais com marcas diferentes. Nas palavras há ocorrências dos dois tipos.

É grande tem dois ofícios: serve por si de verbo na terceira pessoa do número singular do verbo Sou, és, é; e dizemos: Esta arte é imprimida em Lisboa. E serve em composição de dicções: A nossa fé nos há de salvar. E pequeno tem outros dois ofícios: serve por si só de conjunção em voz, por semelhante exemplo: Tu e eu e os amigos da pátria louvamos a nossa linguagem. E quando serve em composição de dicções, dizemos: Antonio lê (BARROS: 1971 [1540], 44).

Para Leão (1576), o ‘e’ não apresenta “duas maneiras”, mas é vogal simples. Na escrita, a diferença de abertura da vogal ‘e’ é marcada graficamente pela acentuação ou pela grafia de dois ‘ees’. Essa grafia lembra um modo mais antigo de transcrever vogais, quando em sílaba tônica ocorrem dois timbres diferentes.

*E* é vogal simples e não de duas maneiras, como alguns cuidam, que fazem e pequeno como em besta por animal e e grande como em besta por arma e instrumento, porque na pronúncia dessa letra nenhuma diferença temos dos Latinos. E a diferença que vai desse e que aos vulgares parece longo ao outro, a que erradamente chamam breve, notamos com acento agudo ou circunflexo, ou grave (como temos dito do a, e diremos adiante na letra o), ou com dois ee (LEÃO: 1576, 6).

Vera (1631), como o ortógrafo anterior, diz:

Menos há que dizer desta letra vogal E, somente que ela é simples e não de duas maneiras, como alguns cuidam, fazendo-a uma vez grande e outra pequena. Sendo assim, que na pronúncia a não diferenciamos dos Latinos, somente no escrever a notamos com acentos ou com dois .ee. (...) (VERA: 1631, 7v).

A observação de Vera é curiosa porque dá a entender que na pronúncia portuguesa não havia a oposição entre /e/ e /E/, mesmo em sílaba tônica. Todavia, a referência a dois ‘ee’ pode indicar não apenas tonicidade (mais longa, eventualmente), mas também a presença de uma vogal aberta.

N’*Os Lusíadas*, a escrita com ‘e’ corresponde ao som da vogal fechada [e]. O timbre aberto [ɛ] aparece escrito, algumas vezes, com ‘ee’, segundo uma tradição que vem da escrita medieval da língua. Alguns exemplos são: *Fee* (C1, 2e, v3); *pee* (C1, 36e,v5). Em vez de ‘ee’ ocorre, às vezes, um ê, como em *fê* (C1, 63e, v2) e *pês* (pés) (C4, 31, v3).

**i) vogal 'e' com timbre provavelmente fechado:**

esperança (C1, 6e, v3)

exalçada (C2, 51e, v5)

sobre (C1, 20e, v4)

custume (C5, 1e, v5)

celebrado (C1, 4e, v3)  
apresentarão (C2, 9e, v1)  
apercebida (C3, 86e, v7)  
acrecetar (C4, 67e, v4)  
escreuessem (C5, 86e, v6)

**ii) ‘e’ com timbre provavelmente aberto:**

rega (C1, 52e, v2)  
nega (C1, 52e, v6)  
Hemispherio (C1, 8e, v3)  
he (é) (C1, 10e, v3)  
velho (C1, 20e, v8)  
exercitos (C1, 15e, v7)  
Imperio (C1, 2e, v3)  
vituperio (C1, 8e, v5)  
inquietas (C1, 19e, v2)  
bateis (C1, 45e, v2)

A vogal ‘e’ aparece nos vários contextos de palavra. Apenas pelos contextos de ocorrência não é possível dizer se a letra representa uma vogal com timbre aberto ou fechado, mas o falante sabia.

**iii) no início de palavras:**

edificarão (C1, 1e, v10)  
exemplo (C1, 9e, v6)  
eram (C1, 49e, 1)  
exércitos (C1, 15e, v7)  
elle (C1, 7e, v8)  
Ethiopia (C1, 43e, v6)  
effeito (C1, 61e, v4)

exalçada (C2, 51e, v5)  
exercício (C2, 84e, v1)  
Embaixador (C2, 86e, v2)  
eccos (C3, 84e, v8)  
eloquentes (C3, 13e, v5)

**iv) no meio de palavras:**

prometia (C1, 1e, v9)  
permanecem (C1, 34e, v7)  
fizerão (am) (C1, 3e, v2)  
obedecerão (C1, 3e, v6)  
celebrado (C1, 4e, v3)  
poderoso (C1, 8e, v1)  
magestade (C1, 9e, v1)  
numerosos (C1, 9e, v8)  
começa (C1, 23e, v8)  
guarnecido (C1, 25e, v3)  
presago (C1, 84e, v8)  
regerdes (C1, 18e, v2)

**v) no final de palavras:**

gente (C1, 1e, v10)  
quase (C1, 10e, v2)  
doze (C1, 12e, v5)  
illustre (C1, 12e, v7)  
castroforte (C1, 14e, v7)  
nasce (C1, 21e, v8)  
doçe (C1, 61e, v5)  
rutilante (C1, 22e, v7)  
soffre (C1, 87e, v2)

benignidade (C1, 8e, v5)

humilde (C1, 4e, v3)

corrente (C1, 4e, v6)

### 3.3.4 A letra I:

Em se tratando das vogais, a representação gráfica de ‘i’ (ao lado de ‘u’) é uma das que mais variavam na escrita do português arcaico. Said Ali (1964) afirma que:

Se na aplicação das letras do alfabeto, feita em português antigo (...) se consegue descobrir em geral algum sistema ou tendência que projeta luz sobre a pronúncia daquele tempo, falham em todo o caso os esforços para explicar a notória confusão que então se fazia com o emprego de i, j, y. (SAID ALI: 1964, 36).

Descrição da letra ‘i’ dada por Oliveira (1536):

Esta letra i vogal sua figura é uma aste pequena levantada com um ponto pequeno, redondo, em cima. Pronuncia-se com os dentes quase fechados e os beiços assim abertos como no e e a língua apertada com as gengivas de baixo e o espírito lançado com mais ímpeto (OLIVEIRA: 1536, 8v)

O autor faz distinção do uso das três letras: i, j, y. Da letra ‘i’, vogal Oliveira diz que, como o ‘u’, ela não se distingue em vogal grande e vogal pequena, como ‘a’, ‘e’, ‘o’. Com relação ao ‘j’ (consoante), se refere a sua pronúncia semelhante à de ‘g’, quando seguida de ‘e’ e ‘i’. E quanto ao ‘y’, distingue-a do ‘i’, ao citar como exemplo, palavras com ditongos ‘ei’ e ‘oi’: *meio, seio, moio, joio*: nas quais, para o gramático, a semivogal é ‘y’ e não ‘i’:

(...) A qual letra a mim me parece ser y e não i vogal, porque ela não faz sílaba por si, nem tampouco j consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quase semelhante àquela, muito enxuta e sem nenhuma mistura de cuspinho e nestes tais lugares poderá servir esta figura y e senão é ociosa (OLIVEIRA: 1536, 10).

Barros (1971 [1540]) nomeia as três letras – ‘i’, ‘j’ e ‘y’ - como ‘is’, embora dê a elas usos e valores diferentes em sua análise. O gramático não as diferencia na pronúncia (“todas têm uma só voz”), mas no contexto em que cada um dos ‘is’ ocupará nas palavras. Como se vê na citação logo abaixo, o ‘I’ longo em início de palavra terá valor de consoante; ‘i’ pequeno é vogal e estará sempre entre duas consoantes; e ‘y’ grego é semivogal e formará ditongos no meio e no final de palavras:

Segundo vimos, temos três is destas figuras: j longo, i comum, y grego. E todos têm uma só voz, dado que cada um tenha seu lugar na escritura. I [j] longo servirá em todas as dicções que começarem nele, ao qual se segue vogal, como Iaço, Iantar, Iejuar, Ioane, Iustiça, etc. E a vogal onde ele fere se pode chamar ferida e então serve de consoante. i pequeno serve em todas as dicções amparado de uma parte e de outra com letra consoante, tirando algumas sílabas que se querem remissas, não feridas, onde serve y grego, como veremos em seus exemplos. (...) Y grego tem dois ofícios, serve no meio das dicções, às vezes, como: mayor, veyo. E serve no fim das dicções, como: pay, ay, tomay, etc (BARROS: 1971 [1540], 44-44v).

A exposição de Gândavo (1574: 35-37) é muito semelhante à de Barros. Gândavo afirma que ‘i’, ‘j’, ‘y’ são três maneiras de se escrever a letra ‘i’, de acordo com o contexto. O ‘j’, ou ‘i’ comprido tem valor de consoante e será usado no início ou meio de palavras: *jornada*, *sobeja*. O ‘y’, ou ‘i’ grego ocorre por razões etimológicas ou tem valor de semivogal, em palavras portuguesas, e faz parte de ditongos: *joya*, *maior*, *darey*, *foy*, *muy*. O ‘i’ pequeno tem um uso mais amplo: “Este *i* pequeno servirá sempre em todas as mais partes que se oferecer”.

Esta letra I se há de escrever de três maneiras e de cada uma se há de usar nas partes onde for necessário, convém saber: j comprido, y grego, i pequeno. Deste j comprido se usará quando servir de consoante, quer em principio de dicção, quer em meio, assim como: jornada, sobeja, etc. Este y grego se seguirá sempre em meio de dicção, quando acontecer entre duas vogais e nunca terá pronunção de consoante, assim como: joya, mayor, moyos, etc. E noutra nenhuma parte se deve usar, nem será sofrível, salvo se for em cabo de dicção diante de vogal, assim como: Rey, darey, foy, muy, etc. que parece bem em certos lugares, e não ofende a pronunção da linguagem. Não trato dos vocábulos que o tem de sua origem porque esses de seu se está não lho negarmos quando se oferecerem, e nos vierem à notícia (...). E este i pequeno servirá sempre em todas as mais partes que se oferecer (GÂNDAVO: 1574, 35-37).

Para Leão (1576), a letra ‘i’ possui dois “soídos”: um que lhe é “próprio”, quando representa a vogal ‘i’, como nas palavras: *imagem*, *ira*; e um que lhe é “falso e alheio”, quando adquire propriedade de [g], como nas palavras: *janela*, *jejum*, *Joane*, *justiça*<sup>72</sup>.

I é letra vogal cujo soído próprio e natural é o das primeiras sílabas destas dicções: *imagem*, *ira*. Outro soído lhe damos impróprio, quando é consoante, que é falso e alheio da natureza desta letra, o qual é comum a .g. da maneira que o nós pronunciamos com .e. .i. que é uma pronunção mourisca, tão alheia da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: *janela*, *jejum*, *joane*, *justiça*; Em as quais palavras não sentimos na pronunção alguma semelhança do .i. consoante dos Latinos (...) (LEÃO: 1576, 8v).

A distinção entre ‘i’ e ‘y’, o ortógrafo faz da seguinte maneira:

---

<sup>72</sup> Leão (1983: 61) discorda da noção de ‘j’ como vogal nas palavras que cita como exemplo (*janela*, *jejum*, *Joane*, *justiça*), porque, conforme ele, “não sentimos na pronunção alguma semelhança do *i* consoante dos Latinos, o qual tem o soído que vemos nessas palavras: *Tróia*, *Maio*, e nestas palavras latinas, *hei*, *huic*, *cui* onde os autores antigos dizem o ‘i’ ser consoante”.

(...) [A letra y] a qual teve muita diferença do .i. na pronúnciação (...). Porque se não tivera diferente sóido não o acrescentaram os Gregos ao seu alfabeto como letra diferente do .i. e das outras vogais. (...). Pelo que fique por regra que toda dicção escrevemos por .i. latino, tirando os vocábulos gregos, em que entra .y. porque da mesma maneira os escreveremos (LEÃO, 1576: 20v-22v).

Vera (1631) discorda da noção de que sejam a mesma letra ‘i’ curto, quando vogal, e ‘j’ longo, quando consoante. Para o autor, assim como têm pronúncias e formas diferentes, essas letras deveriam ser tratadas distintamente, uma vez que o fato de serem consideradas a mesma letra causa muita confusão na grafia de palavras:

Esta letra I andou até agora com dois apelidos: de vogal e consoante; fazendo igual I a je. Sendo assim que todos dizem que um é curto e outro comprido: e que de um usáramos por vogal e outro por consoante. Pois, por que não lhe daremos seu lugar apartado assim como o é na pronúnciação e forma? Porque o próprio sóido de I vogal é o destas dicções as primeiras sílabas: ira, imagem; e de j o destas: jasmim, jejuar, jinja, joga. (...) devemos de usar de I vogal (a que chamamos I Latino) na nossa escritura, como os Latinos, por atalharmos a tantos embaraços, quanto cada dia vemos com escrevermos umas dicções ora com j ora com I: (...) sendo que há muita diferença entre essas três palavras chamadas je, ypsilon e iota (VERA: 1631, 10v-11).

Embora o sistema de escrita vindo do tempo medieval variasse a escrita com ‘i’, ‘j’, ‘y’, parece claro que, na época de Camões, as letras ‘i’ e ‘y’ representavam o som de [i], formando ditongo ou não. A dificuldade aparece com a letra ‘j’. Todavia, ao falante era claro se a letra ‘j’ representava uma fricativa alveopalatal sonora [ʒ] ou a vogal [i]. Diferentemente das vogais representadas pelas letras ‘a’ e ‘e’ a letra ‘i’ não era diferenciada com relação ao timbre, ocorrendo quer em sílaba tônica quer em sílaba átona. Contudo, alguns ditongos tinham ‘e’ no lugar de ‘i’, grafia que ficou confusa na história da ortografia da Língua Portuguesa até o início do século XX. Do mesmo modo que as demais

vogais, sua ocorrência se distribui nos limites das palavras e no meio, como se mostra a seguir:

**i) no início de palavras:<sup>73</sup>**

igoal (C1, 5e, v5)

irado (C1, 36e, v8)

inexpugnabil (C2, 50e, v1)

ilustre (C3, 1e, v2)

iroso (C4, 51e, v3)

ilhas (C5, 8e, v1)

**ii) no interior de palavras:**

fortissima (C1, 30e, v2)

lucido (C2, 1e, v1)

dilatando (C2, 2e, v2)

humicidas (C3, 136e, v4)

ambição (C4, 57e, v1)

marinheiros (C5, 17e, v1)

**iii) no final de palavras:<sup>74</sup>**

ouui (C1, 10e, v5)

Rubi (C2, 4e, v6)

carmesi (C2, 98e, v8)

ali (C3, 7e, v2)

casi (C3, 110e, v1)

sinti (C5, 52e, v7)

---

<sup>73</sup>Observação: Na Carta de Caminha não ocorre 'i' em início de palavras. Nesse contexto, encontra-se [i] representado pelas letras 'j' e 'y'. (cf. SOUZA, Nazarete de (2002: 71-73)).

<sup>74</sup>Observação: Neste contexto, na Carta de Caminha, [i] também é representado pela letra 'y'. (cf. SOUZA, Nazarete de (2002:71-73)).

#### **iv) letra ‘j’ com som de [i]:**

Não foi encontrada nenhuma ocorrência da letra ‘j’ representando o som de [i], em nenhum contexto, o que mostra que o ‘j’ era usado apenas para representar o som de uma fricativa alveodental sonora. No entanto, o contrário se deu, ou seja, a letra ‘i’ ocupando o lugar de ‘j’. Essas ocorrências se deram sempre quando ‘j’ seria maiúscula, como em nomes próprios ou em início de versos:

Ione (C1, 13e, v7)

Ia (C1, 19e, v1)

Iupiter (C1, 23e, v7)

Iustiça (C2, 79e, v2)

Iaz (jaz) (C3, 6e, v5)

Iordão (C3, 27e, v3)

Iudea (C3, 27e, v6)

Iuntos (C3, 109e, v1)

Iuliana (C4, 49e, v8)

Iuno (C5, 15e, v7)

A única exceção encontrada foi a palavra *iuuenil* (C4, 84e, v6), em que no lugar de um ‘j’ minúsculo inicial temos um ‘i’.

#### **v) letra ‘y’ como vogal no início de palavras:**

A letra ‘y’ podia ocupar os mesmos contextos da vogal ‘i’. A confusão entre ‘i’ e ‘y’, enfatizada pelos estudiosos citados acima, ainda é muito evidente n’*Os Lusíadas*, como poderá ser observado nas grafias das mesmas palavras, ora com ‘y’ ora com ‘i’:

ydade (C4, 92e, v4)

idade (C1, 6e, v6);

yrado (C1, 77e, v1)

irado (C1, 36e, v8);

ygoala (C4, 37e, v6)

igoal (C4, 46e, v2).

Para o estudo da letra ‘y’ há uma seção exclusiva mais adiante (3.3.7) na qual o assunto será tratado mais minuciosamente.

### 3.3.5 A letra O:

Oliveira (1536) assim descreve a letra ‘o’:

A figura desta letra o pequeno é redonda toda por inteiro, como um arco de pipa, e a sua pronúnciação faz isso mesmo: a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redondo. E a figura de *o* grande parece duas faces com um nariz pelo meio ou dois *oo* juntos ambos e têm a mesma pronúnciação com mais força e espírito. E, todavia, estas letras vogais grandes fazem algum tanto mais movimento na boca que as pequenas (OLIVEIRA: 1536, 9v).

Em Barros (1971 [1540]) a letra ‘o’ também se distingue em ‘o’ grande e ‘o’ pequeno. O ‘o’ grande tem dois “ofícios”: serve de interjeição – *ó* – e como elemento de palavras, como em: *nós, pósso, póde* (em oposição a *pôde*). O ‘o’ pequeno, por sua vez, tem três “ofícios”: serve de artigo definido, de pronome relativo (pelo exemplo dado por João de Barros, vemos que o pronome que ele diz ser ‘relativo’, na verdade, é um pronome pessoal do caso oblíquo: *Este livro sempre andaré limpo se ô guardarem bem*) e como elemento de palavras.

À semelhança da letra ‘e’, a letra ‘o’, em Barros (1971 [1540]) aparece com marcas diferentes para distinguir o timbre fechado [o] do timbre aberto [ɔ] (o pequeno / o grande). Na prática, esse sistema proposto por Barros não foi usado nem mesmo por ele, na

maioria das vezes, em sua gramática e aparecem apenas para assinalar a tonicidade ou o timbre. O uso do acento agudo/grave na escrita também ajudava às vezes a fazer a distinção de timbre. Em muitos casos, apenas o conhecimento do falante identificava o timbre vocálico que deveria ser atribuído à letra ‘o’.

Este ó grande tem dois ofícios, serve por si só de interjeição para chamar, como: Ó piedoso Deus lembrai-vos de nós. E serve em composição das outras letras, como em estes nomes: Mó, enxó, sóla, móstra, etc; e em pronomes: vós, nósso, vósso; e verbos: fólgo, pósso. E isto em alguns tempos dizemos póde que é presente e pode que é pretérito. O pequeno ainda que perdeu a posse de dois ofícios, que serve o ó grande, ficaram-lhe três. Serve por si só de artigo masculino, como: O artigo é a denotação da força do nome. E serve de relativo masculino por semelhante exemplo: Este livro sempre andará limpo se ô guardarem bem. E serve em composição de dícção. E para sabermos qual é o artigo e qual é o relativo, dado que a ordem da construção o demonstre, sempre acharemos o artigo detrás do nome que ele rege, e o relativo entre todas as partes porque não tem certo lugar; e também o podemos denotar com este espírito em cima a este modo: ô, que não tem o artigo (BARROS: 1971 [1540], 45).

Leão (1576), contrariamente aos gramáticos anteriores, não admite “duas maneiras” da letra ‘o’, para distinguir o grau de abertura desta vogal, nem o uso de vogais duplas ‘oo’, no caso. Para ele o que deve ser considerado é o acento. Para Leão e para outros ortógrafos, a referência ao acento da palavra significa uma sílaba que tem uma intensidade ou uma duração maior. A tonicidade da Língua Portuguesa sempre foi considerada importante, porque é o contexto em que ocorrem algumas oposições vocálicas. Leão achava que tal distinção com relação a [ɔ] e [o] não precisava ser marcada na ortografia, porque os falantes sabiam quando pronunciar uma ou outra vogal.

Muitos homens (...) cuidaram que acerca de nós havia duas maneiras de o, um grande e outro pequeno, como acerca dos Gregos. (...). E a ocasião que tiveram os que dizem que temos dois oo, um grande (...) e outro pequeno (...) nasceu de verem a

diferença de pronúncia desta letra, que em uns lugares a pronunciamos como grande hiato e abertura de boca e em outros com muito menos, como se vê nesta palavra, ovo, no singular, que na primeira sílaba parece que a pronunciamos com um pequeno o quando dizemos ovos, no plural, o pronunciamos de maneira que parece um o grande. Pelo que, para mostrar a diferença do que chamam grande, escrevem muitos esta palavra no plural com dois oo, dizendo, oovos, e assim poovos e oolhos e os mais desta qualidade.

Mas, atentando isto mais consideravelmente (...) acharam que a dita diferença não vem do o ser grande ou pequeno (...) mas do acento, com que entoamos as palavras. (...).

Deve-nos, portanto, ficar por regra que, pois a diferença consiste no acento e não na escritura, que não temos mais que um o e que não se deve escrever com o dobrado, nenhuma dicção, tirando na última sílaba, os nomes contratos, de que adiante faremos menção (LEÃO: 1576, 14-17v).

Sobre a vogal ‘o’ diz Vera (1631):

A letra vogal O, assim como não tem mais que uma figura, assim não tem mais que uma só natureza, como fica dito da letra A: que ser breve ou ser longa é acidente, como todas as outras vogais. Não (como muitos cuidaram) que tenhamos dois Oos, um grande e outro pequeno como acerca dos Gregos: ômega, e omicron. A razão que alguns tiveram para cuidar que na Língua Portuguesa havia dois Oo foi por verem que em alguns lugares pronunciamos com grande hiato e abertura de boca; e em outros com muito menos, como se vê nessas palavras: corvo, corvos, cuja diferença não consiste na grandeza ou pouquidade do O; se não no levantar ou abaixar do tom. E assim não é necessário estas palavras com os acentos agudo e circunflexo se não nas dicções em que pode haver embaraço e diferença na significação, como na construção da terceira pessoa de *passum potest*, que no pretérito diremos pôde, com acento circunflexo; e no presente com agudo, dizendo póde, ou sem ele; e assim em outros desta qualidade (VERA: 1631, 14v).

Na obra de Camões, não ocorrem vogais duplas do tipo ‘oo’. O uso de grafias com vogais duplas estava sumindo da língua, deixando ambígua a escrita de palavras que

podiam ser lidas de duas maneiras, uma com uma vogal aberta e outra com vogais fechadas. A ação do falante passou a ser mais importante, sabendo como ler, porque é conhecedor da pronúncia das palavras. Na prática, não é difícil até hoje identificar casos de vogal aberta e de vogais fechadas, na hipótese de que tais pronúncias não mudaram. Assim, apresentam-se, a seguir, ocorrências de ‘o’ com os dois timbres e, depois, em início, meio e fim de palavras.

**i) ‘o’ fechado:**

poderoso (C1, 8e, v1)

Romanos (C1, 24e, v8)

contemplo (C1, 9e, v2)

senhorio (C1, 16e, v5)

occulto (C1, 80e, v6)

obedecido (C2, 83e, v6)

offereçe (C3, 61e, v6)

occioso (C4, 58e, v1)

prosuposto (C3, 59e, v6)

cobiçoso (C4, 44e, v4)

propondo (C2, 19e, v5)

celebrado (C1, 4e, v3)

tempo (C2, 27e, v2)

consigo (C3, 20e, v6)

corrupto (C5, 71e, v1)

**ii) ‘o’ aberto:**

gloriosas (C1, 2e, v1)

viciosas (C1, 22e, v3)

victorias (C1, 3e, v4)

vosso (C1, 4e, v4)

belicosa (C1, 5e, v3)

famosa (C1, 5e, v5)  
nossa (C1, 6e, v6)  
amostra (C1, 7e, v6)  
mostra (C1, 9e, v3)  
valerosos (C1, 9e, v7)  
numerosos (C1, 9e, v8)  
mentirosas (C1, 11e, v2)  
ospedes (C5, 79e, v5)  
sonorosa (C1, 5e, v1)  
philosophos (C5, 23e, v1)  
proposito (C4, 41e, v8)

### **Ocorrências da vogal 'o' no contexto de palavras:**

#### **i) em início de palavra:**

Olimpia (C1, 17e, v1)  
obedecerão (C1, 3e, v6)  
occulto (C1, 80e, v6)  
oriental (C1, 8e, v7)  
offerece (C1, (44e, v2)  
obriga (C1, 26e, v5)  
olhos (C1, 16e, v1)  
obras (C1, 2e, v5)  
odio (C1, 69e, v3)  
obedeçe (C1, 57e, v6)  
obediência (C1, 87e, v4)  
occeano (C3, 96e, v7)  
occioso (C4, 58e, v1)  
offertas (C4, 45e, v3)

**ii) no meio de palavras:**

forão (C2, 13e, v1)

aluoroçado (C2, 2e, v5)

produze (C2, 4e, v2)

moça (C2, 13e, v8)

fermosa (C2, 21e, v4)

fauoreçe (C2, 61e, v5)

cautelosos (C2, 9e, v5)

gouernaua (C2, 12e, v4)

ancoras (C2, 18e, v1)

nobreza (C3, 18e, v7)

inocentes (C3, 39e, v1)

eloquentes (C3, 13e, v5)

**iii) no fim de palavras:**

humano (C2, 10, v6)

sumptuoso (C2, 10, v8)

sincêro (C2, 14, v4)

enxerido (C2, 97, v2)

guarnecido (C2, 98, v1)

lúcido (C2, 1, v1)

aurífero (C2, 4, v2)

mollesto (C2, 86, v7)

mortífero (C2, 2, v2)

trajo (C2, 99, v4)

habito (C2, 10, v6)

honesto (C2, 13, v2)

### 3.3.6 A letra U:

Oliveira (1536) não se refere à “confusão” gráfica entre ‘u’ e ‘v’, tão comum na época. Ele se detém apenas em descrever a realização fonética desses sons e assim descreve a vogal ‘u’: “Esta letra u vogal aperta as queixadas e prega os beiços, não deixando entre eles mais que só um canudo por onde sai um som escuro, o qual é a sua voz. A sua figura é duas hastes alevantadas direitas, mas embaixo são atadas com uma linha que sai de uma delas” (OLIVEIRA: 1536, 11v).

Barros (1971 [1540]: 45-45v), ao tratar da letra ‘u’, afirma que temos dois ‘u’ representados em formas gráficas diferentes: ‘v’ e ‘u’. A primeira forma, ‘v’, servirá de consoante em todas as palavras começadas por ela, como em: “veio”, “vontade” e “vulto”. Já a forma ‘u’ será vogal no meio das palavras, mas, ressalva que, às vezes, em prol da boa composição das “lêteras”, o ‘u’ tomará o lugar de ‘v’ no meio das palavras. O gramático não explicita se palavras iniciadas pela vogal ‘u’ deveriam ser grafadas pela forma gráfica ‘u’:

Como vimos temos dois us, um desta figura v e outro assim u, pero o primeiro não serve de vogal, mas de consoante em todas as dicções que começam nele, por ser uma das letras dobradas que temos, que servem no princípio, como: vantagem, veio, vimos, vontade, vulto. E assim serve por dentro das dicções, ao modo do i pequeno; mas, por causa da boa composição das letras, o u pequeno lhe toma, às vezes, o officio de ferir nas outras vogais. O segundo u serve na composição das dicções. Antigamente servia por si de advérbio local, quando se dizia: u vás, u móras, do qual já não usamos (BARROS: 1971 [1540], 45).

Gândavo (1574: 39) diz que em princípio de palavra sempre deverá aparecer o ‘v’ e no meio de palavras sempre o ‘u’, mesmo que seja em contexto de consoante ‘v’: “viuua”, “viuer”.

Sempre em princípio de qualquer dicção se usará deste v, meão, e em meio sempre será u pequeno, ainda que sirva de consoante, assim como: viuua, viuer, etc (GÂNDAVO: 1574, 39).

Leão (1576), como Barros, assegura os dois “ofícios” da letra ‘u’, um como vogal: “vso” e “vsura”, e outro como consoante: “verdade” e “virtude”. O primeiro, conforme o ortógrafo, é próprio da letra ‘u’, o segundo é emprestado. Na escrita das palavras, ‘u’ vogal e ‘u’ consoante serão distintos pelo uso da forma ‘v’ “ao menos no princípio das dicções”. No meio das palavras, o uso de ‘u’ como vogal ou consoante se faz indistintamente:

V tem dois ofícios: um próprio, quando soa por si como as outras vogais, como: uso, usura; outro emprestado, quando fere vogal, que tem grande semelhança com o .f. no som, como nestas palavras: verdade, virtude. (...). O qual diferenciamos agora quando é consoante de quando é vogal, desta maneira: .v. ao menos no princípio das dicções, porque no meio delas usam do .u. indistintamente, quer seja vogal quer seja consoante (LEÃO: 1536, 19v-20).

Vera (1631) afirma que a confusão entre ‘u’ e ‘v’ persiste no século XVII, por ser difícil romper com uma tradição tão antiga, embora ele considere fácil perceber a diferença entre as duas letras, uma vogal e outra consoante, tanto na forma, como na pronúncia e no nome. Da vogal ‘u’ ele diz:

E assim a letra vogal tem somente esta figura: u; e não faz mais sóido que um som a modo de um bramido de lobo dizendo u; (...) Porque vendo escrito vivo e uivo; diremos do primeiro que ele é verbo: viver; e do segundo que é construção do nome Latino ululatus, us; bramido de lobo ou uivo; e assim escreveremos uva e não vua, uvre e não vure, lavra: verbo; Laura: nome; e assim nos verbos, e nomes Latinos (...) (VERA: 1631, 18v-19v).

N'Os *Lusíadas*, o uso de 'u' e de 'v' ainda é indiscriminado como veremos abaixo.

**i) início de palavras:**

Os dados encontrados mostram que 'v' substitui, no épico, o 'u' vogal no início das palavras<sup>75</sup>

vniuerso (C1, 5e, v7)

vsadas (C1, 27e, v3)

vsado (C1, 61e, v6)

vso (C1, 62e, v3)

vrvido (C1, 79e, v5)

vrda (C1, 96e, v6)

vse (C3, 129e, v1)

vnico (C4, 54e, v1)

vniuersal (C5, 26e, v8)

**ii) no interior de palavras:**

No interior de palavras, a vogal 'u' é sempre grafada com 'u' e nunca com 'v':

musa (C1, 3e, v7)

sublimado (C1, 4e, v5)

singulares (C1, 15e, v7)

debuxada (C2, 11e, v3)

escureça (C3, 2e, v8)

subjugada (C4, 61e, v6)

---

<sup>75</sup> Observação: Na Carta de Caminha também não foi encontrada nenhuma palavra com ocorrência de [u] em início de palavra, dessa forma, não há como precisar se o escrivão usaria a letra 'u' ou a letra 'v' para representar [u] em tal contexto. (cf. SOUZA, Nazarete de (2002: 74)).:

### iii) no final de palavras:

Não foi encontrada a letra ‘u’ como vogal em final de palavras, a não ser em ditongos, como semivogal, quando nesse ditongo a vogal é a letra ‘o’, e em alguns casos de ditongos em ‘eu’<sup>76</sup>. Estes dois ditongos do português - ‘ou’ e ‘eu’ - que têm uma ocorrência muito grande em palavras da língua, sobretudo, em verbos, já têm sua grafia bem estabelecida, como se vê n'*Os Lusíadas*:

#### • ditongos ‘ou’:

deixou (C1, 7e, v7)

tomou (C1, 7e, v8)

mostrou (C2, 14e, v4)

apartou (C3, 94e, v3)

honrou (C4, 63e, vv6)

occupou (C4, 68e, v5)

#### • ditongos ‘eu’:

deu (C1, 7e, v7)

eu (C1, 3e, v5)

seu (C3, 90e, v3)

Observação: Há uma tendência ortográfica em usar a letra ‘v’ com o valor de [u] no início de palavras, como veremos adiante em seção dedicada à consoante ‘v’.

---

<sup>76</sup> Observação: O mesmo caso ocorre na Carta de Caminha, ou seja, a letra ‘u’ só aparece em final de palavras em ocorrências de ditongos, quando a vogal do encontro vocálico é a letra ‘o’ (cf. SOUZA, Nazarete de (2002: 78)).

### 3.3.7 A letra Y:

A letra ‘y’, importada do grego, foi muito usada na escrita portuguesa arcaica<sup>77</sup> e reconhecida como integrante do alfabeto português. Parece que, pelo menos teoricamente, o ‘y’ servia como semivogal para Oliveira (1536) e Barros (1540). Para Leão (1576) e Vera (1631), o ‘y’ tem pronúncia diferente de ‘i’ e registraria apenas a etimologia das palavras gregas.

Oliveira (1536) afirma:

Esta letra y que chamamos grega (...) alguns poderão dizer que não é nossa, mas eu lhe darei officio na escritura das nossas dicções próprias, e é este: que as mais das vezes, quando vem uma vogal logo trás outra, nós, pronunciamos entre elas uma letra como em meio, seio, moio, joio, e outras muitas. A qual letra a mim parece se y, e não i vogal, porque ela não faz sílaba por si, nem tampouco j consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quase semelhante àquela, muito enxuta e sem nenhuma mistura de cuspinho. E nestes lugares poderá servir esta figura de y e senão é ócio (OLIVEIRA: 1536, 12-13).

Barros (1971 [1540]) apenas diz: “Y grego tem dois officios: serve no meio das dicções, às vezes, como: mayor, veyo. E serve no fim das dicções, sempre, como: pay, ay, tomay, etc” (BARROS: 1971 [1540], 44v).

Y é letra vogal dos Gregos que os Latinos receberam em seu alfabeto para com ela escreverem os nomes gregos que naturalmente têm, como nós também devemos fazer (...). A qual teve muita diferença [o ‘y’] do .i. na pronúnciação (...). Porque, se não tivera diferente sóido, não o acrescentaram os Gregos ao seu alfabeto como letra diferente do .i. e das outras vogais. Que acerca deles, assim como distam as letras na figura, assim distam na pronúnciação. (...) Assim que temos que seguir nisto os Latinos e somente escrever com .y. as dicções gregas de que usamos no

---

<sup>77</sup> Buescu (1975: 132) afirma: “o emprego de y foi um dos pontos controvertidos no que diz respeito à ortografia portuguesa”.

espanhol, em que vem a dita letra, e não as originalmente latinas ou espanhóis (...). Pelo que fique por regra, que toda dicção escrevemos por .i. latino, tirando os vocábulos gregos, em que entra .y. porque da mesma maneira os escreveremos (LEÃO: 1576, 20v-22v).

Vera (1631):

Esta letra Y é propriamente Grega, e uma das suas vogais, donde os Latinos a receberam em seu alfabeto e nós a sua imitação a temos no nosso, com que fazemos seis vogais, tendo somente dantes cinco. (...) O que se há de advertir é que ainda que na nossa língua há pouca diferença na pronunçiação de ypsilon a i, no escrever vai mais. Isto digo porque há alguns que as fazem iguais e muitas vezes põem i por y, e outros y por i, que é erro para os que sabem a língua Latina. Porque os que quiserem ter nesta parte uma regra geral, sigam aos Latinos, que escrevem com y somente as dicções Gregas, que usamos na nossa língua; e não as originalmente Latinas ou Espanhóis. No que se há de advertir que todas as vezes que a dicção se começar por y sempre se há de escrever com aspiração: como hydropico, hydropesia, hypocrita, hypocrisia. Também há alguns nomes Latinos a que dão origem Grega que se escrevem com y: como sylva e seus derivados, que são muitos (...). Basta dizer que sempre escreveremos por i as dicções Portuguesas, e somente por y as que temos Gregas e as Latinas que delas têm origem; e mais não, nem menos as trocaremos por j, que tem outro significado (...) (VERA: 1631, 21v-22).

No texto camoniano, o uso da letra 'y' é um caso muito comum, ocupando a mesma posição da letra 'i', seja como vogal ou semivogal.

**i) 'y' como vogal no início de palavras:**

yreis (C1, 9e, v4)

yrado (C1, 18e, v7)

yra (C1, 6e, v7)

yr (C1, 80e, v5)

yroso (C3, 79e, v2)  
yrmão (C3, 94e, v4)  
ygoalão (C5, 77e, v3)

**ii) ‘y’ como vogal no interior de palavras:**

cythere (C1, 100e, v2)  
ruyna (C3, 71e, v2)  
martyre (C3, 74e, v5)  
syluestres (C4, 70e, v3)  
sayr (C5, 52e, v6)  
saya (C1, 86e, v5)  
juyz (C1, 38e, v7)  
juyzo (C1, 71e, v6)  
destruydos (C1, 81e, v2)

**iii) ‘y’ como vogal no final de palavras:**

my (C1, 4e, v2)  
assy (C1, 23e, v7)

Observação: Muito provavelmente as palavras acima não eram pronunciadas com a vogal nasalizada. Se fossem nasalizadas, o autor teria marcado com til ou com a consoante ‘m’ ou ‘n’.

**iv) ‘y’ como semivogal no meio de palavras:**

praya (C1, 1e, v2)  
peyto (C1, 3e, v5)  
rayos (C1, 22e, v2)  
cuydaua (C1, 44e, v8)  
ayroso (C1, 47e, v4)  
anoyte (C1, 57e, v1)

cuydada (C1, 57e, v2)  
cuyda (C1, 57e, v5)  
rayos (C1, 58e, v1)  
rayo (C1, 74e, v1)  
descuydada (C1, 80e, v7)  
azagaya (C1, 86e, v3)  
saya (C1, 86e, v5)  
muytos (C1, 86e, v5)

**v) ‘y’ como semivogal no final de palavras:**

ley (C1, 2e,v6)  
espalharey (C1, 2e, v7)  
foy (C1, 4e, v4)  
inclinay (C1, 9e, v1)  
darey (C1, 12e, v1)  
tomay (C1, 15e, v3)  
day (C1, 18e, v3)  
muy (C1, 37e, v2)  
pay (C1, 53e, v8)  
mãy (C1, 53e, v8)  
decerey (C1, 76e, v5)  
reuoluerey (C1, 76e, v6)  
sey (C1, 80e, v1)  
vay (C1, 85e, v7)  
tiray (C2, 86e, v3)  
consentirey (C2, 87e, v6)  
olhay (C3, 32e, v4)  
fuy (C5, 48e, v1)

### 3.3.8 Vogais duplas:

No português arcaico, a grafia de vogais duplicadas era muito freqüente. Naquela época, ocorriam assinalando um timbre aberto para o grupo de duas vogais nas palavras ou para assinalar casos de hiatos que resultaram da queda de uma consoante medial<sup>78</sup>.

Oliveira (1536) que, como já dito, classifica as vogais ‘a’, ‘e’, ‘o’ em vogais “grandes” e “pequenas”, recomenda a duplicação das vogais grandes para mostrar o timbre aberto, ou tonicidade dessas vogais, mas essa duplicação, ou “dobrar de letras”, na recomendação do gramático, deve se dar na escrita com o uso de sinais gráficos diferentes e não com o uso de duas vogais iguais:

Tem tanto poder o costume e também a natureza que (...) faz que muitos em lugar destas vogais grandes escrevam duas, (...) e outros põem-lhe aspiração, mas também estes erram porque não lha podem pôr em todos os lugares. O remédio que eu a isto posso dar é este: que nas vogais grandes dobremos as letras, mas de tal feição que o dobrar delas se faça em um mesmo lugar, e figura o a nesta forma  $\alpha$  e e nesta  $\varepsilon$  e o também nesta outra  $\omega$  (...). (OLIVEIRA: 1536, 6v).

Barros (1971 [1540]), ainda que classifique as vogais em “grandes” e “pequenas” contrariamente, sugere que a ortografia portuguesa não siga a grega usando de letras diferentes, ou a latina usando de vogais duplicadas, para sinalizar as vogais grandes, o que ele propõe é o uso do acento agudo e de marcas especiais (diacríticos) no sistema ortográfico que propôs. Todavia, para explicar o timbre diferenciado dessas vogais, refere-se ao modo antigo de escrever, como se vê abaixo:

Nós, até agora, em a nossa [língua] não usamos desta diferença de figuras [como os gregos e os caldeus que usam em sua escrita figuras diferentes para cada tipo] que chamamos grandes. E, dado que a sintamos na prolação da voz, com as latinas dobradas a este

---

<sup>78</sup> Ver Coutinho (1976: 72-73) e Williams (1975: 38).

modo: aa, ee, oo, suprimos o lugar onde elas servem, como nestas dicções: maas, pees, poos, (...) [porém, na escrita] (...) devemos escrever a este modo: más, pés, pós (BARROS: 1971 [1540], 43).

Leão (1576), como os dois gramáticos, refere-se às vogais “grandes” e às “pequenas”. No entanto, o ortógrafo deixa claro que discorda dessa descrição fonética, porque, certamente, iria complicar o sistema ortográfico, introduzindo distinções desnecessárias entre as vogais. Para ele, como vimos anteriormente, as vogais ‘a’, ‘e’, ‘o’ não se distinguem em grandes e pequenas, mas pela diferença de pronúncia por causa do acento que recebem. Tomando como exemplo o que descreve acerca da vogal ‘o’:

Muitos homens mui doutos (...) cuidaram que acerca de nós havia duas maneiras de o, um grande e outro pequeno, como acerca dos Gregos. (...). E a ocasião que tiveram os que dizem que temos dois oo, um grande (...) e outro pequeno [que] (...) nasceu de verem a diferença de pronúncia desta letra, que em uns lugares a pronunciamos como grande hiato e abertura de boca, e em outros com muito menos, como se vê nesta palavra, ovo, no singular que, que na primeira sílaba parece que a pronunciamos com um pequeno o quando dizemos ovos, no plural, o pronunciamos de maneira que parece um o grande. Pelo que, para mostrar a diferença do que chamam grande, escrevem muitos esta palavra no plural com dois oo, dizendo, oovos, e assim poovos e oolhos e os mais desta qualidade. Mas, atentando isto mais consideravelmente (...) acharão que a dita diferença não vem do o ser grande ou pequeno (...) mas do acento, com que entoamos as palavras. (...) (LEÃO: 1576, 14-14v).

Quanto à grafia, Leão, como se vê pela regra abaixo, diverge de Oliveira (que assinala para essas vogais ditas “grandes” e “pequenas” uma diferenciação na escrita) e se aproxima de Barros:

Deve-nos, portanto, ficar por regra que, pois, a diferença consiste no acento e não na escritura; que não temos mais que um o e que não se deve escrever com o dobrado, nenhuma dicção, tirando na

última sílaba, os nomes contratos, de que adiante faremos menção” (LEÃO: 1576, 17v).

Leão (1576), diferentemente dos demais autores, refere-se ao processo pelo qual apareceram as vogais duplicadas na língua portuguesa formando dicções “corruptas” na língua, ou seja, que poderiam levar alguém a ler de modo errado. O ortógrafo explica a possibilidade de cada vogal ser duplicada, sendo uma das razões a síncope de uma consoante quando da passagem do latim para o português, ou a “necessidade” de duplicar a vogal para mostrar sua função na palavra, entendida como a distinção entre sílaba tônica e átona. Da vogal ‘a’ o autor diz o seguinte:

A dobram os nomes femininos cujos masculinos se acabam em ao, como mao, maa; Iao, Iaa; pau, paa.

Item os nomes a que, por corrupção do latim em nossa língua, cortamos alguma consoante que estava entre os dois aa como de ala (que quer dizer braço de ave) aa, e de palatum, paadar.

Item os que tendo a antes de outra letra, corrompemos essa letra em a como de aër, aar.

Item o artículo feminino de dativo, que se exprime com a preposição aa que também fica servindo ao acusativo, como: dou esta regra à memória, vou à índia, de que adiante trataremos (LEÃO: 1576, 40v-41).

A letra ‘e’ dobra nas seguintes condições:

E dobram os nomes contratos ou abreviados, a que a corrupção da língua latina na nossa, se tirou alguma letra, que estava entre duas vogais, como de fides, fee; de balista, beesta; de pedica, peega; de sedes, see; de pedes, pee; de saggita, seetta. E assim creedor, de creditor, e creeça; e preego, e preegador, de predico. E pela mesma razão, de generalis, dizem geeral; e de generare, dizemos gearar e geeração. E assim estes verbos: teer, de tenere; leer, de legere; veer, de videre. Porque seria coisa desproporcionada, ser o infinito, ou outras quaisquer partes do verbo, de menos sílabas que a primeira pessoa do mesmo verbo. Pelo que diremos: vejo, vees, vee, vêem, veemos, veedes, vêem, veer. Porque a primeira sílaba é necessária

para o começo, analogia e formação e demonstração de tempo, número e pessoa. Ainda que alguns verbos haja que são de uma só sílaba, como vou, vás, vai, i, por ide; sou, és; stou, stás, sta.

Item se escrevem com dois ee todas as dicções que no singular acabam com esta terminação em, como bem, bées; vitem, vintêes, por ditongo.

Item dobram dee na segunda pessoa do imperativo presente do verbo dou, e na primeira e segunda pessoa do futuro do optativo e do presente do subjuntivo.

Item dobram galée, Loulée, marée, polée, rée (LEÃO: 1576, 42v-43).

A duplicação da vogal 'i', Leão a justifica considerando a flexão de plural de palavras terminadas em 'il' e 'im', como também algumas formas verbais do pretérito:

I dobram os nomes acabados em .il. na formação do seu plural, como barril, barriis; seutil, septiis; covil, coviis; buril, buriis. E assim todos os mais, acrescentando ao singular um .i. em lugar do e que os outros nomes acabados em consoante tomam na formação dos seus plurais.

Item todos os nomes plurais se acabam em .im. como arbim, arbĩis; beleguim, beleguĩis, delfim, delfĩis. Os quais entre os dois .iis. admitem o til que os ata e faz ser ditongos.

Item dobram: .i. estes pretéritos: lij, de legi; vij, de vidi; corrij, de cucurri e criij, de credidi (LEÃO: 1576, 43v-44).

A letra 'o' se dobra nas seguintes condições:

O dobram os nomes contratos e abreviados, a que se tirou alguma consoante do meio de duas vogais, como: noo, de nodo, onde se tirou o .d. e moo, de mola; e soo, de solo, onde se tirou o .l. e poo, de polvo e de pulvere latino; e noctivoo, de noctivolans. A qual letra se dobra em outros para denotar a última sílaba ser longa e ter o acento agudo. Porque, para mostrar a vogal ser longa, se permite que se dobre na escritura, como os Antigos faziam, segundo Quintiliano no livro I das Instituições Oratórias, cap. VI, e Ângelo Policiano nas Miscellanias. Pelo que escreveremos também assim enxoo, ciroo, ilhoo, ichoo, traçoo, malhoo, avoo. E isto somente nas dicções, que têm o final e o acento agudo nele (LEÃO: 1576, 46v-47).

Do ‘u’ o autor apenas se refere, mas não justifica sua duplicação, em palavras como *cruu*, *cruus*; *nuu*, *nuus*, *muu*, *muus*: “V dobram *cruu* por *cruo*; *nuu* por *nuo*; *muu* por *muo*; e assim no plural: *cruus*, *nuus*, *muus*” (LEÃO: 1576, 48v).

Do ‘y’, Leão (1576) diz que não se dobra porque só é usado em palavras gregas, nas quais não se dobram ‘y’: “Y não se dobra porque não entra senão em dicções gregas, em que não há dobrar-se vogais” (LEÃO: 1576, 48v).

Gândavo, por sua vez, não se refere às vogais duplas. Vera (1631) segue a análise de Leão:

Dobram A muitas dicções corruptas dos Latinos que têm consoante entre os dois aa, a qual se tirou: como de *sanare*, *saarar*: de *palatum*, *paadar*: de *mala*, *maa*. E os nomes (como fica dito no primeiro capítulo) que sendo femininos se formaram dos masculinos: como de *pao*, *paa*: de *lao*, *laa*. E muitas dicções Latinas e Castelhanas em, *ana*, perdem o N: como de *germana*, *irmãa*; de *lana*, *lãa*.

Nos artículos O, A, que se antepõem aos nomes para mostrar de que gênero são, há grande embaraço, principalmente nos nomes femininos, que assim como dizemos, *vou ao paço*; haveremos de dizer, *vou aa igreja*; porque o primeiro a é preposição, *para*, e o segundo a, é articulo. Donde erram quem escreve, *vou a igreja*; com um só A, imaginando que supre uma e outra coisa. Os que quiserem nisto acertar vejam como soam na língua Castelhana, e achando a preposição A, e o artículo *la*, escreva com dois aa; como *voi a la igreja*; *voi a lãs Índias*; diga, *vou aa igreja*; *vou aas Índias*.

Porém porquanto o entendimento deseja brevidade, e a língua no concurso de duas vogais consome uma, bem poderemos escrever as palavras de dois aa, (e mesma regra fica para as mais vogais adiante) com uma só vogal, em que ficam ambas incluídas: e desta inclusão seja sinal um acento circunflexo, nesta forma: *vâ â armada*; a virtude é proveitosa *â alma*; *sarar*; *pâdar*: e melhor se fará isto na palavra que fica com uma só vogal, como *pâ*, *mâ*. Nas palavras Latinas e Castelhanas, que dizemos acabarem em *ana*, não ocorre a mesma razão; porque fica o nosso ditongo *ãa*, como *vilãa*, *lãa*, *manhãa*, e em que não se pode usar acento; assim *lã*, *vilã*: porque é diferente pronúnciação (VERA: 1631, 30-31).

Da vogal ‘e’, além da já referida síncope consonantal, Vera propõe em sua doutrina:

(...) Também se escrevem com dois, ee, todas as dicções, que no singular acabam em esta terminação, em, como bem, beês, vinteês, por ditongo.

Podem dobrar muitos nomes em, E, levando acento nele, como gales, marea, polee, ree. Mas porque (como tenho dito da letra A) a brevidade satisfaz, quem não quiser dobrar, use do acento circunflexo: como prêgar, gêral, marê, galê, bêsta: com que se tira a diferença de besta animal. Nas dicções de uma sílaba corre melhor: como sê, pê, vê. Porém tendo outro significado, dobre-se para diferença, como, se, conjunção; See, catedral: e sê verbo terá o acento circunflexo, â diferença de ambos. Da mesma maneira dobram, dee, na segunda pessoa do imperativo presente do verbo dou; e na primeira, e na segunda do futuro optativo; e do presente do subjuntivo. E também se pode usar neles do acento circunflexo: como dê, com que fica de De, preposição (VERA: 1631, 31).

Vera (1631) justifica a duplicação da vogal ‘i’, considerando a flexão de plural de palavras terminadas em ‘il’ e ‘im’, como também algumas formas verbais do pretérito indicativo e do imperativo:

Dobram I os nomes acabados em, il, im, na formação de seus plurais, formando em, iis; e ãs: como buril, buriis; funil, funiis; malfim, malfiis; delfim, delfiis; que com aquele til ficam fazendo ditongo: ou também sem ele com til sobre vogal: como beleguis. E muitos pretéritos corruptos dos Latinos dobram I: como, eu lii, ou lí; e assim, eu vii, vî, de vidi: curri, currî.

E os imperativos plurais da terceira conjugação Portuguesa para diferença de seus pretéritos: como *ouvii vos, ouvi vos: acodii vos, acodî vos* (VERA: 1631, 31v).

Sobre a duplicação da vogal ‘o’ Vera (1631: 32) é bem mais sucinto que em relação às demais vogais. Refere-se à síncope consonantal e à acentuação que podem gerar: mola, moo, oumô; de solo, sô; enxoo, enxó; ilhoo, ilhó, e notivoo, de noctivolans.

Podem dobrar em O os nomes a que se tirou alguma consoante de meio de duas vogais; ou levando acento nele, como: de mola, moo,

oumô; de solo, sô; enxoo, enxó; ilhoo, ilhó, e notivoo, de noctivolans (VERA: 1631, 32).

Para a vogal ‘u’, Vera (1631) justifica a duplicação como meio de denotar a vogal longa e, ao mesmo tempo, a acentuação (acento agudo):

Dobram U somente estes três, nuu, cruu, muu; de nuu, cruu; e assim no plural: cruus, nuus. Estas letras vogais se dobram para denotar a sílaba longa; e ter acento agudo nela. Porque para mostrar ser a vogal longa, se permite, que se dobre assim na escritura, como os antigos faziam, seguindo Quintiliano no lib. I. das instituições oratórias cap. 6 (VERA: 1631, 32).

Do ‘y’, Vera (1631) diz que não se dobra porque só é usado em palavras gregas, nas quais não se dobra o ‘y’: “Y não se dobra porque não entra senão em dicções gregas, em que não há dobrar-se vogal”.

Para autores atuais, por exemplo, Said Ali (1964), a duplicação de ‘e’, explica-se analisando os cancioneiros, nos quais, medindo-se os versos, nota-se que vocábulos como “creer”, “seer”, “teer” eram dissilábicos com acento tônico no segundo ‘e’. Porém, ele afirma que explicar a ocorrência de ‘aa’, ‘ee’, ‘oo’ em tantas outras palavras pode ser mais difícil:

O primeiro dado para a solução do problema oferecem aquelas palavras em que houve aproximação das vogais pelo desaparecimento de algum fonema intermédio; em segundo lugar estão os vocábulos em que uma das vogais parece ter vindo em substituição da consoante desaparecida (SAID ALI: 1964, 36).

Admitindo a diferença na pronúncia entre ‘a’, ‘e’, ‘o’ e ‘aa’, ‘ee’, ‘oo’, todavia, assegura que a grafia das vogais duplicadas era independente da sua pronúncia nas palavras, já que podiam ocorrer tanto em sílabas tônicas ou átonas, por exemplo: *geeral*,

*ceeos, dõo, perigoo, poboos, diaboo, door, voontade*. O autor assinala ainda, nos textos arcaicos, a ocorrência de vogais duplicadas em terminações de plural: *-aes*, plural de *al* e *ees*, plural de *el*; e em ditongos nasais, como: *-ãao, -ãaes, -õoes*. De acordo com Williams (1975: 38), a duplicação de *a, e, o*, em textos do século XVI, era usada para distinguir o som aberto dessas vogais em oposição à grafia simples das mesmas representando o som fechado.

Com um olhar atento na ortografia d’*Os Lusíadas*, nota-se logo que aí já não se encontram mais palavras com vogais duplas. As que aparecem são impressões raras e que variam com as grafias de vogais simples, de modo que são poucos os casos de vogais duplicadas na obra. Nesses casos, ocorrem ainda assinalando o timbre das vogais e/ou a percepção que tinha o escritor da fusão de duas vogais idênticas (fusão hoje assinalada pelo acento grave), embora, assinala Rolim de Freitas (2000: 77), na época já houvesse ocorrido a crase das vogais duplicadas, como demonstram ocorrências grafadas com uma só vogal.

Ao encontrarmos, por exemplo, uma palavra como *aaquela* (C2, 73e, v1) com dois ‘aas’ em uma sílaba átona, podemos levantar a hipótese de que a duplicação das vogais tinha um efeito de assinalar um timbre aberto em oposição a um possível timbre fechado. Como em português o lugar mais comum para vogais com timbre aberto é a sílaba tônica, a dupla função da duplicação vocálica salientava o contextoônico e raramente revelava um contexto átono, porém com a vogal com timbre aberto.

A variação encontrada entre ocorrências com vogais duplicadas *vee* (vê) (C4, 42e, v8) e *vaa* (vá) (C4, 76e, v7) e ocorrências onde aparecia apenas uma vogal *ve* (vê) (C1, 8e, v2) e *va* (vá) (C1, 5, v6), mostra que, foneticamente, essas vogais duplicadas não representavam um caso de hiato, mas ocorria uma crase que resultava na pronúncia de apenas uma vogal.

A grafia *vaã* (C4, 95e, v1) revela um modo de assinalar uma tonicidade nesta palavra, juntamente com a nasalidade. A escrita com vogal dupla não era necessária neste caso, mas destaca o fato de se tratar de um monossílaboônico (que, na verdade, não precisava de uma grafia com vogal duplicada, como, de fato, aparece, em outros contextos. O fato de o til aparecer na segunda vogal e não na primeira lembra a discussão a esse

respeito que os ortógrafos, às vezes, faziam: o til era usado para representar a nasalidade vocálica, mas também tinha uma longa tradição de ser marca de abreviatura. Nestes casos, o til podia representar a abreviatura de ‘m’ ou de ‘n’ em final de sílaba. Em ‘vaã’, assinalando o primeiro ‘a’ com o til, alguém poderia ser levado a usar a velha regra e ler ‘vana’ e não vã’.

**i) outras ocorrências encontradas (e algumas variações):**

Fee (C1, 2e, v3)	fê (C1, 63e, v2)
aas (C1, 4e,v8)	
pee (C1, 36e,v5)	pês (pés) (C4, 31, v3)
aa (C1, 46e,v7)	à (C1, 45e, v3)
aaquela (C2, 73e, v1)	
vee (vê) (C4, 42e, v8)	ve (vê) (C1, 8e, v2)
vaa (vá) (C4, 76e, v7)	va (vá) (C1, 5, v6)
vaã (vã) (C4, 95e, v1)	vãs (C1, 11e, v1)
irmãs (C5, 11e, v2)	

**ii) casos de ‘uu’ n’Os *Lusíadas*:**

Todos os casos encontrados de vogal ‘u’ duplicada – ‘uu’ – representam respectivamente as letras ‘v’ + ‘u’, ou ‘u’ + ‘v’, como em:

**v + u:**

deuulgado (divulgado) (C1, 9e, v8)

**u + v:**

ouui (C1, 10e, v5)

louuar (C1, 11e, v3)

duuidosos (C2, 7e, v4)

louuauão (C2, 85e, v3)

viuua (C3,104e, v7)

iuuenil (C4, 84e, v6)

nuuem (C5, 20e, v6)

ouuemos (C5, 79e, v7)

### 3.3.9 Variação das vogais:

Consultando o dicionário etimológico de Machado (1954), encontramos muitas palavras presentes n' *Os Lusíadas*, assinaladas como sendo “antigas”, ou seja, “arcaicas”, mesmo no século XVI. Na época de Camões, certamente, havia uma preferência por formas morfológicas mais próximas do latim, fruto dos objetivos da Renascença. Esse fato não mostra uma regra fonética ou fonológica de variação do sistema da língua, mas uma questão de adaptação morfológica, naquele momento, valorizando as literaturas e as línguas latina e grega. A razão pela qual as palavras foram incorporadas é o fato de elas serem introduzidas na língua e se adaptarem ao sistema. Certamente, isso era sentido também na fala das pessoas, pois elas usavam essas palavras.

Estas palavras são novas porque representam itens lexicais novos, oriundos de palavras que geraram palavras na Língua Portuguesa que não sofreram o processo tradicional de passagem do latim vulgar para o português, mas vieram diretamente do latim clássico, sofrendo apenas uma pequena adaptação morfológica e fonológica ao português. A variação entre essas formas acabou deixando para as gerações futuras a forma morfológica recém introduzida na língua. Estas palavras novas vieram se juntar a outras formas, consideradas arcaicas, que desapareceram e foram substituídas pelas novas. Foram desaparecendo aos poucos do uso mais literário da língua, podendo algumas, como *estamago* (C2, 85e, v4)<sup>79</sup>, permanecer na fala regional e em dialetos não cultos da língua. Porém, outras palavras, como *saluços* (C2, 43e, v2) e *cantro* (C5, 67e, v8), não são

---

<sup>79</sup> De acordo com Machado (1954: 920) “estamego” era a forma culta na época, então, deduz-se que a forma encontrada “estamago” era uma variação “popular” da atual palavra “estômago”.

registradas como formas antigas do português. Nestes casos, pode-se levantar a hipótese de que se trata de erro de tipografia (uma gralha).

Alguns ortógrafos apontam casos de palavras em desuso (arcaicas). Mais tarde Madureira Feijó (1734) irá fazer um glossário para mostrar isso. Algumas observações a respeito deste tópico são interessantes, como a de Vera que diz que a pronúncia de sua época era diferente da pronúncia mais antiga e que se devia escrever como se fala, deixando de lado os modos antigos de escrita (e de fala). O fato de esses autores se referirem a certas palavras situa no tempo a vida dessas palavras como arcaicas ou não.

Como a variação da fala só pode ser alcançada através da variação da escrita ou de comentários específicos, a identificação de grafias alternativas, variantes, é um bom indício fonético para os estudiosos. Por essa razão, apresentamos neste trabalho essas formas para mostrar hipóteses que se podem tirar com relação à fala das pessoas na época dos trabalhos dos autores estudados. Por outro lado, os comentários específicos são mais claros e mais seguros para justificar as hipóteses fonéticas a partir da escrita. Por exemplo, Oliveira diz:

(...) E a mim me parece que sempre são grandes, como ouvido e escudo e, em lugar de i pequeno serve e pequeno, como memorea, hostea, necessareo e reverencia, nas penúltimas das quais partes e outras semelhantes eu nunca escreveria i, senão e, porque eu tenho que a penúltima pura ou última, qualquer que se escreve com i, sempre têm o acento da dicção, como Maria e ouvir, e as que não têm esse acento da dicção escrevem-se com e pequeno e não com i como já dissemos.

Outro tanto dizemos de u vogal, como dissemos do i, o qual u vogal sempre é grande, como gorgulho e arguio, e em lugar de u pequeno escrevemos o pequeno, como argoir e continoar, onde se estivera u puséramos o acento na penúltima, como concluiu.

Não pareça a alguém que nós confundimos i pequeno com e pequeno, nem o pequeno com u pequeno, porque elas não são diversas vozes e tampouco não temos aí necessidade de diversas letras. Mas é desta maneira que entre i, que é letra delgada, aguda e viva, e entre e grande soa na nossa língua uma outra voz escura e não mais que uma: e a este chamamos e pequeno, o qual em umas partes soa mais e em outras menos, como fazem as outras vogais. E onde soa mais podemos dizer que é mais vizinho do e grande. Onde também menos soa será isso mesmo mais vizinho do i, mas nem

por isso dizemos que são duas letras, porque não muda a voz, senão por respeito das consoantes, mais ou menos, ou por qualquer outra vizinhança de letras que se com ele ajuntam, gasta mais ou menos tempo e aparece mais ou menos a sua voz, como escreveste e memorea, porque em escreveste tem adiante, na mesma sílaba uma letra consoante, s, e em memorea tem logo outra vogal em outra sílaba, a qual lhe tira parte da voz, (...) E esta é a causa porque ainda em memorea e outras semelhantes partes a penúltima parece mais pequena, porque antes de si tem uma sílaba grande com acento. Tão pequeno fica este e nestas partes que muitos se enganam e escrevem em seu lugar i, o qual nós aí não sentimos. (...). E bem vemos como em lampreia e correia, e em outras partes como estas, esta letra e pequeno, que está na penúltima, soa mais que em memorea e necessareo. E não somente soa mais, mas também em si tem o acento e principal tom de dicção, assim porque antes não tem outra vogal maior como também depois de si se continua logo outra vogal, mas mete-se no meio um y consoante (OLIVEIRA: 1536, 16v-17).

#### **i) variação entre ‘a/e’:**

Apresentam-se, a seguir, alguns casos de grafias variantes de palavras ou de contextos. Conforme Said Ali (1964), a variação entre ‘a/e’ encontrada nos textos arcaicos reflete a distinção que havia, em Portugal, desde longa data, entre ‘a’ aberto e ‘a’ fechado, embora sem a mesma extensão atual. Segundo o autor, isso “(...) conclui-se da circunstância de representar-se às vezes, em sílaba átona, *a* etimológico pela letra *e*, e outras vezes *e* etimológico pela letra *a* (...). *a* proveniente de *e* é raro, sobretudo em sílaba tônica. (SAID ALI: 1964, 34). Para as formas rizotônicas (acento no tema ou radical do verbo) firmou-se o uso da vogal ‘a’; para as restantes oscilam os escritores. N’*Os Lusíadas*, encontramos:

pera (C2, 5e, v4)

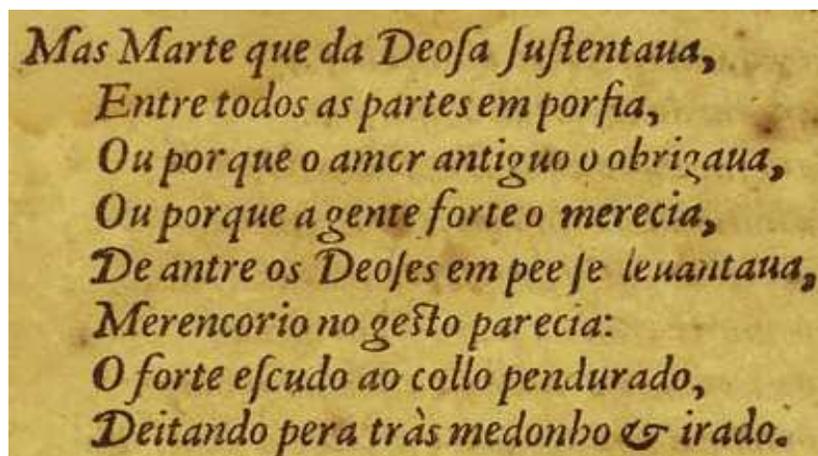
treição (C2, 17e, v5)

piadosas (C2, 33e, v1)

facundo (C2, 45e, v1)

escarlata (C2, 77e, v5)  
emparo (C2, 97e, v1)  
aumentado (C2, 113e, v6)  
antão (C3, 9e, v4)  
Anrique (C3, 25e, v1)  
tredores (C4, 33e, v8)  
menham (C4, 75e, v7)  
desemparos (C4, 96e, v2)  
desempararão (C5, 81e, v2)  
rezão (C5, 97e, v5)

Quanto à palavra *antre*, forma do português antigo, usada ainda por vários escritores quinhentistas, Said Ali (1964: 34) afirma que “Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma *entre*”. Leão (1576), em sua obra, no capítulo intitulado “Reformação de algumas palavras que a gente vulgar usa e escreve mal” registra a forma *antre* como a forma errada e *entre* como a forma correta de se escrever. No entanto, encontramos n’*Os Lusíadas* as duas formas: *antre* (C1, 36e, v2) e *entre* (C1, 36e, v5):



*Mas Marte que da Deosa sustentava,  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De antre os Deoses em pee se leuantava,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitando pera träs medonho & irado.*

(C1, 36e, v2-5)

## ii) variação entre ‘a/i’:

Um caso especial de variação com a forma atual das palavras ocorre por causa de uma metátese, como se pode ver nos comentários de Said Ali (1964). Os usos que Camões faz dessas formas, certamente, tinha respaldo na pronúncia de sua época.

Said Ali (1964) e Rolim de Freitas (2000) se referem distintamente ao uso do ditongo ‘-airo’/‘-ario’ n’ *Os Lusíadas*, como podemos ver: “O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, pôs termo à deslocação de *i*, corrigindo em *-ário* o outrora predileto *-airo* de vigairo, campanairo, sudairo, contrairo, corsairo, etc” (SAID ALI: 1964, 35). Rolim de Freitas (2000: 77), contrariamente, afirma que Camões “refaz a antiga forma do ditongo *ai* no sufixo *-ário*: rosário ( por rosairo), contrário (por contrairo), vigário (por vigairo)”. Machado (1954: 666) registra que ‘contrário’ entrou na Língua Portuguesa, por via culta, no século XIV. ‘Contrairo’ era a forma relativamente anterior, mais corrente, e seu uso perdurou até o século XVI. Isso quer dizer que, muito provavelmente, na época de Camões, havia as duas formas em uso. Na obra de Camões foram encontradas as duas formas: *contrairos* (C1, 100e, v7) (C2, 39e, v4) e *contrario* (C1, 75e, v4). *Contrairo* era a forma antiga, que ia se tornando arcaica e a forma *contrário* representava um empréstimo recente do latim, na Renascença.

## iii) variação entre ‘a/o’:

Este tipo de variação também devia retratar o modo como essas palavras eram pronunciadas na época da escrita da obra:

saluços (C2, 43e, v2)

maura (C2, 25e, v3)

cantro (C5, 67e, v8)

estamago (C2, 85e, v4)

#### iv) variação entre ‘e/i’ e ‘i/e’:

A partir do português arcaico ou medieval, constata-se que muitas palavras são escritas com a letra ‘e’ por alguns autores e com a letra ‘i’ por outros. Essa variação tem se mostrado apenas em sílabas átonas. Williams (1975: 17-18) assegura que a variação de ‘e/i’, quando não em ditongos, decorre de uma “confusão ortográfica” entre estas letras. Essa confusão ocorria devido à impressão de que as duas letras representavam o mesmo som e, portanto, poderiam se alternar na grafia das palavras. Na interpretação desse autor, ocorreu uma variação de fala ocasionada pela escrita, o que não é um fenômeno muito comum, embora seja possível. Certamente, naquela época o povo não lia muito para sentir tal influência. Na verdade, parece mesmo que este é um caso claro de variação ortográfica que indica uma variação de pronúncia. Essa regra, na verdade, perdura até hoje. Alguns dialetos usam o som de [e] em sílabas átonas e outros usam o som de [i], como em *menino*, *pedir* e *mininu*, *pidir*, etc. Na história da ortografia da Língua Portuguesa essa variação entre ‘e’ e ‘i’ é a que mais tem chamado a atenção e, de certo modo, ainda chama a nossa atenção, quando vemos “erros” de ortografia em placas mal escritas. N’*Os Lusíadas*, encontramos:

#### v) variação entre ‘e/i’:

enueja (C1, 4, v8)<sup>80</sup>

meudas (C1, 92e, v5)

edefícios (C1, 103e, v5)<sup>81</sup>

dezia (C2, 2e, v2)

dereito (C2, 22e, v1)

enuejoso (C2, 50e, v5)

deligente (C3, 65e, v6)<sup>82</sup>

mestura (C4, 64e, v3)

lemite (C5, 7e, v1)<sup>83</sup>

<sup>80</sup> No século XIII já existia a forma “inveja” e sua variação “enveja” (Machado: 1954, 1237).

<sup>81</sup> Forma já encontrada no século XV (Machado: 807).

<sup>82</sup> No século XV registram-se as formas “diligemçia” e “diligentemente” (Machado: 1954, 784).

**vi) variação entre ‘i/e’:**

difiria (C1, 30e, v3)

impito (C1, 35e, v4)

infiado (C1, 37e, v8)

si (C1, 60e, v2)

lião (C1, 68e, v8)

impidira (C2, 41e, v6)

milhores (C2, 46e, v8)

quasi (C2, 63e, v3)

insinasse (C2, 70e, v5)

diclinada (C2, 98e, v8)

mininos (C3, 125e, v50)

sinti (C5, 52e, v7)

cigueira (C5, 54e, v6)

gingiuas (C5, 81e, v7)

embibidos (C5, 90e, v2)

ingenho (C5, 98e, v7)

**vii) variação entre ‘e/o’:**

valerosas (C1, 2e, v5)

polo (C1, 15e, v6)

fermoso<sup>84</sup> (C1, 20e, v5)

fermosura (C3, 142e, v5)

valeroso (C2, 2e, v3)

rudo (C2, 25e, v2)

trajo (C2, 99e, v4)

pola (C3, 47e, v2)

prosuposto (C3, 59e, v6)

---

<sup>83</sup> A forma “limite” já é usada no século XIV (Machado: 1954, 1337).

<sup>84</sup> ‘Fermoso’ era a forma culta e ‘fremoso’ correspondia a uma linguagem mais popular do que hoje é ‘formoso’ (MACHADO: 1954, 1017).

preposito (C4, 93e, v4)

Observação: As formas *polo*, *polas*, representam as formas *pelo*, *pelas*

### **viii) variação entre ‘o/u’ e ‘u/o’:**

Williams (1975: 17-18) assegura que a variação de ‘o/u’ e ‘u/o’, quando não em ditongos, decorre de uma “confusão ortográfica” entre estas letras, assim como acontecia com a variação ‘i/e’ e ‘e/i’. Essa confusão ocorria devido à impressão de que as duas letras representavam o mesmo som e, portanto, poderiam se alternar na grafia das palavras. Observando os contextos em que ocorrem tais variações, podemos afirmar que elas só ocorrem em sílabas átonas. Como já comentado acima, a variação i/e era típica da fala e a escrita simplesmente refletia tal fato. O que Williams chama de “confusão ortográfica” é um resultado e não a causa da variação. A causa era a fala que variava. Como a escrita seguia de perto da fala, apareceram esses casos de variação na escrita, o que nos ajuda a entender melhor a pronúncia de quem escrevia ou de seu tempo.

### **viii) variação ‘o/u’:**

sobindo (C1, 9e, v4)

sojeitaria (C1, 31e, v3)

mulheres (C1, 79e, v8)

sotis (C1, 92e, v6)

comprirà (C2, 5e, v7)

sospeita (C2, 6e, v6)

podessem (C2, 7e, v3)

fogir (C2, 27e, v6)

sojeito (C2, 72, v7)

agoardaua (C3, 37e, v2)

instromentos (C3, 48e, v8)

sepoltura (C5, 42e, v3)

**ix) variação u/o:**

cubertos (C1, 19e, v6)  
cubrio (C2, 15e, v4)  
descuberto (C2, 30e, v3)  
cum (C2, 37e, v1)  
cubiçados (C2, 80e, v4)  
porpurea (C2, 73e, v6)  
cubiçadas (C2, 80e, v4)  
zonido (C2, 91e, v2)  
cubiça (C3, 32e, v5)  
rigurosos (C3, 125e, v4)  
humicidas (C3, 136e, v4)  
reguroso (C3, 137e, v1)  
custume (C5, 1e, v5)

**x) variação entre ‘u/i’:**

Com exceção de uma única palavra: *sururgião* (cirurgião) (C5, 82e, v4), não há casos de variação entre ‘u/i’ n’ *Os Lusíadas*.

Ao contrário do que ocorre no português atual, no texto de Camões, a grafia de palavras como ‘coisa’, ‘dois’, ‘endoidece’, ‘açoute’ e ‘doido’, apresentou sempre o ditongo ‘ou’: *cousa* (C2, 3e, v2), *dous* (C2, 7e, v5), *endoudeçe* (C3, 131e, v7), *açoute* (C4, 1e, v2), *doudo* (C5, 55e, v5). Todavia, ocorrências de ditongos ‘ou’, nos textos arcaicos, de acordo com Said Ali (1964: 41), não são casos de variação, mas formas provenientes do primitivo ditongo *au*, latino ou não. A escrita literária parece ter privilegiado o uso do ditongo ‘ou’ que passou a ‘oi’, deixando para trás as formas com o ditongo ‘au’<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Said Ali (1964) afirma que o ditongo ‘oi’ não tem a mesma origem do ditongo ‘ou’. O ‘i’ de ‘oi’ representa um antigo ‘e’ nas palavras latinas *bove* (boi) e *sondes* (sois). “Em português antigo a vogal de sílaba tônica podia atrair a vogal *i* da sílaba seguinte terminada em *-io*, *-ia*. O ditongo *oi*, proveniente de metátese, observa-se em vocábulos como *coifa* (cofia), *goiva* (gubia), e particularmente na terminação *-oiro*: *Doiro* (Duriu-), *ajudoiro* (a(d)jutori-), *agoiro* (a(u)guri-), *tesoira* (to(n)soria), *suadoiro* (su(d)atoriu-) (SAID ALI: 1964, 41).

### 3.3.10 Encontros vocálicos

Na Língua Portuguesa, as vogais podem ocorrer como segmento simples, acompanhado ou não de consoantes, em todos os contextos silábicos e da formação morfológica das palavras. Podem ocorrer também formando encontros vocálicos, ou seja, uma seqüência de duas ou mais vogais contíguas na escrita, caracterizando ditongos, tritongos ou hiatos. Na fala do português arcaico, não sabemos precisar exatamente quando formavam um ditongo ou um hiato. Na poesia é possível resolver esse problema contando as sílabas dos versos. A partir da escrita de Camões foram levantadas e analisadas algumas hipóteses. O português arcaico não interessa aqui, nem o português atual, a não ser como elementos de comparação, quando isto é possível.

#### 3.3.10.1 Ditongos

Como vimos acima, a Língua Portuguesa (atual, antiga e, certamente, na época de Camões) distingue seqüências de vogais que ocorrem em uma mesma sílaba (ditongos) de seqüências de vogais com divisão silábica entre elas (hiatos). Tradicionalmente, os ditongos têm sido classificados em ditongos decrescentes ou verdadeiros e ditongos crescentes formados de u + vogal, quando o ‘u’ é pronunciado, ou gerados a partir de uma pronúncia mais rápida. Além disto, também forma ditongo crescente a seqüência u + vogal precedida das oclusivas velares [k] e [g], como em *quadro* e *água*. Há, ainda, uma distinção entre ditongos orais e ditongos nasalizados. Os ditongos nasalizados são sempre decrescentes.

Os autores da época de Camões mencionavam as ocorrências de vários tipos de ditongos, mas apenas Duarte Nunes de Leão (1576) menciona a ocorrência de tritongo<sup>86</sup>. Na Gramática da Língua Portuguesa, de Fernão de Oliveira (1536), o autor aponta os seguintes ditongos para a Língua Portuguesa:

---

<sup>86</sup> Porém Duarte Nunes refere-se apenas aos tritongos da língua francesa e não da portuguesa.

Ditongo dizem também ser dicção grega e quer dizer ou significa e diz “dobrado som”. (...) Os ditongos que eu achei entre nós, Portugueses, são estes: ae, como tomæ, ãe, como pães; ao, como pao; ão, como pão; ãi, como mãi; ei, como tomei; eo, como çeo; eo, como Deos; eu, como meu, io, como fugio; oe, como soe; oi, como caracóis; ãe, como põe; oi, como boi; ou, como dou; ui, como fuy (...) (OLIVEIRA: 1536, 13v.).

Na apresentação de Oliveira, nota-se uma provável confusão entre ‘eo’ / ‘eu’ (deos / meu) e entre ‘oe’ / ‘oi’ (soe / boi) (Nota: se *soe* tem o som de ó aberto, a confusão será com o oi de caracóis). Falta o ditongo nasal ‘ëi’ que aparece na ortografia de Oliveira representado por ‘e’ + ‘m’ ou ‘~’. Talvez por essa razão ele não o tenha colocado junto aos demais, porque estava pensando na ortografia e considerando apenas duas vogais contíguas. Falta ainda a representação de um ditongo nasalizado ‘õu’, que não aparece pelas mesmas razões que deixou de lado o ditongo nasalizado ‘ëi’. A escrita ocultava esses ditongos: bem, alguém, bom, conto, etc. A ocorrência de um ditongo nasalizado ‘üi’ (cf. mui, muito) não vem assinalada por Oliveira nem por outros gramáticos ou ortógrafos. Todavia, aparece na obra de Oliveira a escrita *munto* para *muito* e a presença da consoante nasal, sem dúvida, representa a presença de nasalidade. Como a palavra variava entre uma grafia com v + v (duas vogais: ui) e uma v + n (vogal mais a consoante n: un), podemos concluir que havia nessa palavra um ditongo nasal ‘üi’.

Oliveira chama a atenção também para o fato de duas vogais “de mesma natureza” não constituírem ditongos. Um caso interessante apresentado pelo gramático refere-se ao fato de colocar a fronteira silábica em certos casos em que podemos ter uma ambissilabidade. Oliveira mostra que em palavras como *mayo*, *seyo*, *saya*, *ayo* podemos soletrar a palavra como *may-yo*, *sy-yo*, *say-a*, *ay-yo*, o que mostra a ambissilabidade do ‘y’ da escrita, refletindo o processo fonológico de como o falante separa sílabas em português. Ele diz:

Duas sílabas de vogais puras sem mistura ou interposição de consoante bem se pode continuar como fazia. ia. comia. Ainda que nós pela maior parte lhe metemos no meio um .y. consoante como

mayo. seyo. saya. ayo. mas não sempre: e se isto falta que não metemos este .y. entre eles e as mais das vezes nas partes onde alguma destas duas vogais ou sílabas assim continuadas tem estas vozes ou algumas delas .i. ou .u. como .duas. rua. maria. e também .o. pequeno como zamboa: e com tudo ainda que não sempre mas também .u. .i. ou .o. se tiverem depois de si outra vogal também soa entre eles muitas vezes este .y. consoante como marrayo. tiyo. arguyo. tiya. (OLIVEIRA: 1536, 15).

Como se vê na passagem citada acima, os encontros vocálicos sempre apresentaram um problema fonético, mas também apresentam um problema de métrica poética. O presente trabalho não tem como objetivo entrar em discussões sobre a métrica d’*Os Lusíadas*. Entretanto, as observações acima servem de subsídio para quem quiser entrar nesse assunto<sup>87</sup>.

Oliveira mostra na citação acima que a Língua Portuguesa tem uma certa tendência a fazer ditongos, desfazendo hiatos. Por isso, ao lado de formas como *fazia*, *comia*, onde aparece apenas o hiato, a Língua Portuguesa apresenta os casos de ditongação que vem na evolução do latim para o português em contextos em que ocorre o hiato (original), mais uma forma ditongada, às vezes, ambissilábica como, por exemplo, em *meia*, *seio*, *saia*, *maio*. Em *mei-ia* ocorre ambissilabidade do ‘i’, mas as duas sílabas Vi-iV estão em hiato uma com relação à outra, etc. A presença de um ‘i’ intruso é apresentada por Oliveira em algumas palavras como em *tiyo*, *tiya*, e outras. O mesmo vale para os ditongos com ‘u’ como, por exemplo, em: *zamboa* [zamboua]. Como se nota, a ocorrência da semivogal é condicionada pela qualidade da vogal anterior: se ela for anterior, ocorrerá a semivogal ‘i’, se for posterior, ocorrerá a semivogal ‘u’; se for a vogal baixa, não há variação.

Gândavo (1574), por sua vez, de forma muito sucinta, explica a formação de sílabas no português - que será sempre caracterizada pela presença de uma vogal – e não se prolonga a respeito dos encontros vocálicos, nem ao menos os define. A respeito destes, o

---

<sup>87</sup> Caso haja interesse a esse respeito, cf. os trabalhos de MASSINI-CAGLIARI, G. (1995) e (1999).

autor diz apenas que duas vogais contíguas formarão uma só sílaba, caso de ditongo, principalmente nas seqüências [k] ou [g] + u + vogal:

(...) E quantas vogais tiver uma dicção, de tantas sílabas será. Salvo quando acontecerem duas vogais juntas, estas duas não terão mais que uma só sílaba: quero dizer que aquele u, que se segue sempre diante de q, e algumas vezes diante g, que não se conte por vogal, nem se faça menção, se não da outra vogal que se segue diante dele. (GÂNDAVO: 1574, 15).

Leão (1576) apresenta os ditongos da seguinte forma:

Ditongo é um ajuntamento ou concurso de duas vogais que guardam sua força em uma só sílaba: e é palavra grega, que quer dizer dobrado som. E todas as línguas têm seus ditongos próprios (...). E estes ditongos se formam em cada língua de diferentes maneiras e por diversos ajuntamentos de vogais. (...) Umhas nações têm mais ditongos e outras menos (...). Mas em nossa língua dezesseis ditongos: *ãa, ãe, ai, ão, au, ãe, ei, eu, iy, ao, oi, õe, õo, ou, ui, ãu*. Dos quais temos três comuns com os latinos, scilicet, *au, ei, eu*. E outros três comuns com os castelhanos, scilicet, *ai, oi, ui*. E dez são peculiares nossos e não de outra nação, scilicet, *ãa, ãe, ãe, ãi, ão, õe, õo, ou, ãu* (LEÃO, 1576, 16v).

Vera (1631) assim define os ditongos: “Ditongo é palavra Grega que quer dizer som dobrado, ou ajuntamento de duas vogais, que guardam sua força em uma só sílaba” (VERA: 1631, 25).

Conforme o ortógrafo, há na Língua Portuguesa dezessete ditongos, os quais são: *ãa, ãe, áes, ai, ão, ao, au, eẽ, ei, eu, iĩ, oa, õe, oi, ou, ui, uũ*: “(...) Na nossa língua há dezessete, que são estes incluídos no exemplo: *irmãa, capitães, vogães, mais, mão, mao, causa, beẽs, rei, meu, confiĩs, taboa, dões, foi, cousa, muito, alguũs* (...) (VERA: 1631, 25).

É preciso notar antes de tudo que os antigos partiam da escrita de vogais contíguas para achar os ditongos. Assim, se havia vogais repetidas com um único som (*maa* = *má*) esses casos eram incluídos na mesma categoria dos ditongos, porque formavam

apenas uma única sílaba e, deste modo, se diferenciavam de outras seqüências semelhantes em que havia um hiato: uma vogal em cada sílaba. Mais adiante, Vera (1631) afirma:

(...) Mas indo o acento na vogal não fica ditongo; assim nós que temos próprios, como dos que temos tomados da mesma língua Latina, e de outras nações: como saúde, bainha, *azambôa*, *poéta*, *ceúmes*, *moínho*, *Luís*, *argüür*, etc. As quais são letras soltas, que fazem cada uma por si sílabas, posto que breve, por ser vogal ante vogal (...) (VERA: 1631, 25).

As ocorrências, n' *Os Lusíadas*, de casos do tipo apresentado acima mostram a tendência assinalada por Fernão de Oliveira. A presença da semivogal 'y' é constante na grafia de palavras, como se mostra abaixo:

praya (C1, 1e, v2)

rayos (C1, 22e, v2)

azagaya (C1, 86e, v3)

saya (C1, 86e, v5)

arrayal (C3, 58e, v6)

alheyo (C4, 35e, v6)

feya (C5, 81e, v1)

mayor (C5, 84e, v2)

Se o acento tônico cair no 'y', representando uma vogal e não uma semivogal, como no exemplo *possuyo* (C5, 4e, v6), a ambissilabidade não ocorre, assim como não ocorre um ditongo decrescente: *possuy-o*; *jui-zos* (C5, 17, v5).

A formação de ditongos decrescentes com semivogal 'u' ocorre tipicamente em sílaba tônica como, por exemplo, em *zamboá*, que Fernão de Oliveira disse ser pronunciada "zambou-ua" ou "zambou-a", mostrando a presença do ditongo 'ou' na fala. Em sílabas átonas, tal formação não é típica, como mostram os exemplos: *agoas* (C1, 4e, v7) e *lingoa* (C1, 33e, v7), tirados do próprio Camões. Nesses casos é comum se considerar um hiato e

não um ditongo, razão pela qual aparece o ‘o’ e não o ‘u’. A presença de hiato e não de ditongo ocorre também em sílabas tônicas, como em *lingoagem* (C1, 62e, v4), *agoada* (C1, 93e, v3). Certamente, a ocorrência do hiato podia variar com a ocorrência de um ditongo crescente, principalmente em uma fala rápida ou para contar sílabas nos versos. Como acontece até hoje, essas ocorrências costumam vir precedidas de uma consoante oclusiva velar [k] ou [g]. O caso dos ditongos crescentes, com oclusiva velar - [k] e [g] - no onset da sílaba tem sido um problema para os lingüistas desde os antigos gramáticos da língua:

agoas (C1,4e, v7)

lingoa (C1, 33e, v7)

lingoagem (C1, 62e, v4)

agoada (C1, 93e, v3)

magoada (C1, 93e, v5)

ygoale (C5, 92e, v4)

Os exemplos abaixo mostram outras ocorrências de encontros vocálicos que poderiam ser pronunciados como ditongos ou como hiatos. Como é difícil verificar hoje como ocorria a pronúncia daquela época somente a partir da escrita, outros elementos prosódicos podem ser investigados, como a metrificação. Essa investigação não foi feita no presente trabalho.

Imperio (C1, 8e, 1)

senhorio (C1, 8e, 1)

infamia (C1, 34e, 5)

sabio (C1, 3e, v1)

cesaria (C1, 7e, 4)

consilio (C1, 20e, v3)

gloria (C1, 25e, v7)

fúria (C1, 5e, v1)

folio (C1, 37e, v6)

almadias (C1, 92e, 1)

perpetua (C2, 10e, v2)

**i) ditongos decrescentes:**

N<sup>o</sup>s *Lusíadas*, os ditongos decrescentes têm como representação das semivogais as letras ‘i’ ou ‘u’ (ou suas variantes: e, o, y):

abaixo (C1, 23e, v2)

capitaina (C2, 28e, v7)

frauta (C1, 5e, 2)

aumento (C1, 6e, v4)

aurora (C1, 14e, v2)

argonauta (C1, 18e, v6)

aurifero (C1, 4e, v2)

julgareis (C1, 10e, v7)

terceiro (C1, 13e, 8)

effeito (C1, 61e, v4)

alheio (C2, 9e, v8)

cigueira (C5, 54e, v6)

deu (C1, 7e, v7)

seu (C1, 13e, v5)

celeuma (C2, 25e, v1)

cousas (C1, 20e, v4)

outro (C1, 3e, v8)

deixou (C1, 7e, v7)

tomou (C1, 7e, v8)

ouro (C1, 23e, v2)

alcançou (C1, 25e, 7)  
tirou (C1, 32e, v2)  
pouco (C1, 37e, v2)  
encerrou (C1, 56e, v5)  
dous (C2, 7e, v5)  
Mouros (C2, 7e, v6)  
sojeitou (C2, 14e, v6)  
apartou (C3, 94e, v3)  
vsou (C4, 51e, v8)  
honrou (C4, 63e, v6)

A representação gráfica dos ditongos vem de longa data. Os muitos ortógrafos da língua propuseram grafias diferentes, ora com ‘e’, ora com ‘i’ ou com ‘y’; ou grafia com ora com ‘o’ ora com ‘u’. A questão só ficou resolvida depois da reforma do início do século XX. Essas dificuldades ortográficas acarretam uma dificuldade de interpretação fonética que avalia se se trata realmente de ditongos ou de hiatos, principalmente em contextos de final de palavra. N’*Os Lusíadas*, não é raro ocorrer a letra ‘e’ representando a semivogal ‘i’, assim como a letra ‘o’ representando a semivogal ‘u’. Esses casos ocorrem sempre na última sílaba da palavra:

reaes (C1, 41e, v7)  
quaes (C2, 23e, v1)  
azues (C3, 53e, v7)  
doe (C4, 39e, v8)  
Heroe (C4, 50e, v2)  
soes (sóis) (C5, 37e, v1)  
sae (C5, 75e, v3)  
quaesquer (C5, 83e, v6)  
tremeo (C1, 37e, v7)  
perdeo (C1, 37e, 8)

consentio (C1, 41e, v2)

naos (C1, 60e, v2)

padeceo (C1, 65e, v6)

vio (C1, 69e, v2)

Deoses (C1, 75e, v1)

rio (C1, 4e, v4)

folio (C1, 37e, v6)

partio (C1, 41e, v6)

apareceo (C2, 13e, v7)

nasceo (C2, 19e, v3)

deceo (C2, 19e, v5)

Deosa (C2, 22e, v1)

perdeo (C2, 35e, v6)

trofeos (C3, 53e, v2)

mao (mau) (C3, 92e, v7)

Se a interpretação da vogal final é de uma semivogal, a sílaba traz um ditongo. Porém, se ocorrem duas vogais altas na sílaba final, há variação com a ocorrência de um possível hiato: *fo-lío*, *fo-li-o*, etc. Uma decisão mais precisa sobre esta questão requer um estudo minucioso da métrica dos versos camonianos, que, como dissemos logo acima, não foi feito neste trabalho.

A letra ‘y’ representando a semivogal ‘i’ também não é um caso raro:

deyxando (C5, 4e, v7)

torney (C5, 34e, v8)

fuy (C5, 48e, v1)

feya (C5, 81e, v1)

mayor (C5, 84e, v2)

contey (C5, 85e, v8)

## ii) ditongos reduzidos a monotongos:

Encontramos, n' *Os Lusíadas*, alguns casos de variação na representação gráfica das palavras com ditongos. Uma variação pode significar várias coisas: erros, pronúncias diferentes que geraram formas gráficas diferentes, forma morfológica diferente (cf. *mayor* (C5, 84e, v2) / *mor* (C5, 84e, v2)), etc. Alguns casos de variação na ortografia se prestam para fazer hipóteses fortes a respeito da variação de pronúncia que elas indicam. Em Camões, aparecem as escritas: *debaxo* (C1, 105e, v2) e *abaixo* (C1, 23e, v2). Certamente, trata-se da mesma forma morfológica, 'baixo', escrita com o ditongo e sem o ditongo. Embora os autores tendam a escrever as palavras sempre com a mesma grafia, motivados pela pronúncia, não é raro encontrar antigamente (e mesmo atualmente, nas escolas), escribas que se deixam levar pela pronúncia e não pela ortografia estabelecida. Como na época de Camões não havia uma ortografia oficial, mas apenas uma tradição que apresentava grandes variações, a grafia variante de palavras pode ser um bom indício de que, atrás das grafias se escondem pronúncias diferentes. É o caso de: *debaxo* (C1, 105e, v2) e *abaixo* (C1, 23e, v2). Outros exemplos encontrados n' *Os Lusíadas*:

feos (C1, 52e, v4)

pexes (C1, 42e, v8)

Indo (C1, 52e, v2)

fêa (C2, 81e, v2)

inda (C2, 81e, v4)

preminencia (C2, 87e, v2)

baxa (C3, 14e, v4)

contino (C3, 8e, v7)

nomea (C3, 10e, v1)

inica (C3, 33e, v2)

chea (C3, 81e, v8)

abaxarão (C5, 56e, v2

### 3.3.10.2 Hiatos:

Dos autores aqui estudados, Barros (1540) e Gândavo (1574) não se referem, em suas análises, aos hiatos. Oliveira (1536) refere-se aos casos de hiatos de forma bastante abreviada:

(...) somente duas vogais de uma mesma natureza não se ajuntam em uma sílaba (...). Duas sílabas de vogais puras sem mistura ou interposição de consoante bem se podem continuar, como fazia, ia e comia (...) (OLIVEIRA: 1536, 15).

Leão (1576) diz:

(...) No que muitos têm errada opinião, cuidando que são ditongos, quando concorrem estas vogais *ae*, como, *amae*; *ao*, como, *pao*; *eia*, como, *ceia*; *eo*, como, *céo*; *ia*, como, *Maria*; *ie*, como, *frieira*; *io*, como, *rio*; *oe*, como, *poeta*; *ua*, como, *rua*; *ue*, como *crueza*; *uo*, como, *nuo*; *ũu*, como *muu*. Porque a orelha nos ensina que são letras soltas, e sem vínculo, que fazem cada uma por si sílaba, posto que breves, por serem vogal ante vogal (...) (LEÃO: 1576, 32).

Vera (1631) diz: “Concorrendo duas vogais (não sendo ditongos) se podem dividir, como sa.ude; de modo que a consoante sempre fira a vogal seguinte” (VERA: 1631, 27).

Em momento anterior, o autor afirma:

(...) Mas indo o acento na vogal não fica ditongo; assim nós que temos próprios, como dos que temos tomados da mesma língua Latina, e de outras nações: como saúde, bainha, azambôa, poeta, ceúmes, moinho, Luís, argüir, etc. As quais são letras soltas, que fazem cada uma por si sílabas, posto que breve, por ser vogal ante vogal (...) (VERA: 1631, 25).

As ocorrências de hiatos n'*Os Lusíadas* são semelhantes às encontradas no português atual:

inquietas (C1, 19e, v1)  
companhia (C1, 45e, v1)  
gloriosas (C1, 2e, v1)  
viciosas (C1, 2e, v3)  
estio (C1, 18e, v4)  
viagem (C1, 29e, v2)  
juyz (C1, 38e, v7)  
vigiaua (C1, 58e, 7)  
prometia (C1, 1e, v6)  
vias (C1, 27e, v3)  
perfia (C1, 27e, v7)  
alegria (C1, 45e, v5)  
sumptuoso (C2, 10e, v8)  
ciumes (C2, 37e, v8)  
sayr (C5, 52e, v6)  
voou (C4, 60e, v4)

Nos exemplos acima, principalmente em uma pronúncia rápida ou por necessidade de contar sílabas nos versos, esses encontros vocálicos poderiam gerar um ditongo crescente em vez de um hiato. Esse fato se aplica ao português atual também.

### 3.4 Estudo das Consoantes

#### 3.4.1 Definição de consoantes pelos gramáticos e ortógrafos e o emprego delas n'Os *Lusíadas*

A definição das consoantes não varia muito de autor para autor. O que varia é, às vezes, o tratamento que um e outro ora dá a algumas das consoantes. Oliveira (1536: 5v) distingue vogais e consoantes dizendo que “as vogais têm em si voz e as consoantes não, senão junto com as vogais”. Mais adiante, o autor acrescenta:

Costumam os gramáticos repartir as letras consoantes em mudas e semivogais em qualquer língua, e esta é a principal causa de sua repartição, que as semivogais podem estar no fim das vozes como as vogais. E, portanto, se chamam semivogais, que quer dizer quase vogais. E as mudas, cujo nome é bem claro, não podem dar cabo às vozes. E deixadas outras razões desta divisão por esta que me a mim melhor parece: não há aí entre nós mais letras semivogais que somente estas: l, r, s e z (...). As letras mudas são estas: b, c, d, f, g, m, n, p, q, t e x. Chamam-se mudas porque em si (não) têm voz alguma nem officio ou lugar que lha dê (OLIVEIRA: 1536, 7-7v).

Ao contrário do que veremos em outros autores, logo abaixo, Oliveira não considera a letra ‘m’ como semivogal, mas como letra muda:

(...) Também escrevemos m em fim das nossas sílabas ou vozes, mas não muito acertando. Disse que essa letra m não é semivogal nem podem fenecer em ela as nossas vozes. Porque isto é verdade, que nesses cabos onde a escrevemos e também no meio das dicções em cabo de muitas sílabas soa uma letra muito branda que nem é m nem n, como nós escrevemos, ora uma delas, ora imitando os Latinos. Mas a meu ver, de necessidade, escrevemos nos tais lugares esta letra que chamamos til, ainda que a alguns parecerá sobeja e que não serve mais que de suprir outras (...). (OLIVEIRA: 1536, 7-7v).

Oliveira acrescenta *ç, j, rr, ss, v, y, ch, lh, nh* às consoantes portuguesas “porque as vozes da nossa linguagem o querem assim”, além do *h* e do *til*, ainda que não considere estas últimas letras perfeitas: “porque, de feito, a força delas é mui diminuída, e tanto, que quase a não sentimos sem ajuntamento de outras letras, nem lhe podemos dar nome próprio que a pronunçiação delas mostre (...)”. A este conjunto - *ç, j, rr, ss, v, y, ch, lh, nh* – do qual ele considera *ch, lh, nh*, aspiradas, Oliveira diz serem letras *menos acostumadas*, “nem por isso novas, mas antes a necessidade as pôs já em uso, muito há” (OLIVEIRA: 1536, 7v-8). Barros (1971 [1540]) afirma: “Todas as outras letras que não são vogais chamamos consoantes, porque com elas são soantes (...)” (BARROS: 1971 [1540], 40). O gramático também divide as consoantes em classes. Mas, enquanto Oliveira (1536) as divide em duas classes (mudas e semivogais), Barros as divide em três: mudas, meias vogais e líquidas:

(...) repartem os Latinos estas consoantes em três partes: em mudas e meias vogais e líquidas. As mudas são: b, c, d, f, g, p, q, t. Chamam-se mudas porque, tirando as letras vogais com que as nomeamos, ficam sem nome, cá, se tiramos ao b esta letra e com que se nomeia e soa be, fica muda. l, m, n, r, s, x, z chamam-se meias vogais por terem antes e depois de si vogal que as nomeiam. E as esta letra l, o seu verdadeiro nome é éle. E que x, z não mostrem em suas prolações ambas as vogais que digo, sempre serão meias vogais, por razão do officio que tem de outras duas letras em cujo lugar elas servem, cá esta letra x é abreviatura destas cs e z de sd. E estas meias vogais l, m, r, se chama líquidas e houveram este nome acerca dos Latinos porque todas as coisas que se desfazem e correm chamam líquidas, quase diluídas e derretidas. Porque, em pronunçiação alguma dicção onde elas servem, nós as diluímos na prolação de maneira quase que quase se não sentem, como nestas dicções clamor, cravo. E m podemos dizer que acerca de nós liquesce quando em lugar dele se pode pôr til, como nesta dicção pães (BARROS: 1971 [1540], 40).

Gândavo (1574) não é tão minucioso na definição e distinção das consoantes como vimos os demais autores fazerem. Ele diz apenas que no conjunto das letras portuguesas quinze são consoantes, no entanto, no quadro apresentado por ele constam

dezessete (b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z): “Nesta arte de escrever há vinte letras, ou vinte e uma com este y grego, afora h, que lhe não chamam os Latinos letra, senão aspiração. Destas vinte e uma, são seis vogais e quinze consoantes (...)” (GÂNDAVO: 1674, 15). Leão (1576), como Oliveira (1536), classifica as consoantes em mudas e semivogais e acrescenta ao conjunto ‘ç’ e os dígrafos ‘ch’, ‘nh’, ‘lh’:

(...) Consoantes chamam todas as outras, tirando as vogais: porque não se podem pronunciar, senão ferindo, ou tocando vogal: e por isso se chamam consoantes, porque juntamente soam com as vogais. E destas consoantes há duas espécies: umas são mudas, outras semivogais, que quer dizer meias vogais. As mudas são: .xj. .b. .c. .d. .t. .g. .k. .p. .q. .t. e .i. e .u. quando são consoantes. E chamam-se mudas, porque por si só não se podem pronunciar, nem são sem ajuntamento das vogais. As semivogais são .l. .m. .n. .r. .s. .x. .z. Chamam-se semivogais, não como cuidam alguns, porque começam e acabam os nomes delas em vogal, mas porque se formam em tal parte da boca que se podem pronunciar sem ajuda das vogais, posto que não fazem por si sílaba.

Além destas letras temos mais quatro em pronúnciação, posto que não em figuras, que são .ç. .ch. .lh. .nh. das quais usamos, acrescentando à primeira um sinal de diferença do .c. comum, e às outras .h. nota de aspiração, para suprir as figuras das ditas letras de que carecemos (...) (LEÃO: 1576, 2-2v).

A definição de Vera (1631) soma as idéias de Oliveira (1536), Barros (1540) e Leão (1576):

(...) Finalmente (tiradas as vogais) as demais se chamam consoantes, porque não se podem pronunciar, se não ferindo vogal, ou soando com vogal. Destas consoantes há duas espécies: umas mudas; outras semivogais. As mudas são estas: b, c, d, g, k, p, q, t. E chamam-se mudas porque por si só não se podem pronunciar, nem são sem ajuntamento das vogais. As semivogais, que quer dizer meias vogais, são outras oito: f, l, m, n, r, s, x, z. Destas são líquidas l e r quando lhes precede muda: como clamar, gravar. F, antes destas líquidas fica muda, como flama, frutto. H não é letra senão figura de aspiração. Além destas temos outras em pronúnciação, posto que em figura as não tenhamos em nosso alfabeto, e são estas ch. lh. nh. (...) (VERA: 1631, 4).

Os gramáticos e os ortógrafos dão pouca atenção para a distribuição das consoantes na estrutura das sílabas e das palavras. No entanto, esse ponto de vista é o mais comum entre os lingüistas de hoje. Desde Fernão de Oliveira, vemos uma distribuição das consoantes nas sílabas seguindo um padrão bem definido, sem grandes modificações. O fato de ocorrer apenas os sons [s, r, l] mostra como a estrutura dos arquifonemas foi montada há muito tempo na língua. A isto acrescentamos hoje o arquifonema nasal (cf. Mattoso Câmara Jr.: 2001). Vendo do ponto de vista da escrita, em final de palavra (contexto mais evidente de coda), aparecem apenas as letras ‘s’, ‘z’, ‘x’, ‘l’, ‘m’, ‘n’, indicando a estrutura fonológica dos arquifonemas da língua em posição de coda, como acontece até hoje.

Passa-se, a seguir, ao estudo de cada consoante individualmente, para definir melhor a relação entre escrita e fala, apoiando-nos nos comentários dos gramáticos e ortógrafos que vêm sendo citados neste trabalho. Após essa apresentação, as letras que representam as consoantes serão analisadas na obra *Os Lusíadas*, com relação à posição que ocupam na estrutura silábica da língua.

### 3.4.1.1 A letra B:

Oliveira (1536: 9) diz: “Pronuncia-se a letra *b* entre os beiços apertados, lançando para fora o bafo com ímpeto e quase com baba”. Barros (1971 [1540]: 45): Esta segunda letra, *b*, acerca de nós e dos latinos não tem mais acidente que querer antes de si *m*, como nestas dicções: *ambos, embolas, embigo, tombo*”. Leão (1576) trata das letras ‘b’, ‘p’ (e do dígrafo ‘ph’) na mesma seção, apontando as suas semelhanças fonéticas:

B e P são letras mudas entre si muito chegadas. E assim como se pronunciam, e formam na mesma parte da boca, e quase com a mesma postura dos instrumentos, dão um som muito semelhante. Só tem esta diferença, que o .b. pronunciamos, lançando do meio dos beiços o som; e o .p. pronuncia-se apertando os beiços, e lançando o espírito e fôlego mais de dentro. E por assim terem esta semelhança, os Latinos, na trasladação de muitos vocábulos da língua Grega na sua, mudavam uma letra em outra, dizendo, de *triambos, triumphus*, e de *pyxos, buxus*: como nós também fazemos,

que em muitos vocábulos, que tomamos dos Latinos corrompemos o .p. em .b. dizendo de *Aprilis*, *Abril*, e de *capillus*, *cabello*, e de *capra*, *cabra*. De maneira que o .b. fica meio entre .p. e .ph. (4), porque nem é tão puro e limpo como .p. nem tão frouxo como, como .ph., porque se aspira esta letra .p. a qual acerca dos Gregos tem o lugar do nosso .f. e assim o tinha acerca dos Latinos antigos, como adiante diremos na letra .f.

Tem outrossim esta letra .b. alguma semelhança com o .u. consoante, porque assim na língua latina como na nossa, muitas vezes se muda o .b. em .v., como nesta palavra composta de *ad* e *fero*, porque dizem os Latinos *aufero*, e de *ab* e *fugio*, *aufugio*. E nós dizemos *absente* e *ausente*, e *abano* e *avano*, e *aljaba* e *aljava*, e de *faba*, dizemos *fava*, e de *tabula*, *tavoa*, e de *abhorreo*, *avorreço*, e de *cibus*, *cevo*. O que muito mais se vê nos Galegos e em alguns Portugueses de Entre Douro e Minho, que por *vós*, e *vosso*, dizem *bós*, e *bosso*, e por *vida*, dizem *bida*. E quase todos os nomes, em que há .u. consoante mudam em .b. E como se o fizessem às avessas, os que nós pronunciamos por .b. pronunciam eles por .v..

Tem outrossim estas letras uma propriedade, que não admitem entre si .n., senão .m. e dizemos *ambos*, *tempo*, *triumpho*, e não *anbos*, *tenpo*, *triumpho* (...) (LEÃO: 1576, 3v-4).

Vera (1631) diz: “Esta letra B. das que chamamos mudas: a qual se forma com a respiração, que chegando aos beiços estando cerrados, e juntos, os abrem e saem do meio deles o som com seu inteiro soído” (VERA:1631, 5v-6). Como Leão (1576), Vera (1631) se refere à troca de ‘b’ e ‘v’, devido as suas semelhanças fonéticas. Ele também se refere ao uso de ‘m’ e não de ‘n’ no interior das palavras antes de ‘b’:

Tem esta letra muita semelhança e afinidade com a letra consoante v, com que faz errar a muitos Portugueses entre Douro e Minho, e os mais dos Castelhanos, que não advertindo o que vai de uma à outra, as trocam na pronunçiação, dizendo: Brabo e bravo; avano e abano; aldraba e aljava; como aldrava e aljaba; barrer e varrer; e, pior: dizendo bosso, buestro, por vosso e vuestro, etc.

Tem mais uma propriedade esta letra B, que não admite antes de si N, senão M (...) (VERA: 1631, 6).

N' *Os Lusíadas* a letra 'b' ocorre em posição inicial de palavras e de sílaba no meio de palavras:

**i) início de palavras:**

bello (C1, 16e, v7)

benignidade (C1, 8e, v5)

batalhas (C1, 17e, v4)

bicho (C1, 106e, v8)

bom (C2, 13e, v2)

botões (C2, 98e, v1)

belacissimos (C2, 46e, v3)

braueza (C2, 29e, v5)

**ii) em posição de onset em sílabas no meio de palavras:**

tambem (C1, 2e, v1)

debatem (C1, 34e, v7)

Mombaça (C1, 54e, v4)

Moçambique (54, v8)

abaixo (C1, 23e, v2)

obras (C1, 2e, v5)

ennobrece (C2, 70e, v6)

acabàrão (C2, 35e, v8)

debuxada (C2, 11e, v3)

Moçambique (C2, 17e, v8)

**3.4.1.2 As letras C e Ç:**

Oliveira (1536) descreve assim a letra C:

C pronuncia-se dobrando a língua sobre os dentes queixais, fazendo um certo lombo no meio dela diante do papo, quase chegando com esse lombo da língua ao céu da boca e impedindo o espírito, o qual por força faça apartar a língua e faces e quebre nos beiços com ímpeto (OLIVEIRA: 1536, 9).

E a letra Ç:

Esta letra .c. com outro .c. debaixo de si, virado para trás nesta forma .ç. tem a mesma pronúncia que .z. senão que aperta mais a língua nos dentes (OLIVEIRA: 1536, 9v).

Barros (1971 [1540]):

Tem duas figuras: a primeira de cima é esta seguinte: ç. Quintiliano, porque os latinos não tem este em figura, tratou do primeiro, dizendo que com ele podíamos suprir o ofício de k e q. Nós, por fugir de novidades, conformemo-nos com o uso, e no mais me remeto a ele, onde fala das letras. Quanto ao uso que temos deles em nossa ortografia, este primeiro c ajunta-se-se somente a estas três vogais: ca, co, cu. E o segundo a todas, a este modo: ça, ce, çì, co, çu, com que as sílabas ficam ceceadas da maneira dos ciganos. Nós, parece que houvemos estas letras dos mouriscos que vencemos (BARROS: 1971 [1540], 45v).

Leão (1576):

C tem acerca de nós muitos ofícios: um próprio, quando depois dele se segue .a. .o. .u., como nas primeiras sílabas destas dicções: cavalo, comédia, cutelo. Da qual maneira os Antigos também pronunciavam o .c. quando depois dele se seguia .e. .i., segundo se colige de Quintiliano, que diz o .c. ter igualmente sua força com todas as vogais. (...) Mas agora damos a esta letra diferente pronúncia, exprimindo-a com .e. e .i., como a pronunciamos, quando lhe acrescentamos a cifra, ou cercilho, ajuntando a estas

vogais, .a. .o. .u. Porque para exprimirmos as cinco vogais todas de uma mesma pronúncia, dizemos ca, que, qui, co, cu, como se vê nestas palavras de uma mesma substância, e parentesco: vaca, vaqueiro, vaquinha, vacona, vacuum. E para pronunciarmos .a. .o. .u. junto ao .c. como .e. .i. pomos-lhe uma cifra, ou cercilho debaixo que fica fazendo espécie de .z. e dizemos: çapato, çoçobrar, çurrador. A qual cifra não poremos quando depois do .c. se segue .e. .i. como fazem os idiotas. Porque o .c. junto às ditas letras, não pode dar outro soído, segundo a pronúncia destes tempos. A pronúncia imprópria do .c. com a cifra não é de Latinos, nem Gregos, mas própria dos Mouros, de quem a tomamos.

Outro officio de .c. é ser aspirado, com a qual letra escrevemos os nomes Gregos, que dos Latinos tomamos, como Achilles, patriarcha. À qual letra os Gregos dão esta figura .x., fazendo-a distinta do ..c puro, e acrescentando-a ao seu alfabeto. O que nós não fazemos, por não termos figura por que a denominamos, e por a exprimirmos por .c. e .h.

Outro officio tem o .c. emprestado, quando dele se segue .h. e lhe damos diferente pronúncia do .c. aspirado dos Gregos, como nestas dicções: chamar, chiar, chorar, chupar. A qual pronúncia tão própria é da língua espanhola que nem os gregos, nem os Latinos, Hebreus ou Árabes a tiveram, posto que os Italianos a pareçam imitar na pronúncia do seu .ce. .ci. Pelo que podemos dizer que, debaixo de uma figura do .c. há muitas letras em potestade e officio (LEÃO: 1576, 4-5v).

Vera (1631):

Esta letra ç, é mui diferente de C, assim no nome, como na figura: e como tais tem duas pronúncias diversas: porque com uma dizemos, caca, e com outra caça: barca, que navega; e barça, vaso de palha: acude, verbo; açude de moinho; e assim calco; e calço; moca e moça; cappa; e çappa. E por ter esta clareza me admiro não estar posta em nosso alfabeto na forma, que agora ordenei. Porque no trocar uma letra por outra, não somente troca o soído, mas ainda altera o sentido nas dicções, que tem diferente significação.

Pelo que digo que esta letra ç, é das que chamamos mudas: e tem por excelência não acabar nela dicção alguma, nem ser ferida de alguma outra letra; antes fere, e toca todas as vogais com aquela brandura, que esta letra de si tem: como se vê nesses exemplos: açucena, cifra, maçã, poço, buço: sua pronúncia se faz tocando brandamente com a língua no céu da boca, e alto dos dentes; bem

diferente do que quando pronunciamos a letra C, que a modo do pronunciar do, K, Grego (em cujo lugar há de ficar) sai do interior da língua, lançando a respiração com a boca mais ao alto.

Por onde importa muito aos que guardam as boas regras de ortografia, escrever nesta conformidade para ficar introduzido (porque a obrigação minha não é mais, que de como havemos de escrever, e declarara força, e vigor das letras, com o significado e voz delas) não somente pelo proveito, que disso tiramos, mas pela reputação, que a língua Portuguesa terá entre as mais nações, que carecem dela: por ter cada letra seu ofício, e uma só letra dois diversas: hum próprio, e outro impróprio: como todos os Ortógrafos dizem.

Advirto que não tem esta letra necessidade do rasgo, com cifra debaixo, quando tocar as letras e, i, porque junta a qualquer delas, não tem outro sóido, segundo a pronunção destes tempos: e assim dizemos, cinco, cinto, cisne, cidra, cesto, certo, cento. Mas se se puder não será erro, visto ser esta sua forma. (VERA: 1631, 6-7).

Em primeiro lugar, é preciso identificar a quais sons as letras C e Ç se referem na obra de Camões. Em seguida, será apresentada a distribuição dessas letras, fazendo uma correspondência com a estrutura silábica, levando em conta uma pronúncia anunciada pelos gramáticos e ortógrafos, ou simplesmente aceita como uma hipótese fonética, a partir dos conhecimentos posteriores de como a língua relaciona essas letras com os sons.

A letra ‘c’ tem três usos: em um dos casos (1º caso) ela representa o som de [s], quando ocorre diante das letras ‘e’ e ‘i’; quando ocorre diante de ‘a’, ‘o’, ‘u’ tem o som de [k] (2º Caso). Essas duas ocorrências correspondem ao modo como usamos a letra ‘c’ em palavras. No terceiro caso, ocorre a letra ‘c’ com valor de [k] não diante de vogal, mas de consoante. Em algumas palavras esse som permaneceu até hoje em Portugal e/ou no Brasil, em outras palavras o som deixou de ser pronunciado e a letra deixou de aparecer na escrita atual. O fato de uma palavra ter ‘c’ ou ‘s’, ‘qu’ (ou algum dígrafo) depende de sua origem e do processo de adaptação do latim (ou de outra língua) para o português.

### **1º Caso - ‘c’ com som de [s] diante de ‘i’ e ‘e’:**

cessem (C1, 3e, v1)

celebrado (C1, 4e, v3)  
certíssima (C1, 6e, v3)  
Citera (C1, 12e, v4)  
Cesar (C1, 13e, v2)  
ciúmes (C2, 37e, v8)  
obedecerão (C1, 3e, v6)  
florecente (C1, 7e, v1)  
engrandecido (C1, 10e, v5)  
engrandecerte (-te) (C1, 11e, v4)  
terceiro (C1, 13e, v8)  
esquecidos (C1, 14e, v1)  
guarnecido (C1, 25e, v3)  
necessidade (C1, 106e, v4)  
apacentar (C2, 105e, v5)  
lucido (C2, 1e, v1)

**2º Caso – som de [k] diante de ‘a’, ‘o’, ‘u’:**

callese (-se) (C1, 3e, v3)  
castroforte (C1, 14e, v7)  
consilio (C1, 20e, v3)  
cousas (C1, 20e, v4)  
caso (C1, 32e, v2)  
canella (C2, 4e, v3)  
canta (C2, 6e, v6)  
colūnas (C2, 36e, v7)  
cubiçadas (C2, 80e, v4)  
belicosa (C1, 5e, v3)  
ancoras (C2, 18e, v1)  
descuberto (C2, 30e, v3)

### **3º Caso – valor de [k] diante de consoante:**

Occidental (C1, 1e, v2)

victorias (C1, 3e, v4)

invicto (C1, 13e, v7)

Oceano (C1, 19e, v1)

Láctea (C1, 20e, v6)

occulto (C1, 80e, v6)

soccedeo (C1, 44e, v8)

Em algumas palavras de origem grega, via latim, aparece o grupo de letras ‘ch’ com o valor fonético de [k]. A presença de ‘ch’ com o som de [k] em palavras de origem latina representa um erro de etimologia:

Christo (C1, 7e, v2)

Christandade (C1, 6e, v4)

Christianissima (C1, 7e, v4)

sepulchro (C3, 118, v6)

charo (caro) (C4, 90, v6)

A grande maioria das palavras d’*Os Lusíadas* apresenta uma grafia muito próxima da grafia do sistema reformado no século XX (1943 Brasil) (1945 Portugal). Algumas alterações, como a queda da letra ‘c’ não descaracterizaram a grafia da palavra. Entretanto, ocasionalmente, aparecem algumas formas gráficas alteradas. Isto pode ser cochilo do tipógrafo, falha de correção das provas tipográficas ou forma variante que não incomodava quem escrevia. O exemplo abaixo ilustra um caso:

dece (C1, 8e, v4) (cf. *desce*)

Mudanças evidentes na pronúncia costumam levar a ortografia a mudar a grafia da palavra depois de um certo tempo. É o caso de um ‘c’, que representava o som de [s], passar a ser grafado com ‘z’, posteriormente, porque a palavra trocou o som de [s] pelo de [z], como em:

veloces (C1, 46e, v2)

sequaces (C1, 71e, v3)

tenaces (C2, 18e, v1)

feroces (C3, 72e, v1)

doncella (C3, 127e, v2)

A letra ‘ç’ apresenta um uso comum n’*Os Lusíadas*, como se pode ver nos exemplos abaixo. A julgar pela comparação entre a ocorrência na obra de Camões e o uso que hoje fazemos dessas palavras, pode-se levantar a hipótese de que, já na época de Camões, o ‘ç’ tinha o som de [s]. Sua origem gráfica depende da origem da palavra e do processo de adaptação ao português. Existem alguns contextos em que a ocorrência do ‘ç’ é muito comum, sendo a escrita muito freqüente, como nas terminações -çã, -ções.

A distribuição da letra ‘ç’ nas sílabas está restrita à posição de onset:

preço (C1, 5e, v8)

força (C1, 1e, v)

França (C1, 13e, v1)

magriço (C1, 12e, v6)

façanhas (C1, 11e, v1)

lança (C1, 6e, v5)

segurança (C1, 6e, v1)

lança (C1, 13e, v5)

affeioada (C1, 16e, v7)

começa (C1, 23e, v8)

embarçado (C1, 86e, v3)

negaça (C1, 86e,v8)  
nauegações (C1, 3e, v2)  
moça (C2, 13e, v8)  
desobedeça (C2, 84e, v4)  
saluços (C2, 43e, v2)  
pescoço (C2, 95e, v3)  
esforço (C2, 4e, v1)

Ainda aparecem algumas palavras em que ocorre o ‘ç’ diante de ‘e’ e de ‘i’. O ‘ç’ dessas palavras foi substituído depois pela letra ‘c’:

vençida (C1, 39e, v2)  
mereçe (C1, 39e, v8)  
açenauão (C1, 48e, v1)  
doçe (C1, 61e, v5)  
atroçe (C1, 88e, v5)  
doçe (C2, 21e, v3)  
deçe (desce) (C2, 57e, v2)  
obedeçe (C2, 57e, v6)  
apareçe (C2, 61e, v1)  
teçe (C2, 61e, v3)  
fauoreçe (C2, 61e, v5)  
creçe (C2, 77e, v7)  
endureçe (C2, 77e, v8)  
offereçe (C2, 102e, v1)  
falleçe (C2, 102e, v3)  
conheçe (C2, 102e, v5)  
resplandeçe (C2, 111e, v5)  
criançinhas (C2, 127e, v5)

### 3.4.1.3 A letra D:

Oliveira (1536: 9): “A pronunção da letra d deita a língua dos dentes de cima com um pouco de espírito”. A letra ‘d’, afirma Barros (1971[1540]: 46), “(...) não tem tantos trabalhos nem mudanças em servir em seus officios (...)”. Leão (1576) trata das letras ‘d’ e ‘t’ e do dígrafo ‘th’ num mesmo parágrafo por considerá-los muito semelhantes em sua pronúncia:

D e T, letras mudas, têm em si muita semelhança, porque a pronunção de uma e outra é quase de uma maneira, com a língua posta no mesmo lugar, salvo quando o .t. se forma com mais espírito e com a língua mais levantada para o paladar e o .d. com ela entre os dentes. Pela qual semelhança (como diz Quintiliano) muitas palavras em que entrava .d. serviam os antigos por .t., como Alexanter e Cassantra por Alexander e Cassandra. Outros serviam set por sed e atventus por adventus, segundo Victorino escreve. E, pelo contrario, outros diziam amavid por amavit. Pela qual afinidade de letras, muitas vezes, convertemos o .t. dos vocábulos Latinos em .d. quando acomodamos à nossa língua, como são todos os participios em aatus ou itus e os verbais em or e outros muitos sem conta, que pelo uso se verão, como amatus e amado, auditus e ouvido, rector e regedor, secretum e segredo, fatum e fado.

Têm também os Portugueses o .th. dos Gregos aspirado em dicções Gregas, de que usamos, como theologia, theorica, Thomas, a qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os Latinos ao seu, porque não temos figura que a denote como os gregos que lhe dão uma só figura assim: .θ., mas figuramo-la com o .t. e .h. com a qual aspiração se afrouxa a pronunção do .t. (LEÃO: 1576, 5v-6).

Vera (1631):

Temos pouco que tratar desta letra D, mais que dizer que é uma das consoantes a que chamamos muda, é que tem uma simpatia ou igualdade com a letra T, pelo que os antigos usaram uma por outra pronunciadas de uma mesma maneira, porque formam-se ambas tocando com as línguas nos dentes altos, não obstante que a letra T

convém pronunciar-se com mais espírito. Nenhuma dicção terminamos nela, como fazem os castelhanos, onde erram dizerem que têm dois dd: um para o princípio da dicção, outro para o fim dela. E assim dizem: merced, maldad; terminando nela todos os imperativos do plural, como traed, amad (VERA: 1631, 7).

N'Os *Lusíadas*, a distribuição da letra 'd' nos padrões silábicos é restrita à posição de onset e, desse modo, pode ocorrer em início ou no meio de palavras.

**i) no início de palavras:**

determinaçam (C1, 40e, v2)

debatem (C1, 34e, v7)

dizer (C1, 87e, v8)

dilatando (C1, 2e, v2)

desejão (am) (C2, 7e, v8)

desuiauão (C2, 22e, v8)

dezia (C2, 2e, v2)

debuxada (C2, 11e, v3)

deceo (C2, 19e, v5)

doçe (C2, 21e, v3)

**ii) no meio de palavras:**

nascida (C1, 6e, v1)

passada (C1, 7e, v6)

consagrados (C1, 19e, v7)

assinalados (C1, 1e, v1)

dũas (C1, 46e, v4)

cansada (C2, 3e, v6)

reformada (C2, 3e, v7)

podessem (C2, 7e, v3)

propondo (C2, 19e, v5)

erguendo (C2, 20e, v1)

#### 3.4.1.4 A letra F:

Da letra ‘f’ diz Oliveira (1536): “A pronúncia do f fecha os dentes de cima sobre o beijo de baixo e não é tão inumana entre nós como a Quintiliano pinta aos Latinos, mas, todavia, assopra, como ele diz” (OLIVEIRA: 1536, 8). Barros (1971 [1540]: 147) considera o ‘f’ como uma letra que “não tem tantos trabalhos nem mudanças em servir seus ofícios”. Leão (1576):

F é letra muda, a que os Aeólicos (dos quais ela teve origem) chamavam Vau e os Latinos lhe chamavam digama, porque na figura parece um dobrado .g. dos Gregos, a que eles chamam gama. O qual gama é assim .r. e o .F. parece que fica fazendo dois. A qual letra servia aos Aeólicos do que serve a nós o .u. consoante, como se vê do nome Vau que lhe deram. E esta letra tomaram os Latinos para com ela escreverem os vocábulos de sua língua, que escreviam com .u. consoante. Mas depois para fazerem diferença dos nomes Latinos aos Gregos, porque todos os escreviam com .ph., que era letra Grega, começaram usar a dita letra .F. nos nomes Latinos em lugar de .ph.. E por phama e phucus, começaram a dizer fama e focus. (...). Mas é de notar que entre o .f. Latino e o .ph. Grego havia muita diferença na pronúncia, que agora não sentimos. Porque (como escreve Quintiliano) o .ph. dos Gregos tinha um soído brando e suave, e o .f. dos Latinos horrído, que quase não parecia de voz humana. De onde se pode coligir quão adulterada e mudada está a pronúncia de muitas letras, e quão delicada é a música delas (LEÃO: 1576, 6v-7).

Vera (1631):

É esta letra F das que chamamos semivogais, ainda que alguns queiram que não o seja senão sempre muda. O qual lugar somente lhe damos quando precede às duas letras líquidas L, R, dizendo

Flandes, França. Não se acaba nela dicção alguma; sua pronunçiação se faz tocando com o beijo baixo nos dentes altos. Não tem diferença esta letra F do PH Grego, ainda que em algum tempo, porque se pronunciava com muita suavidade Ph, e que não tinha o F Latino, por valer tanto como o V consoante, a que os eólicos chamavam vau; deles a tomaram os Latinos para escreverem os vocábulos de sua língua, que escreviam por V consoante. Mas, depois, para fazerem diferença dos nomes Latinos aos dos Gregos (porque todos os escreviam por Ph) começaram a usar a dita letra F nos nomes Latinos que não tinham a origem Grega. E, assim, se há de advertir que as dicções Latinas escreveremos com a dita letra F, e as dicções e palavras gregas que tem Ph podemos escrever na mesma maneira, ou com F Latino: como orthographia e ortografia, Philosophia e filosofia, apropriando esta letra Ph à Portuguesa, ainda que muitos bons Ortógrafos escrevem este nome Filippe, desta maneira, e não Philippe, como muitos do vulgo, e quase todos o escrevem. Nisto vai pouco, porque não se impedindo a pronunçiação se há de seguir o uso em algumas palavras (VERA: 1631, 7v-8).

O fonema /f/, associado à letra ‘f’ na escrita ocupa hoje a posição de onset nas sílabas. Na escrita, por razões da ortografia, pode aparecer entre uma letra vogal e uma letra consoante. A presença de uma vogal epentética não pode ser assumida apenas a partir do texto escrito naquela época.

No latim, em meio de palavras, havia ‘f’ e ‘ff’, um breve e outro longo. No início de palavra, no entanto, aparecia somente o ‘f’. Williams (1975: 39) diz que o uso de ‘ff’ intervocálico que permaneceu no português arcaico “(..) pode ter sido adotado para indicar inconfundivelmente o som de *f*, já que o *f* simples intervocálico latino se tornava *v* em português e seria provavelmente pronunciado como *v* no latim do tempo”. As palavras que ocorrem grafadas com ‘ff’ em Camões lembram formas latinas, porque a ortografia procurou manter as formas antigas da língua com ‘ff’ e isso ficou muito tempo em nossa ortografia.

affeioada (C1, 16e, v7)

offerece (C1, 44e, v2)

soffrer (C1, 75e, v5)  
soffre (C1, 87e, v2)  
affoga (C1, 92e, v3)  
affigurada (C2, 11e, v1)  
affabil (C1, 39e, v3)  
offerecimentos (C1, 76e, v2)

O contexto f + vogal permaneceu em português, mas f + l transformou-se em ‘ch’ ou em ‘fr’, como mostra Williams (1975: 74) com os exemplos: *flammam* > *chama* e *flaccum* > *fraco*. Portanto, palavras com f + l representam introduções lexicais recentes na época de Camões. Encontramos algumas palavras desse tipo:

florecente (C1, 7e, v1)  
floreça (C3, 20e, v5)

Ainda, conforme Williams (1975: 75), f + r inicial do latim permaneceu no ‘fr’ no português. Do latim vem também a ocorrência de ff + r. Veja os exemplos:

frauta (C1, 5e, v2)  
Affricana (C1, 29e, v6)  
soffrer (C1, 75e, v5)

Algumas palavras não comuns, reconhecidamente de origem grega, eram grafadas com ‘ph’, sobretudo, quando indicavam nomes próprios:

hemispherio (C1, 8e, v3)  
Phaeton (C1, 46e, v6)  
Phigios (C1, 98e, v2)  
nimpha (C3, 16e, v5) (cf. a grafia nimfa em C3, 2e, v1)  
tropheos (C3, 89e, v1) (cf. a grafia trofeos em C3, 53e, v2)

No entanto, se o nome já tinha uma longa tradição de escrita, a forma portuguesa prevalecia, como nos nomes:

Filipo (C1, 75e, v2)

Afonso (C1, 13e, v3) (cf. a grafia Affonso em C3, 23e, v1)

Há, todavia, uma preferência clara para o uso de ‘f’ para o som de [f], independentemente da origem da palavra:

força (C1, 1e, v6)

foram (C1, 2e, v2)

fizerão (C1, 3e, v2)

furia (C1, 5e, v1)

fatal (C1, 6e, v6)

esforçados (C1, 1e, v5)

edificarão (C1, 1e, v8)

infamia (C1, 34e, v5)

edefícios (C1, 103e, v5)

### **3.4.1.5 A letra G:**

Oliveira (1536: 9) escreve: “A pronúncia do ‘g’ é como a do ‘c’ com menos força do espírito”. Barros (1971 [1540]):

G tem diferenças em seu serviço quando se ajunta às vogais porque não pronunciamos ga, go, gu como ge, gi, cá estes têm prolação de ie, ij. E para ajuntarmos à letra .g. estas duas vogais e, i, com que faça prolação de ga, go, gu, é necessária esta letra .u., a este modo: guerra, Guilherme. Porque, como os Latinos não podem dizer che,

chi senão mediante esta letra .h. assim nós não podemos dizer que, qui senão mediante .u.. E porque muitos confundem a ortografia nestas duas sílabas ge, gi, escrevendo ie, ij, e tomam umas por outras, devemos nós conformar para a boa ortografia, com as dicções latinas, porque quase todos os nomes próprios escrevem com I, e as outras partes com g: Ierusalem, Ieremias, Ieronimo, Ieroboã. E com g: gente, geada, genro, ginete, etc. (BARROS: 1971 [1540], 46).

Gândavo (1574):

Sempre diante de g se seguirá u, antes de e e antes de i, quando se pronunciar com força, assim como: guerra, sangue, guitarra, guia, etc. Esse não tiver este u, antes de e e antes de i, terá a pronunção desta maneira, assim como: gente, geração, fugida, regimento, etc. E quando diante de g se seguir a ou o nunca se porá u, assim como: Gonçalo, gozo, braga, lugar, etc. Salvo quando for necessário à pronunção gostar dele, assim como: igual, guarda, língua, etc (GÂNDAVO: 1574, 31-32).

Leão (1576):

G é letra muda de que usamos em sua própria pronunção quando se ajunta a estas vogais: .a. .o. .u. como dissemos do .e.. Outra pronunção lhe viemos dar, imprópria e adulterina, quando se ajunta ao .e. .i., que fica soando como .i. consoante e dizemos gato, gente, ginete, gosto, gula. Ao qual pronunção com .e. .i. é alheia dos Gregos e Latinos e própria dos Mouros, de quem a recebemos. De maneira que, para pronunciar o .g. com .e. .i., da maneira própria e natural, como o pronunciamos com .a. .o, .u. lhe acrescentamos um .u. líquido e dizemos: ga, gue, gui, go, gu. (LEÃO: 1576, 7-7v).

Vera (1631):

Esta leta G (que chamaremos ga) é muda, de que usamos na sua própria pronunção quando precede a estas vogais: .a. .o. .u., como garganta, gomo, gume. E esta letra j (a que chamaremos je) é também letra muda e tem sempre sua pronunção com todas as vogais, dizendo: jasmim, jejuar, jinja, jogo, jugo, a qual pronunção fazemos igualmente sem trocarmos a valia desta letra, nem mudarmos o soído dela, o que não fazemos com a letra G, que para ter sempre a pronunção, é necessário, em chegando às vogais .e., .i., meter de permeio a letra vogal .u., fazendo-a líquida, que muitas vezes o não fica sendo, como se vê nestas dicções: guela, argüir. E, em todas as dicções que antes do .a. entremetemos a dita vogal .u., tem esse .u. líquido meia pronunção de .o., como se vê nestas palavras: aguarda, língua, míngua. E assim se vê que é muito diferente dizer-se: ja, je, ji, jo, ju do que ga, ge, gi, go, gu, que para ter a pronunção de ga com as ditas letras .e., .i. havemos de dizer e escrever desta maneira: ga, gue, gui, go, gu, como: gaguejar, guisar, gotejar, gurgulho. Pelo que se há de diferenciar .j. de .g. chamando a primeira je e a segunda ga, que é sua pronunção direita e toda a mais que até agora lhe dávamos (juntas as letras .e., .i.) é alheia de sua valia. E assim no pronunciar desta letra .j. tocamos com a língua no céu da boca, branda e suavemente dizemos .je., mui diferente da pronunção do .ga. que se forma com a aspiração do mais anterior da nossa língua que própria pronunção dos Mouros, dos quais a recebemos. E escrevendo-se assim, fica-se dando a cada letra o que é seu, sem se mudar o soído, nem alterar o sentido, estimando esta letra por suprir o desconcerto de dizermos guelra e, logo lhe trocando a valia, dizermos guela, não ficando o .u. líquido antes do .e. e nem mesmo antes de .i., como se viu no exemplo: argüir. (VERA: 1631, 8v-9).

A letra ‘g’ vem da grafia latina e segue as regras ortográficas do latim vulgar, ou seja: acompanhada de ‘e’ e ‘i’ tem o som de [ʒ]; diante de outro tipo de vogal ou de consoante, tem o som de [g]. Para que fosse possível escrever a pronúncia de [ge] e de [gi], a ortografia introduziu uma letra ‘u’ no meio, lembrando o valor ‘gutural’ (velar) da letra ‘g’ nesses contextos.

N'Os *Lusíadas*, do ponto de vista da distribuição da letra 'g' nas sílabas, sua ocorrência acontece na mesma posição de onset do fonema /g/, seguindo o padrão fonológico de hoje:

**i) 'g' com som de [ʒ]:**

**• antes de 'e':**

gesto (C1, 8e, v2)

gente (C2, 3e, v6)

gellado (C3, 71e, v7)

genero (C3, 93e, v4)

viagem (C1, 29e, v2)

estrangeiros (C1, 53e, v2)

regente (C1, 55e, v6)

congelado (C1, 21e, v6)

virgem (C2, 11e, v4)

deligente (C3, 65e, v6)

**• antes de 'i':**

regimento (C1, 21e, v1)

fugio (C1, 26e, v8)

vigiaua (C1, 58e, v7)

rigido (C2, 4e, v6)

fogirão (C2, 66e, v8)

giolhos (Ce, 12e, v3)

longico (C2, 54e, v6)

gibão (C2, 98e, v6)

ginete (C3, 50e, v4)

imaginay (C4, 80e, v1)

## **ii) ‘g’ com som de [g]:**

Com o valor de [g], a letra ‘g’ ocorre diante de ‘a’, ‘o’ e ‘u’, ocupando a posição inicial de sílabas, no início ou no meio de palavras. O mesmo valor fonético aparece diante de ‘e’ ou de ‘i’, tendo uma letra ‘u’ entre a letra consoante e a letra vogal ‘i’ ou ‘e’, conforme os exemplos abaixo:

### **• antes de ‘a’, ‘o’ e ‘u’:**

nauegações (C1, 3e, v2)

deuulgado (C1, 9e, v8)

pregão (C1, 10e, v4)

julgareis (C1, 10e, v7)

perigos (C1, 1e, v5)

grego (C1, 3e, v1)

Argonautas (C1, 18e, v6)

largo (C1, 19e, v1)

gouerno (20, v2)

afigurado (C1, 16e, v2)

seguro (C1, 37e, v2)

perguntauão (C1, 50e, v1)

### **• antes de ‘e’:**

guerras (C1, 1e, v5)

chegue (C1, 97e, v4)

segue (C1, 99e, v4)

erguendo (C2, 20e, v1)

Portuguesa (C2, 23e, v8)

ninguem (C3, 22e, v3)

guerreiras (C3, 44e, v5)

guerreyro (C4, 38e, v5)

sanguesuga (C5, 21e, v1)

cigueira (C5, 54e, v6)

• **antes de ‘i’:**

sanguinosas (C1, 17e, v4)

seguir (C1, 29e, v8)

erguida (C1, 35e, v6)

guiados (C1, 55e, v4)

seguindo (C1, 90e, v2)

guiâra (C2, 28e, v1)

antiguidade (C3, 9e, v3)

seguillo (-llo) (C3, 67e, v6)

erguido (C3, 73e, v2)

seguila (-la) (41e, v7)

**iii) com som de [g] + [u] diante de ‘a’ e ‘o’:**

Quando ocorre a seqüência ‘g + u’ (ou ‘g + o’), precedendo as letras vogais ‘a’ ou ‘o’, muito provavelmente a letra ‘u’ formava um ditongo com a letra vogal seguinte. Entretanto, por causa da variação entre ‘u’ e ‘o’, pode-se também levantar a hipótese de que havia uma variação livre entre a pronúncia ditongada e a presença de um hiato, nestes casos.

guarnecido (C1, 25e, v3)

resguarda (C1, 69e, v5)

guardadora (C1, 102e, v7)

retagoarda (C1, 2e, v5)

ygoala (C1, 37e, v6)

igoal (C1, 46e, v2)

ygoalauão (C1, 92e, v8)

As palavras *antigua* (C1, 3e, v7) e *antiguos* (C1, 23e, v5) ocorrem em variação com a grafia sem o ‘u’ nas palavras *antiga* (C1, 31e, v6) e *antigo* (C1, 93e, v6). Pode-se pressupor dessas ocorrências que havia variação de pronúncia em algumas palavras como essas. A forma sem o ‘u’ é a forma gráfica que ficou depois.

#### **iv) ‘g’ com o som de [g] ocorrendo diante de consoante:**

A letra ‘g’ pode ser seguida das letras ‘r’ ou ‘l’, seguindo um padrão da língua que existe até hoje.

grego (C1, 3e, v1)

grandes (C1, 3e, v2)

obriga (C1, 26e, v5)

alegremente (C1, 4e, v4)

glorioso (C1, 20e, v3)

gloria (C1, 25e, v7)

#### **v) ocorrências de ‘gn’:**

A ocorrência de ‘g’ entre uma vogal e uma consoante é rara. Neste caso, como em outros semelhantes, não é possível somente através da escrita deduzir a presença de uma vogal epentética. Tal constatação poderia ser feita levando-se em conta a estrutura métrica de versos, mas isto não foi feito aqui.

O grupo consonantal ‘gn’ do latim não passou para o português no começo, tendo gerado a nasal palatal ‘nh’ [ɲ], em alguns casos como *lignum* > *lenho*; ou ocorreu a queda do ‘g’, como em *insignare* > *ensinar*. No português arcaico se dizia *benino*, *dino*. As palavras que apresentam a grafia ‘gn’ eram recentes na época de Camões e foram incorporadas tardiamente e diretamente do latim. N’*Os Lusíadas*, encontramos:

benignidade (C1, 8e, v5)  
cognito (C1, 72e, v8)  
indignado (C1, 76e, v6)  
indigne (C1, 106e, v7)  
inexpugnabil (C2, 50e, v1)  
insignias (C3, 108e, v2)  
benigno (C3, 130e, v1)

#### **vi) queda de ‘gn’:**

N'Os *Lusíadas* ainda aparecem algumas palavras com grafias sem o ‘g’, oriundas do latim, e que, depois, passaram a incorporar novamente a letra ‘g’, chegando dessa forma até nós:

malina (C2, 32e, v4)	(cf. maligna)
indino (C3, 12e, v7)	(cf. indigno)
indinado (C3, 40e, v5)	(cf. indignado)
dina (C3, 71e, v4)	(cf. digna)

#### **3.4.1.6 A letra H:**

No latim, a letra ‘h’ representava provavelmente uma fricativa glotal surda, interpretada comumente pelos autores antigos como uma aspiração. A língua portuguesa não conservou essa aspiração dos latinos. Do ponto de vista fonético, a letra ‘h’ ficou sem som associado a ela e sua permanência na escrita passou a indicar simplesmente um fato etimológico. Além disto, a letra ‘h’ entrou na formação de dígrafos (ch, lh, nh) para indicar sons palatais em português, que o latim não tinha. Não é difícil entender porque os gramáticos e ortógrafos portugueses do século XVI achavam que a letra ‘h’ não era letra,

mas tinha que permanecer na escrita. Para eles, uma letra que não representasse um som não podia ser uma letra, mas podia ser uma figura, razão pela qual a deixaram no alfabeto.

Oliveira (1536:7v-10v) diz da letra ‘h’, a qual ele não considera uma “letra perfeita”:

h, não metemos em conto de letras perfeitas, porque, de feito, a força delas [aqui o autor se refere também ao til] é mui diminuída, e tanto, que quase as não sentimos sem ajuntamento de outras letras, nem lhes podemos dar nome próprio que a pronunçiação delas mostre (...). h, se é letra consoante, como alguns quiseram e o traz Diomedes gramático, há mister própria força e se a tem ou não, ou se é boa a pronunçiação que lhe dão alguns Latinos, eles o vejam. Nós, Portugueses, não lhe damos mais que um pouco de espírito, o qual esforça mais as vogais com que se mistura. E dizem os Latinos que se pode misturar com todas as vogais. Mas, entre nós, eu não vejo alguma vogal aspirada senão nestas interjeições: uha e aha e nestoutras de riso: há-há, he, ainda que não me parece bom este riso em português (...). Ao sinal aspiração chamamos aha (...)  
(OLIVEIRA: 1536, 7v-10v).

A respeito da etimologia, ele diz: “(...) Também achamos algumas poucas vogais com sinal de aspiração na escritura, e não na voz. E me parece que se não faz mais que só para conhecimento de quem são, como *homem*, o qual segue ainda a escritura latina, *haver*, outro tanto (...)” (OLIVEIRA: 1536, 10). O gramático justifica ainda a presença de ‘h’, por força do “costume”, em algumas palavras portuguesas: “(...) Mas *hum* e *alghum*, *hi* e *ahi*, advérbios de lugar, *honra* e *honrado*, só de nosso costume os escrevemos, sem mais outra necessidade” (OLIVEIRA: 1536, 10). Oliveira (1536), (diferentemente de João de Barros, como veremos logo abaixo), considera aspirados os dígrafos ‘ch’ ‘lh’, ‘nh’: “Das consoantes, temos três aspiradas para as quais posto que não temos próprias figuras mais que só aspiração com elas misturada, todavia, as vozes são bem assinadas por si e diferentes das outras não aspiradas. São as letras: ch, lh, nh” (OLIVEIRA: 1536, 10-10v). Mais adiante, o gramático retoma: “As letras consoantes aspiradas que são .ch. .lh. .nh. não têm própria figura ainda até agora: os nomes delas são .che. .lhe. nhe., os quais sabidos, são sabidas as pronunçiações” (OLIVEIRA: 1536,11v).

Barros (1971 [1540]), como Oliveira, admite que no português o “ofício” que o ‘h’ tem é servir de aspiração, principalmente nas interjeições ‘há!’ e ‘á-há’: Ele também reconhece a presença etimológica do ‘h’ em palavras portuguesas: “(...) E assim nestes e em outros nomes: herdade, homem, humanidade (...)”, bem como na formação dos dígrafos, os quais ele chama de *cha*, *lha*, *nhá*: (BARROS: 1971 [1540], 46v).

Esta figura h os latinos não lhe chamam letra, mas aspiração, por servir em todas as sílabas aspiradas, o qual officio tem acerca de nós como nestas dicções: há! que é interjeição de rir e á-há que é de compreender em algum erro e de conceder que está uma cousa bem feita. Tem mais outro officio acerca de nós, que, com cada uma das três letras vogais, faz três sílabas que são próprias da nossa linguagem, a este modo: cha, lha, nha (BARROS: 1971 [1540], 46v).

Gândavo (1574) chama a letra ‘h’ de aspiração e lhe dá usos diferentes dos propostos pelos demais autores:

A esta letra a se ajuntará h, quando for verbo, que significar haver alguma coisa, quer com ele se afirme quer se negue, assim como: Há muitos anos que vi João; Não há impedimento de ninguém, etc. E assim também ao mesmo a se ajuntará h quando com ele significar alguma exclamação, então neste lugar se porá h diante, assim como: Ah desventura tão grande; Ah campos Lusitanos suspirai, etc. Também a esta letra e se ajuntará h quando for verbo que significar ser alguma coisa, quer negando quer afirmando, assim como: É muito meu amigo; Não é quem parecia, etc. E isto não porque o tenha de sua origem, mas para com ele denotar que é verbo, como digo, e não conjunção. Posto também que costumam algumas pessoas, por escutar este h, no tal verbo, escreve-lo somente com hum acento em cima, desta maneira : é. Finalmente, que de qualquer destas se pode usar. Mas, porque, com este acento é muito pouco usado, e muitas pessoas haverão por novidade, ignorando pela ventura o que este acento denota, parece-me que será mais acertado e melhor escreve-lo com h, por ser pelo costume mais claro e fácil a todos, que desta outra maneira que digo (salvo melhor indício). E pelo conseguinte é necessário usar-se também deste h em alguns vocábulos ainda que de si o não tenham, não porque seja necessário à pronunçiação gostar dele, mas por razão

de se entenderem e significarem melhor, conforme ao uso desta nossa linguagem, assim como: hum, huma, hia, hi. Porem, tirando estes, mui raramente, ou nunca, teremos necessidade em princípio de dicção usar mais dele, salvo em alguns vocábulos que o tiverem de sua origem, assim como: homem, honra, honestidade, história, etc (GÂNDAVO: 1574, 32-35).

Leão (1576):

*H* não é letra mais que na figura. Mas é uma aspiração ou assopro, com que se pronunciam as letras a que se ajunta. Da qual aspiração os Portugueses não usamos em pronunção, posto que a usamos na escritura. Porque assim pronunciamos *homem*, como *omem* e *honra*, como *onra*, e *hoje*, como *oje* e *hogano*, como *ogano*, e *hagora*, como *agora*, e *haver*, como *aver* (...) (LEÃO: 1576, 7v).

Como os gramáticos anteriores, Leão (1983) se refere à aspiração em algumas interjeições: “(...) E somente parece que a sentimos na pronunção de duas interjeições: de *há-há*, significativa de riso, e de *ah*, significativa de temor, ou indignação” (LEÃO, 1576: 7v). Com relação à etimologia, Leão (1576) afirma:

(...) Porém, ainda que pareça esta aspiração ociosa, por a não pronunciarmos, é porém necessária para guardar a ortografia dos nomes latinos e gregos, para por ela se conhecer a origem e etimologia dos vocábulos, e para diferença deles (...) E assim como esta aspiração se ajunta a vogais, assim também se ajunta a consoantes. Mas tem nisto diferença, que às vogais sempre o *h* precede, como *homem*, *humilde*, tirando estas duas interjeições dos Latinos *ah* e *oh*. E nas consoantes sempre vai depois, como *Philosophia*, *Theologia*. (...) Tem outra diferença, que os vocábulos que têm as vogais aspiradas podem ser latinos ou gregos e os que têm as consoantes aspiradas, sempre são gregos, tirando estes nomes *pulcher* e *sepulchrum* que são latinos. (...) Há outra diferença, que todas as vogais se podem aspirar, como *hastea*, *herdeiro*, *Hipólito*, *Homero*, *humanidade*, *hidrópico*. Mas não se aspiram todas as consoantes, porque só os Gregos e os Latinos, que deles o tomaram aspiram estas: *c* como em *schola*; *p* como em

*Philosophia*; *r* como em *Rhetorica*; *t* como em *Athenas* (LEÃO: 1576, 7v-8).

Na citação acima, Leão refere-se ao fato de ocorrer a letra ‘h’ no contexto indicado e não uma pronúncia aspirada. Com relação aos dígrafos portugueses, que foram introduzidos para transcrever as consoantes palatais do português (o latim não as tinha), Leão (1576) considera:

Mas os Portugueses, por termos pronúncias próprias e peculiares nossas que os Latinos não tinham, para que nos faltam as figuras, suprimo-las com a aspiração, dizendo: *ch*, *lh*, *nh*. Porque sem aspiração não achamos letras com que as formar, por terem muito diferente pronúncia da que dão as ditas letras, sendo tênues, e não aspiradas, de maneira que aspiramos o *l* e o *n*, o que nenhuma outras nações fazem, e aspiramos o *c*, em os vocábulos nossos peculiares, soando a dita letra aspirada de diferente maneira do que soa nos vocábulos latinos, ou gregos, que outrossim se aspiram. Porque de outra maneira soa o *c* em esta palavra, *tacha*, do que soa em a palavra *mechanico* (LEÃO: 1576, 8-8v).

Nota-se que Leão não sabia exatamente como definir os sons palatais do português por oposição ao som da letra ‘h’ em latim. Por essa dificuldade, ele (e outros) referia-se aos sons palatais como sons aspirados do português.

Vera (1631) diz:

H não é letra mais que na figura, somente serve aos Latinos para nota de aspiração (como logo diremos) que para isso a inventaram, que é dar força a vogal a que se ajunta (...). Nós usamos desta letra na escritura como os Latinos antes de vogal e depois de consoante como: Henrique, homem Mathemático, Rhetorico, Philosopho. Porém, na pronúncia a não sentimos, porque tanto pronunciamos com aspiração como sem ela, dizendo: Enrique, Matemático, Filosofo, etc, pronunciando erdeiro, como herdeiro; onrado como honrado. Somente sentimos a dita aspiração quando pronunciamos há, há (significando riso) como nas duas interjeições dos Latinos ah, oh (dicções em que somente precede a vogal),

porque com ah escrevendo nessa forma significamos temor Ou indignação, à diferença de A, artigo e preposição; e com oh significamos espanto à diferença de O. Quando chamamos, cujo modo entendem os gramáticos; e a eles pertencem mais este modo do que a outros. Porém pronunciamos e escrevemos com a dita aspiração termos diferentes que são estes: Ch. Lha. Nh. Três pronúncias próprias da nossa língua que os Latinos não conheceram. Donde erram os que escrevem dicções Portuguesas por ch. Derivadas dos Latinos e Gregos, com que se embarçam muitos que não sabendo diferenciar os nomes Latinos dos vulgares pronunciam uns por outros, errando na pronúncia, como no significado: como coro (por ajuntamento) escrevem choro, por se mostrarem Latinos, não vendo que dessa maneira significamos pranto; e que de uma maneira pronunciamos coro e de outra choro; como caco e cacho; caca e cacha; marca e marcha. (...) Porém, nós temos de maneira aspirada ou ténue, nesta maneira por lh (...) assim esta pronúncia mulher, melhor, é própria da nossa língua Portuguesa. (...) Esta letra N temos também ténue, ou aspirada, dela usamos nos vocábulos meros portugueses, ou corruptos dos Latinos, que na corrupção da língua tomaram essa letra em lugar de outras, como engenho, pinheiro, penhor, lenho, grunhir, tamanha. (VERA: 1631, 9-14).

Além do que mostram os autores acima, no português arcaico, a letra ‘h’ era usada para sinalizar a presença de um hiato, como em *poher* > *poer* (depois *por*). Talvez por essa razão (WILLIAMS: 1975, 35) o ‘h’ aparece no início de algumas palavras, como nos artigos *ha*, *hum* ou em palavras como *hidade*, *honde*, *hordenar*, para evitar o sândi, ou seja, que duas vogais resultem em apenas uma. A hipótese de Williams é apenas uma hipótese porque não sabemos ao certo como as pessoas pronúnciam a língua portuguesa naquela época. Porém, nas composições poéticas dos cancioneros, por exemplo, a ocorrência da fusão de duas vogais nas fronteiras de palavras pode ser atestada. Todavia, a presença da letra ‘h’ no início de algumas palavras continua sendo uma questão que requer estudos específicos. Dizer que é uma simples questão de modismo da época também não traz uma explicação convincente.

Por outro lado, o português arcaico omitiu o ‘h’ inicial de muitas palavras, como *omẽ* (homem) e raramente introduziu um ‘h’ após ‘t’, como em *themor*, *theudo*. O ‘h’

foi usado também em lugar de um ‘i’, talvez para representar um hiato com a vogal seguinte, como em *sabha* (sábia), pronunciado com três sílabas, ou para marcar vogais contíguas de qualidades diferentes: *veher* (*vęęer* = vier). Em *vęęer* não se usava o ‘h’ porque as duas vogais tinham a mesma qualidade<sup>88</sup>.

No século XVI, a situação era um pouco diferente. Muitas palavras voltaram a ter um ‘h’ inicial. Algumas permaneceram com o ‘h’ que havia na escrita mais antiga, mas que não correspondia à escrita latina (cf. erva, herva). Os grupos ‘ch’, ‘lh’ e ‘nh’ já estavam bem definidos no sistema ortográfico<sup>89</sup>. O ‘h’ que indicava hiato estava praticamente desaparecido.

Na obra de Camões, são encontradas palavras escritas com ‘h’, herança da grafia arcaica, nas quais a grafia atual não traz esta letra, principalmente artigos e formas do verbo ‘ir’. Como já vimos acima, segundo Williams (1975: 35), a princípio, e supostamente, esse ‘h’ inicial era usado para separar a vogal de uma palavra que terminava da vogal que iniciava a palavra seguinte. Com o tempo e o uso, o ‘h’ passou a ser considerado parte da grafia regular da palavra. Para o autor, a grafia *he* (é) (C1, 10e, v3) provavelmente distinguia a forma verbal ‘é’ da conjunção ‘e’. Segundo ele, a grafia da conjunção trazendo o ‘h’ era muito rara.

Said Ali (1964: 44), por sua vez, diz que o uso de ‘h’, nesses casos, principalmente nos monossílabos, denota “o pequeno esforço com que proferiam, ou supunham proferir, a vogal inicial de alguns vocábulos”. Ele cita as formas *he*, *hũ* e *hi* (*ahi*) como formas gráficas que prevaleceram na escrita muito tempo depois de ter se estabelecido um sistema ortográfico para o português arcaico.

#### **i) ‘h’ arcaico que permaneceu no século XVI:**

*hũ* (C1, 12e, v3)

---

<sup>88</sup> Conforme Williams (1975: 35): “Esse *h* sobreviveu em muitas grafias de palavras até que foi eliminado pela nova ortografia; pode-se, por exemplo, distinguir os teatros novos ou remodelados de Lisboa pelo letrado *saída*, que nos mais antigos é representado por *sahida*”.

<sup>89</sup> O LH e o NH vieram do espanhol via galego. A escrita CH veio do francês para representar o som da fricativa palatoalveolar surda: *clauem* > *chave*.

hum (C1, 4e, v5)  
hũa (C1, 5e, v1)  
hũs (C2, 34e, v6)  
ho (o) (C1, 99e, v1)  
himos (C1, 50e, v8)  
hião (C2, 21e, v8)  
hia (C2, 34e, v1)  
hiase (ia-se) (C5, 20e, v1)

**ii) grafia sem o ‘h’, resquícios do português arcaico:**

Said Ali (1964: 45) afirma: “O espírito da Renascença, aproximando-se mais do latim, suprimiu *h* em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras (...)”. Com relação ao verbo ‘*haver*’, o autor diz que escritores quinhentistas continuaram a escrever *aver* e foi somente com escritores seiscentistas que a forma *haver* se generalizou. Também Williams (1975: 36) reitera que este era um fato comum nos textos portugueses arcaicos. N’*Os Lusíadas*, ainda é muito freqüente palavras em que a etimologia preservou o uso do ‘*h*’ aparecerem grafadas sem esta letra, principalmente nas formas do verbo ‘*haver*’:

auia (C1, 49e, v6)  
ajão (C1, 74e, v3)  
auer (C2, 14e, v6)  
auendo (C2, 29e, v8)  
auião (C2, 60e, v5)  
aueria (C3, 43e, v4)  
ouemos (C5, 79e, v7)

O mesmo pode-se dizer das seguintes palavras:

Emispherio (C1, 38e, v3)

abitou (C1, 98e, v4)  
Orizonte (C2, 13e, v7)  
erdeiro (C3, 90e, v2)  
Elena (C3, 140e, v3)  
ospedes (C5, 79e, v5)

A interjeição *o* (oh) (C2, 30e, v1) (C2, 30e, v2) também foi grafada sem ‘h’.

### iii) ‘h’ no meio de palavras sem formar dígrafos

Algumas palavras que na sua forma simples são escritas com ‘h’ inicial, foram grafadas com ‘h’ mesmo tendo recebido um prefixo. Como se usava o ‘h’ para indicar a presença de um hiato e não de um ditongo, no caso de a primeira vogal ser nasalizada, tal marca era feita com a letra ‘n’. Se havia hiato entre a vogal nasal e uma vogal seguinte, colocava-se um ‘h’. Desse modo, a grafia dessas palavras podia ser interpretada com tendo a seqüência ‘nh’ que gerava, na pronúncia, o som de uma nasal palatal. Esta é uma hipótese que não se pode comprovar por falta de um registro mais preciso sobre a fala. Certamente, a escrita costuma de vez em quando influenciar a fala (e vice-versa). Ainda hoje isso acontece, por exemplo, com a palavra *companhia* pronunciada ‘compania’ ou *família* pronunciada ‘familha’. Também ocorrem hoje muitas variações envolvendo a nasal palatal (cf. *banha* pronunciada ‘bãia’).

inhabitada (C1, 44e, v6)  
inhumanas (C1, 60e, v4)  
deshonra (C1, 65e, v5)

### iv) ‘h’ indicando hiato:

ahi (aí) (C2, 81e, v1)

**v) grafia com ‘h’ em provável erro etimológico:**

Na palavra *hombros* (C2, 21e, v1), a presença do ‘h’ denota um erro etimológico (cf. *umerus* em latim). Conforme o Dicionário de Antônio Geraldo da Cunha (1982: 560), a ocorrência da palavra *ombro*, sem ‘h’, era comum desde o século XIII.

Na busca de uma resposta para a grafia *charo* (caro) (C4, 90, v6) (C5, 3, v3), podemos dizer que quando as pessoas escrevem usam de todos os recursos possíveis e um deles é o mau exemplo de outros. Há também de se considerar a seguinte hipótese: se ‘ch’ pode representar o som de [k] em *Christo*, pode também representar o som de [k] em *charo*. No fundo, esse tipo de distração ou variação ortográfica baseia-se no fato essencial de que o objetivo da escrita é permitir a leitura, como diz Cagliari.

**vi) ‘h’ em grupos consonantais de palavras de origem grega ou estrangeira:**

Os dígrafos que marcam a origem grega de palavras são de natureza ortográfica diferente dos dígrafos palatais ‘ch’, ‘lh’, ‘nh’, que representam sons próprios da Língua Portuguesa. N’*Os Lusíadas*, os dígrafos gregos são simples identificação ortográfica da origem das palavras:

Phebo (C1, 4e, v7)

Christandade (C1, 6e, v4)

Theitis (C1, 6e, v5)

tropheos (C1, 25e, v8)

Emispherio (C1, 38e, v3)

Ethiopia (C1, 43e, v6)

Phaeton (C1, 46e, v6)

Nabatheos (C1, 84e, v2)

cythere (C1, 100e, 2)

**vii) grafias com ‘h’ como são encontradas no português atual:**

Muitas palavras já trazem o ‘h’ inicial que persiste na escrita atual do português:

humana (C1, 1e, v6)  
humilde (C1, 4e, v3)  
horrendo (C1, 23e, v8)  
honrrados (C1, 23e, v5)  
honras (C1, 34e, v6)  
habitamos (C1, 54e, v1)  
habitala (C1, 54e, v6)  
habito (C2, 10e, v6)  
honesto (C2, 13e, v2)  
horrida (C2, 25e, v4)  
hão (C2, 47e, v8)  
horrendo (C2, 48e, v8)  
há (há) (C3, 5e, v4)  
humildade (C3, 15e, v8)  
habitaua (C3, 42e, v3)  
homem (C5, 56e, v7)

**viii) os dígrafos portugueses ‘ch’, ‘lh’, ‘nh’:**

No século XVI, o uso dos dígrafos ‘ch’, ‘lh’ e ‘nh’ já estava bem estabelecido e sua ocorrência n’*Os Lusíadas* é semelhante a que usamos hoje. Os dígrafos, como já foi dito, referiam-se aos sons palatais que passaram a existir no português, mas que não existiam em latim. Esses sons ocupam a posição de onset no sistema fonológico, portanto, a representação escrita ocorre sempre diante de uma vogal. A ocorrência de consoantes

palatais em posição de coda, se é que existia de fato, pode ser atribuída à presença da letra ‘x’ nesse contexto (cf. Lixboa).

• **ocorrências de ‘ch’:**

chora (C1, 14e, v6)

enchem (C1, 49e, v7)

acharem (C1, 57e, v3)

chuças (C1, 67e, v8)

bicho (C1, 106e, v8)

• **ocorrências de ‘lh’:**

espalharey (C1, 2e, v7)

espalhe (C1, 5e, v7)

marauilha (C1, 6e, v6)

olhos (C1, 16e, v1)

aparelhado (C1, 16e, v6)

batalhas (C1, 17e, v4)

velho (C1, 20e, v8)

lhe (C1, 21e, v2)

castelhano (C1, 25e, v5)

alhea (C1, 39e, v7)

ilha (C1, 101e, v7)

• **ocorrências de ‘nh’:**

engenho (C1, 2, v8)

conhecido (C1, 10e, v3)

senhor (C1, 10e, v6)

façanhas (C1, 11e, v1)

estranhas (C1, 11e, v3)

tamanhas (C1, 11e, v5)

sonhadas (C1, 11e, v6)

companhia (C1, 45e, v1)

Talvez a palavra *companhia* (C1, 45e, v1) seja um caso de o ‘h’ representar a presença de um hiato, não havendo a pronúncia de uma nasal palatal. Essa grafia ficou até hoje, mas muita gente pronuncia uma nasal alveolar e não uma nasal palatal. A escrita com ‘h’ que ficou, provavelmente, causou a variação que temos hoje. A palavra *companhia* aparece no nome de firmas e se manteve a ortografia antiga por causa disso. Quando as regras do ler mudaram e ‘nh’ só podia ser uma nasal palatal, começou a variação.

#### 3.4.1.7 A letra J:

O ‘j’ do português, no início e meio de palavras, veio da ocorrência de um [j] latino: *cuium* > *cujo*; *iurare* > *jurar*. A letra ‘j’ veio do francês para representar o som da fricativa alveopalatal sonora. Oliveira (1536) diz:

J consoante tem a aste mais longa que o vogal e tem em cima um pedaço quebrado para trás e embaixo a ponta do cabo virada também para trás. A sua pronúncia é semelhante a do .xi., com menos força. E esta mesma virtude damos ao .g. quando se segue depois dele .e. ou .i. mas a mim me parece que com o .i. consoante o podemos escusar (OLIVEIRA: 1546, 9v).

Barros (1971 [1540]): “I longo servirá em todas as dicções que começarem nele, ao qual se segue vogal, como: Iaço, Iantar, Ieiñar, Ione, Iustiça, etc. E a vogal onde ele fere se pode chamar ferida e então serve de consoante” (BARROS: 1971 [1540], 44). Gândavo (1574): “Deste j comprido se usará quando servir de consoante, quer em princípio de dicção, quer em meio, assim como: jornada, sobeja, etc” (GÂNDAVO: 1574, 35). Leão (1576):

Outro soído lhe damos impróprio quando é consoante, que é falso e alheio da natureza desta letra, o qual é comum a .g., da maneira que nós o pronunciamos com .e. e .i. que é uma pronunção Mourisca, tão alheia da propriedade do .g. como do .i., porque dizemos: janela, jejum, joane, justiça. (...) Mas sendo verdade que da mesma maneira soa .ge., .gi. do que soa .je., .ji. é de saber nas dicções onde entra esta pronunção que ordem teremos em as escrever e se indistintamente podemos usar de uma e de outra. E nisto devemos ter respeito a duas coisas: à origem dos vocábulos Latinos, de onde descendem as palavras que escrevemos e ao costume. (...) Mas por .j. escreveremos todas as dicções que se passaram dos Latinos a nós, que tinham o mesmo .j. consoante, se esta sílaba ficou inteira, onde o .j. vinha, como jejum, subjecto, enjeitar, majestade, e alguns nomes peregrinos, como: Jebusseo, Jephte e outros vocábulos que se escreviam com essas letras. Hie no princípio ou fossem Gregos ou Hebraicos, como: Hieronymo, Hierarchia, Hierofolyma, Hieremias, Hieroboam, Hierusalem, Hierico, que vulgarmente escrevem (tirando o .h. e mudando o .i.vogal em .j. consoante) Ieronymo, Ierarchia, Ierofolyma, Ieremias, Ieroboam, Ierusalem, Ierico. O que eu não contradiria porque tudo isto pode o costume e a pronunção e a corrupção de uma língua a outra (...) (LEÃO: 1576, 8v-10).

Vera (1631): “Esta letra j (a que chamaremos je) é também letra muda e tem sempre sua pronunção com todas as vogais, dizendo: jasmim, jejũar, jinja, jogo, jugo. A qual pronunção fazemos igualmente sem trocarmos a valia desta letra, nem mudarmos o soído dela” (VERA: 1631, 8v).

N’*Os Lusíadas*, as palavras que se grafam com ‘j’ são palavras que até hoje grafamos com ‘j’. A confusão que existiu no português arcaico ficou para trás. Na obra de Camões ocorre, ainda, o uso de I com o valor da fricativa alveopalatal sonora, mas não ocorre a letra J com o valor da vogal [i].

A letra ‘j’ ocorre com valor fonético de uma fricativa alveopalatal sonora em posição de onset, quer no início de palavras, quer no meio. Ocorre sempre diante de um vogal, não importa de que qualidade:

**i) ‘j’ no início de palavras:**

ulgareis (C1, 10e, v7)

jugo (C1, 16e, v4)

juyz (C1, 38e, v7)

juntamente (C1, 68e, v1)

ja (C1, 8e, v3)

**ii) ‘j’ no meio de palavras:**

ajudar (C1, 2e, v8)

enueja (C1, 4e, v8)

cujo (C1, 8e, v1)

desejão (C1, 18e, v2)

sejão (C1, 18e, v4)

sojeitaria (C1, 31e, v3)

sojugado (C1, 32e, v1)

ajão (C1, 74e, v3)

despojo (C1, 93e, v2)

**iii) troca de ‘j’ pelo ‘g’:**

magestade (C1, 9, v1)

geito (C2, 17, v7)

sogitou (C3, 14, v6)

**iv) troca de ‘j’ pelo ‘i’:**

Ia (já) (C2, 20, v1)

Iaz (C3, jaz) (6, v5)

Ia (já) (C3, 27, v1)

Iordão (C3, 27, v3)

Iudea (C3, 27, v6)

### 3.4.1.8 A letra L:

Oliveira (1536) descreve: “A pronunçiação do .l. lambe as gengivas de cima com as costas da língua, achegando as bordas dela aos dentes queixais” ( OLIVEIRA: 1536, 9). Barros (1540), por sua vez:

L tem uma só diferença: que as vezes se quer dobrado, quando está posto entre duas vogais, como nesta parte: elle, e outras dicções que tomamos dos latinos. (...) Todolos, muitos presentes, a escrevem com ll dobrado, como quem não sente a composição das partes de que se compõem, cá é composta destas duas: todos os. E por tirar aquele concurso de sílabas, por uma figura que os latinos chamam epentesis, tiramos o s de todos e em seu lugar pusemos l singelo com o qual arrebatamos aquele artigo os e dizemos todolos. E esta regra devemos ter em todas as partes onde o l arrebatam algum artigo (...). (BARROS: 1971 [1540], 46-47).

Leão (1576):

L é letra semivogal que tem alguma semelhança com o .r. sem o embargo de o .l. ser notavelmente brando e o .r. áspero por o vibrar a língua que se faz quando se forma. (...) Por qual semelhança os Portugueses na corrupção de muitas palavras, fugindo às e mimo daquela letra a mudam em .r. como mais varonil em muitas dicções em que entra .l. líquido, depois de letra muda, como: brando de blandus, pranto de plantus, crauo de clauus, praz e prazer de placeo, supprir de supplere e outros semelhantes, que devemos escrever com .r. e não com .l. por nos desviarmos de falar como Castelhanos que dizem: blando, supplir, plaz e prazer, clauo. Mas outros há em que podemos concorrer com os castelhanos, sem ofensa das orelhas, escrevendo com .l. ou com .r. se quisermos, como: simplez ou simprez, claro ou craro, obrigar ou obrigar, clamar ou cramar e muitos que por brevidade deixo. Outros há que não devemos mudar, como: clemente, clemência, flamma, inflammar, supplicar, supplicação, , clérigo, clerisia, flor e flores e muitos outros que o uso vos ensinará e a escritura de homens doutos que os vulgares erradamente escrevem por .r. dizendo: froles e clrelogo, pervertendo as letras. A esta letra .l. têm os Portugueses uma pronunçiação mui propinqua, posto que a não tenham em nome, nem em figura, que é

também peculiar e própria nossa, que nem os Gregos, nem os Latinos, nem os Hebreus, nem os Árabes a conhecem. E algumas nações há que nem com tormento a pronunciaram, a qual suprimos por .l. e .h. nota de aspiração. (...) E não há tanta diferença de uma dicção escrita com .l. singelo e outra escrita com dobrado, quando de uma e outra a esta letra que representamos por .l. e .h. como se vê nestes exemplos: querela, bella, velha. (...) Assim que os Portugueses estamos nisto melhor, porque temos nossas diferenças de .l. singelo, dobrado e aspirado. Porque se bem se atentar, a diferença de dobrar-se uma letra não faz mudar o soído que tivera sendo singela, mas somente espessa e esforça a pronunçiação, estando no mesmo ser e figura, como caro, carro, pela, pelle, que tudo é uma letra e um soído, senão que em pelle, pronunciamos de maneira que sentimos ficar um .l. com a sílaba precedente e o outro com a seguinte, assim: pel-le (LEÃO: 1576, 10v-12).

Vera (1631):

A semivogal letra L é líquida quando lhe precede muda. Sua pronunçiação é suave, de maneira que os pavidosos a formam conforme sua natureza que é tocando com a língua no alto do paladar. (...) Porém, nós temos de maneira aspirada ou tênue, nesta maneira por .lh. (...). Assim que esta pronunçiação mulher, melhor, é própria da nossa língua Portuguesa (VERA: 1631, 12).

O latim tinha 'll' em meio de palavras. Pode se pressupor que essas consoantes duplas tinham um som longo, diferente do som breve do 'l' simples, o que se pode interpretar como consoantes geminadas: *cultellum*>*cuitelo*>*cutelo*; *capillum*>*cabelo*. Williams (1975: 72) diz que o latim devia ter um 'l' mais longo no início de palavras que acabou sendo grafado com 'll'. No português arcaico ainda existiam 'll' no início de palavras e no fim. A ortografia do século XVI ainda conserva a grafia de algumas palavras com duplo 'll', como *llã* e *mortall*. No Português houve a perda da duração distintiva e a grafia ficou apenas como uma indicação etimológica. N' *Os Lusíadas*, já não ocorrem 'll' em início de palavras nem no fim, mas ainda há muitas ocorrências em meio de palavras.

daquelles (C1, 2e, v2)  
aquelles (C1, 2e, v5)  
nella (C1, 33e, v3)  
elle (C1, 33e, v1)  
delle (C1, 95e, v6)  
ella (C1, 104e, v1)  
della (C1, 45e, v6)  
aquillo (C1, 38e, v2)  
illustre (C1, 3e, v5)  
caualleiro (C1, 8e, v6)  
estrellas (C1, 22e, v3)  
bella (C1, 33e, v1)  
vellas (C1, 19e, v4)  
collo (C1, 36e, v7)  
panellas (C1, 68e, v2)  
cilladas (C1, 86e, v6)  
callese (C1, 3e, v3)

A questão da atribuição à etimologia de certas formas com ‘ll’ não pode ser encarada como sendo uma recuperação total e exata da grafia latina. Na passagem do latim para o português algumas palavras do português arcaico passaram a ser escritas com ‘ll’ não por influência do latim, mas do espanhol. Na verdade, essa influência do espanhol, de um modo geral, acabou gerando o ‘lh’, como já aparece na obra de Camões. Williams diz: “Nos primeiros tempos do português escrito as grafias ni, n e nn foram usadas para representar o som [ñ], e li, l e ll o foram para o [ʎ]. As grafias nn e ll vieram, através da Galícia, da Espanha e são particularmente comuns no *Cancioneiro da Ajuda*.” (WILLIAMS: 1975, 36).

Encontramos, ainda, em Camões, algumas formas antigas de escrita e, certamente, de pronúncia, em algumas palavras que depois sofreram modificações. Ainda coexistiam formas como “polas” e “pelas”. Ambas aparecem n’*Os Lusíadas*:

polo (C1, 15e, v6)

polas (C1, 17e, v4)

pelo (C1, 41e, v5)

pela (C1, 50e, v2)

Em contexto de sândi, para manter o ‘l’ em posição intervocálica, que era uma posição fraca para consoantes, ao passar do latim para o português, a grafia adotou a escrita de ‘ll’, mostrando a necessidade da lateral nesse contexto:

parelles (C1, 12, v4)

esperallo (C1, 80, v6)

No português do século XVI, muitas palavras do latim clássico foram incorporadas, deixando o léxico da língua, às vezes, com duas formas lexicais, como *chama* (antiga) e *flama* (re-introduzida). Em Camões, encontramos muitas dessas palavras re-introduzidas tardiamente na língua. Essas palavras passaram para o português com uma forma gráfica e fonética mais próxima do latim, não sofrendo as mutações antigas.

A presença da lateral simples ‘l’, de um modo geral, segue um padrão que encontramos até hoje na nossa ortografia, ocupando a posição equivalente de onset e de coda no sistema fonológico, em início de palavra, no meio e no final:

**i) início de palavra – onset**

ley (C1, 2e, v6)

liberdade (C1, 6e, v2)

lança (C1, 13e, v3)

lento (C1, 18e, v1)

luminoso (C1, 20e, v1)

**ii) meio de palavra – onset**

dilatando (C1, 2e, v2)

valerosas (C1, 2e, v5)

aleuanta (C1, 3e, v8)

fabulosas (C1, 11e, v6)

polos (C1, 12e, v5)

**iii) meio de palavra - coda**

alto (C1, 8e, v1)

qualquer (C1, 13e, v4)

almas (C1, 16e, v2)

falsos (C1, 18e, v5)

julgareis (C1, 10e, 7)

**iv) final de palavra - coda**

fatal (C1, 6e, v6)

qual (C1, 7e, v7)

sol (C1, C1, 8e, v2)

oriental (C1, 8e, v7)

tal (C1, 10e, 8)

papel (C1, 66e, v4)

**v) troca de ‘l’ pelo ‘r’:**

sembrante (C2, 38e, v1)

pubrico (C4, 52, v8)

simpres (C4, 98, v6)

### 3.4.1.9 A letra M:

Oliveira (1536: 9): “A pronunçiação do .m. muge entre os beiços apertados apanhando para dentro”.

M tem menos trabalho que as outras letras, por que todas as sílabas cuja letra ele é final, serve em seu lugar til, a que podemos chamar suprimimento dele e do n, como nestas dicções: mandar, razam. E da maneira que fica líquido quando levamos ao plural as dicções que acabam nele, nas formações do nome o vimos. E em algumas dicções onde ele é final e que diante de si tem letra vogal nunca o poremos, senão til, por não fazer a parte anfibológica, como cõ estas e não com estas, cá parece que diz comestas. Em algumas dicções se quer dobrado, como grammatica, immortal, porque têm esta natureza: antes de si não consente n como p e b (...) (BARROS: 1971 [1540], 47).

Gândavo (1574):

Antes de p, m e b sempre se escreverá um m. Antes de p, assim como: império, companhia, amparo, etc. Antes de m, assim como: immenso, summo, immortal, etc. Antes de b, assim como: Ambrosio, ambição, embargo, etc. E em noutra nenhuma parte se seguirá antes de consoante, senão n (GÂNDAVO: 1574, 37-38).

Leão (1576):

M é letra semivogal cuja propriedade é não ir ante outra alguma consoante. Porque sempre usamos do .n. ainda que pareça que vai ter o soído do .m. Pelo que não diremos Amtonio, nem emtendimemto, senão Antonio e entendimento. Mas seguindo-se outro .m. ou .b. ou .p. sempre preporemos o .m. e dizemos ambos e não anbos, e tempo e não tenpo, e immenso e não inmenso. E a causa é porque onde se forma o .n., que é ferindo a ponta da língua,

na parte dianteira do paladar, até onde se formam aquelas três letras, há tanta distância que foi necessário mudar o .n. em .m. quando se segue por o .m. estar perto delas na pronúncia. O que sempre os Gregos e Latinos guardaram nós outros o hemos de guardar se queremos escrever como pronunciamos. Porque naquele lugar não pode soar .n. Mas se há de advertir que alguns nomes há que admitem o .m. antes do .n. os quais ainda que sejam Gregos e Latinos não deixarei de pôr, porque de alguns deles e dos seus derivados podemos usar na nossa língua, como: amnis, contemno, damno, damnum, damnas, gymnasium, hymnus, somnus, e alguns nomes próprios, como: Agamêmnon, Clytemnestra, Clytumnus, Lemnos, Memnon, Mnestheus, Polymneia. E assim acharam só este nome Latino: hyems, que antes do .s. tem um .m. (LEÃO: 1576, 12v).

Vera (1631):

M é letra semivogal, sua pronúncia é branda por se formar quase fora da boca entre os beiços. Fere todas as vogais diretamente, não admitindo antes nem depois de si outra consoante mais que B e P e a mesma letra M, antes das quais escreveremos sempre M e não N, e assim dizemos: ambos, tempo, immenso e não anbos, tenpo, inmóvel. (...) Contudo, há de se advertir que há alguns nomes propriamente Gregos e verbos Latinos que admitem m e não n antes da dita consoante n, que é bem se saibam para sabermos usar deles sendo necessário, como: hymno, solemne, somno, condemno, calûnio, e muitos nomes próprios que por brevidade deixo, como: Agamêmnon, Polymneia, Clytemnestra e outros que os versados na língua Latina sabem e usam na pronúncia e escritura. E só este nome Latino se achará que se escreve com m antes de s que é: hyems (VERA: 1631, 13-13v).

Em Camões, a letra ‘m’ segue uma grafia semelhante à dos dias atuais na formação das palavras nos vários contextos de ocorrência. Em posição de início de sílaba, a letra ‘m’ representa o som de uma nasal bilabial sonora. Em posição pós-vocálica, dentro de uma sílaba, a letra ‘m’ é marca de nasalidade, que pode ocorrer com a simples nasalização da vogal anterior ou como uma consoante nasal bilabial, homorgânica a uma

consoante bilabial oclusiva, que vem imediatamente após a nasal. O fato de ‘m’ representar a nasalidade da vogal anterior é atestado pela ocorrência na escrita do uso do til nesses contextos, sem a presença do ‘m’. A Língua Portuguesa, desde muito antes de Camões, vinha com uma tendência a usar a letra ‘m’ em final de palavras para assinalar a presença da nasalidade. O uso do til passou a ser cada vez mais restrito. Às vezes, essa marca de nasalidade ocorria com a presença da letra ‘n’ mesmo diante de ‘p’ ou ‘b’. A ocorrência de ‘mn’, como em *omnipotente* (C1, 42e, v2) permite supor que o ‘m’ podia ser pronunciado como consoante nasal bilabial, seguindo mais de perto uma pronúncia latina.

**i) início de palavras:**

mares (C1, 1e, v5)

musa (C1, 3e, v7)

meta (C2, 1e, v3)

marítima (C2, 1e, v5)

mereçe (C3, 2e, v2)

**ii) no meio de palavras diante de vogal:**

prometia (C1, 1e, v9)

reformada (C2, 3e, v7)

famoso (C3, 24e, v7)

estremadura (C3, 61e, v5)

humildade (C3, 15e, v8)

**iii) diante das consoantes oclusivas ‘p’ e ‘b’:**

**• grafias semelhantes às atuais:**

tambem (C1, 2e, v1)

bombardas (C1, 68e, v4)

Mombaça (C1, 54e, v4)

embandeirarse (C1, 59e, v5)

bombas (C1, 68e, v1)

bombardas (C1, 68e, v4)  
plúmbea (C1, 89e, v3)  
retumba (C1, 89e, v3)  
esbombardea (C1, 90e, v4)

Imperio (C1, 8e, v1)  
contemplo (C1, 9e, v2)  
templo (C1, 9e, v4)  
exemplo (C1, 9e, v6)  
sempre (C1, 14e, v4)  
tempo (C1, 18e, v1)  
rompendo (C1, 35e, v3)

• **grafias invertidas de uso de ‘m’/’n’:**

senpre (C1, 4e, v3)

**iv) no final de palavras ocorre o ‘m’ e não o ‘n’:**

tambem (C1, 2e, v1)  
viagem (C1, 29e, v2)  
porem (C2, 5e, v5)  
virgem (C2, 11e, v4)  
algum (C2, 44e, v2)  
ninguem (C2, 44e, v3)  
permissam (C3, 117e, v5)  
nuuem (C5, 20e, v6)  
prisam (C5, 45e, v8)

**v) monossílabos terminandos em ‘m’:**

tam (C1, 5e, v8)  
nam (C1, 10e, v3)

sam (C1, 11e, v5)  
nem (C1, 14e, v1)  
quem (C1, 14e, v8)  
tem (C1, 14e, v8)  
gram (C1, 75e, v7)  
com (C1, 78e, v8)  
nem (C1, 93e, v4)  
vem (C1, 104e, v5)

**vi) variação entre ‘am’ e ‘ão’ nos monossílabos:**

nam (C1, 10e, v3)  
não (C2, 5e, v3)  
  
gram (C1, 75e, v7)  
grão (grande) (C1, 73e, v?)  
  
tam (C1, 5e, v8)  
tão (C2, 69e, v1)

**vii) palavras de origem latina:**

Formas lexicais restauradas do latim conservam uma pronúncia e uma grafia semelhantes às latinas, como em:

omnipotente (C1, 42e, v2)  
immortal (C3, 1e, v3)  
nimfa (C3, 2e, v1)  
immigo (C3, 35e, v4)  
summo (C3, 43e, v2)  
emmende (C3, 69e, v?)  
triumfante (C3, 7e, v7)

triumfos (C3, 16e, v2)

triumfava (C3, 83e, v1)

Algumas palavras terminadas por v + m, hoje, têm grafia diferente, com v + v, formando ditongo nasal:

tençam (C1, 80e, v4)	(cf. tenção)
determinaçam (C1, 40e, v2)	(cf. determinação)
condiçam (C2, 71e, v2)	(cf. condição)
permissam (C3, 117e, v5)	(cf. permissão)

Algumas palavras que não são verbos apresentam variação gráfica. Este tipo de variação é muito raro. Prevalece a forma gráfica semelhante à atual:

coraçam (C1, 89e, v5)	coração (C1, 44e, v3)
tençam (C1, 80e, v4)	tenção (C3, 58e, v4)
entam (C1, 42e, v7)	antão (C3, 16e, v8)

As formas verbais da primeira conjugação, em terceira pessoa do plural do tempo pretérito, a grande tendência é estarem grafadas com ‘ão’ e não ‘am’, como ocorre hoje:

forão (C1, 2e, v2)	(cf. foram)
andarão (C1, 2e, v4)	(cf. andaram)
edificarão (C1, 1e, v10)	(cf. edificaram)
sublimarão (C1, 1e, v11)	(cf. sublimaram)
fizerão (C1, 3e, v2)	(cf. fizeram)

tenhão (C1, 4e, v8)	(cf. tenham)
dezião (C1, 45e, v7)	(cf. diziam)
terião (C1, 45e, v6)	(cf. teriam)
erão (C1, 46e, v1)	(cf. eram)
crerão (C1, 57e, v7)	(cf. creram)
chegarão (C2, 1e, v7)	(cf. chegaram)
apresentarão (C2, 9e, 1)	(cf. apresentaram)
trazião (C2, 9e, v2)	(cf. traziam)
notarão (C2, 9e, v3)	(cf. notaram)
querião (C2, 9e, v4)	(cf. queriam)
cayrão (C2, 11, v7)	(cf. caíram)
virão (C2, 15, v1)	(cf. viram)
agasalharão (C2, 15, v3)	(cf. agasalharam)
vinhão (C2, 16e, v7)	(cf. vinham)
matarão (C2, 35e, v7)	(cf. mataram)
acabarão (C2, 35e, v8)	(cf. acabaram)
fogirão (C2, 66e, v8)	(cf. fugiram)

A forma de plural ocorre com v + v formando ditongo nasal, talvez, por parecer estranho colocar o ‘m’ antes do ‘s’, a opção do plural influenciou a grafia do singular, regularizando a forma v + v formando ditongo nasal:

nauegações (C1, 3e, v2)  
razões (C1, 30e, v4)  
corações (C1, 33e, v5)  
embarcações (C1, 46e, v1)  
nações (C1, 78e, v5)  
cães (C1, 87e, v6)  
monições (C2, 17e, v2)

### 3.4.1.10 A letra N:

Oliveira (1536: 9): “A pronunçiação do .n. tine, diz Quintiliano, tocando com a ponta da língua as gengivas de cima”. Barros (1971 [1540]):

Esta letra N acerca de nós serve no princípio e fim da sílaba, e nunca em fim de dicção, porque não temos parte que se acabe nele, como pelo contrario, os castelhanos em .m., no que somos mais conformes aos latinos. E muitas vezes o til o escusa do seu trabalho quando é final da sílaba, como faz ao .m.. Tem mais: que às vezes se quer dobrado em algumas direções que recebemos dos latinos, como anno (BARROS: 1971 [1540], 47v).

Leão (1576):

N é letra semivogal a qual se pode juntar a todas as consoantes, tirando .b. .m. .p. a que não pode preceder, como acima temos dito no precedente capítulo da letra M. Pelo que na composição dos vocábulos, quando vem preposição, que se acabe em .n., como .in., .con., se o nome, ou verbo, a que se ajunta começa em algumas das ditas três letras .b. .m. .p. o .n. se muda em .m., como embeber, immuidade, commutar. (...) A esta letra .n. temos outra mui afim e propínqua, que não tem nome, nem figura. Porque os Latinos, cujo alfabeto seguimos, não a tinham em pronunçiação, a qual por assim ter muita semelhança com o .n. a assinalamos por .nh. Da qual letra .nh. usaremos somente nos vocábulos meros portugueses, ou corruptos dos Latinos, que na corrupção da língua tomaram esta letra em lugar de outras, como: meirinho, façanha, engenho, testemunha. Com a qual .nh. não escrevemos algum nome a que os Latinos antes do .n. põem .g., porque da mesma maneira escreveremos como os latinos, pelo que diremos magno e tão magno, magnifico, insigne, digno, regno, ignoto. O que entendo daqueles vocábulos que estão incorruptos como são os sobreditos e outros tais. Mas aqueles em que houve corrupção de alguma letra, por mudança, diminuição, ou adição, ou outra qualquer maneira, escreverão como os corruptos à maneira vulgar. Pelo que ainda que penhor vem de pignus e lenho e lenha de lignum, não diremos penhor, nem lenho, por assim já estarem desviados da forma Latina. Item se há de notar que aqueles nomes a que por costume na

pronúncia tiramos o .g. que sendo Latinos tinham antes do .n., que sem o .g. os escrevamos para que a escritura não discrepe da pronúncia e digamos: sino, sinal, sinette e assinar, e os que destas palavras se derivam, como: assinatura, assinalar, os quais não se devem escrever de outra maneira, porque assim os pronúnciamos. E quem sabe línguas entenderá que mais que isto pode o costume, na razão de escrever, e que ainda que alguns derivados dos vocábulos acima ditos escrevamos com .g. como significar, insigne e consignar, que não é inconveniente, escrevamos os acima sem ele. Porque de algumas palavras nos servimos sem as corrompermos e outras corrompemos. Pelo que as corruptas escreveremos como as corruptas e da maneira como as pronúnciamos e as inteiras como inteiras, como neste nome: signum, que corrompemos por detracção do .g. dizem: sino e sinal, mas significo e signe, que derivam da dita palavra, ficam inteiros, pelo que os escreveremos como inteiros (LEÃO: 1576, 13-14).

Vera (1631):

N é semivogal, dela se servem as línguas por ser mui necessária e nenhuma a põe (salvo a Castelhana) antes das letras B, M, P, nem se ajunta com outra consoante, mais que a letra S (...). Esta letra N, temos também ténue, ou aspirada, dela usamos nos vocábulos meros Portugueses, ou corruptos dos Latinos, que na corrupção da língua tomaram esta letra em lugar de outras, como: engenho pinheira, penhor, lenho, grunhir, tamanha. Mas as dicções latinas que antes de N tem G, tendo-as admitidas em nosso vulgar, jamais as alteraremos nem escreveremos senão como os mesmos latinos, dizendo: magno, insigne, magnífico, digno, ignoto, consignar e outros desta maneira que temos incorruptos (VERA: 1631, 14).

N'Os *Lusíadas*, a letra 'n' segue uma grafia semelhante à dos dias atuais na formação das palavras nos vários contextos de ocorrência. A letra tem uma distribuição dentro das palavras e das sílabas semelhante à da letra 'm', com a diferença que esta podia ocorrer diante de 'p', 'b', 'm', seguindo o padrão da ortografia latina, e a letra 'n' ocorria diante de outras letras que representavam consoantes. Como já assinalado acima, em alguns casos ocorria a presença de 'n' onde se esperava um 'm' e vice-versa. Todavia, convém

salientar que na época de Camões havia uma tendência forte à padronização, gerando o sistema de grafia dessas letras que chegou até nós.

**i) em início de palavras:**

nações (C1, 78e, v5)

nascida (C1, 6e, v1)

nossa (C1, 6e, v6)

nesse (C1, 9e, v2)

numerosos (C1, 9e, v8)

necessidade (C1, 106e, v4)

não (C2, 5e, v3)

nauegante (C2, 10e, v4)

ninguem (C2, 44e, v3)

nenhũ (C2, 83e, v8)

**ii) no meio de palavras:**

sonorosa (C1, 5e, v1)

canora (C1, 5e, v3)

vniuerso (C1, 5e, v7)

luminoso (C1, 20e, v1)

guarnecido (C1, 25e, v3)

crystalino (C1, 20e, v5)

canella (C2, 4e, v3)

tornão (C2, 14e, v1)

monições (C2, 17e, v2)

assinalada (C2, 18e, v6)

**iii) diante de consoantes:**

**• grafias semelhantes às atuais:**

nunca (C1, 1e, v3)

venceria (C1, 31e, v5)  
ainda (C1, 1e, v4)  
infamia (C1, 34e, v5)  
singulares (C1, 15e, v7)  
angelica (C1, 17e, v3)  
inquieta (C1, 19e, v1)  
tenro (C1, 16e, v7)  
consagradas (C1, 19e, v7)  
lança (C1, 13e, v3)  
gente (C1, 1e, v7)  
invicto (C1, 13e, v7)  
enxerido (C2, 97e, v2)  
inchando (C1, 19e, v4)  
donzella (C3, 127e, v2)

• **grafias invertidas de uso de ‘m’/ ‘n’:**

senpre (4e, v3)  
triumfante (C3, 7e, v7)  
triumfos (C3, 16e, v2)  
triumfava (C3, 83e, v1)

Observação: Nas três últimas palavras, em lugar da letra 'f' ocorria, em latim, o dígrafo 'ph'. Talvez por essa razão, permaneceu o 'm' e a grafia da palavra não foi adaptada às novas regras.

**iv) ocorre o ‘n’ e não o ‘m’ diante de ‘h’ formando o dígrafo ‘nh’:**

estranha (C1, 13e, v4)  
senhorio (C1, 16e, v5)  
lenho (C1, 27e, v2)  
banha (C1, 31e, v4)

companhia (C1, 45e, v1)  
vinhão (C2, 16e, v7)  
acompanhado (C2, 94e, v3)  
engenhos (C3, 13e, v4)  
companheiros (C3, 21e, v7)  
criaçinhas (C3, 127e, v5)

**v) palavras de origem latina:**

Formas lexicais restauradas do latim conservam uma pronúncia e uma grafia semelhantes às latinas, como em:

omnipotente (C1, 42e, v2)  
ennobrecem (C3, 8e, v4)  
innumeros (C3, 66e, v3)  
annos (C3, 80e, v2)  
somnolento (C4, 75e, v6)

**vi) palavras estrangeiras:**

O uso de palavra estrangeira vem com marcas ou características gráficas não comuns ao sistema, como se observa no nome: *Phalton* (C1, 46e, v6).

**3.4.1.11 O til (~):**

Como já vimos, Oliveira (1536) insere o til em seu alfabeto, mas não o considera letra propriamente dita. Todavia, o til é considerado ‘letra’ na nasalização de vogais e sinal de abreviatura nas palavras:

(...) também no meio de dicções em cabo de muitas sílabas soa uma letra muito branda que nem é m nem n, como nós escrevemos, ora uma delas, ora imitando os Latinos.. Mas, a meu ver, de necessidade, escrevamos nos tais lugares esta letra que chamamos til, ainda que a alguns pareça sobeja (...). Aos quais eu pergunto se nas dicções que acabam em ão e ães e ões e ãos escrevemos m ou n e o pusermos entre aquelas duas vogais, que soarás? Ou se o pusermos no cabo, que parecerá? Por onde me parece teremos necessidade de uma letra que esteja sobre aquelas duas vogais juntamente: a qual seja til (OLIVEIRA: 1536, 7v).

Do til como sinal de abreviatura: “(...) esta letra til serve em lugar de outras algumas letras em muitas abreviaturas, o que mostra não ter ela virtude própria, mas, todavia, é necessária” (OLIVEIRA: 1536, 8). Barros (1971 [1540]) chama o til de “soprimento ou abreviatura” de letras. Como suprimento de letras, o til substitui o ‘m’ e o ‘n’ quando nasalizam vogais no final de sílabas. Como sinal de abreviatura o til substitui as letras ‘ue’ da palavra ‘que’, assim: ã.

Até aqui tratamos particularmente de cada uma das letras, fica agora vermos do til, a que podemos chamar suprimento ou abreviatura de quatro letras: m, n, pela maneira que já vimos quando tratamos de ambos; e abreviatura de eu a este modo ã, que tanto significa como este que. E, assim, este til, como outras vergas e pontos que tem a nossa escritura, principalmente os das letras tiradas, que mais se podem chamar atalho dos escrivães, por não gastar tempo e papel, que por outra necessidade (BARROS: 1971 [1540], 47v-48v).

Em Gândavo (1574) o til é usado como sinal de nasalidade ou de abreviatura. O autor não tece comentários a respeito do til.

Para Leão (1576), o til não é letra, mas sinal de abreviatura, e substitui letras nas palavras em geral (como vimos em Oliveira (1536)) não somente em ‘que’ e ‘porque’ como em Barros (1540). Também nasaliza vogais suprimindo as letras ‘m’ e ‘n’:

Til não é letra, mas uma linha e abreviatura que se põe sobre as dicções com que suprimos muitas letras (...) como se vê nesta palavra ‘misericórdia’, que abreviando-a com o til, escusamos todas estas letras: ‘isericord’, escrevendo assim: ‘mã’, e assim muitas outras palavras como ‘bispo’, ‘apóstolo’, ‘tempo’: b̃po, apl̃o, t̃po. (...) Mas o mais freqüente uso desta abreviatura é servir de m e n (...) (LEÃO: 1576, 14).

Em Vera (1631), o til consta no alfabeto, mas “não é letra” e sim sinal de abreviatura de palavras e nasalização de vogais:

Til não é letra, senão um risco sobre vogal. O qual se escreve nas dicções de muitas letras suprimindo com poucas muitas, como se vê nestas palavras: misericórdia, sentença e nos nomes patronímicos, como Gonçalves, Fernandez, Rodrigues e outros taes em que escusamos com o til de escrever tantas letras, como: mia, deixamos de escrever ‘isericord’; e assim nos mais escrevendo somente s̃ça, Fr̃z, Cl̃z, etc. O mais freqüente uso deste til é quando suprimos com ele as letras M e N, como: t̃po, ou t̃to, c̃star, c̃abar. E muito mais ordinário é sobre ã, porque nos supre eu, como ã. Também é necessário nas dicções em que escrevendo M faz outro sentido, como irmãos, irmã, Bulhões, b̃es, t̃os, d̃os e d̃es, vaccũs, atũs, ficando o M líquido. Finalmente, toda a dicção que acabar em am escreveremos por ão, por ser assim necessário, como diremos no capítulo dos dithongos (...) (VERA: 1631, 24-24v).

N’*Os Lusíadas*, o til como marca de abreviação aparece tipicamente em algumas palavras, como na escrita *q̃* (C1, 6e, v7) para *que*, mas não é um processo comum, porque na obra impressa as abreviaturas já não eram tão necessárias. Como marca de nasalidade foi se fixando em certos contextos, por exemplo, na marca de ditongos nasais em finais de palavras que não são verbos e para distinguir a terceira pessoa do plural do futuro das demais formas verbais que também apresentavam um ditongo nasalizado, porém em sílaba átona (cf. *passaram* (C1, 1e, v7); *eram* (C1, 49e, 1); *foram* (C1, 78e, 5)), etc.

**i) substantivos no singular:**

coração (C1, 44e, v3)

razão (C1, 44e, v5)

algodão (C1, 47e, v1)

relação (C1, 64e, v3)

lião (C1, 68e, v8)

pouação (C1, 90e, v3)

tenção (C1, 94e, v6)

geração (C2, 81e, v1)

algodão (C2, 94e, v8)

ambição (C4, 57e, v1)

**ii) substantivos no plural:**

barões (C1, 1e, v1)

razões (C1, 30e, v4)

corações (C1, 33e, v5)

nauegações (C1, 3e, v2)

nações (C1, 78e, v5)

embarcações (C1, 46e, v1)

cães (C1, 87e, v6)

monições (C2, 17e, v2)

botões (C2, 98e, v1)

piões (C3, 105e, v3)

Algumas grafias antigas permaneceram em alguns casos, porque a ortografia costuma guardar certas formas gráficas de algumas palavras, quase sempre em variação com outra que se tornará mais comum. Também substantivos terminados em vogal [a] nasalizada permaneceram com a marca do til e não com a presença das letras ‘m’ ou ‘n’. Assim encontramos, na obra, exemplos como:

tês (C1, 40e, v2)

nuuês (C1, 43e, v4)

homês (C1, 78e, v7) (cf. homem em C1, 56e, v7)

vãs (C1, 11e, v1) (cf. vans em C4, 80e, v5; e vaã em C4, 95e, v1)

maçãs (C4, 55e, v1)

irmãs (C5, 11e, v2)

rãs (C2, 27e, v2)

### **3ª pessoa plural do pretérito perfeito:**

edificarão (C1, 1e, v10)

sublimarão (C1, 1e, v11)

forão (C1, 2e, v2)

andarão (C1, 2e, v4)

fizerão (C1, 3e, v2)

deixarão (C1, 14e, v1)

dezião (C1, 45e, v7)

erão (C1, 46e, v1)

crerão (C1, 57e, v7)

estenderão (C1, 57e, v8)

leuarão (C1, 101e, v6)

apresentarão (C2, 9e, 1)

notarão (C2, 9e, v3)

querião (C2, 9e, v4)

cayrão (C2, 11e, v7)

matarão (C2, 35e, v7)

acabarão (C2, 35e, v8)

### **3ª pessoa plural do pretérito imperfeito:**

repousauão (am) (C1, 58e, v5)

açenauão (am) (C1, 48e, v1)

perguntauão (am) (C1, 50e, v1)

desuiauão (am) (C2, 22e, v8)

festejauuão (am) (C2, 89e, v8)

**3ª pessoa plural do futuro do pretérito do indicativo:**

terião (am) (C1, 45e, v6)

**3ª pessoa do presente do indicativo:**

Chegão (am) (C1, 32e, v7)

nauegão (am) (C1, 32e, v8)

engeitão (am) (C1, 49e, v8)

arrombão (am) (C1, 92e, v5)

inclinão (am) (C2, 18e, v3)

desejão (am) (C2, 7e, v8)

tornão (am) (C2, 14e, v1)

exercitão (am) (C2, 23e, v3)

cuydão (am) (C2, 25e, v7)

louuão (am) (C2, 71e, v1)

soão (am) (C2, 73e, v7)

aleuantão (am) (C3, 16e, v6)

contão (am) (C3, 16e, v7)

Ainda no português de Camões algumas poucas palavras tinham uma vogal nasalizada, fruto de um estágio da evolução do latim para o português, que depois acabariam perdendo a nasalidade. Porque encontramos palavra como *nũa* (C2, 10, v5) representando a forma *numa*, podemos levantar a hipótese de que uma palavra como *hũa* (C1, 5e, v1) podia também ser pronunciada *uma*.

hũa (C1, 5e, v1)

dũa (C1, 46e, v4)

nehũa (C2, 38e, v7)

lũa (C1, 58e, v1)

Encontramos, ainda, N'Os *Lusíadas*, muitas ocorrências de til representando a nasalidade vocálica em meio de palavras, em contextos em que, aos poucos, a Língua Portuguesa foi escrevendo apenas com as letras ‘m’ ou ‘n’, conforme o caso:

abrído (C2, 1e, v6)

gête (C2, 6e, v4)

instâte (C2, 38e, v5)

mãda (C2, 56e, v7)

dãno (C2, 69e, v8)

nenhũ (C2, 83e, v8)

dões (C3, 24e, v8)

quẽ (C3, 91e, v4)

horêdo (C3, 115e, v5)

trãformãdo (C3, 143e, v6)

seguẽ (-no) (C3, 43e, v3)

prõpta (C4, 80e, v8)

quãto (C5, 24e, v4)

#### **3.4.1.12 A letra P:**

Oliveira (1536: 9) diz: “A força ou virtude do .p. é a mesma que a do .b. [pronunciado entre os lábios apertados] senao que traz mais espírito”. Barros (1971 [1540]: 46) diz que a letra ‘p’ “(...) nao tem tantos trabalhos e por isso a atamos em molho, sem guardar a ordem que tem, nem fazemos delas muita menção”. Leão (1576) trata das letras ‘b’ e ‘p’ no mesmo tópico devido as suas semelhanças fonéticas, dizendo:

B e P são letras mudas entre si mui chegadas. E assim como se pronunciam e se formam na mesma parte da boca e quase com a mesma postura dos instrumentos, dão um som muito semelhante. (...) E por assim terem esta semelhança, os Latinos, na trasladação

de muitos vocábulos da língua Grega na sua, mudavam uma letra ou outra, dizendo de triambos, triumphus, e de pixus, buxus, como nós também fazemos, que em muitos vocábulos que tomamos dos Latinos corrompemos o .p. em .b. dizendo de Aprilis, Abril, e de capillus, cabelo, e de capra, cabra (...) (LEÃO: 1576, 3v).

Vera (1631):

Esta letra P é das que chamamos mudas, a qual tem grande afinidade com o B e por terem esta semelhança mudamos muitas dicções Latinas que têm P em B; ou, pelo contrário, as que têm B em P: como de Aprilis dizemos Abril, e de capra, cabra, e de rabosa dizemos raposa, etc. (...) A razão é porque estas letras pronunciavam-se e formam-se na mesma parte da boca e quase com a mesma postura dos instrumentos, dando um som mui semelhante. Só tem esta diferença: que o B se pronuncia lançando do meio dos beiços o som e o P apertando os beiços e lançando o fôlego mais de dentro. Esta letra tem os Latinos aspirada, porquanto escreviam por Ph as dicções Gregas (...) mas nós (nem eles) a não temos no nosso alfabeto, porque não temos figura própria por que se denote. (...) Porém, podemos escrever com a dita letra aspirada, os nomes Gregos como: antiphona, phantasma, nympa, triumpho, apropriando à Portuguesa esta letra Ph (...) (VERA: 1631, 15-15v).

Na obra de Camões, a letra ‘p’, assim como a letra ‘b’ tem a mesma distribuição na grafia das palavras. Ocorre tipicamente na posição de onset do sistema fonológico da língua, ou seja, em início de sílaba, podendo ocorrer em início e no meio de palavras. A ocorrência após uma letra que representa uma vogal, diante de uma letra que representa uma consoante ou em final absoluto de palavras é uma marca da escrita, cuja origem é associada à grafia do latim. A presença de uma vogal epentética, como costuma ocorrer hoje, não tem evidência antiga a partir da escrita, isto é, não ocorrem formas gráficas com a presença de uma letra ‘i’ ou ‘e’ após a letra ‘p’ (ou ‘b’). Com a letra ‘p’ forma-se um dígrafo para transcrever algumas palavras de origem grega, conforme já fazia a ortografia do latim.

**i) em início de palavras:**

passaram (C1, 1e, v7)  
prometia (C1, 1e, v9)  
presente (C1, 7e, v5)  
precedem (C1, 23e, v5)  
permanecem (C1, 34e, v7)

**ii) em meio de palavras:**

esperança (C1, 6e, v3)  
superno (C1, 10e, v6)  
espingardas (C1, 67e, v6)  
despojo (C1, 93e, v2)  
espalharey (C1, 2e, v7)

**iii) ‘p’ em meio de palavras, diante de consoante:**

Neptuno (C1, 3e, v6)  
ceptro (C1, 22e, v7)  
escripto (C1, 66e, v5)  
captiuarem (C1, 79e, v8)  
baptizado (C1, 104e, v3)  
sumptuoso (C2, 10e, v8)  
prompto (C5, 24e, v6)

**iv) em palavras de origem grega, formando o dígrafo ‘ph’:**

Phalton (C1, 46e, v6)  
Hemispherio (C1, 8e, v3)  
Phigios (C1, 98e, 2)  
Phebo (C1, 4e, v7)  
Phaeton (C1, 46e, v6)  
Nimphas (C2, 23e, v7)

Esphera (C2, 32e, v6)  
triumphos (C2, 51e, v4)  
triumphando (C2, 54e, v4)  
philosophos (C5, 23e, v1)  
escriptura (C5, 89e, v8)

**v) troca de ‘b’ pelo ‘p’:**

supito (C1, 71e, v2) (cf. súbito)

**vi) troca de ‘p’ pelo ‘c’:**

escuma (C1, 19e, v5) (cf. espuma)

**3.4.1.13 A letra Q:**

Oliveira (1536):

Diz Diomedes que a pronunçiação do .q. se faz de .c. e .u. e ele quer que ou seja sobeja ou sempre tenha .u. líquido depois de si. Verdade é que já Quintiliano quase deu a entender que esta letra era sobeja porque nao faz mais do que pode fazer .c. e os mais antigos em todos os lugares que agora se escrevem com .q. eles a escreviam com .c., cujo testemunho é este nome anticũ que Cornélio Fronto escreve com .c. Mas como quer que seja nós a havemos de meter em nossa língua assim para em algumas dicções que de necessidade tem .u. líquido como quase, quando, qual e outras semelhantes como também para quando se segue .i. ou .e. por tirar a dúvida que pode haver entre .c. e .ç. (OLIVEIRA: 1536, 9).

Barros (1971 [1540]):

Esta letra Q pelo nome que tem e assim pela pouca necessidade que há dela (como vimos atrás na letra .c.) a nós convinha mais que a outra nação desterra-la da nossa ortografia e em seu lugar empossar esta letra .c. Mas já disse quão receoso sou de novidades, dado que as proveitosas tenham muita força para serem recebidas. Como creio que se faria a esta letra .c. se fizesse profissão dano e dia, pois esta Q tem tão perversa natureza além do mau nome que se não ajunta às letras vogais, senão mediante este .u. que lhe é semelhável. Ou são elas tão limpas que se não querem ajuntar a ele, cá não dissemos q, q, qi e dizemos qua, que, qui. E assim fica aquela letra .u. sempre líquida sem força, principalmente acerca de nós, nestas dicções que, qui. Cá aqui a sentimos como os latinos e dizemos qual, quan, quanto e não cal, cam, canto, por terem outros significados. Estas outras sílabas quo, quu, não as há em nossa linguagem, cá dizemos como, cume e não quomo, qume. Estas duas sílabas que, qui, são acerca de nós mui celebradas, porque nesta parte desfaleceu o uso do .c. Assim que podemos daqui tirar esta regra: qua usaremos as vezes; que, qui, sempre; quo, quu, nunca (BARROS: 1971 [1540], 47v).

Leão (1576):

Q é letra muda que nenhuma língua tem, senão a Latina e as que dela descendem, e pronuncia-se como .c. segundo os antigos. As quais as duas letras entre si não se diferenciavam na pronunção, mais que na figura. (...) Mas, porém, esta diferença há: que sempre depois do .q. se segue um .u. líquido e sem força, o qual não se pode negar fazer alguma diferença na pronunção do .c. porque de uma maneira nos soa aqua e de outra aca, por causa daquele .u. que sempre se sente. De onde se segue que a pronunção que nós agora damos ao .c., como assoviando e chegando a língua dobrada aos dentes, é falsa, e a verdadeira pronunção é retraindo a língua, que não chegue aos dentes, e apertando a campainha, lançando a voz de dentro, da maneira que pronunciamos o .q. dizendo que (...). Mas ainda que os antigos chamassem a esta letra ociosa, a nós é necessária, assim para escrevermos todas as dicções que os Latinos por ela escreviam, como por a adulterina pronunção que viemos dar ao .c. junto a estas letras .e., .i., de que nos ficou necessidade de socorremos com que e qui para correrem todas vogais de um sóido

e pronúnciação e dizemos: ca, que, qui, co, cu e qua, que, qui, quo, quu (LEÃO: 1576, 17v-18v).

VERA (1631):

É letra muda esta letra Q a que chamaremos que. Dela usamos como os Latinos, que só eles (e os que deles têm origem) a tem em seu alfabeto. (...) Somente resta dizer que depois de Q sempre se escreve .u. líquido para modificar sua pronúnciação, como quando, quase, quedo, quieto, vaqueiro, quero, acquirio, quotidiano, cinco, quemo (por interrogação) à diferença de como. E algumas vezes se segue outro .u. mas é em dicção Latina e nao portuguesa. E pondo-se o til (que é um risco que ordinariamente se põe sobre vogal, suprimindo a letra m e n) sobre esta letra Q, supre estas .ue, como ã (VERA: 1631, 15v-16).

A letra ‘q’ vem da ortografia latina em palavras em que ela aparecia. Em Camões, como acontece até hoje, a letra ‘q’ vem associada ao som da oclusiva velar surda [k]. Também como acontecia no latim, a letra ‘q’ vem sempre seguida da letra ‘u’, que pode ser pronunciada ou não em português. Como ocorre com as demais consoantes oclusivas da língua, sua distribuição típica é ocupar o início de sílabas.

**i) ‘q’ seguido de ‘u’ que não se pronuncia:**

quinto (C1, 13e, v8)

quem (C1,14e, v8)

esquecidos (C1, 14e, v1)

Moçambique (C2, 17e, v8)

aquillo (C2, 38e, v2)

aquella (C3, 6e, v2)

inquieta (C1, 19e, v1)

**i) 'q' seguido de 'u' que se pronuncia:**

qual (C1, 7e, v7)

qualquer (C1, 13e, v4)

qualidades (C2, 33e, v3)

As formas variantes apresentadas abaixo mostram que a pronúncia da vogal [u], quando segue 'q' não é um ponto pacífico. Todavia, é difícil saber a extensão desse fenômeno. Provavelmente, ocorria em algumas poucas palavras. Pode-se levantar ainda a hipótese de erro de escrita.

iniqua (C2, 64, v6)

inica (C1, 94e, v2)

longiquos (C4, 69e, v7)

longico (C2, 54e, v6)

quase (C1, 10e, v2)

casi (C3, 110e, v1)

**3.4.1.14 A letra R:**

Do 'r' simples, Oliveira (1536: 9v) diz: "Pronuncia-se o .r. com a língua pegada nos dentes queixais de cima e sai o bafo tremendo na ponta da língua (...)". Do 'rr' ele afirma: "Do rr dobrado a pronunçiação é a mesma do .r. singelo senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima e o singelo nao treme tanto, mas tão mal às vezes é semelhante ao .l. (...)" (OLIVEIRA: 1536, 9v). Barros (1971 [1540]):

Segundo vimos na divisao das letras, R é uma das que têm duas figuras na letra redonda, sendo um singelo que tem a voz leve e branda a que chamamos .ere. e outro dobrado que rompe a voz com ímpeto que se chama .erre. O primeiro serve no início das dicções, às vezes em figura e em voz, e no fim sempre. No princípio serve em figura, mas nao em voz, por ser brando, como nestas dicções: razao, recado, etc. O segundo serve sempre no meio quando a sílaba é ríspida e forte, como carreta que é diferente de careta. E no princípio serve sempre sua voz, porque todas as

primeiras sílabas das dicções cuja primeira letra é .r. esta tal será forte e não branda (BARROS: 1971 [1540], 48).

Gândavo (1574):

Quando em meio de dicção a pronunçiação desta letra r for dobrada, sempre se escreverá com dois rr, assim como: terra, socorro, ferro, etc. Salvo diante de consoante se seguirá um só (como já tenho dito) ainda que pareça que a pronunçiação pede dois, assim como: tenro, genro, etc. porque se nao sofrem duas letras semelhantes diante de consoante. (...) Nunca se usará deste R maiúsculo em meio de parte alguma, nem ainda em princípio, como usam muitos, salvo nos lugares onde se houver de usar de letra maiúscula como atras deixo declarado (GÂNDAVO: 1574, 38-39).

Leão (1576):

R é letra semivogal, simples, e nao de duas maneiras como os vulgares cuidam, que poem no seu alfabeto duas figuras: uma que dizem ser de .r. singelo e outra de dobrado, que se poe no princípio das dicções ou quando soa dobrado. O que é grande erro. Porque dessa maneira a todas as letras podiam dar duas figuras, uma para quando sao singelas e outra quando sao dobradas. Pelo que havemos de dizer que não há mais que um .r. em potestade, o qual quando se dobra em voz se dobra tambem em número. E o que enganou aos vulgares foi que, às vezes, sem se dobrar se pronuncia quase como dobrado, sendo na verdade singelo. O que se faz de cinco maneiras. A primeira se se põe em princípio de dicção, como: raposa, rio, rua, onde está claro que nao pode ser dobrado, por ser princípio de sílaba e nao poderem duas letras de um gêneroferir a mesma vogal. A segunda se antes do .r. vai .n. como: honra, tenro, genro. A terceira se pelo contrário, antes do .n. vem o .r. como: sarna, inferno, forno, torno. A quarta se antes do .r. .s. como Israel. A quinta se a dicção que começava em .r. se compôs com alguma das preposições pre ou pro, como: prerogativa, prorogar (LEÃO: 1576, 18v-19).

Vera (1631):

R é letra semivogal e quando lhe precede muda fica líquida, como : agravar, abril, fresco. Por ser a pronunçiação desta letra áspera, é mui trabalhosa de formar a muitas nações e comumente a todos pevidosos, quando se dobra ou soa como dobrada. Pelo que se enganou com ela um autor moderno, dizendo que uma coisa é .r. dobrado e outra .r. singelo: que o primeiro serve no princípio e meio das dicções e o segundo só no meio e fim delas. Porque um se forma com aspereza e outro com mais branda e singela pronunçiação. Assim que tem por grande erro escrevermos com dois .rr. na maneira que fica dito no capítulo da letra L. O que nao sigo por nao haver razão para isso. Porque dessa maneira a todas as letras se podiam dar duas figuras: uma para quando são singelas e outra para quando são dobradas. O que enganou a este autor foi que, às vezes, sem se dobrar se pronuncia quase como dobrado sendo na verdade singelo. O se faz de cinco ou seis maneiras. A primeira se se põe em princípio de dicção, como: raiz, roda, redonda, rico, rubi, onde está claro que nao pode ser dobrado por ser princípio de sílaba e não poderem duas letras de um gênero ferir a mesma vogal. A segunda se antes do .r. vai .n., como: honrado, genro. A terceira se pelo contrário antes do .n. vem .r., como em: sarna, perna, torna, forma. A quarta, se antes do .r. vem .s., como: Israel. A quinta da mesma maneira se antes de .r. vem .l. como: pulrar, pilrão. A última se a dicção que começava com .r. se compôs com alguma das preposições pre ou pro, como: prerogativa, prerogar. Pelo que entenda e não se admire este autor de se escrever as palavras que ele traz (revolta, rueda) com um só .r. no princípio e no meio da dicção o dobremos, dizendo: arrastar, derramar. A razão é porque só entre vogais se dobra, pronunciado com aspereza. Onde erram os que escrevem dois .rr. antes ou depois de consoante, usando de letras superflua, por se enganarem com a pronunçiação áspera, dizem: Henrique elrei governa. Assim que não há mais que uma só letra R em potestade, simples e nao dobrada, que quando se dobra em voz se dobra também em número e isso entre vogais (VERA: 1631, 16-17).

No século XVI, a distribuição do ‘r’ na ortografia já seguia um padrão semelhante ao que usamos atualmente. A ocorrência de ‘rr’ em início de palavras já tinha desaparecido do sistema ortográfico, assim como a escrita de ‘rr’ em posição de onset,

seguindo uma consoante nasal em meio de palavra. ‘rr’ aparece apenas em posição intervocálica, para marcar a oposição com ‘r’ simples<sup>90</sup>. A pronúncia do ‘rr’ era, muito provavelmente, a de uma vibrante múltipla e a pronúncia do ‘r’ era a de um tepe (vibrante simples), quando em contexto intervocálico. Nos demais, mesmo após uma consoante, a presença da letra ‘r’ podia ter a pronúncia de uma vibrante múltipla ou mesmo de um tepe. Não há evidências para isto, a partir da escrita. Exemplos retirados d’*Os Lusíadas*:

**i) ‘rr’ em meio de palavras:**

guerras (C1, 1e, v5)

terras (C1, 2e, v3)

corrente (C1, 4e, v6)

derradeiro (C1, 8e, v4)

horrendo (C1, 23e, v8)

serra (C1, 35e, v6)

corrido (C1, 50e, v4)

auorrecido (C1, 73e, v4)

arrombão (C1, 92e, v5)

guerreiras (C3, 44e, v5)

**ii) ‘rr’ depois da consoante nasal ‘n’:**

A grafia com ‘rr’ seguindo uma consoante nasal vinha de uma tradição antiga que não se usava mais na época de Camões. Todavia, a lembrança ortográfica antiga, às vezes, aparece em variação com a grafia mais atualizada, como em:

tenro (C1, 7e, v1)

tenro (C1, 16e, v7)

honrrados (C1, 23e, v5)

honras (C1, 34e, v6)

---

<sup>90</sup> Na Carta de Caminha não há registro de ‘rr’ intervocálico. Neste contexto, o som de [r] é assinalado ortograficamente com um ‘r’, como em: *amarados* (1r14) e *boracha* (4r19), ou com ‘R’ maiúsculo, como em: *aRibaram* (2r29) e *aRoz* (10r15). Cf. SOUZA, Nazarete de (2002: 93).

**iii) ‘r’ em início de palavra:<sup>91</sup>**

remota (C1, 1e, v7)

rio (C1, 4e, v4)

ruda (C1, 5e, v2)

reyno (C2, 2, v4)

reçebemos (C2, 104e, v7)

resplandeçe (C2, 111e, v5)

rigido (C2, 4e, v6)

rayos (C2, 13e, v5)

receyo (C2, 56e, v4)

respondem (C2, 91e, v1)

**iv) ‘r’ em posição intervocálica, com som da vibrante simples (tepe):**

barões (C1, 1e, v1)

mares (C1, 1e, v3)

perigos (C1, 1e, v5)

memorias (C1, 2e, v1)

marítima (C2, 1e, v5)

necessário (C2, 2e, v8)

comprirà (C2, 5e, v7)

messageiro (C2, 6e, v3)

ancoras (C2, 18e, v1)

aluoroçado (C2, 2e, v5)

**v) ‘r’ em final de palavra:**

ajudar (C1, 2e, v8)

apacentar (C2, 105e, v5)

fogir (C3, 82e, v4)

---

<sup>91</sup> Na Carta de Caminha, o som de [r] em início de palavra é sempre grafado com letra maiúscula, como nos exemplos: Rio (3r23) e Roupa (9v2). Cf. SOUZA, Nazarete de (2002: 93).

inventor (C3, 1e, v5)  
valor (C3, 18e, v7)  
sossegar (C3, 64e, v3)  
milhor (C3, 18e, v8)  
molher (C3, 38e, v1)  
descer (C4, 80e, v5)  
soffredor (C4, 82e, v2)

**vi) 'r' em posição de coda, diante de consoante na sílaba seguinte:**

armas (C1, 1e, v1)  
esforçados (C1, 1e, v5)  
verso (C1, 4e, v3)  
força (C1, 1e, v6)  
reformada (C2, 3e, v7)  
virgem (C2, 11e, v4)  
argenteas (C2, 20e, v2)  
exercício (C2, 84e v1)  
artefício (C2, 90e, v1)  
purpura (C2, 93e, v3)

**vii) 'r' em grupos consonantais na mesma sílaba:**

obras (C1, 2e, v5)  
criado (C1, 4e, 1)  
Alexandro (C1, 3e, v3)  
França (C1, 13e, v1)  
consagrados (C1, 19e, v7)  
prometia (C1, 1e, v6)  
entre (C1, 1e, v7)

**viii) ‘r’ em lugar de ‘l’:**

fruta (C1, 4e, v2)

sembrante (C2, 38e, v1)

pruma (C2, 98e, v8)

pubrico (C4, 52e, v8)

simpres (C4, 98e, v6)

Observação: A troca de ‘l’ por ‘r’ é uma ocorrência bastante freqüente nos falantes do Português, desde os tempos mais antigos. A presença de uma metátese na escrita pode referir-se a uma pronúncia própria de algumas palavras naquela época ou a um erro de composição gráfica:

**ix) metátese de ‘r’:**

tarçados (C1, 47e, v6) (cf. traçados)

pergunta (C5, 46e, v8) (cf. pergunta)

agardeça (C5, 99e, v1) (cf. agradeça)

**3.4.1.15 A letra S:**

Oliveira (1536): “O .s. singelo, diz Quintiliano, é letra mimosa e quando a pronunciamos levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito assovia pelas ilhargas da língua. O .ss. dobrado pronuncia-se como o outro pregando mais a língua no céu da boca” (OLIVEIRA: 1536, 9v). Barros ([1540] 1971):

S tem duas figuras. Esta .[. que serve sempre no princípio e no meio muitas vezes; e este outro .s. sempre no fim, e assim outros pequenos que não têm haste comprida. O primeiro, em algumas dicções o dobramos ao modo dos latinos, principalmente no presente de todos os verbos do modo desejar, como: Amasse, lesse, ouvisse, fosse. E, pela maior parte, os que antes de si e depois de si, têm letra vogal será dobrado, quando for toda uma dicção, como: assim, esse, nossa (BARROS: 1971 [1540], 48v).

Leão (1576):

S é letra semivogal e mais assovio que letra, segundo dizia Marco Messala. De onde veio que a figura dela denota, como uma cobra enroscada, por parecer mais pronúncia de cobras que de homens, a qual letra ainda que os vulgares a figurem em seu alfabeto de duas maneiras, assim: .ſ. e .s. em potestade e força, e uma só letra. Porque essa diferença é para a graça da escritura, mas não para fazer diferença na pronúncia. Isto lembro porque há alguns que cuidam que de .s. há duas espécies, um que se pronúncia dobrado e que se usa no princípio, que é o comprido, assim: .ſ.; outro curto, assim: .s., mais brando, para o cabo das sílabas. O que não é assim, porque se há de notar que todas as vezes que as dicções começam em .s. e depois dele se segue vogal, naturalmente se pronúncia como dobrado, como: sancto, sella, sitio, solitário, summa. E apenas o poderão pronúnciar como singelo, que não fique soando como o .z. O que não é nas dicções que têm depois do .s. outra consoante, como: spero, stilo. No que também hão de advertir que da mesma maneira se pronúncia como dobrado, quando vem depois de consoante, como: falso, manso, persuadir e outros semelhantes (LEÃO: 1576, 19-19v).

Vera (1631):

S é uma só letra e não duas, como alguns puseram em seus alfabetos, por estas figuras .s., .ſ., porque essa diferença é para graça da escritura, mas não para fazer diferença na pronúncia, que ser .ſ. comprido ou .s. curto, não é por serem de duas espécies, nem menos um singelo e outro dobrado. Porque se há de notar que todas as vezes que as dicções começam em .s. e depois dele se segue vogal, naturalmente se pronúncia dobrado e somente se dobra entre vogais pronunciado a modo de .ç., como: massa, passa, posso, na forma que se dirá no capítulo das letras que se dobram em dicção. Também se há de advertir que na mesma maneira se pronúncia como dobrado, quando vem depois de consoante, como: falso, manso, persuadir. Assim que esta letra .s. ou .ſ., comprido ou curto, é uma só letra semivogal e mais assobio que letra (segundo dizia Marco Massala) porque imita no soído ao silvo da cobra. E daqui (dizem alguns) se deu a feitura S .ſ. torcida e enroscada, à feição e postura que a cobra tem (VERA: 1631, 17-18).

As letras ‘s’, ‘c’, ‘ç’, ‘z’ e os dígrafos ‘ss’, ‘sc’, ‘xc’ apareceram nos vocábulos portugueses a partir da cópia das grafias latinas. Assim, um ‘s’ no início de uma palavra tinha o som de [s], no contexto intervocálico o som de [z]. Nesse último contexto, o som de [s] podia ser escrito com ‘ss’. Essas grafias correspondem ao modo como o sistema atual as trata. A distribuição das consoantes fricativas alveodentais do português ocorre tipicamente na posição fonológica do onset das sílabas ou na posição da coda, em que tem um valor de arquifonema. Dessa forma, esses sons ocorrem em todas as posições silábicas, exceto a de núcleo, reservada às vogais. Todavia, a escrita das letras que representam as fricativas alveodentais tem uma distribuição mais restrita. Assim, em início de palavras, ocorrem as letras ‘s’, ‘c’ e ‘z’. A ocorrência de ‘ç’ era restrita a algumas poucas palavras (de origem árabe) e ocorria apenas diante das letras ‘a’, ‘o’ e ‘u’, como acontece hoje. Os dígrafos ‘ss’, ‘sc’ e ‘xc’ ocorrem apenas dentro de palavras em início de sílabas. No final de palavras ocorrem apenas as letras ‘s’ e ‘z’. N’*Os Lusíadas* temos:

**i) ‘s’ no início de palavras:**

sabio (C1, 3e, v1)

sublimado (C1, 4e, v5)

sublimado (C1, 4e, v5)

sonorosa (C1, 5e, v1)

sonorosa (C1, 5e, v1)

segurança (C1, 6e, v1)

sancto (C1, 8e, v8)

sempre (C1, 14e, v4)

singulares (C1, 15e, v7)

senhorio (C1, 16e, v5)

**ii) ‘s’ no final de palavras:**

perigos (C1, 1e, v5)

guerras (C1, 1e, v5)

grandes (C1, 3e, v2)

julgareis (C1, 10e, v7)  
façanhas (C1, 11e, v1)  
almas (C1, 16e, v2)  
inquietais (C1, 19e, v2)  
ondas (C1, 19e, v1)  
qualidades (C1, 33e, v3)  
tràs (C1, 36e, v8)

**iii) 's' intervocálico com som de [z]:**

Asia (C1, 2e, v4)  
musa (C1, 3e, v7)  
belicosa (C1, 5e, v3)  
famosa (C1, 5e, v5)  
sonorosa (C1, 5e, v1)  
cesaria (C1, 7e, v4)  
quase (C1, 10e, v2)  
deseja (C1, 28e, v8)  
agasalhado (C1, 95e, v6)

**iv) 'ss' intervocálico:**

cesse (C1, 3e, v7)  
vosso (C1, 4e, v4)  
nossa (C1, 6e, v6)  
necessario (C2, 2e, v8)  
podessem (C2, 7e, v3)  
assentarey (C2, 39e, v8)  
permissam (C3, 117e, v5)  
vassalo (C3, 36e, v1)  
illustrasse (C3, 26e, v7)  
excessivo (C3, 100e, v7)

**v) ‘s’ intervocálico com som de [s]:**

necesario (C2, 2e, v8)

presago (C2, 84e,8)

prosuposto (C3, 59e, v6)

sosegar (C3, 64e, v3) (cf. sossegar em C3, 64e, v3)

sesenta (C3, 67e, v8)

sanguesuga (C5, 21e, v1)

**vi) ‘s’ em meio de palavras, antes de consoante:**

esforçados (C1, 1e, v)

agreste (C1, 5e, v2)

esperança (C1, 6e, v3)

escudo (C1, 7e, v5)

Ismaelita (C1, 8e, v6)

pescoço (C1, 16e, v4)

Tendo sua origem na ortografia latina, algumas palavras apresentam as letras ‘sc’, diante de ‘e’ ou de ‘i’. A pronúncia dessas letras podia ser [s] no onset ou talvez uma pronúncia geminada do tipo [s-s]. A pronúncia italiana para o latim, nestes casos, usa uma fricativa alveopalatal surda. Tal realização não pode ser verificada para o português antigo a partir da ortografia. Encontram-se também formas variantes (comparadas com o modo como escrevemos hoje) que mostram que a pronúncia com [s] no início da sílaba era, talvez, a mais típica. Veja os exemplos abaixo:

**vii) escritas com 'sc':**

nascida (C1,7e, v3)

nascendo (C1, 8e, v2)

descendente (C1, 53e, v6)

Damasceno (C3, 9e, v8)

consciencia (C3, 36e, v6)

nascimento (C3, 116e, v6)

paresce (C4, 66e, v1)

**vii) escritas somente com 'c':**

dece (C1, 8, v4)

apacentar (C2, 105e, v5)

acrecentar (C4, 67e, v4)

nace (C4, 69e, v5)

nacerem (C4, 69e, v8)

nascimento (C4, 74e, v4)

acrecentando (C5, 20e, v1)

Algumas palavras podiam começar com a letra 's' precedendo uma outra letra que representava uma consoante. Essa grafia durou muito tempo no sistema da língua, tendo desaparecido apenas com as reformas ortográficas do início do século XX. Exemplos:

sciencia (C5, 96e, v2)

sciente (C5, 97e, v2)

**viii) 's' em meio de palavras, depois de consoante:**

verso (C1, 4e, v3)

falsos (C1, 18e, v5)

manso (C3, 91e, v2)

Algumas grafias apresentam-se diferentes do modo como escrevemos hoje:

**ix) 's' em lugar de 'x':**

estremo (C2, 3e, v1) (cf. extremo)

estremado (C3, 28e, v2) (cf. extremado)

estremadura (C3, 61e, v5) (cf. extremadura)

seista (C5, 2e, v4) (cf. sexta)

**x) troca de ‘s’ pelo ‘z’:**

mezquinha (C3, 118e, v7) (cf. mesquinha)

ezquerda (C5, 4e, v7) (cf. esquerda)

**xi) outras ocorrências:**

A palavra *depois* (C2, 6e, v1) aparecia de formas variadas na escrita do século XVI, mesmo à época de Camões. Machado (1954: 757, vol I), registra sete grafias diferentes: *depois, despoes, depos, despois, despos, depois, depus*.

A ocorrência do exemplo *aseta* (C1, 91e, v1), ou seja, *a seta* representa, provavelmente, um caso de erro tipográfico.

**3.4.1.16 A letra T:**

Oliveira (1536): “O .t. tem a mesma virtude do .d. com mais espírito, todavia tira o .t. para fora” (OLIVEIRA: 1536, 9v).

Para Barros 1971 ([1540]) a letra ‘t’ “não tem tantos trabalhos e por isso a atamos em molho, sem guardar a ordem que tem, nem fazermos dela muita menção” (BARROS: 1971 [1540], 46). Leão (1576):

D e T letras mudas têm em si muita semelhança, porque a pronúncia de uma e da outra é quase de uma maneira, com a língua posta no mesmo lugar, salvo quando o .t. se forma com mais espírito e com a língua mais levantada para o paladar e o .d. com ela entre os dentes. Pela qual semelhança (como diz Quintiliano) muitas palavras em que entrava .d. serviam os antigos por .t. como: Alexanter, Cassantra, por Alexander e Cassandra. Outros escreviam set por sed e atventus por adventus, segundo Vitorino escreve. E,

pelo contrário, outros diziam amavid por amavit. Pela qual afinidade de letras muitas vezes convertemos o .t. dos vocábulos Latinos em .d. quando os acomodamos a nossa língua, como são todos os participios em atus, ou itus, e os verbos em or e outros muitos sem conto, que pelo uso se verão, como: amatus, amado, auditus, ouvido, Recto, Regedor, secretum, segredo, fatum, fado. Tem também os portugueses o .th. dos Gregos aspirado nas dicções Gregas de que usamos, como: theologia, theorica, Thomas. A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os Latinos ao seu. Porque não temos figura que a denote como os Gregos que lhe dão uma só figura assim .θ., mas figuramo-la com o .t. e .h. com a qual aspiração se afrouxa a pronunçiação do .t. (LEÃO: 1576, 5v-6).

Vera (1631):

No capítulo da letra D fica dito a semelhança que esta letra T tem com a mesma letra D, sendo ambas mudas e de uma mesma pronunçiação. Temos também o Th dos Gregos, de que usamos em dicções Gregas ou peregrinas, como: Thomas, Matheus, Bartholomeu, Iudith, thema, labyrintho, methodo, catholico e outros muitos que os versados nas letras sabem, que por serem muitos deixo pela brevidade que sigo. A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os latinos ao seu, pela mesma razão que dei da letra P aspirada. Os Gregos as figuram por uma só letra que nós não temos, pelo que a suprimos com o T e o h, como Theologo. Só direi que erram alguns que querendo ser mais Latinos do que é necessário, usam da dita letra .t. em dicções vulgares, dizendo gratia, prudentia, e ainda pior, escrevendo offitio, judicial. Sendo assim que os mesmos Latinos não escrevem offitium, se não officiũ, por vir de facio, como também dizem judiciũ, de judico, que corrompemos e mudamos em juízo. Pelo que não escreveremos com .t. senão com .ç. todos os nomes verbais corruptos dos Latinos, acabados em .tio., como de oratio diremos oração e de generatio geração, tirando razão de ratio, que escreveremos com .z. (...). Os nomes e vocábulos acabados em .tiu. ou .tia., como servitium, diremos serviço; exercitium, exercício, de scientia diremos sciencia; e paciência de patientia; e assim os mais. Porque a nossa língua não admite neles a pronunçiação Latina que não é a que lhe nós damos vulgarmente. Pelo que os haveremos de escrever como os pronunciamos (VERA: 1631, 17v-18v).

A letra 't' tem na obra de Camões a mesma distribuição da letra 'd', ocorrendo tipicamente na posição inicial de sílaba. A letra 't' também forma dígrafo com 'h' - 'th' -, que é usado para escrever algumas palavras de origem grega, seguindo o modelo da ortografia latina.

**i) em início de palavras:**

tambem (C1, 2e, v1)

templo (C1, 9e, v4)

tenro (C1, 16e, v7)

tempo (C1, 18e, v1)

trazem (C1, 79e, v5)

tençam (C1, 80e, v4)

**ii) no meio de palavras:**

gente (C1, 1e, v10)

canto (C1, 5e, v5)

estillo (C1,4e, v6)

agreste (C1, 5e, v2)

gesto (C1, 5e, v6)

retumba (C1, 89e, v3)

**iii) 'th' em palavras de origem grega:**

Theitis (C1, 16e, v5)

Ethiopia (C1, 43e, v6)

Nabatheos (C1, 84e, v2)

Thioneû (C2, 12e, v7)

Leucothôe (C3, 1e, v7)

### 3.4.1.17 A letra V:

Oliveira (1536: 9v): “A força de .v. consoante é como a do .f. mas com menos espírito. E a sua figura são duas costas e triangulo com o canto para baixo” (OLIVEIRA: 1536, 9v).

Para Barros (1540):

v não serve de vogal mas de consoante em todas as dicções que começam nele (...) como nestas dicções: vantagem, veio, vimos, vontade, vulto. E assim serve por dentro das dicções, ao modo do .i. pequeno, mas por causa da boa composição das letras o .u. pequeno lhe toma , às vezes, o ofício de ferir nas outras vogais (BARROS: [1540] 1971, 45).

Gândavo (1574: 39): “Sempre em princípio de qualquer dicção se usará deste .v. meão e em meio sempre será .u. pequeno, ainda que sirva de consoante, assim como; viua, viuer, etc”. Leão (1576) afirma que a letra .v. tem dois ofícios na ortografia portuguesa. Um é servir de vogal, o que ortógrafo considera próprio de .v. e

“(…) outro emprestado, quando fere vogal, que tem grande semelhança com o .f. no som, como nestas palavras: verdade, virtude. (...) O qual diferenciamos agora quando é consoante de quando é vogal desta maneira: .v. ao menos no princípio das dicções, porque no meio delas usam do .u. indistintamente, quer seja vogal, quer seja consoante” (LEÃO: 1576, 19v-20).

Vera (1631):

Estas duas letras .u. e .v. (vogal e consoante) até hoje foram incertas e se duvidava quando era uma, quando era outra. (...) Contudo, a mim me parece mui fácil mostrar que estas duas letras, uma vogal e outra consoante, tão diferentes (uma de outra) entre si na forma como na pronúncia e nome. Por que quem não dirá que duas pronúncias diversas pedem duas figuras diversas e que uma coisa é .u. vogal e outra .ve. consoante? E assim a (...) letra consoante .ve.

(escrevo assim por ficar seu nome introduzido) anda variando com todas as vogais, dizendo: vas, vês, viste, vou, vulto. E assim em quantas dicções entra será sempre vogal a que se junta e não é ferida de outra letra alguma; porque é letra consoante muda e nenhuma sílaba pode acabar nela, quanto mais dicção ou palavra (...).Pelo que digo e afirmo que é uma das mais importantes letras do nosso alfabeto ou, para melhor dizer, a mais importante de todas. Porque escrevendo nesta forma não errará o que ler muitas dicções que com elas se escreverão corretamente, como: viuo, vure, vua, laura e assim em outras muitas dicções latinas (...).Parece-me que está bastantemente provada esta opinião e que se pode imitar e não a do que diz que nos princípios das dicções serve este .v. e no meio e fim delas o outro .u., quer seja vogal, quer consoante. Assim que se deve daqui por diante escrever o nosso alfabeto com mais esta letra, que tudo consiste no que pusermos, pois não introduzimos diferentes formas, senão na usança e conhecimento de cada uma destas letras. Finalmente, digo que esta letra consoante .ve. é muda, cuja pronúnciação é branda tocando todas as vogais e nos soa com F, por terem muita semelhança, como se vê nestas palavras: verdade, variedade (...) (VERA: 1631, 18v-20).

Como foi dito na apresentação da letra ‘u’, a letra ‘v’ podia substituir na escrita a letra ‘u’, mantendo a pronúncia desta última. Quando ocorria em início de palavras, a letra seguinte era tipicamente uma letra que representava uma consoante, como se vê nos exemplos mais adiante. Na posição inicial de sílabas, a letra ‘v’ representava o som de uma fricativa labiodental sonora. Dentro de palavras, seguindo vogal, a letra ‘u’ representava a fricativa [v], como já foi visto antes. Com esse valor fricativo podia ocorrer em início e no meio de palavras. Como fruto dessas várias possibilidades de escrita, encontramos a palavra *uva* escrita como *vuas* (C3, 27e, v8).

**i) ‘v’ com som de [v] no início de palavras:**

victorias (C1, 3e, v4)

valor (C1, 3e, v8)

verso (C1, 4e, v3)

vê (C1, 8e, v2)

veo (C1, 8e, v3)

vereis (C1, 9e, v6)  
valerosos (C1, 9e, v7)  
vil (C1, 10e, v2)  
verdadeiras (C1, 11e, v5)  
vão (C1, 11e, v7)

**ii) ‘v’ com som de [u] no início de palavras:**

vniuerso (C1, 5e, v7)  
vsado (C1, 61e, v6)  
vso (C1, 62e, v3)  
vrdido (C1, 79e, v5)  
vrdia (C1, 96e, v6)  
vnica (C2, 11e, v4)  
vltima (C2, 108e, v6)  
vnidos (C3, 58e, v6)  
vsança (C3, 68e, v3)

**iii) ‘u’ com som de [v] no meio de palavras:**

deuastando (C1, 2e, v4)  
nauegações (C1, 3e, v2)  
tiuerão (C1, 3e, v4)  
nouo (C1, 4e, v2)  
enueja (C1, 4e, v8)  
inuicto (C1, 13e, v7)  
caualleiro C1, (13e, v7)  
atreuo (C1, 15e, v2)  
pouos (C1, 18e, v2)  
fauor (C1, 18e, v3)

**iv) ‘u + u’ no meio de palavras com valor de ‘u + v:**

ouui (C1, 10e, v5)

louuar (C1, 11e, v3)

ouuido (C1, 15e, v4)

iuuenil (C4, 84e, v6)

nuuem (C5, 20e, v6)

viuua (C3, 104e, v7)

**v) ‘u + u’ no meio de palavras com valor de ‘v + u:**

deuulgado (C1, 9e, v8)

**vi) troca de ‘v’ pelo ‘b’:**

Ainda como resquício da grafia latina e, talvez, com uma pronúncia já em variação, encontramos formas gráficas com a terminação ‘-bil’, que hoje escrevemos com ‘-vel’.

terribil (C1, 14e, v7)

visibil (C1, 65e, v2)

inuisibil (C1, 65e, v2)

insensibil (C1, 65e, v4)

insufribil (C1, 65e, v6)

affabil (C2, 39e, v3)

impossibil (C4, 54e, v7)

**vii) troca de ‘b’ pelo ‘v’:**

auorrecido (C1, 73e, v4)

(cf. aborrecido)

ensoberuece (C5, 87e, v8)

(cf. ensoberbece)

Essas grafias acima representam formas mais antigas que chegaram até a época de Camões, mas que foram depois modificadas, ficando com a forma e grafia atual. A variação entre os sons [b] e [v] não é rara em algumas palavras (cf. *travesseiro* e *trabesseiro*), além de ocorrer mais tipicamente em certos dialetos de Portugal.

### 3.4.1.18 A letra X:

Oliveira (1536: 9v): “Ao .x. nós chamamos çis mas eu também lhe chamaria xi porque assim o pronunciamos na escritura. Pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a língua ancha dentro da boca e o espírito serve na umidade da língua”. Para Barros (1971 [1540]: 46), a letra ‘x’ “(...) não tem tantos trabalhos e por isso as atamos em molho, sem guardar a ordem que tem, nem fazemos delas muita menção”. Leão (1576):

X é letra dobrada que consta de .c. e .s. em alguns vocábulos e em outros de .g. e .s.. Porque em pax, assim o pronunciam os Latinos o .x., como se dissessem pac e lhe acrescentassem .s.. E assim pronunciam lex como se dissessem leg e depois lhe juntassem o .s., o que se vê pela formação dos casos. (...). Mas isso é quanto à pronúncia das palavras Latinas. Porque a pronúncia que agora damos a esta letra é Arábica, da maneira que os Mouros pronunciam o seu xin (LEÃO: 1576, 20).

Vera (1631):

X é semivogal e uma das letras que dizemos dobradas. Por ela usavam os Romanos (até o tempo de Augusto César, em que se introduziu) destas duas letras c<sup>l</sup>, dizendo apeçs por apex; e também pó g<sup>l</sup>, como gregs por grex. E parecendo-lhe mais a propósito valerem-se de uma só letra, que com força dobrada tivesse aquele soído, receberam a letra X, dando-lhe a ela só a pronúncia que antes (em duas maneiras) pronúnciavam em quatro, e assim ficaram escrevendo: pax e lex e não pac e leg. (...). Nós, na língua

portuguesa pronunciamos o .x. dos Latinos em algumas dicções compostas ou derivadas da língua Latina, pronunciando-as da mesma maneira, como de extra dizemos extraordinário; exceder, exame, exército, exercitar, exemplo, excelente (...).E porque há alguns que por se conformarem com o Latim na escritura, escrevem pax, vox, crux, lux, por paz, luz, cruz, voz. Fique por regra geral que nunca em fim de dicção o escreveremos, porque o que o escreve assim erra de duas maneiras. A primeira, porque escreve diferente do que pronuncia, o que não deve nem pode ser, porque não temos esta pronunção lex. A segunda, porque quando viéssemos a formar os plurais de tais nomes, forçosamente se há de dizer; cruxes, luxes, voxes, paxes, que é o como se formam na nossa língua. Por onde todo o nome que temos no nosso vulgar, se se acabar em .x., escreveremos por .z., como: luz, cruz, paz, voz e daí: luzes, cruces, pazes, vozes, etc. O que (como digo) se entende dos nomes Latinos que a linguagem toma sem outra corrupção, porque muitos se acabam em .x. acerca dos latinos que não escreveremos com .z. na nossa língua, por estarem corruptos e mudados. E assim dizemos de Rex, Rei; de grex, grei; de lex, lei e de sex, seis e de dux, duque e de nox, noite e outros muitos desta maneira (VERA: 1631, 20v-21).

No português arcaico, conforme Coutinho (1970) e Williams (1975) palavras que terminavam em *-x*, como *rex*, passaram a ter o plural com *-is*, como *reis*, perdendo na escrita a letra 'x'. Por outro lado, algumas palavra do português arcaico passaram a ter um 'x' em vez de 's' em início de palavras, como em *syringam* > *xeringa*. Tal fato se deve, provavelmente, a uma mudança de pronúncia que trocou a fricativa alveolar surda [s] por uma fricativa palatoalveolar surda [ʃ]. Essa pronúncia pode ser atestada em alguns documentos portugueses aljemiados (escritos com letras árabes). No século XVI, a letra 'x' representava o som de [ʃ] em início de palavras. O mesmo som veio do latim 'ss' ou 'sc' + [i], como em *passionem* > *paixão*. O 'x' intervocálico latino gerou 'x' em português, com pronúncia [ʃ]. A palavra *disse* < *dixit* teve sua forma arcaica *dixe*. O 'x' é pronunciado [s] em palavras eruditas e em empréstimos tardios vindos do próprio latim. Com relação à distribuição da letra 'x' n'*Os Lusíadas*, encontramos-la em posição inicial de sílabas no início e no meio de palavras, assim como no final de palavras. Ocorre ainda após vogal

diante de consoante, contexto em que representava o som de [s]. Em posição intervocálica tem o som de [z]. Desde o começo da escrita do português o som mais típico associado à letra 'x' é o de uma fricativa palatoalveolar surda [ʃ]. Encontramos n' *Os Lusíadas*:

**i) 'x' com pronúncia de [ʃ] no início e meio de palavras:**

xeque (C1, 77e, v8)

Alexandro (C1, 3e, v3)

deixou C1, (13e, v6)

deixarão (C1, 14e, v1)

abaixo (C1, 23e, v2)

roxa (C1, 28e, v4)

pexes (C1, 42e, v8)

coxa (C1, 73e, v2)

roxo (C1, 82e, v8)

debaxo (C1, 105e, v2)

**ii) 'x' com pronúncia de [s] diante de consoante:**

experimentados (C1, 29e, v3)

inexpugnável (C2, 50e, v1)

extrema (C2, 50e, v7)

experimenta (C2, 104e, v4)

extremo (C3, 18e, v4)

experencia (C3, 143e, v6)

experto (C4, 94e, v8)

**iii) 'xc' com pronúncia de [s]:**

A grafia 'xc' vem do sistema ortográfico do latim e, por semelhança com 'sc', podemos levantar a hipótese de um pronúncia [s] ou até mesmo de uma pronúncia geminada [s-s]. Uma pronúncia fricativa alveopalatal surda nesse contexto não tem

fundamento a partir simplesmente da escrita, porque a letra ‘x’ podia ter a outra pronúncia, talvez, a mais típica, quando comparamos essas palavras com a pronúncia de hoje.

excelente (C1, 10e, v7)

excedem (C1, 11e, v6)

excedia (C2, 76e, v8)

excelencia (C2, 87e, v6)

#### **iv) ‘x’ com som de [z] em posição intervocálica:**

X com a pronúncia de [z] ocorre em posição intervocálica de palavras eruditas, oriundas tardiamente do latim. Provavelmente, por questão de escrita e de leitura, já no fim da época medieval, a pronúncia de algumas palavras se alteraram e palavras que eram pronunciadas com [ʃ] passaram a ser pronunciadas com [z]. A pronúncia com [z] é, realmente tardia, não sendo típica do português arcaico. Certamente, na época de Camões uma palavra como *exército*(C1, 15, v7) já tinha a pronúncia com [z].

#### **3.1.4.19 A letra Z:**

Oliveira (1536: 9v): “A pronunçiação do .z. tine entre os dentes cerrados, com a língua chegada a eles e os beiços apartados um do outro, e é nossa própria esta letra”. Barros (1971 [1540], 46): diz que a letra ‘z’ “(...) não tem tantos trabalhos e por isso as atamos em molho, sem guardar a ordem que tem, nem fazemos delas muita menção”. Leão (1576):

Z não é uma só letra, mas abreviação, ou figura, de duas letras, como o .x., porque se compreendem nesta figura .s. e .d.. Porque assim pronunciam os Gregos e os Latinos: Zacynthos, como se escreveram Sdacynthos. E a mesma pronunçiação tem Ezrás que Esdras. Mas, com o tempo, perdeu-se a pronunçiação desta letra que os antigos lhe davam e damos-lhe agora por uma maneira que soa entre .s. e .ç.. A qual letra porque muitos vulgares a confundem com o .s. e, às vezes, com .ç., porei alguns lugares, onde a devemos usar. E com ela escreveremos todos os nomes patronímicos

Portugueses, como de Álvaro, Alvarez, de Nuno, Nunez, de Pedro, Pirez, de Antonio, Antunez, de Paio, Paez. Ximeno, Ximenez; de Diogo, Diaz; de Ionne, Ianez, ou Ianes; de Marcos, Márquez. Item se escrevem com esta letra os nomes femininos denominados de outros desta figura: avareza, largueza, fraqueza, simpleza. Item todos os nomes que na última sílaba têm a com o acento nela, como: arganá, cabá, rapá. E os mais que significam aumento ou abundância que as mais vezes se tomam em má parte, como bebarrá, ladravá, lingoará, truaná, etc. Item se escrevem alguns nomes que têm acento e .e. na última sílaba, como xadrê, vê, pê, fê, trê e garoupê. E estes são poucos, porque os mais se escrevem por .s. ainda que tenham o acento na última, como: Português, Inglês, Marquês, revês, convês, etc. Item se escrevem com .z. os nomes que tendo .i. na última sílaba que tem o acento nela, como: abví, almofarí, chafarí, chamarí, codorní, juí, perdí, raí, verní. Item os nomes que têm da mesma maneira na última o acento e .o. vogal, como: albornó, algó, arró, Badaió, Estremô. E os nomes monossílabos, seja, de uma só sílaba, que têm o acento agudo, como: coz, foz, noz, voz, tirando nos e vos pronomes que se escrevem com .s. Item os nomes que têm .u. na mesma última com acento, como: alcaçuz, arcabuz, Andaluz, alcatruz, Ormuz, cuscuz. E as dicções de uma sílaba, como: cruz, luz; tirando a primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo ponho, que é pus, que se escreve com .s. Item se escrevem com esta letra as terceiras pessoas destes verbos e seus descendentes: faz, diz, jaz, traz, como: fazia, dizia, jazia, trazia, fazer, dizer, fazer, trazer. Item estes nomes numerais: dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, dozentos, trezentos. Mas quatrocentos e os mais até mil se escrevem por .c. Item se há de notar que por esta letra em si ser dobrada, se não pode dobrar na escritura, pelo que é grande abuso o dos Italianos, os quais todas as vezes que o .z. vem entre vogais o dobram e dizem: vaghezza, bellezza, doloezza. O que não pode ser, porque os dois .zz. têm força de quatro consoantes, que não têm vogais, a que são atadas. Salvo se disserem que esta letra perdeu a própria pronúncia antiga das letras dobradas e que agora é uma espécie de .s. que dobrado vem dar nosso .ç. (LEÃO: 1576: 22v-24).

Vera (1631):

Havemos chegado à letra final do alfabeto que é esta letra semivogal .z. da qual careceram os Latinos até o tempo de Augusto

(como fica dito da letra X) em que a tiveram para lhes escusar letras dobradas, que eram s, d. Assim que esta letra .z. por ser figura e abreviação de duas letras, se chama letra dobrada. Porque assim pronunciavam os Gregos e Latinos; Sdacynthos, como se escreveram; Zacynthos, e a mesma pronúncia davam a Ezras que a Esdras. Escrevemos com .z. todos os nomes patronímicos Portugueses, como de Fernando, Fernandez, ou frz; de Gonçalo, Glz; de Vasco, Vaz; de Sancho, Sanchez; de Antonio, Antunez; de Lopo, Lopez; de Henrique, Henríquez; e assim Ruiz, Paez, Piz, Martinz, Bermudez, etc. Os nomes femininos denominados de outros, como: avareza, simpleza, nobreza, etc. Os que na última sílaba têm .a. com acento nela, como rapaz, cabaz. Os que significam aumento: falaz, vivaz, eficaz, capaz. E alguns nomes na última sílaba .e. com acento nele: garoupêz, xadrêz, trêz, fêz, vêz, pêz,. (...) Os que tem acento no I: juiz, raiz. Da mesma maneira os em O: Estremoz, arroz, Badajoz e os monossílabos, seja, de uma só sílaba: nez, voz, tirando vós, nós, pronomes que se escrevem com .s. e não .z. Os que têm .u. na última com acento nela, como Ormuz, cuscuz, arcaluz e as dicções de uma sílaba: cruz, luz, tirando a primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo: ponho que é pus, que se escreve com .s. e não com .z. Também se escrevem com .z. as terceiras pessoas destes verbos: faz, diz, traz e os que deles descendem: fazia, dizia, trazia. Os nomes numerais como: dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, dozentos, trezentos. Porém, quatrocentos e os mais até mil se escrevem por .ç. e não .z. com que se dá fim a este alfabeto. Mas porque não fique de fora um til, trataremos também dele (VERA: 1631, 22v-24).

A letra ‘z’ tem uma distribuição semelhante à da letra ‘s’, podendo ocorrer em início de sílabas em início e meio de palavras, representando o som de uma fricativa alveolar sonora. Diante de uma letra que representa uma consoante surda a letra ‘z’ tem o som da fricativa alveolar surda. Em final de palavras, a hipótese mais provável é que tenha se transformado no som de [s], ficando apenas como uma marca ortográfica, por causa da origem das palavras que apresentam tal ocorrência.

**i) ‘z’ com som de [z] em início e meio de palavra:**

zonido (C2, 91, v2)

fizerão(C1, 3e, v2)  
doze (C1, 12e, v5)  
dezia (C1, 30e, v1)  
luzentes (C1, 23e, v1)  
trazia (C1, 61e, v4)  
dizer (C1, 87e, v8)  
prazer (C1, 93e, v3)  
fazer (C1, 93e, v3)

**ii) ‘z’ com som de [s] em meio de palavra, antes de consoante:**

mezquinha (C3, 118e, v7)  
ezquerda (C5, 4e, v7)

**iii) ‘z’ com som de [s] em final de palavra:**

paz (C1, 17e, v3)  
faz (C1, 13e, v4)  
voz (C1, 23e, v8)  
juyz (C1, 38e, v7)  
sagaz (C1, 83e, v3)  
traz (C2, 2e, v1)

**iv) troca de ‘z’ por ‘c’:**

Como já foi dito no estudo da letra ‘c’, mudanças evidentes na pronúncia costumam levar a ortografia a mudar a grafia da palavra depois de um certo tempo. É o caso de um ‘c’, que representava o som de [s], passar a ser grafado com ‘z’, posteriormente, porque a palavra trocou o som de [s] pelo de [z], como em:

veloces (C1, 46e, v2)	(cf. velozes)
sequaces (C1, 71e, v3)	(cf. sequazes)
tenaces (C2, 18e, v1)	(cf. tenazes)

feroces (C3, 72e, v1)	(cf. ferozes)
doncella (C3, 127e, v2)	(cf. donzela)

### 3.5 Segmentação de palavras:

A segmentação das palavras é também um aspecto interessante a ser mostrado na ortografia d’*Os Lusíadas*. Embora as palavras sejam separadas por espaços em branco tal como conhecemos tradicionalmente e, por isso mesmo, facilmente reconhecíveis do ponto de vista ortográfico, há ainda casos de palavras escritas aglutinadas que atualmente são escritas separadas, e formas escritas separadas que hoje formam uma só palavra. As formas aglutinadas incorporam ao corpo da palavra anterior clíticos, como os pronomes oblíquos. Talvez essa escrita mostre um padrão de palavra fonológica que incluía os elementos enclíticos de maneira clara à prosódia da palavra. A incorporação de elementos proclíticos também acontece, mas parece que não é tão típica quanto a incorporação dos elementos enclíticos. Alguns exemplos, provavelmente, tem a ver com o modo como o texto foi composto tipograficamente, como em *anoyte* (C1, 57e, v1) que incorpora o artigo ao nome (cf. a noite), processo que não era usado como regra geral.

#### 3.5.1 palavras aglutinadas:

##### i) verbos + pronomes:

- callese (cale-se) (C1, 3e, v3)
- daime (-me) (C1, 4e, v5)
- engrandecerte (-te) (C1, 11e, v4)
- douuos (-vos) (C1, 12e, v7)
- habitála (-la) (C1, 54e, v6)
- chamase (-se) (C1, 54e, v8)
- embandeirarse (-se) (C1, 59e, v5)

dalhe (-lhe) (C1, 61e, v3)  
prometelhos (-lhos) (C1, 70e, v5)  
dizlhe (-lhe) (C1, 70e, v3)  
partiose (-se) (C1, 72e, v1)  
falarlhe (-lhe) (C1, 78e, v1)  
esperallo (-lo) (C1, 80e, v6)  
foilhe (-lhe) (C1, 85e, v3)  
andarlhe (-lhe) (C1, 87e, v6)  
comprala (-la) (C1, 90e, v6)  
acolherse (-se) (C1, 106e, v5)  
agasalharte (-te) (C2, 2e, v7)  
verte (-te) (C2, 2e, v8)  
reformarte (-te) (C2, 2e, v8)  
perguntalhe (-lhe) (C2, 6e, v1)  
mostrandose (-se) (C2, 10e, v7)  
repartense (-se) (C2, 21e, v7)  
levandoa (-a) (C2, 22e, v7)  
eilos (ei-los) (C2, 26e, v1)  
aventurarse (-se) (C2, 26e, v7)  
entregarse (-se) (C2, 26e, v8)  
façase (-se) (C2, 39e, v7)  
sabellas (las) (C2, 109e, v8)  
vermeas (ver-me-ás) (C3, 104e, v6)

**ii) pronomes + verbos:**

sesqueção (se esqueçam) (C1, 24e, v7)  
sacabassem (se acabassem) (C1, 48e, v6)  
semettesse (se-) (C1, 75e, v3)  
lhapresenta (lhe apresenta) (C2, 35e, v3)

**iii) preposição + pronomes:**

parelles (para eles) (C1, 12e, v4)

coelle (com ele) (C1, 83e,v6)

**iv) preposição + artigo:**

dum (de um) (C1, 51e, v5)

**v) preposição + substantivo:**

denoite (C2, 13e, v1)

nagoa (na água) (C2, 26e, v4)

**vi) preposição + adverbio:**

donde (de onde) (C2, 21e, v5)

encima (em cima) (C2, 26e, v3)

**vii) artigo + substantivo:**

anoyte (a noite) (C1, 57e, v1)

alagoa (a lagoa) (C2, 27e, v1)

aqueixa (a queixa) (C2, 38e, v5)

### **3.5.2 palavras separadas:**

Os casos de segmentação indevida, comparados com o modo como segmentamos a fala em palavras hoje, representam, provavelmente, hipóteses sobre o valor semântico dos elementos segmentados. Assim no caso de *em fim* (C1, 25, v7), o fato de se identificar uma parte *fim*, pode levar à escrita separada, em vez da expressão *enfim*. Outros exemplos:

en quanto (enquanto) (1, 15, v1)

em fim (enfim) (C1, 25, v7)

a pesar (apesar) (C2, 24, v2)

ẽ fim (enfim) (C3, 30, v7)

com nosco (conosco) (C5, 83, v4)

## Conclusão

Ao chegar ao final desta Tese, voltamos à pergunta inicial feita antes mesmo de se tomar uma decisão sobre o trabalho: por que fazer uma tese de doutorado estudando a ortografia de uma obra como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, escrita em 1572? Embora o tema possa parecer um tanto estranho, na verdade, conhecemos pouco da história da nossa ortografia fora das obras dos ortógrafos. Para preencher essa lacuna, há a necessidade de muitos estudos, partindo de documentos de toda natureza e, principalmente, de obras literárias, para definir na prática diária cotidiana e cultural os rumos que a ortografia da língua tomou, desde os mais antigos documentos até hoje. Somente nessa completude pode-se estabelecer uma história mais detalhada e mais verdadeira da ortografia da língua.

Vendo a questão por outro lado, os estudos sobre a ortografia fazem parte dos estudos gerais sobre a própria língua. Afinal, durante muito tempo a língua ficou registrada apenas na sua forma escrita e, somente no último século, passou a ter também registros gravados de fala e até mesmo de imagens dos falantes em situações variadas de uso da linguagem<sup>92</sup>.

Por outro lado, na Dissertação de Mestrado da autora, já havia estudado a ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha. Essa experiência trouxe uma metodologia que se aperfeiçoou na Tese de Doutorado, servindo-se também da contribuição de outros trabalhos recentes, feitos no Brasil e em Portugal, de pesquisadores que foram buscar em documentos e em obras literárias o sistema ortográfico de várias épocas. Definido o interesse geral e a metodologia, a escolha sobre *Os Lusíadas* foi feita por causa de sua importância na história da Língua Portuguesa. A obra de Camões, sabemos, como obra literária é um dos trabalhos mais importantes no cenário de toda a literatura portuguesa e, no cenário lingüístico, exerceu uma grande influência nos rumos da ortografia da Língua Portuguesa, uma vez que representou uma clara divisão entre a antiga ortografia e os novos sistemas introduzidos pelos estudiosos do século XVI. Embora tenha sido estudada de muitos pontos de vista, há muito pouca referência à questão ortográfica. Além disto, é

---

<sup>92</sup> No Brasil, há o Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo) e o Projeto Gramática do Português Falado.

sabido que no século XVI apareceram as primeiras gramáticas e os primeiros tratados de ortografia da Língua Portuguesa. Uma obra da importância de *Os Lusíadas* iria por à prova tudo o que se vinha dizendo sobre a ortografia da língua. Por essa razão, a Tese teve que buscar informações nessas obras que precederam a publicação de *Os Lusíadas* para comparar as propostas feitas com o trabalho ortográfico realizado na obra de Camões. Certamente, o tipógrafo responsável pela publicação sabia que se tratava de uma obra muito importante e que teria grande influência na história literária e cultural da língua. Por outro lado, ele certamente conhecia as obras que tratavam da ortografia, publicadas antes. Suas opções, como mostramos ao longo desta Tese, foram no sentido de propor um modelo ortográfico que não ferisse uma tradição que vinha se estabelecendo, mas com grande empenho em simplificar tudo o que podia, principalmente, com relação às palavras comuns da língua, deixando para os nomes uma forma mais antiga e tradicional. Com relação às marcas de acento, começa a se fixar o uso de acento agudo para sons vocálicos abertos e o uso do acento circunflexo para sons vocálicos fechados, para os casos em que a palavra exigia uma marca de acento. Como se observou na obra analisada, as regras de atribuição de acento começam a se estabelecer, privilegiando alguns contextos, como nas palavras oxítonas.

De um modo geral, pode-se dizer que a ortografia da obra *Os Lusíadas* mostra uma consolidação da transição entre o antigo e o novo. Apesar de haver variantes gráficas, as palavras começam a ter uma forma de escrita menos suscetível a variação livre. Os modelos ortográficos posteriores irão insistir nessa necessidade, vendo na variação gráfica formas dialetais de pronúncias não aceitas como cultas ou fruto da ignorância com relação às regras ortográficas. De todos os contextos, é o final de palavra que apresenta mais variações. Somente com o trabalho de Gonçalves Viana tal contexto passou a ter formas gráficas especificadas de modo fixo para verbos e não verbos. Embora as marcas de nasalidade apareçam com muitas variantes na obra *Os Lusíadas*, o uso mais geral apresentado na obra servirá de modelo definitivo, chegando até hoje.

A importância de *Os Lusíadas*, com relação à questão da ortografia da língua, irá durar como uma reação ao modelo etimológico, reforçando a necessidade de uma escrita simplificada, comumente chamada de sônica ou fonética. Como vimos, essas duas correntes

na história da ortografia da Língua Portuguesa se debateram até o final do século XIX, quando Gonçalves Viana propôs um novo modelo que foi, posteriormente, adotado por Portugal e pelo Brasil. Ao fazer sua proposta, Gonçalves Viana via na obra de Camões um modelo que, com algumas modificações, acabou gerando o sistema que usamos hoje.

Ao concluir esta Tese, é importante lembrar o que já foi dito antes com relação à importância da pesquisa realizada como forma de incentivar outros pesquisadores a buscar o sistema ortográfico de outras obras e de documentos de todos os tipos. Com essas descrições, futuramente, será possível fazer estudos comparativos que são de grande importância para o detalhamento da história da ortografia da língua.

## Referências Bibliográficas:

- ABREU, G. de V. e GONÇALVES VIANA, A. dos R. (1885). **Bases da Ortografia Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional.
- AMARAL, M. (transcrição eletrônica)(2002). **Dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico**. vol. v, pp. 271-273. In site: [www.arquenet.pt/dicionario/oslusiadas.html](http://www.arquenet.pt/dicionario/oslusiadas.html)
- AMORIM, F. G. de (1889). **Os Lusíadas de Luiz de Camões**. (Expurgados de Erros que nunca se tinham corrigido e restituídos ao texto primitivo quanto foi possível fazê-lo sem violar a integridade do poema). Lisboa: Imprensa Nacional.
- AQUINO, T. J. de (1818). **Os Lusíadas. Discurso Preliminar**. Avinhão: s/ed. apud CARVALHO, H. V. de (1976). **O erro de “Os Lusíadas”**. São Paulo: Global.
- AUROUX, S. (1992). **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- BASSETO, B. F. (2005). **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EDUSP.
- BARROS, J. de (1971 [1540]). **Gramática da língua portuguesa**. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BOTTERO, J. et al. (1995). **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Ática.
- BUESCU, M. L. C. (1975 [1536]). **A gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira**. Introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- BUESCU, M. L. C. (1978). **Gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Oficina Gráfica da Livraria Bertrand. Biblioteca Breve, vol. 18.
- BUESCU, M. L. C. (1981[1574]). **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa, com um diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua de Pero Magalhães de Gândavo**. Introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa: Impressor Antonio Gonçalvez. Versão digitalizada. In: <http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/29941.html>

- BUESCU, M. L. C. (1983). **Babel ou ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BUESCU, M. L. C. (1983 [1576]). **Ortografia e origem da língua portuguesa de Duarte Nunes de Leão**. Introdução de M. L. C. Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BUESCU, M. L. C. (1984). **A língua portuguesa, espaço de comunicação**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve. vol. 85.
- CAGLIARI, L. C. (1986). A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, G. e CAGLIARI, L. C. (1993). **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas (SP): Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP.
- CAGLIARI, L. C. (1994a). Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.º. 27, p.103-111. Campinas: Unicamp.
- CAGLIARI, L. C. (1994b). O que é ortografia? In: **Estudos Lingüísticos, XXIII Anais de Seminários do GEL**. Ribeirão Preto (SP): CNPq/USP/ GEL. vol. I. pp. 552-559.
- CAGLIARI, L. C. (1994c). **Acordo ortográfico: um grande equívoco**. Campinas: Unicamp.ms
- CAGLIARI, L. C. (1995). **Como não fazer uma reforma ortográfica: o acordo de unificação das ortografias da Língua Portuguesa**. Unicamp: Campinas. ms
- CAGLIARI, L. C. (1998). A escrita do português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: **Associação Internacional de Lusitanitas. Actas do Quinto Congresso**. Coimbra: Universidade de Oxford.
- CAGLIARI, L. C. (2000). **500 anos de reformas ortográficas**. Campinas: Unicamp. ms
- CAGLIARI, L. C. (2001). **Breves notas sobre a ortografia do português antigo**. Campinas: Unicamp. ms.
- CAGLIARI, L. C. (2004). **Aspectos Teóricos Lingüísticos da Ortografia**. Campinas: Unicamp/CNPq. ms.
- CAGLIARI, L. C. (2005). **Teoria e prática da ortografia**. Araraquara: UNESP/FCLAR/CNPq. ms

- CAGLIARI, L. C. (2006). **A periodização da história da ortografia da Língua Portuguesa**. Araraquara: UNESP/FCLAR/CNPq. ms.
- CAGLIARI, L. C. (2007). **Ruídos lingüísticos (com trema por enquanto)**. Entrevista concedida à FAPESP (31/08/2007) In: [http://www.agencia.fapesp.br/boletim\\_dentro.php?id=7667](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?id=7667)
- CAGLIARI, L. C. (2008). **Um pouco da história da nasalidade: da ortografia para a fonética**. Araraquara: UNESP/FCLAR/CNPq. ms.
- CAMBRAIA, C. N. (1997). Leitura de textos antigos: a variação dos grafemas <e>, <i>, <y> e <j> em um texto medieval. In: **Anais do XLV de Seminários do GEL**. Campinas: UNICAMP.
- CAMOES, Luís Vaz de (1572). **Os Lusíadas**. 1ª. edição. Versão digitalizada. In: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or633602.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or633602.pdf)
- CAMOES, L. V. de (1982). **Os Lusíadas**. Reprodução paralela das duas edições de 1572. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CARVALHO, H. V. de (1976). **O erro de “Os Lusíadas”**. São Paulo: Global.
- CARVALHO, H. V. de (1977). **Camões: o sublime pelicano**. São Paulo: Gráfica Lunar.
- CASTRO, I. (org.) (1988). Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel. Lisboa: Publicações do Instituto de Lingüística da Faculdade de Letras de Lisboa. In: MATTOS e SILVA, R. V. (1996). **O português arcaico: fonologia**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto.
- CATACH, N. (org.) (1996). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática.
- CEGALLA, D. P. (1992). **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- COSERIU, E. (2000). Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira. In TORRES, Amadeu e ASSUNÇÃO, Carlos (eds.). **Gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira**. Lisboa: academia Portuguesa de História. Pp. 29-60.
- COUTINHO, I. de L. (1976). **Pontos de gramática histórica**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CUNHA, A. G. da (1982). **Dicionário etimológico Nova Fronteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DIRINGER, D. (1968). **A escrita**. Lisboa: Gris Impressores S. A.

- DESBORDES, F. (1995). **Concepções sobre a escrita na Roma Antiga**. São Paulo: Ática.
- ELIA, S. (1989). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- FARACO, C. E. e MOURA, F. M. de (1999). **Gramática**. São Paulo: Ática.
- FÁVERO, L. L. (1996). **As concepções lingüísticas do século XVIII**. A gramática portuguesa. Campinas: UNICAMP.
- FERREIRA, J. (1939). **História da literatura portuguesa**. 4ª. ed. Porto: Domingos Barreira.
- FERREIRA, V. et al. (1993). **Camões e a identidade nacional**. Lisboa: Casa da Moeda- Imprensa Nacional. Serie Temas Portugueses.
- FREYRE, G. (1984). **Camões: vocação de antropólogo moderno**. São Paulo: Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo.
- FIGUEIREDO, C. (1921). **A ortografia no Brasil: história e crítica**. 2ª edição. Lisboa: Clássica Editora A. M. Teixeira.
- GNERRE, M. (1991). **Linguagem, escrita e poder**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- GONÇALVES, M. F. (2003). **As idéias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- GONÇALVES VIANA, A. dos R. (1885). **Bases da Ortografia Portuguesa**. (opúsculo com a colaboração de Guilherme de Vasconcelos Abreu). Lisboa: Imprensa nacional.
- GONÇALVES VIANA, A. dos R. (1904). **Ortografia Nacional. Simplificação e unificação sistemática das Ortografias Portuguesas**. Lisboa: Tavares Cardoso.
- GOTLIB, N. B. (1980) (org.). **Luis Vaz de Camões**. Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA e PORTUGUESA**: (s/d.). Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia. vol. 19.
- HAUY, A. B. (1989). **História da língua portuguesa I. Séculos XII, XIII e XIV**. São Paulo: Ática.
- HOOKE, J. T. (introdutor) (1996). **Lendo o passado**. São Paulo: EDUSP/Melhoramentos.

- HUBER, J. (1933). **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ILARI, R. (2000). **Linguística Românica**. 3ª. ed. São Paulo: Ática.
- JORNAL DA UNICAMP. **Tese mostra como Camões fez a ponte entre português arcaico e moderno**. Campinas: Unicamp. Edição nº 442, de 28 de set. a 4 de out. de 2009, pp. 6-7.
- LABORINHO, A. P. (2006). Da descoberta dos povos ao encontro das línguas: o português como língua intermediária a Oriente. In: **Actas do Colóquio Internacional. O Humanismo Latino e as Culturas do Extremo Oriente**. Macau, 6-8 de Janeiro de 2005, Treviso, Fondazione Cassamarca, 2006, pp.71-91.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1576). **Ortografia e origem da língua portuguesa**. Versão digitalizada. In site: <http://purl.pt/15/1/P1.html>
- LEITE de VASCONCELOS, J. (1911). **Lições de philologia portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- LEITE de VASCONCELOS, J. (1966). **Lições de filologia da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- LIMA, G. F. de (introdutor) apud ROLANDO MONTEIRO (1973). **As edições de “Os Lusíadas”**. Rio de Janeiro: Livraria. S. José.
- LYRA, P. (1985). **O dilema ideológico de Camões e Pessoa**. Rio de Janeiro: Philobiblion. Coleção Visões e Revisões. Vol 1.
- MACHADO, J. P. (1954). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1ª ed. Lisboa: Confluência.
- MADUREIRA FEIJÓ, J. de (1734). **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza**. Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues. Versão Digitalizada. In: <http://purl.pt/13>
- MAIA, C. de A. (1996). **História do galego-português. Estado lingüístico de Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI**. Coimbra: Fundação Lacoste Gulbentian.
- MARQUES, A. H. de O. (1973). **História de Portugal**. Lisboa: Edições Agora.

- MARTINS, C. (1981). **Camões: temas e motivos da obra lírica**. Belo Horizonte (MG): Ed.Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP. Coleção Universidade Viva, vol. 2.
- MASSAUD MOISÉS (1980). **A literatura portuguesa**. 16ª. ed. São Paulo: Cultrix.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1993). Escrita ideográfica & escrita fonográfica. *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre, Kuarup/PUC-RS, ano V, no. 28, pp. 18-20. In MASSINI-CAGLIARI, G. e CAGLIARI, L. C. (1999). **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas (SP): Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995). **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico – um estudo do percurso histórico da acentuação em Português**. (1995). 259 pp. Tese. (Doutorado em Lingüística). Campinas: Unicamp.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1999). **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: Laboratório Editorial da Unesp – Cultura Acadêmica Editora.
- MATTOSO CÂMARA JR, J. (2001). **Estrutura da Língua Portuguesa**. 33ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- MATTOS e SILVA, R. V. (s/d). Notas sobre avaliações lingüísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros. In: MATTOS e SILVA, R. V. e MACHADO FILHO, A. V. L. (orgs) (2002) **O português Quinhentista. Estudos Lingüísticos**. Salvador-BA: EDUFBA.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1989). **Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico**. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1994). Para uma caracterização do período arcaico do português. **Revista DELTA**. vol.10 n<sup>o</sup>. Especial, pp.247-276. Salvador: UFBA.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1996). **O português arcaico: fonologia**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto.
- MATTOS e SILVA, R. V. (s/d). Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de Quinhentos em comparação com o Período Arcaico. In: MATTOS e SILVA, R. V. e MACHADO FILHO, A. V. L. (orgs)(2002) **O português Quinhentista. Estudos Lingüísticos**. Salvador-BA:EDUFBA.

- MEGALE, H. et al. (1996). A leitura de textos antigos. In: **XXV Anais de Seminários do GEL**. Ribeirão Preto: UNAERP.
- MELO, G. C. de (1981). **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 6<sup>a</sup>.ed. Rio de Janeiro (RJ): Ao Livro Técnico.
- MICHAELIS: MODERNO DICIONÁRIO da LINGUA PORTUGUESA** (1998). São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- MIRA MATEUS, M. H. (1994). **Gramática da língua portuguesa**. 4<sup>a</sup>. ed. Lisboa: Editora Caminho.
- MONTE, V. M. do (2007). **Documentos setecentistas: edição semidiplomática e tratamento das sibilantes**. (2007/395p.). São Paulo: USP/FFLCH. Dissertação de Mestrado.
- MONTEIRO, J. L. (s/d). **As idéias gramaticais de João de Barros**. In site: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/barros.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/barros.htm)
- MONTEIRO, J. L. (s/d). **A ortografia de Álvaro Ferreira de Vera**. In site: [www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm](http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/alvaro.htm)
- MORAIS, A. G. de (2006). **Ortografia: Ensinar e aprender**. 4<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Ática.
- MOURA, V. G. (1980). **Luís de Camões: alguns desafios**. Lisboa: Veja/Universidade.
- NETO, S. da S. (1952). **História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros de Portugal,
- OLIVEIRA, F. de (1536). **A gramática da linguagem portuguesa**. Versão digitalizada. In: <http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/48521.html>
- OLIVEIRA MARTINS, J. P. (1872). Os Lusíadas, Ensaio sobre Camões e sua obra. Porto: Ed. Porto. In: CARVALHO, H. V. de (1976). **O erro de “Os Lusíadas”**. São Paulo: Global.
- OLSON, D. R. (1997). **O mundo no papel. As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática.
- PAIVA, D. de F. (1988). **História da língua Portuguesa II. Século XV e meados do século XVI**. São Paulo (SP): Ática.
- PEREIRA, T. L. G. (1999). Aspectos gráficos de um texto quinhentista. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: UFBA. no. 23-24, pp. 155-168.

- RAMALHO ORTIGÃO (1880). *Os Lusíadas*. Prefácio Crítico. Lisboa. apud CARVALHO, H. V. de (1976). **O erro de “Os Lusíadas”**. São Paulo: Global.
- REIS, A. do C. (1990). **Nova história de Portugal**. Lisboa: Editorial Notícias.
- RIZZO, J. (1922). **Estudos da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Teixeira e Companhia Editores.
- ROLANDO MONTEIRO (1973). **As edições de “Os Lusíadas”**. Rio de Janeiro: Livraria. S. José.
- ROLIM de FREITAS, H. (2000). Aspectos diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa. In: **Revista Confluência** n.º. 20, pp. 69-83. Rio de Janeiro: UERJ.
- SAID ALI, M. (1964). **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo (SP): Edições Melhoramentos.
- SAMPSON, G. (1996). **Sistemas de escrita. Tipologia, história e psicologia**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática.
- SANTOS, J. O. (s/d). **Camões, o Renascimento e Os Lusíadas**. In site:  
[http://www.filologia.org.br/iiijnflp/textos\\_completos/pdf/Cam%C3%B5es,%20Renascimento%20e%20Os%20Lusíadas%2005%20de%20novembro%20-%20JULIANA.pdf](http://www.filologia.org.br/iiijnflp/textos_completos/pdf/Cam%C3%B5es,%20Renascimento%20e%20Os%20Lusíadas%2005%20de%20novembro%20-%20JULIANA.pdf)
- SARAIVA, A. J. e LOPES, O. (1982). **História da literatura portuguesa**. 12<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora.
- SARAIVA, A. J. e LOPES, O. (1996). **História da Literatura Portuguesa**. 17<sup>a</sup>. ed. Porto: Porto Editora.
- SENA, J. de (1980a). **A estrutura de ‘Os Lusíadas’ e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edições 70.
- SENA, J. de (1980b). **Trinta anos de Camões: 1948-1978**. Lisboa: edições 70.
- SEQUEIRA, F. J. Martins. (1943). **Aspectos do Português Arcaico**. Lisboa: Tipografia União Gráfica.
- SILVA, M. (s/d). **A questão ortográfica na Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira: uma introdução**. In site:  
[http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/04\\_SILVA.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/04_SILVA.pdf)

- SILVA NETO, S. (1952). **História da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- SILVEIRA BUENO, F. da (1943). As mulheres que Camões amou. Arquivo Camoniano. Academia Brasileira de Letras. In CARVALHO, H. V. de (1976). **O erro de “Os Lusíadas”**. São Paulo: Global.
- SILVEIRA BUENO, F. da (1958). **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SOUSA, Ó. L. (1999). **Competência Ortográfica e Competências Lingüísticas**. Lisboa: ISPA.
- SOUSA da SILVEIRA (1960). **Lições de Português**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- SOUZA, N. de. **Estudos de alguns aspectos da ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha** (2002/127 p.). Campinas: IEL/UNICAMP, 2002.
- SOUZA, N. de (s/d ). A Nasalidade na Carta de Pero Vaz de Caminha. **Revista Philologus**, ano 13, no. 37. In: <http://www.filologia.org.br/revista/37/04.htm>
- SPINA, S. (1987). **História da língua portuguesa III. Segunda metade do século XVI e século XVII**. São Paulo: Ática.
- TEYSSIER, P. (1982). **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- VASCONCELOS, C. M. de (1959). **Lições de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VERA, A. F. de (1631). **Ortografia ou modo de escrever certo na Língua Portuguesa**. Lisboa: Impressor: Mathias Rodriguez. Versão digitalizada. In: <http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/617310.html>
- VISCONDE DE JUROMENHA (1864). **Obras de Luís de Camões**. Lisboa: Nacional.
- VISCONDE DE JUROMENHA (comentador) (1880). **Os Lusíadas**. Porto: Tipografia do Porto.
- WANKE, E. T. (1987). **A ortografia que nos atormenta. Reflexões e dados sobre a problema ortográfico e sugestões para a desburocratização da escrita**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Codpoe.
- WILLIAMS, E. B. (1975). **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

**Sites eletrônicos consultados:**

[http://www.vidaslusofonas.pt/luis\\_de\\_camoes.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/luis_de_camoes.htm)

<http://www.camoesluisvaz.html>

[www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes](http://www.educom.pt/proj/por-mares/camoes.htm#Vida%20%Camoes)

<http://www.revista.agulha.nom.br/camoes00html>

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/camilo02.htm>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://www.universal.pt>

[www.wikipedia.org.pt](http://www.wikipedia.org.pt)

# ANEXOS

## Anexo I - Retratos de Luís Vaz de Camões

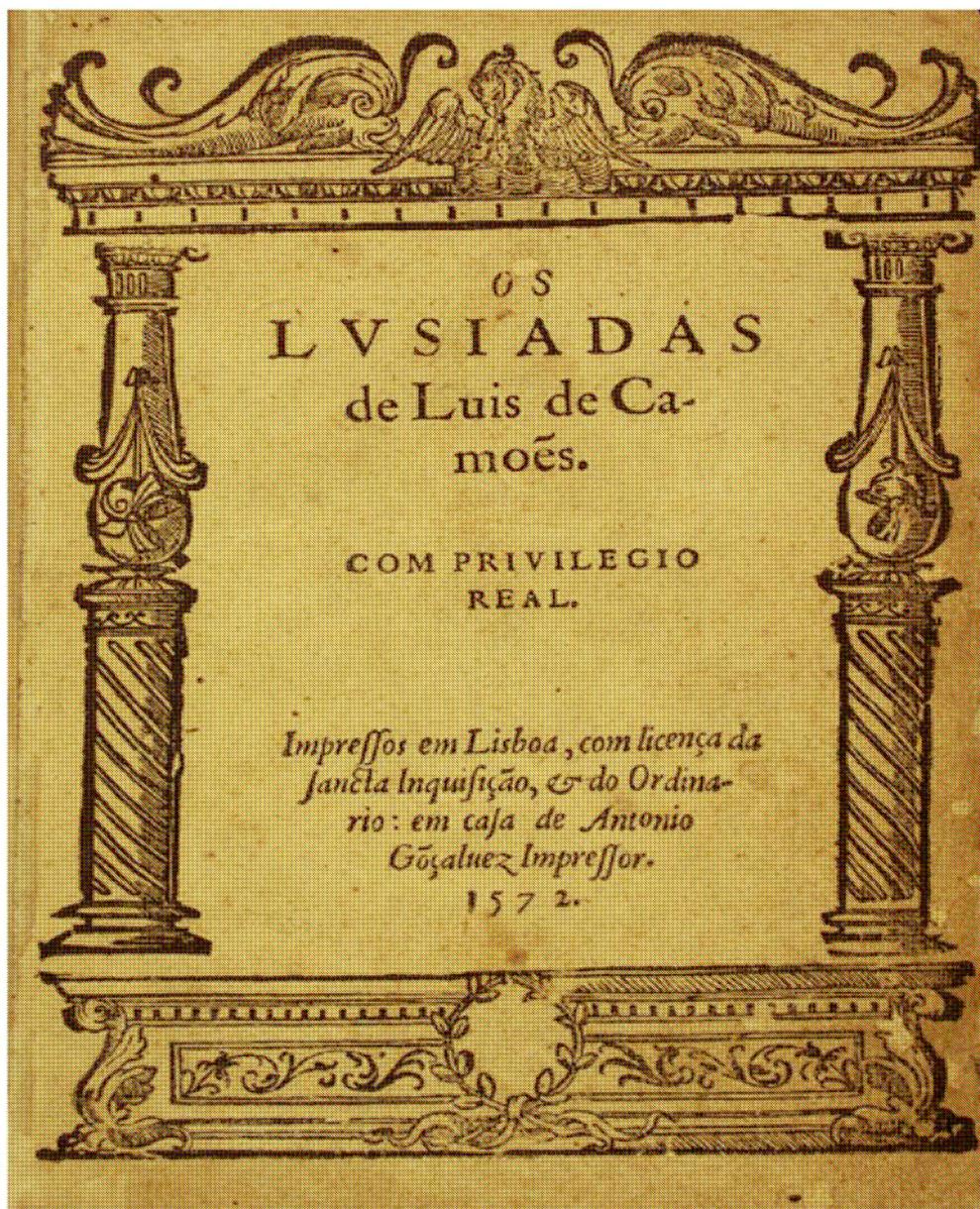


Fonte: [http://images.google.com.br/images?hl=ptR&q=retratos+de+camoes&lr=lang\\_pt&um=1&ie=UTF-8&ei=3xnnSrnFCoGwtgfitJXwBg&sa=X&oi=image\\_result\\_group&ct=title&resnum=1&ved=0CBIQsAQwAA](http://images.google.com.br/images?hl=ptR&q=retratos+de+camoes&lr=lang_pt&um=1&ie=UTF-8&ei=3xnnSrnFCoGwtgfitJXwBg&sa=X&oi=image_result_group&ct=title&resnum=1&ved=0CBIQsAQwAA)



Fonte: [http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&q=retratos+de+camoes&lr=lang\\_pt&um=1&ie=UTF-8&ei=3xnnSrnFCoGwtgfitJXwBg&sa=X&oi=image\\_result\\_group&ct=title&resnum=1&ved=0CBIQsAQwAA](http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&q=retratos+de+camoes&lr=lang_pt&um=1&ie=UTF-8&ei=3xnnSrnFCoGwtgfitJXwBg&sa=X&oi=image_result_group&ct=title&resnum=1&ved=0CBIQsAQwAA)

Anexo II – Folha de rosto d’*Os Lusíadas*, primeira edição de 1572



Fonte: [www.objetodigital.bn.br/acrevo\\_digital/div\\_obrasraras/or633602.pdf](http://www.objetodigital.bn.br/acrevo_digital/div_obrasraras/or633602.pdf)

**Anexo III** – Lista de palavras retiradas dos cinco Cantos iniciais d’*Os Lusíadas*

**CANTO I**

**emprego de m/n:**

armas (1e, v1)  
mares (1e, v5)  
passaram (1e, v7)  
prometia (1e, v9)  
tambem (2e, v1)  
musa (3e, v7)  
nunca (1e, v5)  
ainda (1e, v7)  
gente (1e, v10)  
Lusitano (3e, v5)  
hum (4e, v2)  
my (4e, v2)  
senpre (4e, v3)  
canora (5e, v3)  
canto (5e, v5)  
tam (5e, v8)  
Imperio (8e, v1)  
contemplo (9e, v2)  
templo (9e, v4)  
exemplo (9e, v6)  
nam (10e, v3)  
sam (11e, v5)  
excedem (11e, v6)  
lança (13e, v3)  
estranha (13e, v4)  
quinto (13e, v8)  
nem (14e, v1)  
sempre (14e, v4)  
quem (14e, v8)  
tem (14e, v8)  
comecem (15e, v5)  
singulares (15, v7)  
senhorio (16e, v5)  
tenro (16e, v7)

genro (16e, v8)  
Olimpia (17e v1)  
tempo (18e, v1)  
inquieta (19e, v1)  
inchando (19e, v4)  
consagrados (19e, v7)  
precedem (23e, v5)  
lenho (27e, v2)  
viagem (29e, v2)  
razões (30e, v4)  
banha (31e, v4)  
corações (33e, v5)  
infamia (34e, v5)  
debatem (34e, v7)  
permanecem (34e, v7)  
fauorecem (34e, v8)  
rompendo (35e, v3)  
som (35e, v5)  
determinaçam (40e, v2)  
omnipotente (42e,v2)  
entam (42e, v7)  
empresas (44e, v2)  
coração (44e, v3)  
companhia (45e, 1)  
longo (45e, v4)  
Phalton (46e, v6)  
eram (49e, 1)  
Mombaça (54e, v4)  
em fim (54e, v7)  
Moçambique (54e, v8)  
acharem (57e, v3)  
embandeirarse (59e, v5)  
lingoagem (62e, v4)  
bombas (68e, v1)  
bombardas (68e, v4)  
algum (69e, v6)  
gram (75e, v7)  
foram (78e, 5)  
com (78e, 8)  
trazem (79e, v5)  
tem (79e, v3)  
tençam (80e, v4)  
poem (85e, v8)  
plúmbea (89e, v3)  
retumba (89e, v3)

coraçam (89e, v5)  
esbombardea (90e, v4)  
sem (91e, 2)  
nem (93e, v4)  
vem (104e, v5)  
poem (105e, v7)

**emprego do til (~):**

edificarão (am) (1e, v10)  
sublimarão (am) (1e, v11)  
forão (2e, v2)  
andarão (am) (2e, v4)  
vão (2e, v6)  
nauegações (3e, v2)  
fizerão (3e, v2)  
tenhão (4e, v8)  
hũa (5e, v1)  
q̃ (6e, v7)  
vãs (11e, v1)  
deixarão (ão) (14e, v1)  
tês (40e, v2)  
nuuês (43e, v4)  
coração (44e, v3)  
razão (44e, v5)  
dezião (am) (45e, v7)  
terião (am) (45e, v6)  
embarcações (46e, v1)  
erão (46e, v1)  
dũas (46e, v4)  
algodão (47e, v1)  
algũs (52e, v8)  
crerão (am) (57e, v7)  
lũa (58e, 1)  
relação (64e, v3)  
lião (68e, v8)  
ajão (74e, v3)  
nações (78e, v5)  
homês (78e, v7)  
hũs (85e, v8)  
cães (87e, v6)  
pouação (90e, v3)  
mãÿ (90e, v8)  
arrombão (92e v5)  
tenção (94e, v6)

**emprego de s/ss/c/c/sc/xc/z:**

assinalados (1e, v1)  
esforçados (1e, v1)  
força (1e, v1)  
Lusitana (1e, v1)  
gloriosas (2e, v1)  
viciosas (2e, v3)  
Asia (2e, v4)  
valerosas (2e, v5)  
se (2e v6)  
cessem (3e, v1)  
sabio (3e, v1)  
nauegações (3e, v2)  
fizerão(3e, v2)  
callese (3e, v3)  
victorias (3e, v4)  
Lusitano (3e, v5)  
obedecerão (3e, v6)  
cesse (3e, v7)  
musa (3e, v7)  
sempre (3e, v7)  
verso (4e, v3)  
celebrado (4e, v3)  
vosso (4e, v4)  
som (4e, v5)  
sublimado (4e, v5)  
estillo (4e, v6)  
vossas (4e, v7)  
agreste (5e, v2)  
belicosa (5e, v3)  
gesto (5e, v6)  
famosa (5e, v5)  
sonorosa (5e, v1)  
vossa (5e, v6)  
vniuerso (5e, v7)  
sublime (5e, v8)  
preço (5e, v8)  
nascida (6e, v1)  
segurança (6e, v1)  
certissima (6e, v3)  
esperança (6e, v3)  
Christandade (6e, v4)  
lança (6e, v5)  
nossa (6e, v6)

florecente (7e, v1)  
Christo (7e, v2)  
nascida (7e, v3)  
cesaria (7e, v4)  
Christianissima (7e, v4)  
vosso (7e, v5)  
escudo (7e, v5)  
presente (7e, v5)  
amostra (7e v6)  
victoria (7e v6)  
passada (7e, v6)  
si (7e, v8)  
poderoso (8e, v1)  
Sol (8e, v2)  
nascendo (8e, v2)  
Hemispherio (8e, v3)  
dece (8, v4)  
esperamos (8e, v5)  
Ismaelita (8e, v6)  
sancto (8e, v8)  
magestade (9e, v1)  
nesse (9e, v2)  
gesto (9e, v2)  
mostra (9e, v3)  
sobindo (9e, v4)  
valerosos (9e, v7)  
numerosos (9e, v8)  
quase (10e, v2)  
ser (10e, v3)  
engrandecido (10e, v5)  
sois (10e, v6)  
senhor (10e, v6)  
superno (10e, v6)  
julgareis (10, v7)  
excelente (10e, v7)  
façanhas (11e, v1)  
fantasticas (11e, v2)  
mentirosas (11e, v2)  
estranhas (11e, v3)  
Musas (11e, v4)  
engrandecerte (11e, v4)  
excedem (11e, v6)  
Citera (12e, v4)  
doze (12e, v5)  
magriço (12e, v6)

illustre (12e, v7)  
França (13e, v1)  
Cesar (13e, v2)  
Afonso (13e, v3)  
lança (13e, v5)  
faz (13e, v4)  
segurança (13e v5)  
victoria (13e, v6)  
invicto (13e, v7)  
terceiro (13e, v8)  
esquecidos (14e, v1)  
fizerão (14e, v3)  
fortíssimo (14e, v5)  
castroforte (14e, v7)  
comecem (15e, v5)  
peso (15e v5)  
exércitos (15e, v7)  
pescoço (16e, v4)  
cerúleo (16e, v5)  
affeioada (16e, v7)  
deseja (16e, v8)  
paz (17e, v3)  
sanguinosas (17e, v4)  
verse (17e, v5)  
estio (18e, v4)  
vistos (18e, v7)  
costumaiuos (18e, v8)  
Occeano (19e, v1)  
inquieta (19e, v2)  
ondas (19e, v1)  
sam (19e, v2)  
Deoses (20e, v1)  
luminoso (20e, v1)  
esta (20e, v2)  
consilio (20e, v3)  
sobre (20e, v4)  
cousas (20e, v4)  
Ceo (20e, v5)  
Láctea (20e, v6)  
nasce (21e,v8)  
sol (21e, v8)  
assento (22e, v3)  
estrellas (22e, v3)  
luzentes (23e, v1)  
estauão (23e, v2)

assy (23e, v7)  
voz (23e, v8)  
começa (23e, v8)  
pensamento (24e, v4)  
certo (24e, 6)  
sesqueção (24e, v7)  
Assírios (24e, v8)  
Persas (24e, v8)  
Romanos (24e, v8)  
guarnecido (25e, v3)  
assi (25e, v7)  
vsadas (27e, v3)  
satreue (27e, v4)  
nasce (27e, v8)  
mostrada (27e, v8)  
experimentados (29e, v3)  
dezia (30e, v1)  
fortissima (30e, v2)  
caso (32e, v2)  
razões (30e, v4)  
consentia (30e, v5)  
Portugueses (32e, v8)  
rompese (35e, v6)  
consagrado (35e, v8)  
tràs (36e, v8)  
vençida (39e, v2)  
mereçe (39e, v8)  
excede (40e, v5)  
consentio (41e, v2)  
soccedeo (44e, v8)  
veloces (46e, v2)  
açenauão (48, v1)  
gesto (49, v3)  
descendente (53e, v6)  
assy (59e, v1)  
trazia (61e, v4)  
doçe (61e, v5)  
occulto (80e, v6)  
presago (84e, v8)  
embarçado (86e, v3)  
negaça (86e, v8)  
dizer (87e, v8)  
atroçe (88e, v5)  
Portuguesa (90e, v1)  
asetta (91e, v1)

prazer (93e, v3)  
fazer (93e, v3)  
excede (99e, v6)  
grauíssimos (105e, v5)  
necessidade (106e, v4)

**emprego de l/l – u/l:**

gloriosas (2e, v1)  
daquelles (2e, v2)  
dilatando (2e, v2)  
aquelles (2e, v5)  
valerosas (2e, v5)  
ley (2e, v6)  
callese (3e, v3)  
illustre (3e, v5)  
aleuanta (3e, v8)  
outro (3e, v8)  
frauta (5e, v2)  
liberdade (6e, v2)  
aumento (6e, v4)  
fatal (6e, v6)  
florecente (7e, v1)  
qual (7e, v7)  
deu (7e, v7)  
deixou (7e, v7)  
elle (7e, v8)  
tomou (7e, v8)  
alto (8e, v1)  
sol (8e, v2)  
caualleiro (8e, v6)  
oriental (8e, v7)  
gentio (8e, v7)  
templo (9e, v4)  
valerosos (9e, v7)  
vil (10e, v2)  
julgareis (10e, 7)  
excelente (10e, v7)  
qual (10e, v7)  
tal (10e, 8)  
fabulosas (11e, v6)  
parelles (12e, v4)  
polos (12e, v5)  
aquelle (12e, v7)

lança (13e, v3)  
qualquer (13e, v4)  
seu (13e, v5)  
outro (13e, v7)  
caualleiro (13e, v7)  
aurora (14e, v2)  
terribil (14e, v7)  
polo (15e, v6)  
mouro (16e, v1)  
bello (16e, v7)  
almas (16e, v2)  
angelica (17e, v3)  
polas (17e, v4)  
lento (18e, v1)  
falsos (18e, v5)  
vellas (19e, v4)  
luminoso (20e, v1)  
consilio (20e, v3)  
cristalino (20e, v5)  
gentil (20e, v8)  
ali (21e, v5)  
congelado (21e, v6)  
claro (21e, v8)  
vulcano (22e, v2)  
estrellas (22e, v3)  
rutilante (22e, v7)  
luzentes (23e, v1)  
ouro (23e, v2)  
valor (24e, v3)  
ella (24e, v7)  
alcançou (25, v7)  
fugio (26e, v8)  
lenho (27e, v2)  
altamente (31e, v7)  
tirou (32e, v2)  
elle (33e, v1)  
bella (33e, v1)  
qualidades (33e, v3)  
nella (33e, v3)  
tumulto (35e, v7)  
collo (36e, v7)  
elmo (37e, v1)  
pouco (37e, v2)  
aquillo (38e, v2)  
ouças (38e, v7)

pelo (41e, v5)  
altivo (44e, v3)  
della (45e, v6)  
deu (46e, v7)  
algodão (47e, v1)  
toucas (47e, v7)  
pela (50e, v2)  
cabellos (59e, v2)  
visibil (65e, v2)  
insensibil (65e, v4)  
papel (66e, v4)  
panellas (68e, v2)  
esperallo (80e, v6)  
cilladas (86e, v6)  
delle (95e, v6)  
ella (104e, v1)

**emprego de f/ff:**

esforçados (1e, v5)  
força (1e, v6)  
edificarão (1e, v8)  
foram (2e, v2)  
fizerão (3e, v2)  
furia (5e, v1)  
frauta (5e, v2)  
fatal (6e, v6)  
florecente (7e, v1)  
Afonso (13e, v3)  
Affrica (15e, v8)  
affeçoada (16e, v7)  
Affricana (29e, v6)  
infamia (34e, v5)  
Emispherio (38e, v3)  
offerece (44e, v2)  
Phaeton (46e, v6)  
effeito (61e, v4)  
Filipo (75e, v2)  
soffrer (75e, v5)  
soffre (87e, v2)  
affoga (92e, v3)  
informava (96e, v7)  
Phigios (98e, 2)  
edeficios (103e, v5)

### **emprego de j/ g/gu:**

perigos (1e, v5)  
guerras (1e, v5)  
gente (1e, v7)  
ajudar (2e, v8)  
engenho (2e, v8)  
grego (3e, v1)  
grandes (3e, v2)  
nauegações (3e, v2)  
Trajano (3e, v3)  
antigua (3e, v7)  
Tagides (4e v1)  
alegremente (4e, v4)  
agoas (4e, v7)  
agora (4e, v5)  
enueja (4e, v8)  
igoal (5e, v5)  
ajuda (5e, v6)  
cujo (8e, v1)  
gentio (8e, v7)  
magestade (9e, v1)  
gesto (8e, v2)  
ja (8e, v3)  
benignidade (8e, v5)  
deuulgado (9e, v8)  
pregão (10e, v4)  
julgareis (10e, v7)  
afigurado (16e, v2)  
gentio (16e, v3)  
jugo (16e, v4)  
genro (16e, v8)  
angelica (17e, v3)  
sanguinosas (17e, v4)  
regerdes (18e, v2)  
desejão (18e, v2)  
sejão (18e, v4)  
argento (18e, v5)  
lugar (17e, v7)  
Argonautas (18e, v6)  
vejão (18e, v6)  
largo (19e, v1)  
nauegauão (19e, v1)  
gado (19e, v8)  
gouerno (20e, v2)

ajuntão (20e, v3)  
glorioso (20e, v3)  
juntamente (20e, v6)  
gentil (20e, v8)  
regimento (21e, v1)  
juntos (21e, v5)  
congelado (21e, v6)  
antiguos (23e, v5)  
singelo (25e, v2)  
guarnecido (25e, v3)  
gloria (25e, v7)  
inimigo (26e, v3)  
obriga (26e, v5)  
fugio (26e, v8)  
longos (28e, v3)  
deseja (28e, v8)  
viagem (29e, v2)  
sejam (29e, v5)  
agasalhados (29e, v6)  
amigos (29e, v7)  
seguir (29e, v8)  
sojeitaria (31e, v3)  
antiga (31e, v6)  
sojugado (32e, v1)  
chegão (32e, v7)  
nauegão (32e, v8)  
lingoa (33e, v7)  
beligera (34e, v4)  
erguida (35e, v6)  
antiguo (36e, v3)  
obrigaua (36e, v3)  
seguro (37e, v2)  
juyz (38e, v7)  
ligeireza (40e, v5)  
logo (45e, v1)  
chegada (45e, v3)  
largo (45e, v4)  
algodão (47e, v1)  
adagas (47e, v6)  
verga (48e, v7)  
engeitão (49e, v8)  
perguntauão (50e, v1)  
lago (51e, v8)  
rega (52e, v2)  
nega (52e, v6)

algũs (52e, v8)  
estrangeiros (53e, v2)  
nauegais (55e, v1)  
guiados (55e, v4)  
regente (55e, v6)  
veja (55e, v7)  
proueja (55e, v8)  
cargo (56e, v7)  
consigo (57e, v5)  
argenteas (58e, v2)  
vigiaua (58e, v7)  
ligeiras (60e, v2)  
lingoagem (62e, v4)  
estrangeiro (62e, v3)  
perguntando (62e, v7)  
geraçam (64e, v5)  
obriço (66e, v7)  
diligentes (67e, v1)  
seguras (67e, v1)  
espingardas (67e, v6)  
fogo (68e, v1)  
juntamente (68e, v1)  
generoso (68e, v5)  
fingimento (69e, v6)  
imagina (69e, v8)  
enganosa (72e, v3)  
fingido (72e, v4)  
cognito (72e, v8)  
imaginaua (73e, v7)  
ajão (74e, v3)  
indignado (76e, v6)  
sanguinolentos (79e, v2)  
geito (81e, v1)  
portugues (82e, v7)  
sangue (82e, v8)  
sagaz (83e, v3)  
presago (84e, v8)  
azagaya (86e, v3)  
guerreiro (86e, v5)  
negaça (86e, v8)  
adarga (87e, v3)  
perigosa (87e, v3)  
portugueses (87e, v4)  
generosa (87e, v5)  
cornigera (88e, v6)

seguindo (90e, v2)  
caualgada (90e, v5)  
carregadas (92e, v1)  
diligente (92e, v2)  
affogo (92e, v3)  
pangaios (92e, v6)  
despojo (93e, v2)  
agoada (93e, v3)  
magoada (93e, v5)  
antigo (93e, v6)  
guiar (94e, v7)  
agasalhado (95e, v6)  
mensageiro (95e, v7)  
chegue (97e, v4)  
rogaua (98e, v7)  
segue (99e, v4)  
regimento (102e, v2)  
guardadora (102e, v7)  
indigne (106e, v7)

**emprego de ch/nh/lh – h/falta do h:**

humana (1e, v6)  
espalharey (2e, v7)  
engenho (2e, v8)  
humilde (4e, v3)  
hum (4e, v5)  
Phebo (4e, v7)  
Hypocrene (4e, v8)  
hũa (5e, v1)  
espalhe (5e, v7)  
Christandade (6e, v4)  
marauilha (6e, v6)  
Hemispherio (8e, v3)  
he (é) (10e, v3)  
conhecido (10e, v3)  
senhor (10e, v6)  
façanhas (11e, v1)  
estranhas (11e, v3)  
tamanhas (11e, v5)  
sonhadas (11e, v6)  
hũ (12e, v3)  
chora (14e, v6)  
olhos (16e, v1)

Theitis (16e, v5)  
aparelhado (16e, v6)  
batalhas (17e, v4)  
velho (20e, v8)  
lhe (21e, v2)  
horrendo (23e, v8)  
honrrados (23e, v5)  
castelhano (25e, v5)  
tropheos (25e, v8)  
honras (34e, v6)  
hũa (37e, v5)  
Emispherio (38e, v3)  
alhea (39e, v7)  
Ethiopia (43e, v6)  
inhabitada (44e, v6)  
companhia (45e, v1)  
Phaeton (46e, v6)  
auiã (49e, v6)  
enchem (49e, v7)  
himos (50e, v8)  
ahitais (52e, v6)  
Abrahão (53e, v6)  
habitamos (54e, v1)  
habitãla (-la) (54e, v6)  
acharem (57e, v3)  
inhumanas (60e, v4)  
deshonra (65e, v5)  
chuças (67e, v8)  
ajão (hajam) (74e, v3)  
Nabatheos (84e, v2)  
abitou (98e, v4)  
ho (o) (99e, v1)  
cythere (100e, 2)  
citara (12e, v4)  
ilha (101e, v7)  
Mahomede (102e, v4)  
hum (103e, v2)  
hũa (103e, v2)  
bicho (106e, v8)

**emprego de x:**

Alexandro (3e, v3)  
excelente (10e, v7)  
excedem (11e, v6)

deixou (13e, v6)  
deixarão (am)  
exercitos (15e, v7)  
exicio (16e, v2)  
abaixo (23e, v2)  
deixo (26e, v1)  
roxa (28e, v4)  
experimentados (29e, v3)  
pexes (42e, v8)  
exarcia (62e, v2)  
coxa (73e, v2)  
debaixo (75e, v4)  
xeque (77e, v8)  
roxo (82e, v8)  
debaxo (105e, v2)

**emprego de r/rr:**

armas (1e, v1)  
barões (1e, v1)  
mares (1e, v3)  
perigos (1e, v5)  
guerras (1e, v5)  
esforçados (1e, v5)  
prometia (1e, v6)  
força (1e, v6)  
entre (1e, v7)  
remota (1e, v7)  
Reino (1e, v8)  
memorias (2e, v1)  
gloriosas (2e, v1)  
Reis (2e, v2)  
terras (2e, v3)  
obras (2e, v5)  
ajudar (2e, v8)  
Grego (3e, v1)  
Alexandro (3e, v3)  
Trajano (3e, v3)  
criado (4e, v1)  
verso (4e, v3)  
celebrado (4e, v3)  
rio (4e, v4)  
corrente (4e, v6)  
furia (5e, v1)

frauta (4e, v2)  
ruda (5e, v2)  
preço (5e, v8)  
tenro (7e v1)  
derradeiro (8, v4)  
Rio (8e, v8)  
real (9e, v5)  
Rodamonte (11e, v7)  
Rugeiro (11e, v7)  
Reino (12e, v2)  
tenro (16e, v7)  
genro (16e, v8)  
honrrados (23e, v5)  
horrendo (23e, v8)  
arrecea (34e, v5)  
serra (35e, v6)  
derredor (47e, v3)  
corrido (50e, v4)  
encerrou (56e, v5)  
desonra (65e, v5)  
verrenoso (70e, v6)  
auorrecido (73e, v4)  
erra (85e, v5)  
corro (88e, v1)  
cerra (v.) (88e, v7)  
derriba (88e, v8)  
carregadas (92e, v1)  
arrombão (92e, v5)

**emprego de i/y:**

praya (1e, v2)  
ainda (1e, v4)  
mais (1e, v6)  
prometia (1e, v6)  
Reino (1e, v8)  
memorias (2e, v1)  
gloriosas (2e, v1)  
Reis (2e, v2)  
dilatando (2e, v2)  
Império (2e, v3)  
viciosas (2e, v3)  
Ásia (2e, v4)  
ley (2e,v6)

espalharey (2e, v7)  
sabio (3e, v1)  
peyto (3e, v5)  
illustre (3e, v5)  
pois (4e, v1)  
my (4e, v2)  
humilde (4e, v3)  
foy (4e,v4)  
rio (4e, v4)  
daime (-me) (4e, v5)  
furia (5e, v1)  
peito (5e, v4)  
igoal (5e, v4)  
feitos (5e, v5)  
cesaria (7e, v4)  
deixou (7e, v7)  
primeiro (8e, v2)  
meio (8e, 3)  
Hemispherio (8e, v3)  
deixa (8e, v4)  
derradeiro (8e, v4)  
idade (6e, v6)  
vituperio (8e, v5)  
Ismaelita (8e, v6)  
Oriental (8e, v5)  
gentio (8e, v7)  
inda (8e, v8)  
inclinay (9e, v1)  
inteira (9e, v3)  
yreis (9e, v4)  
vereis (9e, v6)  
patrios (9e, v7)  
feitos (9e, v7)  
patria (10e, v1)  
premio (10e, v2)  
vil (10e, v2)  
sois (10e, v6)  
julgareis (10e, v7)  
Rugeiro (11e, v7)  
darey (12e, v1)  
pois (12e, v5)  
quereis (13e, v2)  
igual (13e, v2)  
memoria (13e, v2)  
primeiro (13e, v3)

gloria (13e, v4)  
Ione (13e, v7)  
terceiro (13e, v8)  
bandeira (14e, v4)  
tomay (15e, v3)  
dareis (15e, v4)  
feito (15e, v7)  
inclinado (16e, v4)  
day (18e, v3)  
yrado (18e, v7)  
Ia (19e, v1)  
inquieta (19e, v2)  
foi (21e, v2)  
foy (25e, v1)  
rayos (22e, v2)  
abaixo (23e, v2)  
Iupiter (23e, v7)  
assy (23e, v7)  
fugio (26e, v8)  
vias (27e, v3)  
dia (27e, v6)  
perfia (27e, v7)  
ley (28e, v2)  
viagem (29e, v2)  
seguir (29e, v8)  
dezia (30e, v1)  
difiria (30e, v3)  
consentia (30e, v5)  
viria (31e, v1)  
sojeitaria (31e, v3)  
Índia (31e, v4)  
venceria (31e, v5)  
Indo (32e, v1)  
infâmia (34e, v5)  
porfia (36e, v2)  
merecia (36e, v4)  
deitado (36e, v8)  
irado (36e, v8)  
muy (37e, v2)  
folio (37e, v6)  
criaste (38e, v2)  
valia (38e, v4)  
juyz (38e, v7)  
direito (38e, v7)  
sospeito (38e, v8)

Mercurio (40e, v5)  
cuydaua (44e, v8)  
eis (45e, v1)  
companhia (45e, v1)  
bateis (45e, v2)  
parecia (45e, v3)  
alegria (45e, v5)  
ayroso (47e, v4)  
ligeiras (48e, v3)  
amainassem (48e, v7)  
marinheiros (48e, v5)  
amainase (48e, v7)  
subia (49e, v2)  
recebia (49e, v4)  
auia (49e, v6)  
deitão (49e, 7)  
engeitão (49e, v80)  
lei (53e, 2)  
mãe (53e, v8)  
pay (53e, v8)  
tereis (55e, v3)  
anoyte (57e, v1)  
cuydada (57e, v2)  
cuyda (57e, v5)  
rayos (58e, v1)  
así (59e, v1)  
ley (63e, v2)  
ey (64e, v3)  
my (64e, v4)  
foy (71e, v1)  
juyzo (71e, v6)  
destruydo (73e, v6)  
rayo (74e, v1)  
decerey (76e, v5)  
reuoluerey (76e, v6)  
yra (76e, v7)  
yrado (77e, v1)  
muy (77e, v8)  
sey (80e, v1)  
sey (80e, v1)  
yr (80e, v5)  
descuydada (80e, v7)  
destruydos (81e, v2)  
vay (85e, v7)  
azagaya (86e, v3)

saya (86, v5)  
muytos (86e, v5)  
mãÿ (90e, v8)  
cythere (100e, v2)

**emprego de u/v:**

deuastando (2e, v4)  
ajudar (2e, v8)  
nauegações (3e, v2)  
victorias (3e, v4)  
tiuerão (3e, v4)  
eu (3e, v5)  
lusitano (3e, v5)  
quem (3e, v6)  
antgua (3e, v7)  
outro (3e, v8)  
valor (3e, v8)  
aleuanta (3e, v8)  
vos (4e, v1)  
nouo (4e, v2)  
verso (4e, v3)  
enueja (4e, v8)  
uena (5e, v2)  
frauta (5e, v2)  
vniuerso (5e, v7)  
marauilhas (6e, v6)  
aruore (7e, v2)  
vedeo (7e, v5)  
deu (7e, v7)  
deixou (7e, v7)  
vê (8e, v2)  
veo (8e, v3)  
vereis (9e, v6)  
valerosos (9e, v7)  
deuulgado (9e, v8)  
vil (10e, v2)  
ouui (10e, v5)  
louuar (11e, v3)  
verdadeiras (11e, v5)  
vão (11e, v7)  
daruos (12e, v5)  
douuos (12e, v7)  
vede (13e, v3)

qualquer (13e, v4)  
inucto (13e, v7)  
caualleiro (13e, v7)  
atreuo (15e, v2)  
ouuido (15e, v4)  
compraruos (16e, v8)  
auôs (17e, v2)  
verse (17e, v5)  
valerosas (17e, v6)  
pouos (18e, v2)  
fauor (18e, v3)  
dayuos (18e, v3)  
atreuimento (18e, v3)  
argonauta (18e, v6)  
vejão (18e, v6)  
vistos (18e, v7)  
costumaiuos (18e, v8)  
inuocado (18e, v8)  
ventos (19e, v3)  
concauas (19e, v4)  
gouerno (20e, v2)  
couocadas (20e, v7)  
velho (20e, v8)  
estaua (22e, v1)  
vibra (22e, v2)  
respiraua (22e, v5)  
seuero (22e, v4)  
diuino (22, v5)  
voz (23e, v8)  
graue (23e, v8)  
deueis (24e, v5)  
Arua (26e, v8)  
duvidoso (27e, v2)  
vsadas (27e, v2)  
auendo (27e, v5)  
viagem (29e, v2)  
palauras (30e, v1)  
voas (32e, v6)  
nuuês (43e, v4)  
mostraua (43e, v7)  
laua (43e, v8)  
altiuo (44e, v3)  
touca (47e, v7)  
vão (47e, v8)  
vellas (48e, v7)

verga (48e, v7)  
auia (49e, v6)  
diversos (51e, v4)  
vos (vós) (52e, v6)  
repousauão (58e, v5)  
vsado (61e, v6)  
vso (62e, v3)  
usauãos (73e, v7)  
vrdido (79e, v5)  
vrdia (96e, v6)

### **empregos de vogais duplas:**

fee (2e, v3)  
aas (4e, v8)  
pee (36e, v5)  
aa (46e, v7) (73e, v2)

### **acrécimo ou falta de letras:**

aleuanta (3e, v8)  
victorias (3e, v4)  
Neptuno (3e, v6)  
Leuantaua (36e, v5)  
Aleuantando (37e, v2)  
feos (52e, v4)  
Deos (6e, v7)  
Enéas (12e, v8)  
cepro (22e, v7)  
perlas (23e, v2)  
omnipotente (42e, v2)  
pexes (42e, v8)  
Indo (índio) (52e, v2)  
India (70e, v2)  
Neptunina (58e, v2)  
apousentos (60e, v5)  
escripto (66e, v5)  
dem (dêem) (68e, v4)  
Dauid (71e, v4)  
apousento (72e, v8)  
captiuarem (79e, v8)  
cos (80e, v5)  
aleuante (83e, v8)

amostrando (87e, v6)  
almadias (92e, v1)  
captiueiro (97e, v3)  
auendo (97e, v7)  
abitou (98e, v4)  
baptizado (104e, v3)  
debaxo (105e, v2)  
abaixo (23e, v2)

**palavras juntadas/separadas:**

callese (3e, v3)  
daimo (4e, v5)  
engrandecerte (11e, v4)  
paelles (12e, v4)  
douuos (12e, v7)  
en quanto (15e, v1)  
day vos (18e, v3)  
sesqueção (24e, v7)  
em fim (25e, v7)  
se estende (34e, v4)  
rompense (35e, v6)  
por que (36e, v3)  
em quanto (42e, v1)  
se offerece (44e, v2)  
sacabassem (48e, v6)  
encima (48e, v8)  
dum (51e, v5)  
habitata (54e, v6)  
chamase (54e, v8)  
anoyte (57e, v1)  
embandeirarse (59e, v5)  
dalhe (61e, v3) (61e, v5)  
prometelhos (70e, v5)  
dizlhe (70e, v3)  
partiose (72e, v1)  
se escureça (74e, v8)  
semetesse (75e, v3)  
falarlhe (78e, v1)  
esperallo (80e, v6)  
coelle (com ele) (83e, v6)  
foilhe (85e, v3)  
andarlhe (87e, v6)  
comprala (90e, v6)

acolherse (106e, v5)

**troca de letras:**

valerosas (2e, v5)  
agoas (4e, v7)  
enueja (4e, v8)  
frautas (5e, v2)  
igoal (5e, v5)  
gentio (8e, v7)  
magestade (9e, v1)  
sobindo (9e, v4)  
terribil (14e, v7)  
polo (15e, v6)  
dous (17e, v2)  
polas (17e, v4)  
escuma (19e, v5)  
cubertos (19e, v6)  
cousas (20e, v4)  
fermoso (20e, v5)  
cum (25e, v2)  
com (26e, v3)  
dezia (30e, v1)  
difiria (30e, v3)  
sojeitaria (31e, v3)  
impito (35e, v4)  
antre (36e, v5)  
tremeo (37e, v7)  
ceo (37e, v7)  
perdeo (37e, v8)  
infiado (37e, v8)  
sospeito (38e, v8)  
estamago (39e, v6)  
consentio (41e, v2)  
valeroso (41e, v3)  
partio (41e, v6)  
reaes (41e, v7)  
fermosa (42e, v1)  
omnipotente (42e, v2)  
veloces (46e, v2)  
tarçados (47e, v6)  
cós (48e, v1)  
pera (48e, v4)  
insinou (53e, v5)

fermosas (59e, v2)  
naos (60e, v2)  
si (60e, v2)  
dizia (62e, v7)  
visibil (65e, v2)  
inuisibil (65e, v2)  
insensibil (65e, v4)  
insufribil (65e, v6)  
padeceo (65e, v6)  
deceo (65e, v7)  
lião (68e, v8)  
vio (69e, v2)  
supito (71e, v2)  
sequaces (71e, v3)  
auorrecido (73e, v4)  
Deoses (75e, v1)  
dereita (76e, v7)  
quase (77e, v1)  
milhor (77e, v5)  
molheres (79e, v8)  
jeito (81e, v1)  
descuberto (89e, v8)  
meudas (92e, v5)  
sotis (92e, v6)  
inica (94e, v2)  
contrairos (100e, v7)  
contrario (75e, v4)  
edeficios (103e, v5)  
cuberto (105e, v2)

**acento/falta de acento:**

alem (1e, v4)  
memorias (1e, v4)  
tambem (2e, v1)  
Affrica (2e, v4)  
Asia (2e, v4)  
victorias (3e, v4)  
vos (4e, v1)  
Tagides (4e, v1)  
furia (5e, v1)  
ò (6e, v1)  
certissima (6e, v3)  
aruore (7e, v2)

Imperio (8e, v2)  
ve (vê) (8e, v2)  
Hemispherio (8e, v3)  
vituperio (8e, v5)  
patrios (9e, v7)  
patria (10e, v2)  
premio (10e, v2)  
he (é) (10e, v7)  
fantasticas (11e, v2)  
Eneas (12e, v8)  
gloria (13e, v4)  
prospera (13e, v6)  
terribil (14e, v7)  
fortissimo (14e, v5)  
redeas (15e, v3)  
materia (15e, v4)  
exercito (15e, v7)  
tém (16e, v1)  
vè (16e, v2)  
ja (16e, v4)  
Olimpia (17e, v1)  
auôs (17e, v2)  
maritimas (18e, v7)  
concauas (19e, v4)  
està (20e, v2) (28e, v1)  
consilio (20e, v3)  
so (só) (21e, v3)  
ceo (21e, v4)  
tornàra (22e, v6)  
atras (26e, v1)  
espírito (26e, v8)  
proposito (27e, v7)  
vé (28e, v4)  
Venus (33e, v1)  
Lingoa (33e, v7)  
ha (34e, v3)  
infamia (34e, v5)  
impito (35e, v4)  
trás (36e, v8)  
Tisêo (42e, v7)  
promontorio (43, v5)  
bateis (45e, v2)  
à (45e, v3) (63e, v3)  
várias (47e, v2)  
ancora (48e, v8)

proprios (53e, v3)  
necessaria (54e, v5)  
necessario (55e, v8)  
crerão (-am) (57e, v7)  
porem (58e, v7)  
estenderão (57e, v8)  
dâ (61e, v6)  
maritima (72e, v1)  
barbara (62e, v4)  
fê (63e, v2)  
visibil (65e, v2)  
vituperio (65e, v5)  
veras (66e, v7)  
laminas (67e, v4)  
sulfureas (68e, v2)  
animo (68e, v5)  
odio (69e, v3)  
mà (69e, v4) (71e, v1)  
sera (76e, v1)  
yra (76e, v7)  
sabio (77e, 8)  
incendios (79e, v4)  
agoa (84e, v4)  
contrario (85e, v4)  
cre (85e, v6)  
tres (85e, v8)  
almádias (92e, v1)  
malicia (92e, v8)  
resistencia (93e, v4)  
Nerêo (96e, v3)  
maleuolo (97e, v2)  
dadiuas (98e, v7)  
terà (106e, v6)  
Moçambiquê (99e, v7)  
Quíloa (99e, v8)  
lá (100e, v1)  
leuarão (101e, v6)  
edeficios (103e, v5)

## CANTO II

### emprego de m/n:

meta (1e, v3)  
marítima (1e, v5)  
ancorarão (1e, v8)  
dantre (2e, v1)  
hum (2e, v1)  
Neptuno (2e, v4)  
reyno (2e, v4)  
nam (2e, v7)  
necessário (2e, v8)  
estremo (3e, v1)  
gente (3e, v6) (6e, v8)  
gête (6e, v4)  
cansada (3e, v6)  
reformada (3e, v7)  
canella (4e, v3)  
tam (4e, v7)  
não (5e, v3)  
porem (5e, v5)  
comprirà (5e, v7)  
perguntalhe (6e, v1)  
mensageiro (6e, v3)  
canta (6e, v6)  
podessem (7e, v3)  
vontade (8e, v2)  
contrario (8e, v4)  
companhia (8e, v5)  
apresentarão (9e, v1)  
mostrarem (9e, v6)  
nauegante (10e, v4)  
humano (10e, v6)  
sumptuoso (10e, v8)  
virgem (11e, v4)  
lingoas (11e, v7)  
poem (12e, v3)  
com (13e, v2)  
co (16e, v1) (38, v2)  
cos (68e, v4)  
bom (13e, v2)  
num (13e, v6)  
enchia (16e, v5)  
vinhão (16e, v7)  
crem (crêem) (16e, v7)  
Moçambique (17e, v8)  
ancoras (18e, v1)

inclinão (18e, v3)  
propondo (19e, v5)  
erguendo (20e, v1)  
abrem (20e, v7)  
hombros (21e, v1)  
repartense (21e, v7)  
Nimphas (23e, v7)  
ande (hão de) (25e, v8)  
encima (26e, v3)  
tempo (27e, v2)  
nalgum (32e, v5)  
cum (37e, v1)  
sembrante (38e, v1)  
em fim (enfim) (39e, v8)  
impidíra (41e, v6)  
não (44e, v1)  
algum (44e, v2)  
ninguem (44e, v3)  
triumphos (51e, v4)  
triumphando (54e, v4)  
antam (então) (60e, v7)  
tens (62e, v1)  
tês (61e, v6)  
condiçam (71e, v2)  
ennobrece (70e, v6)  
sam (são) (76e, v1)  
nenhũ (83e, v8)  
enchem se (89e, v5)

**emprego do til (~):**

abrído (1e, v6)  
chegarão (am) (1e, v7)  
assi (2e, v2)  
não (5e, v4)  
estão (6e, v1)  
gête (6e, v4)  
gente (6e, v8)  
algũs (7e, v1)  
vejão (7e, v7)  
desejão (7e, v8)  
apresentarão (9e, v1)  
trazião (9e, v2)  
notarão (9e, v3)

querião (9e, v4)  
mãis (10e, v3)  
nũa (numa) (10e, v5)  
cayrão (11e, v7)  
forão (13e, v1)  
tornão (14e, v1)  
vîrão (15e, v1)  
agasalhàrão (15e, v3)  
vinhão (16e, v7)  
monições (17e, v2)  
treição (17e, v5)  
vão (18e, v1)  
inclinão (18e, v3)  
hũa (18e, v8)  
hião (21e, v8)  
inchãdo (22e, v4)  
desuiauão (22e, v8)  
exercitão (23e, v1)  
mareão (24e, v3)  
cuydão (25e, v7)  
rãs (27e, v2)  
hûs (34e, v6)  
matàrão (35e, v7)  
acabàrão (35e, v8)  
esparzião (36e, v1)  
colūnas (36e, v7)  
instâte (38e, v5)  
nehũa (38e, v7)  
vão (40e, v2)  
estado (47e, v6)  
hão (47e, v8)  
verão (50e, v7)  
mãda (56e, v7)  
tês 61, v6)  
tens (62e, v1)  
fogirão (66e, v8)  
auião (havam) (60e, v5)  
tão (69e, v1)  
mãos (69e, v2)  
dãno (69e, v8)  
achàrão (70e, v8)  
louuão (71e, v1)  
soão (73e, v7)  
sam (73e, v7)  
q̃ (74e, v7)

geração (81e, v1)  
nenhũ (83e, v8)  
louuauão (85e, v3)  
vsãda (87e, v2)  
munições (88e, v8)  
festejauuão (89e, v8)  
faltão (90e, v1)  
ferião (90e, v7)  
mãe (92e, v3)  
vião (93e, v1)  
lãa (93e, v7)  
algodão (94e, v8)  
botões (98e, v1)  
nuuês (100e, v6)  
cũas (com umas) (101e, v5)  
viuirão (105e, v8)

**emprego de s/ss/c/c/sc/xc/z:**

lucido (1e, v1)  
traz (2e, v1)  
assi (2e, 2)  
dezia (2e, v2)  
valeroso (2e, v3)  
aluoroçado (2e, v5)  
agasalharte (2e, v7)  
necessario (2e, v8)  
estremo (3e, v1)  
extrema (50e, v7)  
cousa (3e, v2)  
cansada (3e, v6)  
produze (4e, v2)  
mensageiro (6e, v3)  
fantasia (6e, v6)  
podessem (7e, v3)  
duuidosos (7e, v4)  
desejão (7e, v8)  
despois (6e, v1)  
apresentarão (9e, v1)  
trazião (9e, v2)  
cautelosos (9e, v5)  
nascido (10e, v2)  
sumptuoso (10e, v8)  
spirito (11e, v2)

debuxada (11e, v3)  
excelentes (12e, v5)  
apareceo (13e, v7)  
Orizonte (13e, v7)  
moça (13e, v8)  
sincêro (14e, v4)  
agasalhãrão (15e, v3)  
monições (17e, v2)  
treição (traição) (17e, v5)  
incautos (17e, v7)  
Moçambique (17e, v8)  
ancoras (18e, v1)  
tenaces (18e, v1)  
assinalada (18e, v6)  
Ceo (18e, v8)  
cerulea (19e, v2)  
nasceo (19e, v3)  
deceo (19e, v5)  
escuma (20e, v2)  
doçe (21e, v3)  
fermosa (21e, v4)  
Deosa (22e, v1)  
exercitão (23e, v1)  
Portuguesa (23e, v8)  
ameaçando (24e, v6)  
celeuma (25e, v1)  
veloces (26e, v2)  
encima (26e, v3)  
prouidencia (31e, v1)  
aparencia (31e, v3)  
prudencia (31e, v5)  
misera (32e, v2)  
conduzirmos (32e, v6)  
piadosas (33e, v1)  
fermosa (33e, v2)  
saudosas (32e, v3)  
terceyra (32e, v6)  
esparzião (36e, v1)  
cendal (37e, v1)  
ciúmes (37e, v8)  
aqueixa (queixa) (38e, v5)  
yroso (39e, v5)  
façase (39e, v7)  
assentarey (39e, v8)  
façe (42e, v6)

saluços (43e, v2)  
acrecenta (43e, v4)  
Piadoso (45e, v5)  
Scila (45e, v6)  
belacissimos (46e, v3)  
inexpugnabil (50e, v1)  
exalçada (51e, v5)  
mereça (52e, v8)  
incendios (54e, v2)  
resuscitassem (55e, v8)  
receyo (56e, v4)  
deçe (57e, v2)  
obedeçe (57e, v6)  
adormece (57e, v4)  
arreceia (60e, v6)  
apareçe (61e, v1)  
teçe (61e, v3)  
fauoreçe (61e, v5)  
quase (63e, v3)  
sprito (64e, v7)  
mansamente (66e, v3)  
assopralhe (67e, v3)  
arreceaua (68e, v7)  
insinasse (70e, v5)  
condiçam (71e, v2)  
sojeito (72e, v7)  
deixada (74e, v4)  
engrandece (70e, v2)  
merece (70e, v4)  
ennobrece (70e, v6)  
deixada (74e, v4)  
excedia (76e, v8)  
debaxo (77e, v7)  
creçe (77e, v7)  
endureçe (77e, v8)  
Iustiça (79e, v2)  
cubiçadas (80e, v4)  
geração (81e, v1)  
vsãça (81e, v2)  
tençam (81e, v5)  
obedecido (83e, v6)  
exercicio (84e, v1)  
desobedeça (84e, v4)  
mercês (84e, v5)  
Embaixador (86e, v2)

preminencia (87e, v2)  
obediência (87e, v4)  
consentirey (87e, v6)  
excelência (87e, v6)  
arteficio (90e, v1)  
zonido (91e, v2)  
pescoço (95e, v3)  
enxerido (97e, v2)  
horrissimo (97e, v6)  
guarnecido (98e, v1)  
carmesi (98e, v8)  
offereçe (102e, v1)  
falleçe (102e, v3)  
conheçe (102e, v5)  
aduersidade (104e, v3)  
experimenta (104e, v4)  
reçebemos (104e, v7)  
apacentar (105e, v5)  
vezinhos (108e, v7)  
valeroso (109e, v1)  
resplandeçe (111e, v5)

### **emprego de l/ll – u/l:**

lúcido (1e, v1)  
elles (2e, v1)  
valeroso (2e, v3)  
aluoroçado (2e, v5)  
cousa (3e, v2)  
debil (3e, v6)  
aurifero (4e, v2)  
canella (4e, v3)  
algũs (7e, v1)  
dous (7e, v5)  
Mouros (7e, v6)  
daquillo (9e, v4)  
aquelle (10e, v1)  
naquelle (12e, v4)  
excellentes (12e, v5)  
cautamente (17e, v1)  
nelles (17e, v4)  
incautos (17e, v7)  
vellas (18e, v3)  
aluas (19e, v1)

doutro (26e, v5)  
seluatica (27e, v1)  
Estrellas (32e, v4)  
cendal (37e, v1)  
ciumes (37e, v8)  
affabil (39e, v3)  
falla (41e, v6)  
exalçada (51e, v5)  
cauallos (62e, v4)  
aaquella (73e, v1)  
caualleiros (76e, v3)  
fallando (78e, v8)  
mollesto (86e, v7)  
almàdias (88e, v2)  
douro (98e, v1)  
bella (99e, v8)  
falleçe (102e, v3)  
sabellas (109e, v8)

**emprego de f/ff:**

mortifero (2e, v2)  
aurifero (4e, v2)  
salutifera (4e, v4)  
fantasia (6e, v6)  
fabricaua (10e, v7)  
affigurada (11e, v1)  
referirão (11e, v8)  
affabil (39e, v3)  
offerecimentos (76e, v2)  
offereçe (102e, v1)

**emprego de j/g/gu:**

chegaua (1e, v3)  
agasalharte (2e, v7)  
gente (3e, v6)  
rigido (4e, v6)  
perguntalhe (6e, v1)  
mensageiro (6e, v3)  
gête (6e, v4)  
algũs (7e, v1)  
vejão (7e, v7)

desejão (7e, v8)  
virgem (11e, v4)  
lingoas (11e, v7)  
giolhos (12e, v3)  
gouernava (12e, v4)  
Portugues (14e, v5)  
geito (17e, v7)  
agoas (19e, v4)  
argenteas (20e, v2)  
ligeiras (21e, v8)  
entregarse (26, v8)  
alagoa (27e, v1)  
fogir (27e, v6)  
fugir (29e, v3)  
guiâra (28e, v1)  
malina (maligna) (32e, v4)  
seguila (41e, v7)  
algum (44e, v2)  
ninguem (44e, v3)  
Ogigia (45e, v2)  
inexpugnabil (50e, v1)  
enuejoso (50e, v5)  
longico (54e, v6)  
imiga (59e, v4)  
fogirão (66e, v8)  
engrandece (70e, v2)  
estamago (85e, v3)  
algodão (94e, v8)  
guarnecido (98e, v1)  
gibão (98e, v6)  
trajo (99e, v4)  
geração (109e, v5)  
aumentajado (113e, v6)

**emprego de ch/nh/lh – h/falta do h:**

horas (1e, v2)  
chegaua (1e, v3)  
chegarão (1e, v7)  
hum (2e, v1)  
agasalharte (2e, v7)  
companhia (8e, v5)  
alheio (9e, v8)  
humano (10e, v6)

habito (10e, v6)  
giolhos (12e, v3)  
Panchaia (12e, v6)  
Thioneû (12e, v7)  
honesto (13e, v2)  
Orizonte (13e, v7)  
auer (14e, v6)  
auiã (14e, v7)  
enchia (16e, v5)  
vinhão (16e, v7)  
hũa (18e, v8)  
hombros (21e, v1)  
hião (21e, v8)  
Nimphas (23e, v7)  
horrida (25e, v4)  
auendo (29e, v8)  
o (oh) (30e, v1)  
humana (30e, v8)  
Esphera (32e, v6)  
hia (34e, v1)  
hũs (34e, v6)  
he (é) (37e, v2)  
nehũa (38e, v7)  
choro (40e, v5)  
achàra (42e, v7)  
milhores (46e, v8)  
hão (47e, v8)  
horrendo (48e, v8)  
triumphos (51e, v4)  
triumphando (54e, v4)  
auião (60e, v5)  
ahi (81e, v1)  
nenhũ (83e, v8)  
hũs (85e, v2)  
atalho (92e, v4)  
orualho (92e, v6)  
vinha (94e, v2)  
acompanhado (94e, v3)  
horrissimo (97e, v6)  
honrada (98e, v4)  
conheçe (102e, v5)  
horridos (105e, v3)  
marchetado (110e, v6)  
horrendo (112e, v4)

### **emprego de x:**

debuxada (11e, v3)  
Fenix (11e, v4)  
excelentes (12e, v5)  
aqueixa (38e, v5)  
inexpugnável (50e, v1)  
extrema (50e, v7)  
exalçada (51e, v5)  
excedia (76e, v8)  
debaxo (77e, v7)  
exercicio (84e, v1)  
excelencia (87e, v6)  
enxerido (97e, v2)  
experimenta (104e, v4)

### **emprego de r/rr:**

horas (1e, v2)  
maritima (1e, v5)  
mortifero (2e, v2)  
reyno (2e, v4)  
reformada (3e, v7)  
rigido (4e, v6)  
erra (6e, v3)  
rayos (13e, v5)  
terra (14e, v1)  
auer (14e, v6)  
derredor (22e, v7)  
horrida (25e, v4)  
horrendo (48e, v8)  
arreceia (receia ) (60e, v6)  
arribando (68e, v6)  
arrecaua (receava) (68e, v7)

### **emprego de i/y:**

Ia (já) (1e, v1)  
lucido (1e, v1)  
vay (1e, v2)  
dezia (2e, v2)  
necesario (2e, v8)  
mensajero (6e, v3)

sospeita (6e, v6)  
contrario (8e, v4)  
alheio (9e, v8)  
destruydo (10e, v4)  
giolhos (12e, v3)  
cheiros (12e, v5)  
rayos (13e, v5)  
inuerno (23e, v4)  
yrada (24e, v3)  
cuydão (25e, v7)  
bateis (26e, v2)  
capitaina (28e, v7)  
inopinado (30e, v3)  
aparência (31e, v3)  
piadosas (33e, v1)  
terceyra (32e, v6)  
foy (35e, v2)  
Troyano (35e, v3)  
cuidey (39, v1)  
my (39e, v5)  
yroso (39e, v5)  
assentarey (39e, v8)  
fuy (39e, v8)  
yrado (43e, v5)  
receyo (56e, v4)  
meyo (60e, v1)  
day (65e, v1)  
destruydos (66e, v4)  
praya (74e, v1)  
Iustiça (79e, v2)  
cuydes (83e, v1)  
tiray (86e, v3)  
consentirey (87e, v6)  
irey (88e, v3)  
mãy (92e, v3)  
cabaya (95e, v1)

**emprego de u/v:**

vay (1e, v2)  
chegaua (1e, v3)  
auia (1e, v8)  
valeroso (2e, v3)

aluoroçado (2e, v5)  
verte (2e, v8)  
vas (4e, v1)  
aurifero (4e, v2)  
crauo (4e, v3)  
leuaras (4e, v7)  
va (5e, v6)  
cauta (6e, v6)  
duuidosos (7e, v4)  
dous (7e, v5)  
mostraua (8e, v2)  
estaua (8e, v4)  
cortaua (8e, v6)  
querião (9e, v4)  
cautelosos (9e, v5)  
perpetua (10e, v2)  
vrda (10e, v3)  
vnica (11e, v4)  
virgem (11e, v4)  
varias (11e, v8)  
gouernaua (12e, v4)  
mostrou (14e, v4)  
Portugues (14e, v5)  
auer (14e, v6)  
escuro (15e, v4)  
vinhão (16e, v7)  
nauios (17e, v3)  
vão (18e, v1)  
vellas (18e, v3)  
conuoca (19e, v1)  
alvas (alvas) (19e, v1)  
estoruar (19e, v7)  
encuruadas (20e, v7)  
vay (21e, v2)  
coua (23e, v1)  
inuerno (23e, v4)  
celeuma (25e, v1)  
rudo (25e, v2)  
doutro (26e, v5)  
aventurarse (26e, v7)  
seluatica (27e, v1)  
couto (27e, v7)  
guiâra (28e, v1)  
qualquer (28e, v8)  
braueza (29e, v5)

auendo (29e, v8)  
saluas (32e, v4)  
ouuiolhe (33e, v1)  
palauras (33e, v1)  
saudosas (32e, v3)  
auante (32e, v7)  
moueo (32e, v8)  
hũs (34, v6)  
viuos (34e, v6)  
douro (36e, v1)  
colũnas (36e, v7)  
cum (37e, v1)  
ciumes (37e, v8)  
vão (40e, v2)  
verão (ver) (50e, v7)  
quasi (63e, v3)  
Louuão (71e, v1)  
usança (81e, v2)  
vernos (81e, v8)  
verte (83e, v3)  
louuauão (85e, v3)  
uos (vós) (86e, v4)  
vsãda (87e, v2)  
vias (88e, v6)  
via (ver) (91e, v6)  
vinha (94e, v2)  
ouuido (97e, v6)  
guarnecido (98e, v1)  
nuũs (100e, v6)  
ouuio (102e, v7)  
aduersidade (104e, v3)  
louuores (105e, v8)  
vltima (108e, v6)  
vezinhos (108e, v7)  
ouuirte (11e, v2)

**empregos de vogais duplas:**

aa (1e, v3)  
aaquela (73e, v1)

**acrécimo ou falta de letras:**

Neptuno (2e, v4)  
despois (6e, v1)  
produze (4e, v2)  
co (com) (9e, v2)  
sumptuoso (10e, v8)  
spirito (11e, v2)  
espíritos (34e, v6)  
sprito (64e, v7)  
mandad (-o) (14e, v3)  
aleuanta (25e, v1)  
immoto (28e, v5)  
malina (maligna) (32e, v4)  
alimpa (42e, v5)  
acrecenta (43e, v4)  
Scila (45e, v6)  
Caribdis (45e, v6)  
Calecu (-te) (52e, v3)  
imiga (inimiga) (59e, v4)  
arreceia (receia) (60e, v6)  
aleuantase (65e, v5)  
arreceaua (68e, v7)  
ennobrece (70e, v6)  
debaxo (77e, v7)  
ahi (81e, v1)  
fêa (feia) (81e, v2)  
inda (ainda) (81e, v4)  
preminencia (87e, v2)  
carmesi (98e, v8)  
apacentar (105e, v5)

**palavras juntadas/separadas:**

agasalharte (2e, v7)  
verte (2e, v8)  
reformarte (2e, v8)  
se esconde (5e, v3)  
perguntalhe (6e, v1)  
mostrandose (10e, v7)  
denoite (13e, v1)  
em quanto (15e, v4)  
donde (21e, v5)  
repartense (21e, v7)

poem se (22e, v1)  
levandoa (22, v7)  
a pesar (24e, v2)  
quebrarlhe (24e, v8)  
aleuanta (25e, v1)  
ande (hão de ) (25e, v8)  
eilos (26e, v1)  
encima (26e, v3)  
nagoa (26e, v4)  
doutro (26e, v5)  
aventurarse (26e, v7)  
entregarse (26e, v8)  
alagoa (27e, v1)  
nalgum (32e, v5)  
conduzirmos (32e, v6)  
ouuiolhe (ouviu-lhe) (33e, v1)  
queas (34e, v2)  
lhapresenta (35e, v3)  
aqueixa (a queixa) (38e, v5)  
façase (39e, v7)  
em fim (39e, v8)  
seguila (41e, v7)  
belacissimos (belíssimos) (46e, v3)  
selhe (49e, v2)  
lhe mostrasse (56, v7)  
vaite (63e, v1)  
donde (63e, v3)  
aleuantase (65e, v5)  
assopralhe (67e, v3)  
vernos (81e, v8)  
acharse (82e, v1)  
verte (83e, v3)  
seruirte (83e, v3)  
coa (com a) (101e, v3)  
cūmas (com umas) (101e, v5)  
coas (com as) (106e, v6)  
nagoa (106e, v6)  
sabellas (109e, v8)  
ouuirte (111e, v2)

**troca de letras:**

dantre (dentre) (2e, v1)  
dezia (2e, v2)

valeroso (2e, v3)  
estremo (3e, v1)  
cousa (3e, v2)  
debil (3e, v6)  
pera (5e, v4)  
comprirà (5e, v7)  
sospeita (6e, v6)  
podessem (7e, v1)  
dous (7e, v5)  
toruados (11e, v6)  
lingoas (11e, v7)  
giolhos (joelhos) (12e, v3)  
Deos (12e, v4)  
apareceo (13e, v7)  
cubrio (15e, v4)  
nao (nau) (16e, v5)  
moniços (17e, v2)  
munições (88e, v8)  
treição (traição) (17e, v5)  
geito (17e, v7)  
Ceo (18e, v8)  
nasceo (19e, v3)  
agoas (19e, v4)  
deceo (19e, v5)  
Ia (já) (20e, v1)  
escuma (20e, v2)  
fermosa (21e, v4)  
Deosa (22e, v1)  
dereito (22e, v1)  
quaes (23, v1)  
rudo (rude) (25e, v2)  
maura (moura) (25e, v3)  
veloces (26e, v2)  
fogir (27e, v1)  
fugir (29e, v3)  
descuberto (30e, v3)  
piadosas (33e, v1)  
fermosa (33e, v2)  
perdeo (35e, v6)  
cum (37e, v1)  
sembrante (38e, v1)  
contrairo (39e, v4)  
contrario (8e, v4)  
saluços (43e, v2)  
facundo (fecundo) (45e, v1)

piadoso (45e, v5)  
milhores (46e, v8)  
infiado (49e, v2)  
enuejoso (50e, v5)  
longico (54e, v6)  
geito (55e, v1)  
antam (então) (60e, v7)  
quase (63e, v3)  
fogirão (66e, v8)  
insinasse (70e, v5)  
sojeito (72e, v7)  
porpurea (73e, v6)  
escarlata (escarlata) (77e, v5)  
cubiçadas (80e, v4)  
estamago (85e, v3)  
artefício (90e, v1)  
zonido (91e, v2)  
emparo (97e, v1)  
pruma (98e, v8)  
diclinada (98e, v8)  
trajo (traje) (99e, v4)  
vecinos (108e, v7)  
valeroso (109e, v1)  
aumentado (113e, v6)

**acento/falta de acento:**

lucido (1e, v1)  
maritima (1e, v5)  
chegárão (1e, v7)  
viâ (2e, v4)  
necessario (2e, v8)  
està (3e, v1)  
traras (3e, v4)  
debil (3e, v6)  
aurifero (4e, v2)  
salutifera (4e, v4)  
Rubí (4e, v6)  
rigido (4e, v6)  
porem (5e, v5)  
va (5e, v6)  
contrario (8e, v4)  
apresentarão (9e, v1)  
perpetua (10e, v2)

habito (10e, v6)  
candida (11e, v3)  
vnica (11e, v4)  
Fenix (11e, v4)  
so (só) (11e, v7)  
lingoas (11e, v7)  
sincêro (14e, v4)  
Portugues (14e, v5)  
vîrão (15e, v1)  
agasalhàrão (15e, v3)  
crem (crêem) (16e, v7)  
ancoras (18e, v1)  
Ceo (18e, v8)  
Nereô (19e, v1)  
cerulea (19e, v2)  
argenteas (20e, v2)  
detras (22e, v6)  
pròuidas (23e, v1)  
bateis (26e, v2)  
seluatica (27e, v1)  
guiâra (28e, v1)  
prouidencia (31e, v1)  
aparencia (31e, v3)  
prudencia (31e, v5)  
pôde (pode) (31e, v8)  
misera (32e, v2)  
ja (32e, v6)  
espiritos (34e, v6)  
apresentàra (35e, v4)  
matàrão (35e, v7)  
acabàrão (35e, v8)  
affabil (39e, v3)  
impedîra (41e, v6)  
achàra (42e, v7)  
geràra (42e, v8)  
ninguem (44e, v3)  
belacissimos (46e, v3)  
inexpugnabil (50e, v1)  
incendios (54e, v2)  
pês ( pés) (57e, v2)  
iniqua (64e, v6)  
India (70e, v2)  
porpurea (73e, v6)  
remedio (79e, v8)  
fêa (feia) (81e, v2)

exercicio (84e, v1)  
estamago (85e, v3)  
uos (vós) (86e, v4)  
preminencia (87e, v2)  
obediencia (87e, v4)  
excelencia (87e, v6)  
almàdias (88e, v2)  
arteficio (90e, v1)  
tremulos (90e, v2)  
purpura (93e, v3)  
dà (99e, v2)  
à (101e, v8)  
àuidas (108e, v4)  
vltima (108e, v6)  
tambem (113e, v5)

### CANTO III

#### **emprego de m/n:**

immortal (1e, v3)  
inuentor (1e, v5)  
poem (2e, v1)  
nimfa (2e, v1)  
mereçe (2e, v2)  
algum (2e, v7)  
promptos (3e, v1)  
escuitando (3e, v1)  
aleuantando (3e, v4)  
triumfante (7e, v7)  
aparecem (8e, v2)  
ennobrecem (8e, v4)  
tam (8e, v5)  
hum (10e, v7)  
sam (11e, v6)  
tambem (13e, v3)  
engenhos (13e, v4)  
nimpha (16e, v5)  
ennobrece (18, v3)  
inquieta (19e, v2)  
antam (21e, v8)

antão (58e, v7)  
ninguem (22e, v3)  
com (24e, v1)  
honras (24e, v2)  
conduzidos (24e, v3)  
tenra (28e, v5)  
nenhum (34e, v4)  
tempo (35e, v1)  
immigo (35e, v4)  
imigos (46e, v6)  
comprida (cumprida) (37e, v8)  
summo (43e, v2)  
rompendolhe (47e, v7)  
gram (53e, v4) grão (55e, v2) (grande)  
ennobrecido (55e, v6)  
enreda (56e, v7)  
nobremente (63e, v6)  
innumeros (66e, v3)  
dum (67e, v5)  
campo (73e, v4)  
companhia (78e, v1)  
annos (80e, v2)  
tem (têm) (81e, v4)  
triumfava (83e, v1)  
ponente (poente) (115e, v1)  
permissam (117e, v5)  
Omfale (141e, v4)  
hum (143e, v1)

**emprego do ti (~):**

tês (2e, v7)  
cuidado (3e, v3)  
grão (grande) (3e, v6)  
tão (4e, v4)  
tinhão (9e, v4)  
antão (9e, v4)  
tão (9e, v5)  
não (10e, v4)  
aleuantão (16e, v6)  
contão (16e, v7)  
antão (16e, v8)  
Lião (19e, v8)  
erão (24e, v3)

dões (24e,v8)  
Iordão (27e, v3)  
não (29e, v1)  
mãe (29e, v3)  
mãda (20e, v4)  
hũa (32e, v7)  
nehũa (43e, v1)  
tenção (58e, v4)  
Lũa (59e, v1)  
piões (?) (105e, v3)  
quẽ (91e, v4)  
horêdo (115e, v5)  
homês (118e, v6)  
tês (127e, v1)  
trãformãdo (?) (143e, v6)

**emprego de s/ss/c/ç/sc/xc/z:**

mereçe (2e, v2)  
escureça (2e, v8)  
dizia (3e, v4)  
esforço (4e, v1)  
arreceo (4e, v3)  
sanguinosa (5e, v8)  
Iaz (jaz) (6e, v5)  
occidente (6e, v6)  
occeano (6e, v7)  
nascendo (7e, v1)  
aparecem (8e, v2)  
Damasceno (9e, v8)  
nações (11e, v7)  
excelentes (13e, v3)  
juizos (13e, v6)  
braço (14e, v5)  
nobreza (18e, v7)  
quase (20e, v1)  
floreça (20e, v5)  
parece (21e, v7)  
nasceo (22e, v1)  
intrinseco (24e, v1)  
conduzidos (24e, v3)  
famoso (24e, v7)  
descendentes (26e, v1)  
adjacentes (26e, v3)

excellentes (26e, v5)  
estremado (28e, v2)  
spirito (28e, v4)  
deserdado (29e, v5)  
consigo (20, v6)  
cubiça (32e, v5)  
aperçebido (35e, v8)  
vassalo (36e, v1)  
consciencia (36e, v6)  
doçe (37e, v7)  
fiança (38e, v2)  
descalços (38e, v3)  
vingança (38e, v4)  
inocentes (39e, v1)  
peccado (39e, v2)  
çepo (40e, v3)  
narizes (41e, v4)  
cousa (43e, v1)  
bautizado (43e, v3)  
azues (53e, v7)  
princesa (57e, 12e)  
prosuposto (59e, v6)  
obedeceo (60e, v3)  
estremadura (61e, v5)  
sosegar (64e, v3)  
sesenta (67e, v8)  
vsança (68e, v3)  
conheçe (69e, v4)  
offereçe (61e, v6)  
feroces (72, v1)  
ferozes (124e, v3)  
principe (76e, v5)  
sosego (80e, v2)  
eccos (84e, v8)  
apercebida (86e, v7)  
sucede (91e, v1)  
manso (91e, v2)  
vicios (91e, v8)  
excellente (93e, v8)  
escureçe (96e, v3)  
floreçe (96e, v5)  
excessivo (100e, v7)  
nascimento (116e, v6)  
mezquinha (118e, v7)  
doçe (120e, v2)

donzella (127e, v2)  
criançinhas (127e, v5)  
endoudeçe (131e, v7)  
peccado (139e, v1)

**emprego de l/l – u/l:**

ilustre (1e, v2)  
aquella (6e, v2)  
aquelles (8e, v3)  
excelentes (13e, v3)  
eloquentes (13e, v5)  
bellica (15e, v6)  
ali (17e, v2)  
valor (18e, v7)  
dellas (18e, v8)  
della (19e, v7)  
Castella (19e, v8)  
nella (21e, v8)  
illustre (22e, v8)  
elle (23e, v8)  
ella (25e, v8)  
excellentes (26e, v5)  
illustrasse (26e, v7)  
estillo (39e, v7)  
naquella (41e, v3)  
caualleiro (43e, v8)  
belligero (50e, v4)  
villas (56e, v1)  
estrella (65e, v3)  
socorrella (65e, v6)  
deligente (65e, v6)  
cauallos (66e, v2)  
seguillo (67e, v6)  
aballo (67e, v7)  
daquelle (69e, v2)  
nella (70e, v2)  
illustres (71e, v1)  
gellado (71e, v7)  
molles (72e, v5)  
dallentejo (75e, v3)  
beligero (75e, v4)

daquillo (76e, v6)  
palida (83e, v5)  
excellente (93e, v80)  
bellica (95e, v6)  
capellas (97e, v7)  
castellos (98e, v2)  
excelête (98e, v8)  
socorrella (99e, v8)  
congella (105e, v2)  
fallando (106e, v2)  
collo (108e, v4)  
della (108e, v8)  
doncella (127e, v2)  
vencella (127e, v4)  
excelencia (143e, v2)

**emprego de f/ff:**

nimfa (2e, v1)  
nimpha (16e, v5)  
esforço (4e, v1)  
triumfante (7e, v7)  
triumfos (16e, v2)  
diferentes (18e, v5)  
floreça (20e, v5)  
Affrica (20e, v8)  
Affonso (23e, v1)  
offerecerse (23e, v8)  
orfio (órfão) (29e, v5)  
effeito (30e, v8)  
affugenta (34e, v8)  
refazerse (34e, v4)  
offerecido (38e, v7)  
defronte (42e, v7)  
infiéis (45e, v7)  
trofeos (53e, v2)  
tropheos (89e, v1)  
affamados (62e, v2)  
offereçe (69e, v6)  
triumfava (83e, v1)  
edificios (98e, v4)  
offende (112e, v6)  
orfindade (orfindade) (125e, v7)  
enfraquece (139e, v8)

affeichoado (141e, v6)

**emprego de j/ g/gu:**

ja (2e, v5)  
agoa (2e, v6)  
algum (2e, v7)  
geanalogia (3e, v6)  
sanguinosa (5e, v8)  
antigamente (9e, v2)  
guerra (9e, v2)  
antiguidade (9e, v3)  
sugeitos (11e, v5)  
sugeito (12e, v5)  
gentes (13e, v1)  
engenhos (13e, v4)  
sogeitou (14e, v6)  
antiga (15e, v7)  
regada (16e, v3)  
sujeitando (19e, v2)  
antigo (21e, v6)  
ninguem (22e, v3)  
injuria (34e, v2)  
inimigo (34e, v8)  
affugenta (34e, v8)  
immigo (35e, v4)  
agoardaua (37e, v2)  
vingança (38e, v4)  
vingarte (38e, v5)  
trago (39e, v1)  
lingoa (39e, v5)  
guerreiras (44e, v5)  
imigos (46e, v6)  
ginete (50e, v4)  
sojuga (subjuga) (56e, v4)  
deligente (65e, v6)  
seguillo (67e, v6)  
guarda (69e, v1)  
resguarda (69e, v5)  
justa (71e, v3)  
gellado (71e, v7)  
erguido (73e, v2)  
beligero (75e, v4)  
estrago (76e, v3)

sosego (80e, v2)  
cego (80e, v6)  
fugio (82e, v3)  
fogir (82e, v4)  
foge (82e, v4)  
geito (83e, v7)  
genero (93e, v4)  
congella (105e, v2)  
insignias (108e, v2)  
engeita (122e, v2)  
rigurosos (125e, v4)  
subjeito (127e, v3)  
benigno (130e, v1)  
magoão (130e, v2)  
reguroso (137e, v1)

**emprego de ch/nh/lh – h/falta do h:**

Orptheo (1e, v6)  
Daphne (1e, v7)  
Leucothôe (1e, v7)  
banharme (2e, v6)  
historia (3e, v7)  
alheio (4e, v1)  
he (é) (4e, v2)  
senhorea (6e, v1)  
horrendo (7e, v5)  
humana (9e, v3)  
engenhos (13e, v4)  
cheio (14e, v5)  
humildade (15e, v8)  
Nimpha (16e, v5)  
lha (17e, v7)  
milhor (18e, v8)  
companheiros (21e, v7)  
honras (24e, v2)  
alheia (32e, v3)  
olhay (32e, v4)  
hũa (32e, v7)  
habitaua (42e, v3)  
nehũma (43e, v1)  
aueria (43e, v4)  
erdeiro (90e, v2)  
sepulchro (118e, v6)

criaçinhas (127e, v5)  
achey (129e, v4)  
humicidas (136e, v4)  
Elena (140e, v3)

#### **emprego de x:**

debaxo (8e, v1)  
baxa (14e, v4)  
extremo (18e, v4)  
deixando (24e, v4)  
exprimenta (39e, v6)  
exercito (42e, v2)  
exprimentados (44e, v3)  
experimentâra (85e, v3)  
roxo (87e, v2)  
exercitarse (97e, v1)  
enxuto (120e, v6)  
experencia (143e, v6)

#### **emprego de r/rr:**

arreceio (4e, v3)  
horrendo (7e, v5)  
guerra (9e, v2)  
mediterrano (18e, v2)  
honras (24e, v2)  
terras (24e, v3)  
tenra (28e, v5)  
errado (29e, v1)  
asperrimo (34e, v8)  
arraial (42e, v6)  
guerreiras (44e, v5)  
arrayal (58e, v6)  
derriba (?) (67e, v3)  
ferros (70e, v7)  
horêdo (115e, v5)

#### **emprego de i/y:**

ilustre (1e, v2)  
immortal (1e, v3)

peito (1e, v4)  
inventor (1e, v5)  
direy (2e, v7)  
receio (2e, v7)  
escuitando (3e, v1)  
cuidãdo (3e, v3)  
historia (3e, v7)  
gloria (3e, v8)  
alheio (4e, v1)  
sospeito (4e, v4)  
irey (4e, v8)  
serey (4e, v8)  
tratarey (5e, v7)  
direy (5e, v8)  
meyo (6e, v4)  
vay (7e, v3)  
yrado (7e, v6)  
rayos (8e, v6)  
juyzo (9e, v6)  
juizos (13e, v6)  
meyo (15e, v3)  
porteiro (15e, v5)  
foy (16e, v2)  
cuida (18e, v8)  
pay (28e, v6)  
sey (29e, v1)  
mãy (29e, v3)  
olhay (32e, v4)  
vay (32e, v8)  
pais (pais/país?) (33e, v6)  
my (45e, v8)  
arrayal (58e, v6)  
descuydado (65e, v7)  
muytas (70e, v6)  
foy (70e, v8)  
ruyna (71e, v2)  
juyzo (74e, v2)  
martyre (74e, v5)  
vay (75e, v7)  
yroso (79e, v2)  
yrmão (94e, v4)  
yrmãos (126e, v8)  
verey (129e, v2)  
achey (129e, v4)

### **emprego de u/v:**

diuina (1e, v3)  
inuentor (1e, v5)  
diuido (devido) (1e, v8)  
escuitando (3e, v1)  
aleuantando (3e, v4)  
deuo (4e, v8)  
breue (4e, v8)  
curuo (7e, v4)  
pouca (8e, v5)  
Inuerno (10e, v6)  
varias (11e, v7)  
verà (16e, v1)  
valor (18e, v7)  
diriuada (21e, v5)  
ve (vê) (22e, v2)  
veo (veio) (22e, v7)  
Vngria (25e, v2)  
Oueue (25e, v3)  
Escraua (26e, v2)  
Vfano (26e, v7)  
vio (27e, v4)  
Vngaro (28e, v2)  
deu (28e, v4)  
auô (avô) (30e, v2)  
vendose (30e, v3)  
vingais (32e, v2)  
vay (32e, v8)  
vassalo (36e, v1)  
agoardava (37e, v2)  
vingança (38e, v4)  
vingarte (38e, v5)  
habitaua (42e, v3)  
aueria (43e, v4)  
caualleiro (43e, v8)  
vem (vêem) (51e, v1)  
villas (56e, v1)  
vnidos (58e, v6)  
vlisseos (58e, v8)  
cauallos (66e, v2)  
vsança (68e, v3)  
Veo (véu) (72e, v2)  
vença (73e, v8)  
vlissea (74e, v8)

prouê (79e, v7)  
enuerdecem (80e, v4)  
vsada (81e, v1)  
valerosas (84e, v6)  
aleuantado (86e, v1)  
lauraua (86e, v4)  
moueo (87e, v2)  
vicios (91e, v8)  
vermeas (ver-me-as) (104e, v6)  
viuua (104e, v7)  
valeroso (108e, v3)  
mouate (127e, v8)  
vse (129e, v1)  
verey (129e, v2)  
liurarse (142e, v1)

**acrêscimo ou falta de letras:**

immortal (1e, v3)  
promptos (3e, v1)  
escuitando (3e, v1)  
aleuantando (3e, v4)  
arreceio (4e, v3)  
senhorea (6e, v1)  
occidente (6e, v6)  
océano (6e, v7)  
auizinha (7e, v2)  
debaxo (8e, v1)  
aquelles (8e, v3)  
ennobrecem (8e, v4)  
contino (contínuo) (8e, v7)  
nomea (nomeia) (10e, v1)  
occeoano (10e, v7)  
co (com) (12e, v2)  
sometida (submetida) (12e, v6)  
indino (indigno) (12e, v7)  
digno (24e, v8)  
baxa (baixa) (14e, v4)  
neptunino (15e, v1)  
despois (15e, v5)  
bellica (15e, v6)  
aleuantão (16e, v6)  
mediterrano (Mediterrâneo) (18e, v2)  
ennobrece (18e, v3)

differentes (18e,v5)  
exprimado (25e, v2)  
sojugada (subjugada) (27e, v6)  
spirito (28e, v4)  
fea (feia) (32e, v5)  
inica (iníqua) (33e, v2)  
immigo (35e, v4)  
indinado (indignado) (40e, v5)  
summo (43e, v2)  
bautizado (43e, v3)  
aueria (haveria) (43e, v4)  
my (45e, v8)  
vem (vêem) (100e, v1)  
sojuga (subjuga) (56e, v4)  
prosuposto (pressuposto) (59e, v6)  
sossegar (64e, v3)  
innumeros (105e, v3)  
sesenta (67e, v8)  
dina (digna) (71e, v4)  
ceptro (78e, v4)  
chea (cheia) (81e, v8)  
eccos (84e, v8)  
apercebida (86e, v7)  
Ponente (poente) (115e, v3)  
escripto (120e, v8)  
subjeito (sujeito) (127e, v3)  
experencia (143e, v6)

**palavras juntadas/separadas:**

banharme (2e, v6)  
mandas (3e, v5)  
em fim (5e, v1)  
donde (7e, v1)  
cós (com os) (9e, v4)  
em quanto (10e, v5)  
esclarecerse (23e, v7)  
offerecerse (23e, v8)  
illustrasse (26e, v7)  
fervendo (20e, v5)  
refazerse (35e, v4)  
darlhe (36e, v4)  
socorrella (65e, v6)  
darmas (de armas) (66e, v3)

dum (67e, v5)  
seguillo (67e, v6)  
nomais (67e, v8)  
dalentejo (75e, v3)  
desforço (75e, v5)  
danim (de ânimo) (75e, v5)  
dalhe (79e, v1)  
dantes (90e, v7)  
exercitarse (97e, v1)  
passarse (97e, v3)  
vermeas (ver-me-ás) (104e, v6)  
casarse (122e, v8)  
mouate (127e, v8)  
perdela (128e, v3)  
destruirse (138e, v7)  
liurarse (142e, v1)

### **troca de letras:**

antão (9e, v4)  
agoa (água) (2e, v6)  
geanalogia (geanologia) (3e, v6)  
sospeito (4e, v4)  
pera (4e, v5)  
Iaz (jaz) (6e, v5)  
antão (então) (9e, v4)  
sogeitou (sujeitou) (14e, v6)  
milhor (melhor) (18e, v8)  
Lião (Leão) (19e, v8)  
quase (20e, v1)  
deriuada (derivada) (21e, v5)  
antam (21e, v8)  
igoais (24e, v8)  
Anrique (Henrique) (25e, v1)  
Ia (já) (27e, v1)  
Iordão (Jordão) (27e, v3)  
Iudea (Judeia) (27e, v6)  
estremado (28e, v2)  
cubiça (32e, v5)  
inica (iníqua) (33e, v2)  
agoardaua (37e, v2)  
molher (38e, v1)  
lingoa (39e, v5)  
quaes (44e, v2)

qual (47e, v1)  
pola (47e, v2)  
instrumentos (48e, v8)  
trofeos (53e, v2)  
azues (53e, v7)  
prosuposto (59e, v6)  
obedeceo (60e, v3)  
reaes (63e, v5)  
deligente (65e, v6)  
piões (105e, v3)  
incansabil (68e, v2)  
veo (véu) (72e, v2)  
agoas (72e, v7)  
dous (72e, v7)  
socede (78e, v8)  
partio (82e, v1)  
foglio (82e, v3)  
fogir (82e, v4)  
foge (82e, v4)  
permitio (82e, v5)  
geito (83e, v7)  
dereito (83e, v8)  
piadosas (84e, v4)  
valerosas (84e, v6)  
fermosa (88e, v1)  
molher (92e, v3)  
mao (mau) (92e, v7)  
mal (95e, v4)  
quase (98e, v30)  
açude (acode) (105e, v3)  
Iuntos (109e, v1)  
casi (quase) (110e, v1)  
rigurosos (125e, v4)  
mininos (125e, v50)  
endoudeçe (131e, v7)  
minina (134e, v4)  
humicidas (136e, v4)  
reguroso (137e, v1)  
fermosura (142e, v5)

**acento/falta de acento:**

já (92e, v5)

historia (3e, v7)  
gloria (3e, v8)  
proprios (4e, v3)  
ha (há) (5e, v4)  
vê (7e, v8)  
informàra (9e, v7)  
tambem (13e, v3)  
juizos (13e, v6)  
injuria (34e, v2)  
fúria (34e, v7)

## CANTO IV

### **emprego de m/n:**

atambores (27e, v2)  
sam (são) (32e, v5)  
perseguem no (34e, v7)  
Ioane (36e, v1)  
Ioanne (45e, v1)  
desonra (43e, v7)  
triumphar (43e, v8)  
annos (50e, v1)  
summa (51e, v2)  
impossibil (54e, v7)  
ambição (57e, v1)  
ajuntase (57e, v5)  
sempiterna (60e, v5)  
saião (saiam) (71e, v1)  
somniaento (75e, v6)  
menham (manhã) (75e, v7)  
mi (mim) (79e, v4)  
vans (vãs) (80e, v5)  
en (em) (102e, v2)

### **emprego do til (~):**

jejûs (3e, v4)  
mãis (mães) (28e, v7)  
ẽ fim (30e, v7)

voão (31e, v2)  
soão (31e, v4)  
algũs (33e, v8)  
dhũa (39e, v2)  
seguẽ (43e, v3)  
nũ (46e, v6)  
tão (52e, v2)  
maçãs (55e, v1)  
abaxarão (56e, v2)  
achão (56e, v4)  
ambição (57e, v1)  
vão se (62e, v2)  
ymaginações (68e, v2)  
saião (71e, v1)  
homẽs (71e, v3)  
prõpta (80e, v8)  
ondeão (ondeiam) (85e, v6)  
desesperação (89e, v7)  
ygoalauão (92e, v8)  
vaã (vã) (95e, v1)

**emprego de s/ss/c/c/sc/xc/z:**

açoute (1e, v2)  
quasi (3e, v2)  
pareçeo (29e, v5)  
começase (30e, v1)  
dizei (33e, v7)  
honroso (39e, v2)  
proposito (41e, v8)  
desonra (43e, v7)  
cobiçoso (44e, v4)  
excede (48e, v7)  
iroso (51e, v3)  
impossibil (54e, v7)  
maçãs (55e, v1)  
ambição (57e, v1)  
occioso (58e, v1)  
fazendoa (61e, v6)  
paresce (66e, v1)  
acrecentar (67e, v4)  
nace (69e, v5)  
nacerem (69e, v8)  
nascimento (74e, v4)

descer (80e, v5)  
dexperencia (82e, v4)

**emprego de l/l – u/l:**

Alueres (1e, v1)  
caualleiro (1e, v5)  
mandalos (1e, v7)  
regelos (1e, v7)  
pellos (34e, v3)  
caualleyros (37e, v6)  
Israel (63e, v2)  
Ismael (63e, v4)  
syluestres (70e, v3)  
cabellos (71e, v5)  
perdella (99e, v8)

**emprego de f/ff:**

defendey (37e, v7)  
offertas (45e, v3)  
affinando (56e, v8)  
soffredor (82e, v2)

**emprego de j/ g/gu:**

retagoarda (2e, v5)  
jejūs (3e, v4)  
algūs (33e, v8)  
perseguem (34e, v7)  
ygoal (37e, v6)  
pelejay (38e, v4)  
guerreyro (38e, v5)  
igoal (46e, v2)  
subjugada (61e, v6)  
antiguos (69e, v7)  
longiquos (69e, v7)  
imaginay (80e, v1)  
ygoalauão (92e, v8)  
antigo (101e, v3)

### **emprego de ch/nh/lh – h/falta do h:**

alheyo (35e, v6)  
mahometa (49e, v6)  
Heroe (50e, v2)  
auer (haver) (51e, v6)  
achão (56e, v2)  
honrou (63e, v6)  
homês (71e, v3)  
charo (caro) (90e, v6)  
triumphos (97e, v8)  
milhor (103e, v5)

### **emprego de x:**

debaxo (31e, v3)  
excede (48e, v7)  
baxa (54e, v4)  
abaxarão (56e, v2)  
dexperiencia (82e, v4)  
pexes (90e, v8)  
experto (94e, v8)  
debaixo (97e, v4)

### **emprego de r/rr:**

dereita (1e, v6)  
pareçeo (29e, v5)  
guerreyro (38e, v5)  
honroso (39e, v2)  
desonra (43e, v7)

### **emprego de i/y:**

caualleiro (1e, v5)  
iroso (34e, v7)  
alheyo (35e, v6)  
caualeyros (37e, v6)  
ygoala (37e, v6)  
defendey (37e, v7)  
pelejay (38e, v4)  
guerreyro (38e, v5)

primeyro (44e, v2)  
igoal (46e, v2)  
feyta (52e, v6)  
yr (54e, v6)  
ymaginações (68e, v2)  
syluestres (70e, v3)  
freyo (74e, v8)  
imaginay (80e, v1)  
iuuenil (84e, v6)  
cheyo (87e, v7)  
ydade (92e, v4)  
ygoalauão (92e, v8)

**emprego de u/v:**

Alueres (1e, v1)  
caualleiro (1e, v5)  
vuas (uvas) (27e, v8)  
vltimo (38e, v8)  
vnico (38e, v7)  
deu (45e, v5)  
Iuliana (49e, v8)  
auer (haver) (51e, v6)  
vsou (51e, v8)  
captiueiro (53e, v6)  
vnico (54e, v1)  
vndosas (62e, v6)  
áureo (68e, v1)  
peccou (70e, v7)  
iuuenil (84e, v6)

**empregos de vogais duplas:**

vee (vê) (42e, v8)  
vaa (vá) (76e, v7)  
vaã (vã) (95e, v1)

**acrécimo ou falta de letras:**

atambores (27e, v2)  
debaxo (31e, v1)

opprimidos (47e, v2)  
captiuo (52e, v1)  
captiueiro (53e, v6)  
escriptura (56e, v6)  
apousentouse (60e, v2)  
contino (68e, v3)  
antiguos (69e, v7)  
mi (mim (79e, v4)  
esprito (80e, v8)  
prõpta (80e, v8)  
prais (praias) (87e, v2)  
charo (caro) (90e, v6)  
pexes (90e, v8)

**palavras juntadas/separadas:**

mandalos (1e, v7)  
regelos (1e, v7)  
começase (30e, v1)  
ẽ fim (30e, v7)  
dizei (33e, v7)  
perseguem (34e, v7)  
dhũa (39e, v2)  
seguẽ (43e, v3)  
ajudao (-o) (46e, v1)  
sentregaua (52e, v4)  
ajuntase (57e, v5)  
saiose (58e, v5)  
sempiterna (60e, v5)  
fazendoa (61e, v6)  
vão (62e, v2)  
dambos (de ambos) (72e, v1)  
custartemos (custar-te-emos) (74e, v5)  
auenturarme (79e, v6)  
dexperiencia (82e, v4)  
seguirme (84e, v8)  
partimonos (87e, v1)  
chamante (96e, v5)  
darmas (de armas) (98e, v8)  
perdella (99e, v8)

### **troca de letras:**

açoute (açoite) (1e, v2)  
dereita (direita) (1e, v6)  
retagoarda (2e, v5)  
quase (3e, v2)  
mãis (mães) (28, v7)  
pareçeo (29e, v5)  
sam (são) (32e, v5)  
quaes (32e, v8)  
tredores (traidores) (33e, v8)  
sentio (36e, v1)  
lioia (leoa) (36e, v5)  
sospiro (suspiro) (38e, v8)  
doe (dói) (39e, v8)  
deu (45e, v4)  
igoal (46e, v2)  
Heroe (50e, v2)  
pubrico (público) (52e, v8)  
impossibil (54e, v7)  
terribil (54e, v8)  
descuberta (63e, v7)  
mestura (64e, v3)  
aspeito (aspecto) (71e, v4)  
impito (ímpeto) (72e, v5)  
menham (manhã) (75e, v7)  
piadoso (89e, v3)  
emparo (amparo) (90e, v2)  
preposito (93e, v4)  
desemparos (96e, v2)  
simpres (98e, v6)  
milhor (103e, v5)

### **acento/falta de acento:**

pés (pés) (31e, v3)  
vê (35e, v1)  
dê (35, v3)  
sabio (sábio) (36e, v2)  
proposito (41e, v8)  
sô (só) (52e, v5)  
impito (ímpeto) (72e, v5)  
dexperiencia (82e, v4)

aerios (aéreos) (85e, v6)  
funereo (90e, v7)  
pôs (102e, v2)

## **CANTO V:**

### **emprego de m/n:**

immenso (9e, v6)  
dhum (11e, v4)  
em quanto (15e, v4)  
relampados (16e, v4)  
encima (20e, v6)  
nuuem (20e, v6)  
prompto (24e, v6)  
decendo (30e, v3)  
doutrem (37e, v3)  
cum (40e, v5)  
gram (43e, v4)  
implacabil (45e, v4)  
prisam (45e, v8)  
impossibil (53e, v1)  
com tudo (contudo) (54e, v1)  
homem (56e, v7)  
quam (quão) (70e, v1)  
alimpamos (79e, v3)  
immundos (79e, v4)  
immensa (80e, v1)  
com nosco (83e, v4)  
empedem (96e, v2)

### **emprego do til (~):**

algũa (4e, v2)  
aumentajão (5e, v6)  
abastão (bastam) (6e, v4)  
irmãs (11e, v2)  
homês (16e, v2)  
nuuês (18e, v7)  
quãto (24e, v4)

adereção (25e, v3)  
apacentauão (62e, v8)  
grão (67e, v8)  
grãdeza (77e, v3)  
escreuão (88e, v1)  
dões (dons) (94e, v6)  
nũa (96, v3)

**emprego de s/ss/c/c/sc/x/z:**

seista (sexta) (2e, v4)  
quatorze (2e, v6)  
possuyo (4e, v6)  
deyxando (4e, v7)  
ezquerda (4e, v7)  
celebre (5e, v4)  
tres (11e, v4)  
cousas (16e, v2)  
experiencia (17e, v2)  
juizos (17e, v5)  
ecessiuo (18e, v5)  
enxergase (19e, v6)  
acrecentando (20e, v1)  
sangesuga (21e, v1)  
Orizonte (24e, v8)  
adereção (25e, v3)  
doces (27e, v8)  
estremo (28e, v2)  
decendo (30e, v3)  
eccesiuos (43e, v8)  
prisam (45e, v8)  
impossibil (53e, v1)  
cigueira (54e, v6)  
conuerteseme (59e, v1)  
apacentauão (62e, v8)  
ecellencia (72e, v7)  
grãdeza (77e, v3)  
nacemos (80e, v7)  
crecia (81e, v7)  
inficionaua (infeccionava) (82e, v2)  
sururgião (cirurgião) (82e, v4)  
escreuessem (86e, v6)  
sciencia (96e, v2)  
sciente (97e, v2)

rezão (razão) (97e, v5)  
agardeça (99e, v1)  
prosuposto (100e, v3)

**emprego de l/lI – u/l:**

celebre (5e, v4)  
pellos (13e, v4)  
relampados (16e, v4)  
matallo (36e, v4)  
tomallo (36e, v6)  
esqualida (39e, v4)  
vello (-lo) (40e, v8)  
implacabil (45e, v4)  
impossibil (53e, v1)  
alcançalla (-la) (53e, v1)  
ecelellencia (72e, v7)

**emprego de f/ff:**

Africa (10e, v2)  
insuffridas (43e, v6)  
inficionaua (infeccionava) (82e, v2)

**emprego de j/ g/gu:**

enxergase (19e, v6)  
dagoa (de agua) (20e, v8)  
sangesuga (21e, v1)  
cigueira (cegueira) (54e, v6)  
lingoagem (76e, v4)  
ygoalão (77e, v3)  
gingiuas (81e, v7)  
ygoale (92e, v4)  
enuejas (92, v5)  
ingenho (engenho) (98e, v7)  
agardeça (99e, v1)

**emprego de ch/nh/lh – h/falta do h:**

charo (caro) (3e, v3)

ilhas (8e, v1)  
filhas (98e, v3)  
Espanhoes (9e, v3)  
banharemse (15e, v8)  
chuveiros (16e, v5)  
marinheiros (17e, v1)  
hiase (ia-se) (20e, v1)  
chupaua (20e, v4)  
habita (24e, v2)  
Orizonte (24e, v8)  
milhor (34e, v5)  
charos (caros) (44e, v1)  
chameime (48e, v3)  
homem (56e, v7)  
molheres (62e, v7)  
ospedes (79e, v5)  
ouemos (79e, v7)  
ingenho (98e, v7)

**emprego de x:**

deyxando (4e, v7)  
experiencia (17e, v2)  
enxergase (19e, v6)  
pexe (27e, v2)  
abaixo (61e, v7)  
deixe (100e, v5)

**emprego de r/rr:**

Enrique (4e, v4)  
pregunta (46e, v8)  
corrupto (71e, v1)  
agardeça (99e, v1)

**emprego de i/y:**

tais (1e, v1)  
possuyo (4e, v6)  
deyxando (4e, v7)  
reyno (13e, v1)  
chuueiros (16e, v5)

marinheiros (17e, v1)  
juizos (17e, v5)  
yr (30e, v7)  
aentureyro (31e, v6)  
torney (34e, v8)  
fuy (48e, v1)  
sayr (52e, v6)  
ygoalão (77e, v3)  
feya (81e, v1)  
mayor (84e, v2)  
mór (84e, v2)  
contey (85e, v8)  
ygoale (92e, v4)

**emprego de u/v:**

Vrsas (15e, v7)  
eccesiuo (18e, v5)  
nuuem (20, v6)  
voou (22e, v3)  
vniuersal (26e, v8)  
aentureyro (31e, v6)  
ouuemos (79e, v7)  
gingiuas (81e, v7)  
escreuessem (86e, v6)  
ensoberuece (ensoberbece) (87e, v8)  
escreuão (88e, v1)  
enuejas (92e, v5)

**empregos de vogais duplas:**

irmãs (11e, v2)  
fee (fé) (13e, v2)  
voou (22e, v3)  
soou (60e, v4)

**acrécimo ou falta de letras:**

seista idade (sexta) (2e, v4)  
charo (caro) (3e, v3)  
diyxação (deixavam) (3e, v6)  
abastão (6e, v4)

immenso (9e, v6)  
fea (feia) (11e, v7)  
sanguesuga (sanguessuga) (21e, v1)  
escriptura (22e, v7)  
prompto (24e, v6)  
Orizonte (24e, v8)  
peixe (27e, v2)  
immortal (42e, v4)  
sottopostos (58e, v4)  
alimpamos (79e, v3)  
caminos (caminhos) (79e, v3)  
inficionaua (82e, v2)  
mór (maior) (84e, v2)  
escriptura (89e, v8)

**palavras juntadas/separadas:**

doutra (4e, v8)  
dhum (11e, v4)  
em quanto (15e, v4)  
banharemse (15e, v8)  
contarte (16e, v1)  
rodearse (19e, v4)  
hiase (20e, v1)  
dagoa (20e, v8)  
cos (com os) (24e, v8)  
começolhe (28e, v5)  
estoutro (30e, v4)  
matallo (36e, v4)  
tomallo (36e, v6)  
doutrem (37e, v3)  
cum (com um) (40e, v5)  
vello (40e, v8)  
domar (do mar) (48e, v7)  
alcançalla (53e, v1)  
com tudo (contudo) (54e, v1)  
conuerteseme (convertisse-me) (59, v1)  
trazendonos (64e, v3)  
com nosco (conosco) (83e, v4)  
dem lhe (dêem-lhe) (88e, v8)  
danimio (de ânimo) (90e, v8)

### **troca de letras:**

tais (1e, v1)  
custume (1e, v5)  
seista (sexta) (2e, v4)  
ezquerda (4e, v7)  
dereita (4e, v7)  
sospeita (4e, v8)  
aumentação (avantajam) (5e, v6)  
lemite (7e, v1)  
limite (65e, v8)  
Espanhoes (9e, v3)  
quaes (10e, v8)  
descuberto (14, v1)  
hemisperio (14e, v2)  
dous (15e, v3)  
Iuno (Juno) (15e, v7)  
cousas (16e, v2)  
relampados (16e, v4)  
rudos (rudes) (17e, v1)  
philosophos (23e, v1)  
descubrir (25e, v2)  
estremo (28e, v2)  
milhor (34e, v5)  
soes (sóis) (37e, v1)  
sepoltura (42e, v3)  
implacabil (45e, v4)  
pregunta (46e, v8)  
sinti (52e, v7)  
impossibil (53e, v1)  
cigueira (cegueira) (54e, v6)  
doudo (55e, v5)  
molheres (62e, v7)  
cantro (contra) (67e, v8)  
casi (quase) (69e, v4)  
sae (sai) (75e, v3)  
lingoagem (76e, v4)  
ygoalão (77e, v3)  
desempararão (81e, v2)  
gingiuas (81e, v7)  
inficionaua (infeccionava) (82e, v2)  
sururgiãõ (cirurgiãõ) (82e, v4)  
quaesquer (83e, v6)  
bebeo (87e, v1)  
ensoberuece (ensoberbece) (87e, v8)

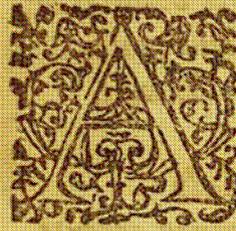
embibidos (90e, v2)  
dões (dons) (94e, v6)  
empedem (96e, v2)  
rezão (97e, v5)  
ingenho (98e, v7)  
agardeça (99e, v1)  
douro (99e, v8)  
prosuposto (pressuposto) (100e, v3)

**acento/falta de acento:**

celebre (5e, v4)  
espanhoes (9e, v3)  
Africa (10e, v2)  
subitas (16e, v3)  
relampados (16e, v4)  
experiencia (17e, v2)  
juizos (17e, v5)  
asperos (30e, v3)  
soes (sóis) (37e, v1)  
esqualida (39e, v4)  
implacabil (45e, v4)  
impossibil (53e, v1)  
ospedes (79e, v5)  
saude (saúde) (85e, v3)  
sciencia (96e, v2)

OS LUSIADAS  
DE LVIS DE  
CAMÓES.

Canto primeiro.

 S armas, & os ba-  
rões a sinalados,  
Que da Occidental prays Lusita-  
na,  
Por mares nunca de antes na-  
uegados,  
Passaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificarão  
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Lee, o Imperio, & as terras viciosas  
De Affrica, & de Asia, andarão deuastrando,  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando espatharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenbo & arte.

A Cessera

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callese de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum nouo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde, celebrado  
Foy de my vosso rio alegremente,  
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente,  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Dai-me hũa furia grande & sonora,  
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime prezo cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO. 27

E vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certissima esperança,  
De aumento da pequena Christandade:  
Vos o nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade:  
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,  
De hũa amore de Christo mais amada  
Que nenhuma nascida no Occidente,  
Cesarea, ou Christianissima chamada:  
Vedeo no vosso escudo, que presente  
Vos amosra a victoria ja passada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veo tambem no meio do Hemispherio,  
E quando deice o deixa derradeiro.  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

A 2

Inclinay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos d' real benignidade  
Pon.de no chão: vereis hum nouo. exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, ser conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno  
Ouni vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouni, que não vereis com vãs façanhas  
Fantasticas, fingidas, mentirosas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer se desejosas,  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excelem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

P

CANTO PRIMEIRO. 3.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
 A Citara parelles so cobico:  
 Pois polos doze pares darnos quero,  
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.  
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a segurança  
 Deixou, com a grande & prospera victoria.  
 Outro loane, inuidto caualleiro,  
 O quarto, & quinto Afonso, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
 Se fizerão por armas tam subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.  
 Albuquerque terribil, castroforte,  
 E outros em quem poder não teue a morte.

A 3 E em

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.)

Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Genio,  
Mostra o pescoco ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que afeicoada ao gesto bello, & tenro,  
Dejeja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auôs, as almas ca famosas,  
Húa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vos esperão, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas:  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,  
De regerdes os pouos, que o desejão:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera que estes meus versos vossos sejam:  
E vereis ir cortando o salso argento:  
Os vossos Argonautas, porque veção,  
Que sam vislos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegação,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respiração,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca escuma, os mares se mostração  
Cubertos, onde as proas vão cortando.  
As maritimas agoas consagradas,  
Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno está, da humana gente  
Se ajuntão em consilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
Vem pela via Lactea, juntamente  
Conuocados da parte de Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Deixão dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouverna o Ceo, a Terra, & o Mar yr a lo:  
Ali se acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Austro tem, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde,

Estava o Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, severo, & soberano,  
Do rosto respirava hum ar diuino,  
Que diuino tornara hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão  
Os outros Deoses todos assentados,  
Como a Razão, & a Ordem concertauão:  
Precedem os antiquos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores se assentauão:  
Quando Iupiter alto assy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & horrendo:  
Eternos.

CANTO PRIMEIRO. 5.

Eternos moradores do luzente  
Estelifero polo & claro assento,  
Se do grande valor da forte gente,  
De Luso, não perdeis o pensamento,  
Deueis de ter sabido claramente  
Como he dos fados grandes certo intento:  
Que por ella esqueção os humanos,  
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o viestes) concedido  
Cum poder tam singelo & tam pequeno  
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhana tam temido  
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
Assi que sempre em fim com fama & gloria,  
Teue os tropheos pendentés da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,  
Que co a gente de Romulo alcançarão,  
Quando com Variato, na inimiga  
Guerra Romana tanto se affamarão.  
Tambem deixo a memoria, que os obriga  
A grande nome, quando aleuantarão  
Hum, por seu capitão, que peregrino  
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nunca vsadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinão seu proposito, & persia  
A ver os berços, onde nasce o dia

Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inverno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
La parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, de termino, agasalhados  
Nesta costa Affricana como amigos.  
E tendo guarneçada a lassa frota,  
Tornarão a seguir sua longa rata:

Estas

Estas palauras Iupiter dizia,  
 Quando os Deoses por ordem respondendo,  
 Na sentença hum do outro difiria,  
 Razões diuerfas dando & recebendo.  
 O padre Baco, ali nam consentia  
 No que Iupiter disse, conhecendo  
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente fortissima de Hespanha;  
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha:  
 E com nouas victorias venceria,  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha:  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,  
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de Parnaso.  
 Teme agora que seja sepultado,  
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
 Dagoa do esquecimento, se la chegão.  
 Os fortes Portugueses, que nauegão,  
 Sustentara:

CANTO PRIMEIRO. 76

Mas Marte que da Deosa sustentava,  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou por que o amor antigo o obrigava,  
Ou por que a gente forte o merecia,  
De antre os Deoses em pee se levantava,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitando pera trás medonho & irado.

A viseira do elmo de Diamante,  
Aleuando hum pouco, muy seguro,  
Por dar seu parecer se pos diante  
De Iupiter, armado, forte & duro:  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto do bastão, no solio puro:  
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò padre à cujo imperio,  
Tudo aquillo obedece, que criaste,  
Se esta gente que busca outro Emispherio,  
Cuja valia, & obras tanto amaste:  
Não queres que padeção vituperio,  
Como ha ja tanto tempo que ordenaste  
Não ouças mais, pois es juyz direito,  
Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tam privado:  
Mas esta tenção sua, agora passe,  
Porque em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará albea enueja,  
O bem que outrem mereçe, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam tornes por detras pois he fraqueza  
Desistir se da cousa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da índia, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouentos.

Em

CANTO PRIMEIRO. 8.

Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente  
 Cortava o mar a gente belicosa:  
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,  
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
 Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente  
 Queimava entam os Deoses, que Tifeo  
 Ca temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
 Como quem o ceo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauão  
 Sem nuuês, sem receio de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauão  
 Na costa de Ethiopia, nome antiquo.  
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
 Nouas ilhas que em torno cerca, & lava.

Vasco da gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se offerece,  
 De soberbo, & de altiuo coração,  
 A quem fortuna sempre fauorece.  
 Pera se aqui deter, não ve razão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece.  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.

E eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis apparecem logo em companhia,  
Hús pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente se aluoroça, & de alegria  
Não sabe mais que olhar a causa della.  
Que gente ser a esta, em si dezião,  
Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem erão de esteira,  
Dúas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de ousado, & não prudente,  
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De pamos de algodão vinhão vestidos,  
De varias cores, brancos, & listrados,  
Hús trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo ayroso sobraçados,  
Das cintas per a cima vem despídos:  
Por armas tem adagas, & tarçados.  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

Cos

## CANTO PRIMEIRO.

91

Cos paños, & cos braços açenauão,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,  
 Pera que junto aas Ilhas amainassem.  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja subia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As mesas manda por em continente,  
 Do licor que Lico prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
 Quem erão, de que terra, que buscavão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão?  
 Os fortes Lusitanos lbe tornauão,  
 As discretas repostas que conuinhão:  
 Os Portugueses somos do Occidente,  
 Elmos buscando as terras do Oriente.

B Ds

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto,  
Toda a costa Affricana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:  
Dum Rei potente somos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que so dos feos Focas se nauega:  
Mas ja razão parece que saibamos,  
Se entre vos a verdade não se nega.  
Quem sois, que terra he esta que abitais?  
Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, sam aquelles que criou  
A Natura sem Lei, & sem Razão:  
Nos temos a Lei certa que insinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio,  
A mãy Hebreá teue, & o pay Gentio.  
Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,  
 He em toda esta terra certa escala,  
 De todos os que as Ondas nauegamos,  
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
 E por ser necessaria, procuramos,  
 Como proprios da terra, de habitala.  
 E porque tudo em fim vos notifique,  
 Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
 Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,  
 Piloto aqui tereis, por quem sejais  
 Guiados pelas ondas sabiamente.  
 Tambem sera bemfeito que tenhais,  
 Da terra algum refresco, & que o Regente  
 Que esta terra gouerna, que vos veja,  
 E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
 A seus bateis com toda a companhia,  
 Do Capitão & gente se apartou,  
 Com mostras de deuida cortesia:  
 Nisto Febo nas agoas encerrou,  
 Co carro de Christal, o claro dia:  
 Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
 O largo Mundo, em quanto repoujasse.

B 2 A noite

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Anoyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer então consigo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira desusada.  
E como os que na errada Seita crêrão,  
Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lúa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos repousauão,  
Polas couas escuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarse toda a armada,  
E de todos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia.

CANTO PRIMEIRO. 11

Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
Com refresco da terra, em si cuidando,  
Que sam aquellas gentes inhumanas:  
Que os apousentos Caspios habitando,  
A conquistar as terras Asianas  
Vierão: & por ordem do destino,  
O Imperio tomarão a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
O Mouro, & toda sua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum presente,  
Que so pera este effeito ja trazia:  
Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
Não usado licor que dá alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come, & bebe.

Està a gente maritima de Luso,  
Subida pela exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & uso,  
E a lingoagem tam barbara & enleada.  
Tambem o Mouro astuto està confuso,  
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dezia,  
Se por ventura vinhão de Turquia.

B 3

E mais

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os liuros de sua ley, preceito, ou se,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se sam dos de Christo, como crei:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
Mostra das fortes armas de que vsauão,  
Quando cos inimigos pelejanão.

Responde o valeroso Capitão,  
Por hum que a lingua escura bem sabia.  
Darte ey Senhor illustre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da India tam famosa?

Aley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emi. pherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & insufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por subir os mortais da terra ao ceo.  
Deste,

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
 Os Livros que tu pedes, nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver, como tês dito,  
 Comprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljuas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfureas, tam danosas,  
 Porem aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

B 4 Porem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mã de pensamento.  
Nas mostras, & no gesto o não mostrou.  
Mas com risinho, & ledo fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse aa India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuirão,  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Prometellos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tão danado:  
Que a morte se podesse neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou,  
Os segredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançon.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tanto amigo?  
Partiose.

Partiose niſto em ſim co a companhia,  
 Das naos o falſo Mouro despedi-lo,  
 Com enganoſa & grande cortesia,  
 Com geſto ledo a todos, & fingido:  
 Cortarão os bateis a curta via  
 Das agoas de Neptuno, & recebido  
 Na terra do obſequente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito apouſento.

Do claro aſſento Etereo, o grão Tebano,  
 Que da paternal coxa foy nacido  
 Olhando o ajuntamento Luſitano,  
 Ao Mouro ſer moleſto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hum falſo engano  
 Com que ſeja de todo deſtruydo.  
 E em quanto iſto ſo na alma imaginava  
 Conſigo eſtas palauras praticava.

Eſtã do fado ja determinado,  
 Que tamanhas victorias tam famoſas,  
 Ajaõ os Portugueſes alcançado,  
 Das Indianas gentes belicoſas.  
 E eu ſo filho do Padre ſublimado,  
 Com tantas qualidades generoſas:  
 Ey de ſofrer que o Fado fauoreça  
 Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?  
 la quiſerão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

La quiseram os Deoses que tiuesse,  
O filho de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo somettesse  
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:  
Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao noime Lusitan?

Não sera assy, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey a terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Por que sempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
Sobre a terra Affricana descendeo,  
Onde veólindo a forma & gesto humano,  
Pera o Prasso sabido se moueo.  
E por milhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conbecido,  
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

E entrando

CANTO PRIMEIRO. 14

E entrando assy a sala lbe, a tempo & horas,  
A sua falsidade acomodadas,  
Lbe diz como erão gentes roubadoras,  
Estas que ora de nouo sam chegadas:  
Que das nações na costa moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas,  
Forão por estes homẽs que passauão,  
Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lbe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
Que quasi todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violentos:  
E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nos, & que todos seus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
De vir por agoa a terra muito cedo,  
O Capitão dos seus accompanhado,  
Que da tençam danada nasce o medo:  
Tu deues de yr tambem cos teus armado  
Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
Por que saindo a gente descuydada,  
Cairão facilmente na cilada.

E se inda.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E se iuda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde seião destruydos,  
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos tais casos, sabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beliger o aparelho:  
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
Mou: o que por Piloto aa nao lhe mande,  
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano  
De quem fiar se possa hum feito grande,  
Diz lhe que acompanhando o Lusitano,  
Por tais costas, & mares co elle ande:  
Que se daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca se alevante.

La o

CANTO PRIMEIRO. 15.

La o rayo Apolineo visitaua,  
Os Montes Nabatheos acendido,  
Quando Gama cos seus determinava,  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis se concertava,  
Como se fosse o engano ja sabido:  
Mas pode sospeitar-se facilmente,  
Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto necessario:  
E foilhe respondido em som de guerra,  
Caso do que cuydava muy contrario:  
Por isto, & porque sabe quanto erra,  
Quem se cre de seu perfido aduersario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
Por lhe defender a agoa desejada,  
Hum de escudo embarçado, & de azagaya,  
Outro de arco encuruado, & seta eruada:  
Esperão que a guerreira gente sayá,  
Outros muytos ja postos em cillada.  
E porque o caso leue se lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.  
Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando:  
Nam soffie muito agente generosa,  
Andar lhe os cães os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondo se diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroçe nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Terriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se leuanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coraçam dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
La foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso.

Não

CANTO PRIMEIRO. 16

Não se contenta a gente Portuguesa:  
 Mas seguindo a victoria estreme, & mata  
 A pouoção sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardea, acende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata:  
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de couarde, & de apressado,  
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
 Dalhe armas o furor desatinado:  
 Ia a llha, & todo o mais, deseparando,  
 Aa terra firme foge amedrontado.  
 Passa, & corta do mar o estreito braço,  
 Que a llha em torno cerca, em pouco espaço.

Hús vão nas almádiás carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaios sotis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Tornão victoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra, & rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa  
Ficava a Maura gente magoada,  
No olio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano,  
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a mà tenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
Como em final das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinha,  
Pera yr buscar o Indo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agasado:  
E respondendo ao mensageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Destas

Desta arte despedida a forte armada,  
 As ondas de Anfitrite diuidia,  
 Das filhas de Nerêo acompanhada,  
 Fiel, alegre, & doce companhia.  
 O Capitão, que não cabia em nada,  
 Do enganoso ardil que o Mouro urdia:  
 Delle muy largamente se informaua,  
 Da India toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
 Que o maleuolo Baco lhe ensinara  
 De morte, ou captiueiro novos danos,  
 Antes que aa India chegue lhe prepara,  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Também tudo o que pede lhe declara.  
 Que auendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,  
 Com que Synon os Phrigios enganou,  
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,  
 Pouo antigo Christão sempre abitou:  
 O Capitão que a tudo estaua a tento,  
 Tanto co estas nouas se alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe manda & pede,  
Que a Ilha he possuída da malina  
Gente, que segue o torpe Mabamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede.  
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama  
Quíloa, muy conbecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:  
Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota,  
Por yr buscar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto a nada.  
E com ventos contrairos a desuia,  
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Mouro nam podendo,  
Tal determinação leuar auante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em seu proposito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
Os leu.irão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Erão Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

CANTO PRIMEIRO. 13

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Christo não auia:  
Mas a que a Mahamede celebraua.  
O Capitão que em tudo o mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
Nam entra pela barra, e surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,  
Que hum estreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella situada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe descobria,  
Regida por hum Rei de antiqua idade,  
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
Estranhamente ledo, por que espera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falso Piloto lhe dissera:  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
Que Baco muito de antes o auisara,  
Na forma doutro Mouro que tomara.

( 2 O recado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O reca lo que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os pensamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano descuberto.  
O grandes & grauissimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

N) mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolherse hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno,  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim..

Anexo V – Folha de Rosto da Gramática de Fernão de Oliveira



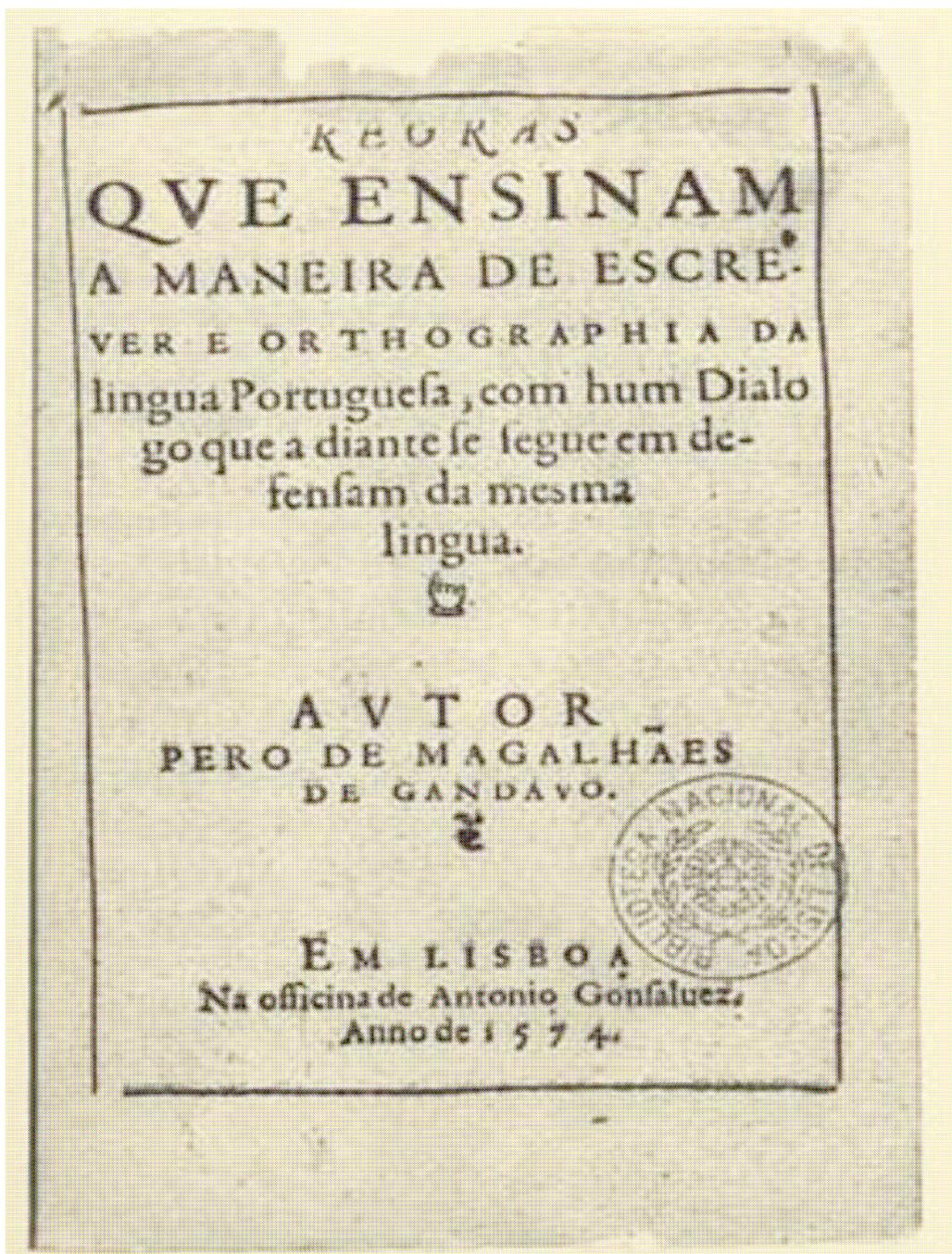
Fonte: [www.purl.pt/index/geral/aut/PT/48521.html](http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/48521.html)

Anexo VI – Folha de Rosto da Gramática de João de Barros



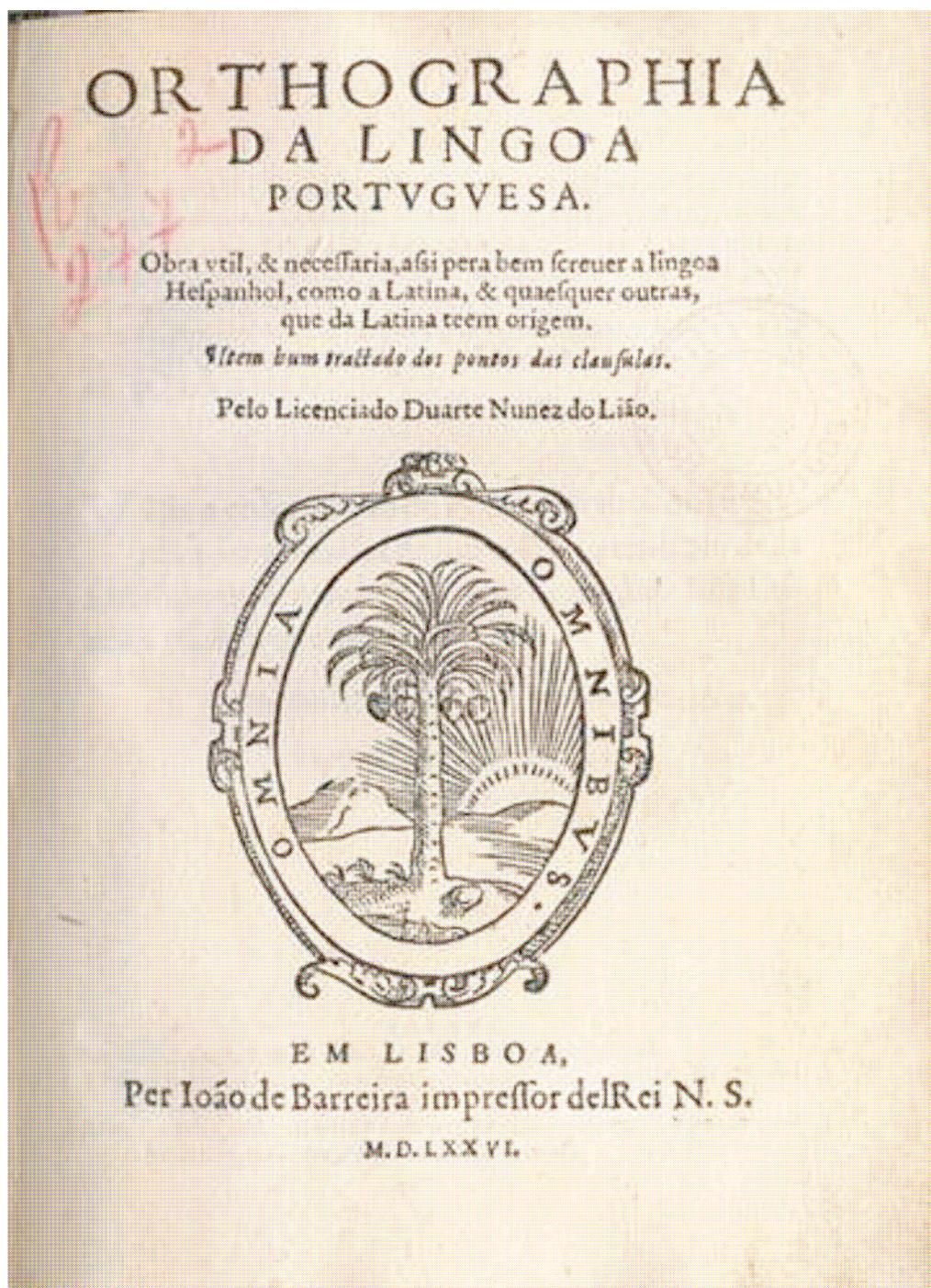
Fonte: BUESCU, Maria Leonor (1971 [1540]).

Anexo VII – Folha de Rosto da obra de Pero Magalhães de Gândavo



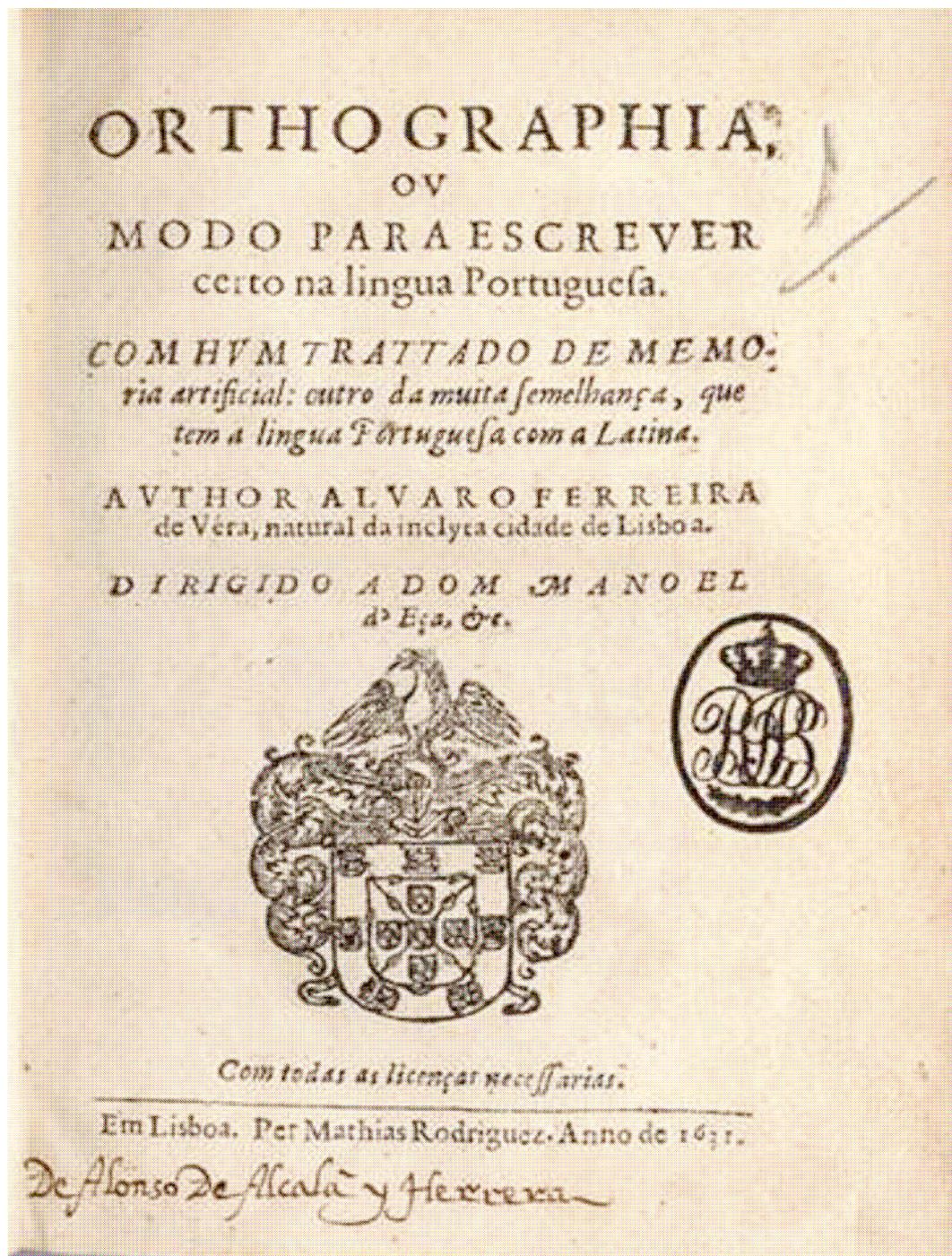
Fonte: [www.purl.pt/index/geral/aut/PT/29941.html](http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/29941.html)

Anexo VIII - Folha de Rosto da obra de Duarte Nunes de Leão



Fonte: <http://purl.pt/15/1/P1.html>

Anexo IX - Folha de Rosto da obra Álvaro Ferreira de Vera



Fonte: [www.purl.pt/index/geral/aut/PT/617310.html](http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/617310.html)